

Uma publicação do  
**Centro Brasileiro de Pesquisas  
de Discos Voadores (CBPDV)**

Biblioteca

**ufo**



# Verdades que Incomodam

*Alberto Romero*



# Verdades que Incomodam

Alberto Romero

**Centro Brasileiro  
de Pesquisas de  
Discos Voadores**



**Copyright:** Alberto Romero, *Verdades que Incomodam*, 1999.

**Ilustrações:** Alberto Romero

**Capa:** Alberto Romero (layout e produção)

Anthony R. Worley (fotografia)

**Direitos reservados desta edição:**

Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV)

**Revisão:**

Danielle Rodrigues de Oliveira

Mariane Andrade

**Editoração Eletrônica:**

Equipe UFO

# Verdades que Incomodam

Alberto Romero

**Centro Brasileiro  
de Pesquisas de  
Discos Voadores**





## **Agradecimentos e dedicatória**

Com toda minha especial gratidão e carinho, dedico este trabalho às pessoas que mais me apoiaram e incentivaram:

**Irene San Martín Romero**, no decorrer de muitos anos.  
**Cleonice Santos**, pela paciência com que revisou meus textos.  
**Valmir de Souza**, meu amigo-irmão, companheiro de tantas jornadas ufológicas nestes últimos 20 anos. A todos os companheiros do **Grupo de Pesquisas Aeroespaciais Zênite (G-PAZ)**, desde sua fundação até os dias de hoje. Às nossas fontes, **abduzidos e testemunhas**, eles vitais sem os quais nossas pesquisas não teriam acontecido.  
**Ademar José Gevaerd** e a toda **Equipe UFO**.  
E, enfim, a todos os meus colegas ufólogos.

## **In memorian**

Dedico esta obra a um verdadeiro patriota, o **coronel Uyrangê Bolívar Soares Nogueira de Hollanda Lima**, falecido em outubro de 1997, e aos companheiros do G-PAZ **José Andrade Sobrinho** e **Luiz José de Souza e Silva**, que foram ver outros mundos mais de perto.

E não poderia deixar de agradecer também a todos aqueles que foram (e são) nossos detratores, que grampearam nossos telefones e leram correspondências alheias. Aos que tiveram o trabalho de seguir-nos, espionar-nos e até tentar nos assustar para ver se desistiríamos. Sem esse “incentivo extra”, estas *Verdades que Incomodam* perderiam um pouco o sentido...



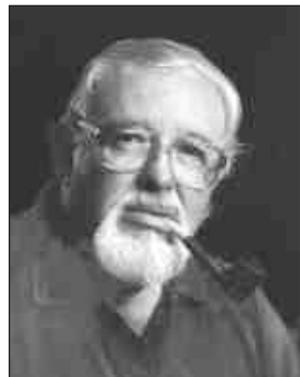
## Sobre o autor

**Alberto Romero** é um argentino de 61 anos radicado no Brasil desde 1963, há 30 anos residindo na Bahia. Publicitário, artista plástico e jornalista, dedicou 48 anos de sua vida ao estudo e pesquisa da Ufologia. Colaborou durante vários anos com a revista argentina *4ª Dimensión*. Em 1970, fundou o *Grupo de Pesquisas Aeroespaciais Zênite (G-PAZ)*. De 1968 a 1978 escreveu uma página semanal aos domingos no *Jornal da Bahia*, onde publicou diversas séries de matérias sobre Ufologia.

Em 1972, criou um programa de tevê sobre Ufologia na emissora Itapoã, de Salvador, com o nome *Vamos Analisar?*, onde contava com a presença de pesquisadores locais e convidados. O programa sofreu censura e foi tirado do ar por abordar assuntos que incomodavam as autoridades eclesíásticas. Em 1975, organizou a *1ª Expo UFO* no Teatro Castro Alves, de Salvador, trazendo como convidado de honra o general Alfredo Moacyr Uchôa. Em 1978, realizou o *1º Seminário sobre Vida no Universo*, com a participação de Húlvio Brant Aleixo e professores da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Desde o início de sua carreira ufológica tem sido um dos mais freqüentes conferencistas ufológicos do país..

Fez palestra para o grupo de elite da Secretaria de Segurança Pública da Bahia, em 1968, e para o 6º Batalhão da Polícia Militar, em 1990, além de ser convidado pelo Governo Estadual baiano para fazer uma exposição e ministrar palestras no Museu de Ciência e Tecnologia do Estado, em 1980. No ano de 1979, foi convidado a palestrar no *1º Congresso Internacional de Ufologia (CIUFO)*, em Brasília. O grande momento de sua prestigiada carreira deu-se ao participar, em 1997, do *1º Fórum Internacional de Ufologia*, em Brasília.

Desde 1985, é integrante assíduo do Conselho Editorial da Revista UFO, onde, além de escrever matérias de impacto, é um de seus melhores ilustradores de capas e histórias em quadrinhos sobre Ufologia. Foi o coordenador da edição UFO Especial 18, sobre discos voadores em seu Estado.



Anthony Worley



## Sobre a Biblioteca UFO

Lançada em maio de 1998 como *Coleção Biblioteca UFO* e agora rebatizada apenas de *Biblioteca UFO*, esta série foi criada devido a necessidade de se tratar de temas específicos dentro da Ufologia de forma profissional e aprofundada. Com este objetivo, a biblioteca vem conquistando cada vez mais adeptos pelo Brasil – não somente entre leitores, que se tornam assíduos, mas também entre autores, que passam a submeter seus manuscritos para serem publicados.

O primeiro número da série foi *O Povo do Espaço*, de Paulo Carvalho-Neto, que tratou da instigante questão do folclore extraterrestre fazendo uma comparação entre as aparições ufológicas de todo o país com crenças populares. Paulo logrou êxito em demonstrar como surgiam e se disseminavam credices míticas e folclóricas a partir da observação de UFOs e ETs por nossos antepassados. Já o segundo livro da *Biblioteca UFO* coube ao pesquisador Marco Petit, um dos mais renomados do país. Sua obra, *Terra – Laboratório Biológico Extraterrestre*, foi um verdadeiro apanhado sobre Ufologia, dando ênfase numa questão primordial: seriam os seres humanos descendentes ou criação de extraplanetários? Defendendo esta tese de forma soberba, Petit fez com que seu livro consagrasse definitivamente a série.

Agora chegou a vez do ufólogo Alberto Romero ter sua chance. Argentino radicado na Bahia há 30 anos, Romero é um dos grandes conhecedores de Ufologia do país. Dono de um currículo invejável, o autor reuniu num só volume questões primordiais para o entendimento do Fenômeno UFO, abordando desde as mutilações de animais até as temidas abduções. A ênfase de seu notável trabalho, no entanto, está no próprio título de seu livro: Romero busca expor aqui verdades sempre reprimidas e negadas pela estrutura oficial do saber terrestre, seja ele governamental, religioso, científico ou militar. *Verdades que Incomodam* mostra nua e cruamente um conjunto de ações que buscam omitir da opinião pública a todo custo, a verdade sobre nossos nem sempre tão amistosos visitantes.





## Índice

# Verdades que Incomodam

<b>I</b>	<b>Prefácio do autor</b> <i>A Humanidade pode dar certo</i>	<b>13</b>
<b>II</b>	<b>Introdução</b> <i>Sim, os UFOs existem!</i>	<b>17</b>
<b>III</b>	<b>Capítulo 1</b> <i>Ciência, Espiritualidade, Ecologia e Ufologia</i>	<b>21</b>
<b>IV</b>	<b>Capítulo 2</b> <i>Prenúncios do contato</i>	<b>27</b>
<b>V</b>	<b>Capítulo 3</b> <i>Alianças espúrias</i>	<b>67</b>
<b>VI</b>	<b>Capítulo 4</b> <i>Um governo mundial</i>	<b>83</b>
<b>VII</b>	<b>Capítulo 5</b> <i>A verdade sobre o Programa Guerra nas Estrelas</i>	<b>95</b>
<b>VIII</b>	<b>Capítulo 6</b> <i>Mortes misteriosas</i>	<b>135</b>

## **Biblioteca UFO**

---

<b>IX</b>	<b>Capítulo 7</b> <i>Acidentes aéreos</i>	<b>147</b>
<b>X</b>	<b>Capítulo 8</b> <i>Os ufonautas</i>	<b>163</b>
<b>XI</b>	<b>Capítulo 9</b> <i>Abduções alienígenas</i>	<b>179</b>
<b>XII</b>	<b>Capítulo 10</b> <i>Manipulação biológica</i>	<b>209</b>
<b>XIII</b>	<b>Capítulo 11</b> <i>Mortes e mutilações</i>	<b>233</b>
<b>XIV</b>	<b>Capítulo 12</b> <i>Caso Guarapiranga</i>	<b>265</b>
<b>XV</b>	<b>Capítulo 13</b> <i>Ossos do ofício</i>	<b>279</b>
<b>XVI</b>	<b>Capítulo 14</b> <i>Após o contato</i>	<b>289</b>
<b>XVII</b>	<b>Capítulo 15</b> <i>A mais incômoda das verdades</i>	<b>293</b>
<b>XVIII</b>	<b>Apêndice</b> <i>Apesquisa de ufológica</i>	<b>317</b>
<b>XIX</b>	<b>Palavras finais</b> <i>Certezas e dúvidas</i>	<b>335</b>
<b>XX</b>	<b>Post Script</b> <i>De Gilda Moura</i>	<b>337</b>

## Prefácio do Autor

# A Humanidade pode dar certo

*“Eu, de fato, não sou um homem de ciência. Não sou um pesquisador nem um pensador. Por temperamento não sou nada a não ser um conquistador ou um aventureiro – com toda a curiosidade e a tenacidade desse tipo de gente.”*

– Sigmund Freud

**A** determinação de escrever este trabalho é derivada de um antigo sonho. Para ser mais preciso, um sonho que surgiu em 1967, quando comecei a imaginar como colocar em prática algo que **s e n t i a** necessidade de fazer. No decorrer dos anos, o projeto foi tomando forma, se modificando, evoluindo, como uma enorme gravidez. Os primeiros capítulos da primitiva idéia viraram uma série de artigos publicados a partir de 1968 no extinto *Jornal da Bahia*, onde trabalhei por dez anos. Esses primeiros artigos propiciaram a aproximação de pessoas interessadas nos discos voadores, que me incentivaram a criar um grupo para debater esses fenômenos, e em 6 de janeiro de 1970 nasceu o *Grupo de Pesquisas Aeroespaciais Zênite (G-PAZ)\**.

O saudoso amigo José Andrade Sobrinho, nosso primeiro vice-presidente, foi o “incentivador-mor” para que eu levasse adiante a idéia desse livro, que mais uma vez, devido à evolução do Fenômeno UFO e ao nosso crescimento como pesquisadores, foi sofrendo mais modificações. Sem falar nos tempos difíceis da ditadura e na economia do país. Finalmente, os

próprios eventos ufológicos no Brasil e no mundo foram delineando o caminho e dando forma quase definitiva a esse trabalho. Descobertas pessoais e experiências novas, em quase 50 anos dedicados ao estudo e pesquisas, e uma chama que começou a me consumir por dentro, me levaram mais uma vez à luta, à derradeira batalha. As “contrações” tinham começado...

Agora quero falar sobre este trabalho, que me orgulho em dizer, foi muito difícil e cheio de obstáculos que não vêm ao caso explicitar em detalhes, mas que consegui superar e o coloco, a partir desse momento, nas suas mãos, para avaliação. Já tinham sido abordados assuntos como a casuística – na imensa maioria – e outros mais específicos: espiritualistas, místicos, psicológicos, metafísicos, científicos, folclóricos, históricos e outros, sobre abordagens variadas, e mais recentemente, sobre os que ousaram se expor, assumindo suas condições de abduzidos, sobre os trabalhos dos que dedicam-se a estudá-los e algumas denúncias contra a política do silêncio e a desinformação.

Consumidos avidamente, não apenas pelos que se interessam pelo tema, mas também pelas pessoas que procuram informação séria e isenta, demos um grande passo à frente, graças ao trabalho metucioso de muitos ufólogos, como Ademar José Gevaerd, que lutou denodadamente, através de todos esses anos, para implantar (e sedimentar) a nossa Revista UFO, que acabou dando frutos, como essa coleção. Conseguimos em alguns casos, de certa forma, derrubar barricadas dos que defendem o sigilo e o acobertamento, levando a mentira como bandeira, desnudando-os no meio da rua, expondo suas vergonhas ao escândalo público. Não por vingança, mas pela necessidade de mostrar ao mundo esta realidade – boa ou ruim – pela qual atravessamos, porque já crescemos o suficiente para não termos que nos esconder embaixo da cama. Temos sim que olhar de frente, encarando os problemas e nos conscientizando das prováveis soluções.

A Humanidade – como um todo – está assombrada com essa situação que já se alastra por meio século (ou mais) com os UFOs, e com o que eles significam e fazem. Existem guerras no espaço – e até aqui na Terra – que parecem saídas de história de ficção científica (mas que são assustadoramente reais) e que os mensageiros do escurantismo querem que ignoremos. Somos tão incapazes assim? E se fôssemos, por isso não teríamos o direito de saber o que está acontecendo acima de nossas cabeças ou dentro de

nossas casas, que nos atinge indiscriminadamente e interage em nossas vidas? Bem ou mal, conseguimos chegar onde estamos e sei que ainda podemos continuar nossa jornada, apesar dos que querem o contrário, evoluindo, mesmo que devagar. Porque acredito que a Humanidade pode dar certo. Creio que ainda é tempo de acordar e tentar consertar tudo o que fizemos de errado, conosco e com o planeta.

É só nos esforçarmos por isso e lutar para que os outros também ajudem. Em determinados momentos, um tapa na cara pode servir não como agressão, mas para fazer reagir, respirar fundo, clarear as idéias. E é exatamente isso que procuro conseguir com estas *Verdades que Incomodam...*

**Alberto Romero,**  
Salvador (BA),  
Novembro de 1998.

**\* Endereço do autor:**  
Caixa Postal 2113,  
Agência Rio Vermelho,  
40210-970 Salvador (BA).



## Introdução

# Sim, os UFOs existem!

*“A Ciência fez de nós deuses, antes mesmo de merecermos ser homens.”*

– **Jean Rostand**

**E**sta frase poderia – quem sabe – resumir todo o resto. Mas não posso nem devo silenciar por mais tempo aquilo que me propus dizer, que se para alguns não constitui nenhuma novidade, para outros aparentarão divagações. Mas infelizmente, são evidências contundentes de uma verdade que, teimosamente, certas pessoas ou instituições tentam varrer para debaixo do tapete. São informações, dados, denúncias, e um árduo trabalho de estudo e pesquisa desenvolvidos por longos anos. Para os mais céticos poderia dizer que não são elucubrações doentias nem estou procurando os “15 minutos de fama.” São dados que estão – e sempre estiveram – ao alcance e à vista de todos os que se interessam pelo assunto, e que por estarem talvez tão expostos, muitos deles passaram despercebidos ou não lhes foi prestado a devida atenção.

Reconheço que a maior parte são verdades que incomodam e até assustam, mas são necessárias para que possamos compreender melhor o que está acontecendo. E se não está em nossas mãos tomarmos providências, pelo menos – tenho certeza – possuímos o direito de saber. É pena que não sejam as autoridades ou os cientistas, os informantes destes fatos, embora muitos deles os conheçam sobejamente. É uma pena que justifiquem o seu silêncio com mentiras, e dessa forma, colaborem com o

escurantismo que querem nos impor, não se importando com as consequências. Infelizmente, querem esconder dessa maneira suja e egoísta fatos que dizem respeito a todos nós pois, ao contrário do que pensam, não somos apenas meros algarismos na contabilidade planetária e sim indivíduos, gente que não pode nem deve assistir passivamente à demonstração de incapacidade e talvez de orgulho ou ambição exacerbados por parte dos que, na maior parte dos países, foram investidos nos seus cargos para dirigir e governar exatamente pelos que eles menosprezam.

Felizmente existem pessoas honestas e esclarecidas que não temem colocar seus pontos de vista nem divulgá-los, e como exemplo, transcrevo uma declaração da principal antropóloga e antiga presidente da Associação Americana para o Progresso da Ciência, a já falecida doutora Margaret Mead, durante uma discussão científica sobre UFOs: "... Sim, existem objetos voadores não identificados que mesmo após as mais cautelosas e conscienciosas investigações não podem ser justificados. Sem dúvida, um grande número de pessoas são amedrontadas pela idéia de que em algum lugar, num espaço distante, há seres que têm tecnologia mais avançada que a nossa. Hoje, ao que parece, são precisamente aqueles mais bem informados sobre nossas capacidades tecnológicas que mais se perturbam com a idéia de que seres superiores, vindos de um planeta desconhecido, estão demonstrando interesse, um inexplicável interesse por nosso planeta."

E continua mais adiante: "Se essas criaturas têm vindo aqui por centenas ou milhares de anos, por que estariam fazendo isso? A explicação mais provável é que elas estejam simplesmente observando o que estamos fazendo. Uma sociedade responsável, fora do nosso sistema solar, está tomando conta de nós para certificar-se de que não estamos iniciando uma reação em cadeia que poderia ter repercussões além do nosso sistema solar..."

Outra declaração de respeitável peso científico foi publicada na revista Time de 10 de setembro de 1973, por ninguém menos que um dos responsáveis pela descoberta da estrutura do DNA, o professor Francis Crick, laureado em 1963 por essa descoberta com o Prêmio Nobel, juntamente com o doutor James Watson. Nessa entrevista à Time, ele declara

que está trabalhando – desta vez com Leslie Orgel, do Salk Institute, da Califórnia – sobre o mistério da origem da vida. Os dois cientistas teorizam que a vida na Terra pode ter surgido de pequenos organismos vindos de um planeta distante, enviados aqui por uma nave espacial como parte de uma ação deliberada de sementeira. “Por que razão esses distantes seres inteligentes teriam iniciado tal projeto? Para demonstrar capacidade tecnológica ou por algum tipo de zelo missionário”, dizem Crick e Orgel...

O próprio teólogo Pierre Teilhard de Chardin já tinha se formulado perguntas que muito se aproximam das palavras de Crick e Orgel. Ele não podia compreender como existia esse abismo entre o chamado homem de Neanderthal, tão distante do Cromagnon, sem evolução lógica entre ambos. Era como se este último tivesse aparecido de repente sobre a Terra – e sabemos que a natureza não dá saltos... E para encerrar esta introdução, gostaria de reproduzir um trecho do livro *Objetos Voadores Não Identificados – Ciência Introdutória do Espaço*, do major da Força Aérea dos Estados Unidos Donald C. Carpenter, do Departamento de Física da Academia da USAF. Ao abordar o possível motivo pelo qual os alienígenas não fizeram contato aberto com os governos da Terra, Carpenter conjectura:

**“(1) Nós podemos ser objeto de estudo sociológico e psicológico intensivo. Em tais casos, em geral, se evita perturbar o ambiente do objeto do teste.**

**(2) Não se entra em contato com uma colônia de formigas, e os humanos podem parecer assim para qualquer alienígena (variação: zoológico é divertido de se visitar, mas você não entra em contato com os lagartos).**

**(3) Tal contato já pode ter acontecido secretamente ou ocorrido num plano diferente de consciência, e ainda não somos sensíveis para comunicações a tal ponto.”**

Precisamos dizer mais alguma coisa?



## Capítulo 1

# Ciência, espiritualidade, ecologia e Ufologia

*“Fazer ciência é caminhar para além do empirismo, que oferece um conhecimento esparso, paradoxalmente positivo e fugidio, porque leva a conceitos sem qualquer abrangência, por isso mesmo transitórios e mutáveis ao sabor da própria experiência.”*

**– General Alfredo Moacyr Uchôa,**  
em Mergulho no Hiperespaço

**P**arece uma mistura estranha que pode causar arrepios nos ufólogos que seguem firmemente a pesquisa científica, aos ditos ufólatras e finalmente dar um nó na cabeça dos ufófilos. Existem coisas que o bom senso afirma que não se misturam. Será mesmo? Durante a maior parte da minha vida ufológica, procurei não me afastar, dentro das possibilidades, da Ufologia científica. Sempre respeitei as outras áreas, mas sem ousar me adentrar, como se fossem um campo minado. Claro que parte desse temor era por não ter conhecimentos suficientes sobre “esse outro mundo.”

Quando conheci o saudoso general Uchôa, em 1975, e tive a chance de conversar longamente com ele durante sua estada em Salvador, quando aceitou prontamente nosso convite para uma palestra e inaugurar o primeiro evento do G-PAZ, sua personalidade começou a me fascinar. Depois li seus três primeiros livros sobre parapsicologia, hiperespaço, discos voadores e espiritualismo, e foram um impacto muito grande para

mim, me provocando no início, tremenda confusão. Não era possível que um homem, com tamanha bagagem científica, além do cargo atingido, lúcido – tremendamente lúcido –, fosse apenas um fanático espírita e, sobretudo, com a coragem de assumir sua posição em plena era da ditadura. Tinha (eu pressentia sem conseguir assimilar ainda) alguma coisa muito forte e verdadeira por trás de tudo isso. Em todo caso, antes de me posicionar, decidi ler e estudar muito mais para poder emitir minha opinião com firmeza e assim passaram-se alguns anos.

Hoje, analisando diversos depoimentos de abduzidos e testemunhas, vislumbramos fatos que extrapolam todos os graus de estranheza, onde encontramos viagens astrais, experiências similares às de quase morte, entidades que atravessam paredes e portas, em total desrespeito às nossas leis físicas. Elas interagem em nossa realidade e talvez na deles, simultaneamente, numa subversão completa de tudo que sabemos e que nos foi ensinado pelos nossos professores e cientistas. E como se isso fosse pouco, pessoas que não são e que nunca foram místicas, que relatam mensagens de cunho eminentemente religioso e até encontros com entidades divinas, descrevendo, inclusive, que elas próprias teriam transcendido e interagido em outra dimensão. Como vemos, o saudoso general Uchôa já tinha percebido tudo isso há muito tempo atrás...

Se respeitadíssimos profissionais da área de saúde mental realizaram inúmeros testes e exames com essas pessoas e as classificaram como absolutamente normais, quem somos nós para contestá-los? Nosso bom senso se agita, em evidente desconforto, mas será que estes profissionais teriam feito uma espécie de pacto para nos iludir, despistando os depoimentos dos abduzidos, manipulando informações e colocando suas reputações em jogo? Para que? Por que? São muitas as dúvidas que podem atingir a descrença ou o ceticismo total. Mas quando sabemos que secretamente os governos norte-americano e da ex-URSS aplicaram cifras fabulosas nas pesquisas paranormais e que, em especial, o norte-americano – através de diversas faculdades e universidades, entre as quais o Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), além da Força Aérea Norte-Americana (USAF) e a Agência Espacial Norte-Americana (NASA) – se preocupou com as propriedades parafísicas dos UFOs e seus ocupantes, tudo isso começa a fazer sentido. Além

das instituições antes mencionadas, e não seria pra menos, a própria Agência Central de Inteligência (CIA) se interessou em investigar as pessoas que tinham percepção extra sensorial (PES) porque suspeitavam que existia uma ligação entre elas e os ocupantes dos UFOs.

Como vemos, aos poucos as peças deste gigantesco quebra-cabeças cósmico começam a se encaixar e a nos revelar imagens, das quais pouco ou nada podemos observar que nos dê uma idéia global, embora nos permita descobrir algumas coisas. Enumerar a série de estudos e projetos realizados (dos quais temos conhecimento) seria longo demais. De alguns desses pontos nos ocuparemos mais adiante. Em todo caso, isto nos dá uma possibilidade de análise para exercitarmos nossa capacidade dedutiva. Falta comentar sobre o teor de algumas mensagens recebidas pelos abduzidos e que indicam uma grande preocupação, por parte dos alienígenas, no que diz respeito ao nosso planeta, à degradação que estamos lhe impondo, poluindo nossos mares e rios, arrasando nossas florestas e condenando à extinção milhares de espécies (inclusive a nossa).

As imagens apocalípticas que segundo os abduzidos lhe são mostradas (inundações, terremotos e maremotos) provocam pânico nessas pessoas. Como exemplo, podemos citar o testemunho de um senhor costa-riquenho, que assiste, junto de outros abduzidos a bordo de um UFO, um gigantesco meteoro caindo no mar e levantando uma onda de centenas de metros de altura que destrói completamente sua ilha, deixando apenas visível o topo da mais alta montanha da região, parecendo uma minúscula ilhota. Convenhamos que descrever uma cena com tanta precisão e detalhamento, como ele o faz, demonstraria uma capacidade inventiva além de sua capacidade intelectual, se a mesma for de sua criação.

Encontramos outros exemplos não menos chocantes nas páginas do livro *Abduções*, do professor John E. Mack, onde vários abduzidos descrevem catástrofes muito semelhantes, e aí cabe a pergunta: será que todas estas pessoas se conheciam entre si e decidiram inventar histórias coerentemente similares, apenas para nos pregar uma peça? Eu, particularmente, não sei se isso poderia verdadeiramente ocorrer, se são cenas captadas no futuro e mostradas de alguma maneira a essas pessoas, se são testes realizados pelos alienígenas para observar os seres humanos e avaliar a resistência emocional e física dos mesmos perante situações limite, ou se é

uma forma didática de mostrar o que podemos conseguir com nossa insensatez, se não nos conscientizarmos de que a Terra é uma só e que não podemos continuar assim. Em todo caso, verdadeira ou não, ao meu ver, é uma mensagem positiva. É muita estupidez o que o animal homem, dito inteligente, está cometendo. E por falar em inteligente, alguém conhece algum tipo de animal, grande, pequeno, selvagem ou doméstico, que destrua por prazer sua toca, seu habitat, que mate por satisfação e que não se importe com a explosão demográfica de sua espécie?

Então, devemos menosprezar estas mensagens? Eu penso, e coloco aqui, especialmente para os cientistas mais radicais: é científico quando se realiza um trabalho de pesquisa, jogar fora alguma coisa apenas porque ela não está inserida em nosso contexto, em nossos pré-conceitos, antes mesmo de estudá-la e analisá-la com todo o rigor do conhecimento científico? Não é isso que a ortodoxia científica nos ensina? Então, que tal tentarmos compreender melhor estes fatores estranhos às nossas convicções? Ou será que ainda temos certeza de que a Terra é plana e que não adianta tentarmos chegar até o horizonte, para não correr o risco de cair?

Em todo caso, estudando esses novos dados, analisando-os com o máximo rigor científico e tendo a humildade necessária para reconhecer quando erramos – sem vergonha de voltar atrás em nossos passos e explorar um novo caminho – é que conseguiremos chegar a algum lugar. Caso contrário, podemos apostar, sim, que ficaremos irremediavelmente perdidos e, algum dia, seremos sepultados pomposamente, envoltos pelas sedas de nossos preconceitos e orgulhos. Na época em que nossos cientistas achavam – e com toda seriedade – que a Terra era plana, suspensa no espaço sobre o lombo de um elefante, ou acreditavam que os meteoritos não existiam porque eram pedras – e as pedras não poderiam cair do céu –, eles estavam convictos do que diziam. Afinal, seus mestres tinham lhes ensinado isso. Mas o que seria da Humanidade sem os audazes, loucos, aventureiros e destemidos que atravessaram continentes e singraram mares tenebrosos?

Sem irmos tão longe, em 1900, por exemplo, quem imaginasse que o homem iria caminhar – ou rodar – num veículo na superfície da Lua, seria apenas um delirante, louco. Ora, nem o Ford T tinha sido inventado! E mais recentemente, em ocasião das primeiras missões lunares, havia

cientistas que mandariam internar um dos seus pares se afirmassem que na superfície do nosso satélite, ou logo abaixo do mesmo, existia água, como foi divulgado recentemente. Astronautas que realizam experiências de percepção extra sensorial (PES) no lado oposto da Lua, embora não reconhecidas oficialmente, seriam também julgados como malucos? Durante o vôo da Apollo 14 à Lua, entre 31 de janeiro e 9 de fevereiro de 1971, em cuja tripulação se encontravam Alan Sheppard, Edgar Mitchell e Stuart A. Roosa, aconteceu uma interessante experiência telepática entre Mitchell e quatro médiuns amigos seus que estavam em Terra. A experiência foi simples, mentalizando números ao acaso, entre 1 e 5, anotando e controlando rigorosamente os horários de transmissão para ao seu regresso comparar com as anotações de seus amigos. No geral, foi positiva e por causa da indiscrição de um dos seus companheiros, a Imprensa ficou fazendo a costumeira avalanche de comentários irônicos.

A experiência chegou também aos ouvidos do grande parapsicólogo doutor J. B. Rhine, que procurou o astronauta para avaliar com ele os resultados. Mitchell declarou posteriormente que, durante a viagem, fizera uma experiência que "acabaria se revelando mais importante e pioneira do que o próprio vôo. Sem avisar a NASA, preferi agir em segredo a ter que desobedecer a uma proibição expressa." Também falou que sofreu na viagem à Lua impactos psicológicos que determinaram mudanças brutais no seu modo de vida. Mudanças que o transformaram em um pioneiro de outro campo, mais amplo e fundamental para o destino da Humanidade. Isso o salvou, talvez, do destino absurdo sofrido por grande parte dos seus colegas do projeto espacial. Aldrin enlouqueceu e Armstrong isolou-se depois de tremendas crises depressivas, por exemplo.

Fotografias da superfície de Marte, mostrando colossais pirâmides, muitas vezes maiores que as que ainda nos maravilham no Egito... Meus amigos, chegamos a um ponto que quem não ousar pensar ou realizar, vai perder, irremediavelmente, o trem da história. Francis Bacon disse a esse respeito – muito antes de se defrontar com UFOs ou com os "pentágonos da vida" – algo que poderia ser escrito nas últimas cinco décadas. "Quem não quer pensar é um fanático, quem não pode pensar é um idiota, quem não ousa pensar é um covarde."

Temos milhares – pra não dizer milhões – de informações e evidências sobre UFOs e aliens, o que eles fazem, como o fazem, como somos manipulados e examinados. Então, vamos perder a chance de investigar com toda a seriedade e dentro da nossa capacidade o que significa tudo isto? Mesmo que um dia (para os que pensam como eu) tenhamos que dar as mãos à palmatória, ante os resultados de nossas investigações, chegando à conclusão de que tudo não passa de falsas lembranças do nosso inconsciente coletivo (como querem muitos). É a Humanidade e o nosso planeta que estão em jogo e, sobretudo, a nossa sanidade mental. Deve ser muito cômodo deixar tudo como está para ver como é que fica, mas a natureza nos fez levantar dois membros do chão por alguma coisa – e disso tenho plena certeza – que não é precisamente o que estamos fazendo.

## Capítulo 2

# Prenúncios do Contato

“Existem mais mistérios entre o céu e a Terra do que supõe a nossa vã filosofia.”

– William Shakespeare

Charles Conrad Junior (tripulante da Apollo 12, 14 a 24 de novembro de 1969) declarou à revista romena *Scientia* que viu e fotografou pegadas humanas na Lua. Eugene Cernan (Apollo 17, 7 a 9 de dezembro de 1972) falou em pirâmides e “coisas” que estariam voando sobre ele e seu companheiro Harrison Schmidt, chegando a provocar uma pequena explosão no topo da sua antena. Essa conversa foi interceptada por radioamadores quando os astronautas falavam com a NASA. Por razões de tempo e espaço nesta obra, não vamos entrar em detalhes sobre as evidências da presença alienígena desde os primórdios da Humanidade, citando dezenas de passagens bíblicas ou copiando trechos de inúmeras páginas dos textos sagrados hindus ou das obras destinadas ao que se convencionou chamar de Astroarqueologia ou Ufoarqueologia. Existem muitos autores, em qualquer um desses campos, que desenvolvem e analisam essa temática com muito mais propriedades e conhecimentos e que podem ser consultados, tais como Peter Kolosimo, von Däniken, Zecharia Sitchin, Robert Charroux, etc. Então, vamos um pouco mais à frente.

Um sigiloso relatório da Força Aérea do Exército Norte-Americano, de

julho de 1947 [Nesta época a Força Aérea dos EUA pertencia ao Exército, tendo sido desmembrada algum tempo depois], em um dos seus trechos diz o seguinte: "No dia 25 de fevereiro de 1942, aviões não identificados apareceram sobre Los Angeles. Nada menos que 1.430 cartuchos foram gastos nas baterias antiaéreas, numa tentativa de derrubar aqueles aparelhos supostamente japoneses. O fogo da artilharia começou às 03:16 h e continuou até 04:14 h, quando a 37ª Brigada de Artilharia da Costa empregou projéteis HE de 12,8 libras. Três pessoas acabaram sendo mortas durante o tiroteio. Um enorme objeto oval foi iluminado pelos holofotes de terra e atingido com mais de 50 balas de canhão durante 12 minutos. O objeto, então, continuou voando na direção sul a uma velocidade bastante baixa. O chefe do Estado Maior, general George C. Marshall, informou ao presidente sobre o incidente no dia seguinte. O Quartel General do Exército negou oficialmente a ocorrência deste episódio."

Num outro relatório do Departamento de Pesquisa e Análise do Grupo Central de Inteligência (antecessor da CIA), no item Recomendações, podemos ler: "(...) 3) Em virtude da natureza extremamente perturbadora do fenômeno e de nossa incapacidade de agir, todo o assunto deve ser classificado na mais alta categoria existente de segredo de Estado, sendo salvo, inclusive, de uma rigorosa campanha de propaganda centralizada na negação de tudo. A campanha deve ter penetração social total, de modo que continue sendo eficiente mesmo se for registrado um elevado número de desaparecimento de pessoas ocorrido naqueles lugares. 4) Sob circunstância alguma deve-se permitir que o público se conscientize da provável seriedade desta situação, assim como de nossa incapacidade de agir. A única maneira de nos certificarmos de que ele continuará ignorante será a imposição do mais alto nível de segurança jamais alcançado. Se pretendemos continuar dando a impressão de que o governo pode propiciar ao seu povo a segurança essencial, isto deve ser feito a todo e qualquer custo." Estes dois textos são suficientemente esclarecedores da gravidade da situação que se tenta desesperadamente ocultar.

Chegando à 2ª Guerra Mundial, entramos de vez no âmago do problema. Já em 1940, a Força Aérea Alemã (Luftwaffe) criou o Projeto Sonderburo 13, sob o comando do professor George Kamper. Anos mais tarde, provavelmente em decorrência de descobertas feitas pelos alemães com respeito

aos UFOs, surgiram durante o conflito projetos ousados de aeronaves revolucionárias para a época, como aviões-foguete, mísseis e jatos de combate. Isso, muito antes dos Aliados, que provavelmente se tivessem entrado em operações antes ou em maior número poderiam ter mudado os resultados da guerra. Entre outras armas, nas quais pode-se perceber inegável tecnologia alien, podemos citar verdadeiras réplicas de discos voadores até armas sônicas que poderiam destruir instantaneamente uma coluna de tanques, desintegrando-a. Para compreender melhor este contexto, não devemos esquecer que os Aliados começaram a utilizar aviões a jato, os Gloster Meteor ingleses, nos últimos meses da guerra, e de início apenas na Grã Bretanha, onde eram utilizados para caçar as bombas voadoras que caíam sobre Londres.

Se o Estados Unidos e a ex-União Soviética conseguiram ir ao espaço, devem isso sem nenhuma dúvida aos projetos desenvolvidos pelos alemães a partir das bombas V-2, que viabilizaram a conquista do espaço e as viagens à Lua. Mas voltando à guerra, houve centenas de relatórios americanos, ingleses e alemães que falavam de estranhos globos luminosos que acompanhavam os raids aéreos, circulando livremente entre as aeronaves. Muitas vezes esses objetos foram vistos atravessando as fuselagens e percorrendo todo o interior dos aviões ante os olhos aterrorizados dos seus tripulantes, que temiam uma explosão a qualquer momento. Mas depois de passear, os globos saíam também através da fuselagem, sem ocasionar dano algum à mesma.

No final da guerra, as supostas armas secretas, como eram consideradas, enchiam os arquivos de ambas as partes da contenda, classificadas como sendo espões – ora alemães ora dos Aliados – e provando assim que aquilo não era obra de um ou de outro. Após o fim do conflito, os desconhecidos passaram a freqüentar os céus americanos, russos e de outros países em desenvolvimento, notadamente preocupados em monitorar os arsenais abarrotados de armas e principalmente onde se armazenavam artefatos atômicos, assim como usinas nucleares e fábricas de mísseis, quartéis e bases militares em geral. O que eram esses misteriosos foo-fighters [Caças fantasmas], como eram chamados pelos militares? Houve relatos épicos de combates aéreos entre esses globos luminosos e aviões militares, como o tão falado caso do tenente Gorman.

Era preciso tomar medidas drásticas, já que as notícias, a partir de 24 de junho de 1947, para ser mais exato, começaram a se espalhar entre a população que, evidentemente, começou a fazer perguntas e exigir respostas das autoridades. Iniciaram-se os rumores sobre os misteriosos homenzinhos verdes, e os militares não gostaram nada disso. Como aeronaves desconhecidas poderiam violar descaradamente o espaço aéreo da maior nação do mundo, assim impunemente? Ordens internas e normas específicas começaram a censurar as notícias e silenciar os militares. Ainda não existia a CIA, mas os órgãos de segurança estavam desesperadamente empenhados em controlar a situação que estava escapando do controle. Mas em 2 de julho desse mesmo ano, um fato inesperado quase põe todo o esforço das autoridades por água abaixo. Numa pequena localidade do sudoeste norte-americano, Roswell – conhecida por abrigar na sua base aérea o único contingente de aviões que permaneciam em alerta contínuo, 24 horas por dia, carregados de bombas atômicas, o 509º Esquadrão –, houve não apenas a queda de um UFO, mas talvez o que possa ser descrito como a queda do céu na cabeça dos militares.

A queda desse pequeno UFO numa noite de tormenta, achado por um fazendeiro, se transformou num verdadeiro marco da pesquisa no mundo inteiro. O jornal local estampou a manchete em primeira página noticiando o fato – numa informação enviada pela própria assessoria de relações públicas da Base – em que eram descritos os detalhes sobre os milhares de fragmentos de um metal desconhecido. Quando a notícia detonou em Washington, foi pior que se tivesse caído um bombardeio atômico na Base. Aliás, isso teria sido ocultado rapidamente, e talvez, se não houvesse contaminação por radiação ou algo pior, jamais teria sido de conhecimento público. Mas a notícia da queda de um UFO girou o mundo em poucas horas e o desconforto das autoridades deu margem ao início da maior operação de desinformação de nosso século.

Poucos dias depois, o então presidente norte-americano Truman, através de um simples memorando, criou a até agora pouco conhecida organização chamada Majestic-12, ou Magic, ou simplesmente MJ-12. Este grupo foi destinado a investigar os casos de quedas de UFOs e criar todos os mecanismos necessários para que seu trabalho ficasse em rigoroso sigilo, assim como seus métodos para garantir o êxito das suas missões – seja lá ao

preço que fosse. E para isso respondendo, pelo menos no início, apenas ao presidente. Depois as coisas mudariam ... para pior.

Naquela época e num curto espaço de tempo, foram vários os acidentes de naves alienígenas na região – sobejamente divulgados em diversos livros e publicações especializadas. Além disso, a recuperação de dezenas de pequenos cadáveres e até (se suspeita com quase certeza) de algumas entidades vivas que teriam sido mantidas em cativeiro durante alguns anos. Essas entidades, chamadas de Entidades Biológicas Extraterrestres (EBEs), corresponderiam ao tipo netamente alien, com um organismo diferenciado dos humanos: 90 cm de estatura, 3,6 kg de peso, cor cinza claro, sem genitália aparente e mãos com três dedos saindo diretamente dos pulsos.

A estrutura óssea parecia cartilaginosa e apresentava uma cor azul-esverdeada. Seus órgãos internos não tiveram suas funções determinadas, não parecendo existir sistema respiratório nem estômago. A maior surpresa ficou por conta da descoberta de dois corações no peito destas criaturas, com diversas câmaras e um extenso sistema circulatório. O líquido removido dos cadáveres, após analisado, revelou ser uma substância vegetal baseada na clorofila. Mas isso não significa muito, já que falamos apenas de dois cadáveres autopsiados possivelmente na base atômica de Los Álamos, EUA. Segundo informações, os Estados Unidos teriam em seu poder algo em torno de 133 corpos resgatados em seu próprio território e noutros países do mundo – até no Brasil.

É lógico imaginarmos que tais corpos não seriam exatamente iguais entre si, considerando a biodiversidade que encontramos em nosso próprio planeta, pigmeus da África, índios, orientais e escandinavos, por exemplo. Poderíamos supor que apenas uma raça alienígena nos visitasse, existindo milhões de possibilidades de planetas habitados e desenvolvidos? Além disso, poderíamos pensar na possibilidade de criaturas biologicamente adaptadas para determinado tipo de missões. No caso Varginha, acontecido em janeiro de 1996 em Minas Gerais, as criaturas eram de dois tipos diferentes, o que nos leva a imaginar um tipo de animal inteligente. E assim, chegamos a um ponto capitular na história da Humanidade e suas conquistas.

A partir do primeiro Sputnik, colocado em órbita pelos russos, a nossa vida deu literalmente um salto. Escrevermos sobre a conquista espacial

pode nos parecer quase tão distante como falarmos sobre Colombo ou Pedro Álvares Cabral. Mas independente da saga dos valorosos desbravadores do céu, encontramos histórias por baixo da história, nas suas entrelinhas, nos veementes desmentidos oficiais até no deboche que as autoridades demonstravam a respeito dos lunáticos que acreditavam nos homenzinhos verdes. Eu e suponho que muitos de nós que acompanhamos os primeiros e titubeantes passos do homem no espaço, através de jornais, revistas ou pela tevê, esperávamos em cada notícia ou imagem, televisiva ou fotográfica, alguma coisa que comprovasse nossas idéias e palavras. Uma pequenina prova que pudéssemos mostrar triunfantes aos nossos detratores de plantão. Mas quase sempre ficamos desapontados. De repente, começaram a vaziar fotografias de Bormann e Lowell nos seus vôos, de McDivitt, Armstrong e outros.

Ou não se comentava nada oficialmente ou eram apenas "...restos dos foguetes portadores." Mas nós sabíamos que eram outras coisas. Com o coração batendo mais forte, fomos cada vez mais determinados a lutar pelos nossos ideais. Dava a impressão, olhando desde esta perspectiva, que os militares queriam testar a reação das pessoas ante luzes e objetos misteriosos voando junto com nossos astronautas. Mas parece que os resultados dessa pesquisa não devem ter agradado, pelo menos a algum setor do Pentágono. Radioamadores italianos lançaram a primeira bomba: tinham captado as transmissões de uma nave russa em órbita com dois cosmonautas (um homem e uma mulher) que pediam socorro à base desesperadamente, falando coisas aparentemente absurdas, tais como "precisamos regressar para que o mundo saiba... você os está vendo?... segura, segura firme!..." e depois o silêncio.

Essa história teria acontecido vários anos antes do solitário vôo de Yuri Gagarin, em 12 de abril de 1961, e chegou ao conhecimento dos jornalistas através de alguns radioamadores italianos que teriam interceptado as comunicações, como de fato o fizeram mais adiante, propiciando ao mundo a notícia dos lançamentos soviéticos muito antes dos informes oficiais do governo russo. Mas não temos elementos comprobatórios para julgarmos essa notícia. Também não os temos para uma outra revelação muito mais incrível acontecida um ano depois. Mas vamos deixar para comentá-la no momento certo. Por agora, só podemos adiantar que apesar do seu grau de

estranheza e também por não existirem provas, há muitas evidências que levam a acreditar que pelo menos alguma coisa aconteceu.

O início oficial da conquista do espaço foi em outubro de 1957, quando a ex-União Soviética colocou em órbita, ante os olhares assombrados do mundo, o Sputnik 1, cujos bips soaram mais que um trovão, ecoando em todo o governo norte-americano e nas dependências da agência espacial. E mais, espantados ficaram quando em 3 de novembro do mesmo ano colocaram em órbita o Sputnik 2, pesando 508 kg – um verdadeiro recorde na época – levando pela primeira vez ao espaço um ser vivo: a cadela Laika.

Todos os observatórios e estações científicas do mundo seguiam com admiração e ao mesmo tempo bastante inveja mais essa demonstração da capacidade tecnológica dos soviéticos. E por isso também puderam descobrir um dos grandes segredos, que por unanimidade e estranha cumplicidade com os russos mantiveram em sigilo. Logo depois do foguete ser colocado em órbita, 1.800 observadores, espalhados por toda a URSS, controlavam o vôo e puderam começar a monitorar seu deslocamento, o som das batidas cardíacas do pobre animal e todas as informações que por telemetria chegavam à base. De repente, um UFO apareceu precedendo o Sputnik na sua órbita, ante a surpresa e espanto dos russos. Eles acreditavam que tinham total controle sobre a nave, já que haviam calculado tudo perfeitamente e com toda competência e meticulosidade: altura e angulação da órbita, tempo de circunvalação da nave, etc. Mas no dia seguinte, as transmissões radioelétricas foram desligadas e só 20 dias depois se reiniciaram de maneira inexplicável. O Sputnik 2 tinha sumido da sua órbita e regressado à mesma, e ninguém sabia como.

Acredita-se que algo ou alguém desviou a nave da sua órbita. Algo ou alguém a precedeu no espaço, seqüestrando-a para depois devolvê-la à sua órbita original. Quem poderia ter ousado tamanha afronta? Obviamente, seus arquiinimigos. Os norte-americanos ainda não tinham capacidade para isso, então... Alguém lá em cima estava querendo saber o que os homens estavam fazendo. Alguém que não queria estranhos no seu quintal... E não foi somente isso. Várias sondas automáticas enviadas por russos e americanos rumo a Marte e Vênus também sumiram no espaço. Definitivamente. Que pensamentos rondaram as cabeças dos cientistas e militares empenhados com todo afinco na corrida espacial?

A lista dos insucessos é relativamente grande: Mariner 1 e Mariner 3, que em meio caminho rumo a Marte depararam-se com algum provável objeto celeste ou uma estrela muito brilhante que, segundo a NASA, descalibraram os instrumentos da sonda, fazendo com que ela deixasse de obedecer as ordens da Terra e se perdesse no infinito. A Mariner 8 também desapareceu em circunstâncias similares. E a sonda russa Mars 7 sofreu os mesmos problemas. Coincidência?

As Venusik 1, 2 e 4, rumo ao planeta Vênus, correram a mesma sorte, e num outro programa as três primeiras naves da série Venera também fracassaram. Antes de falarmos das missões espaciais tripuladas, vamos fazer um parêntese para transcrever uma notícia de cunho astronômico. Um satélite não identificado, que orbitava a Terra em sentido inverso à rotação do planeta, foi visto em princípios de 1951 por W. Marcowits, cientista do Observatório Astronômico Naval dos EUA. Dois anos mais tarde, o doutor Lincoln La Paz, da Universidade de Novo México, denunciou que dois estranhos satélites orbitavam nosso planeta a um altura aproximada de 400 a 600 milhas, respectivamente, e pesavam perto de 15 toneladas cada um. Ante o inusitado anúncio, as Forças Armadas tomaram de imediato a intervenção, e o famoso astrônomo Clyde Tombaugh – o descobridor do planeta Plutão – foi designado para investigar o fenômeno. Pouco tempo depois, Tombaugh confirmou a versão de La Paz.

De 14 a 21 de junho de 1959, um enorme objeto de 35 km de diâmetro orbitou ao redor da Lua a uma altitude aproximada de 2.000 km, cumprindo uma órbita em 35 minutos. Transcorridos 8 dias, o insólito visitante desapareceu tão misteriosamente como tinha aparecido. Seis meses depois, outros dois intrusos do espaço, de 15 toneladas de peso, orbitaram em torno da Terra em rotas polares e foram fotografados pela Estação de Rastreamento da Corporação Aeronáutica Grunmann, nos Estados Unidos. Dezenas de fatos incomuns foram pesquisados e arquivados pelo governo norte-americano e as poucas coisas que vazavam eram categoricamente desmentidas ou deturpadas pela contra-informação. Alguns fragmentos de informações contidas em muitos documentos liberados pela ação do grupo Citizens Against UFO Secrecy (CAUS), apoiados pelo uso da Lei de Liberdade de Informações, parecem confirmar todas as suspeitas sobre a lei do silêncio imposta no país da democracia e da liberdade.

Em 1967, a NASA estabeleceu como deveriam ser os procedimentos oficiais para tratar-se de relatos comprometedores: "Os UFOs vistos no espaço devem ser explicados para o público e especialmente para a Imprensa como meros fragmentos, componentes ou partes de veículos espaciais conhecidos. Em nenhuma circunstância a origem do objeto será discutida com o observador ou com a pessoa, fazendo relato ou à reportagem da mídia." Talvez por isso nas fotografias obtidas pelos astronautas existam tantas referências a partes do foguete impulsor, fragmentos do mesmo, detritos da nave, vaga-lumes do espaço ou satélites desativados e/ou fragmentos, tanto americanos como russos. Enquanto isso, as transmissões de rádio feitas pelos atordoados astronautas viravam erros de interpretação ou brincadeiras. Isso explicaria a estranha transmissão de rádio que interferiu na onda, escutando-se uma voz que se expressava em linguagem desconhecida e que, no dia seguinte à essa misteriosa interferência, Gordon Cooper, o tripulante da Mercury 9, com voz ligeiramente alterada exclamou: "Um objeto que emitia luz esverdeada e mostrava uma espécie de rabo avermelhado avançava em direção contrária à cápsula..."

Mais sério ainda seria tentar explicar corretamente porque os astronautas da série Apollo estragaram – segundo a NASA por incompetência no manuseio – várias câmaras de tevê caríssimas. Além disso, focalizando sem querer o Sol, perderam ou esqueceram diversos rolos de filmes, travaram máquinas fotográficas, etc. Será que a NASA contratou os Três Patetas para essas missões? Ou ela não hesita em denegrir o nome destes heróis apenas por salvar a roupa? Por uma questão de justiça para esses homens que foram humilhados, isso deveria ser esclarecido. É preferível que digam pelo menos que o material é secreto e que não adianta perguntar, mas que deixem de culpar inocentes! Também pode esse regulamento da NASA explicar porque desapareceu a sonda espacial Mars Observer quando ela se preparava para obter imagens da melhor qualidade da superfície de Marte, em 21 de agosto de 1993, praticamente em closeup e a apenas 400 km da superfície? Isto poderia trazer uma luz a respeito das imagens captadas pela Viking em 1976, que mostram além de estranhas estruturas, aparentemente artificiais, uma esfinge [Fotograma 35-A-72] com 1.600 m de comprimento e 450 m de altura, apresentando um rosto eminentemente humanóide e pirâmides de colossais dimensões, muito maiores que as do Egito.

Os russos também ficaram assombrados ante as descobertas e não conseguiram explicar o que aconteceu com a sonda Phobos 2, que desenvolvia um ambicioso programa de pesquisas no satélite marciano de mesmo nome. Uma das poucas imagens que foram divulgadas – ou saíram das mãos dos cientistas russos por baixo dos panos – mostra uma área de Marte cravada por estranhas linhas, como se fosse um campo arado, e a sombra de um estranho objeto alongado que se projetava por quase 28 km. Ao que parece, as câmaras foram viradas nesse instante para cima no intuito de fotografar aquilo que projetava tal sombra. E na imagem seguinte – transmitida à Terra – pode-se ver o satélite marciano Phobos e um objeto retilíneo de enormes proporções. Essa foi a última transmissão. O que está ocorrendo em Marte? Por que são sonegadas essas informações? Por que se mente tanto assim? A começar pelas primeiras imagens do planeta vermelho transmitidas pela Mariner 4.

No dia 15 de julho de 1965, a Mariner 4 começava a bater fotografias e meia hora depois os computadores começavam a acumular os primeiros sinais da resposta. Cada foto, transmitida por um sistema de pontos e linhas, foi dividida em 200 linhas, e cada uma, em 200 pontos. As características de cada ponto seriam transmitidas separadamente. Desse modo, cada fotografia necessitou de 6 horas para chegar à Terra, num total de 132 horas para serem recebidas 22 fotos. Das 22 chapas, três delas, as últimas, foram inutilizadas por terem sido batidas já na parte escura de Marte. Mais tarde, quando foram divulgadas, veio a desilusão: o terreno mostrava crateras enormes e outras menores dentro, com extensas áreas desérticas. Nenhum vestígio da tão esperada vida marciana... Mas a surpresa veio depois, quando se verificou – sem nenhuma dúvida – que as fotos eram completamente falsas!

Os jornais, misteriosamente, ou melhor, sugestivamente, nada disseram. As imagens apresentadas eram indubitavelmente fotografias que pertencem à região lunar de Clávius, a 60° da latitude sul. No Centro de Estudos Interplanetários de Barcelona (Espanha), a comunicação apresentada na Segunda Semana Astronáutica Nacional, em março de 1988, deixou claro que a fotografia de número 11, transmitida pela Mariner 4, pertence realmente à Lua. A investigação que provou o engano foi exaustiva e não deixou nenhum detalhe ao acaso. A possibilidade de existirem dois locais idênticos, na Lua e em Marte, equivale à proporção de 1 sobre 2.128 seguido

de 56 zeros! A NASA, mais uma vez, silenciou. No fim das contas, nem todo o mundo é cientista, nem tem condições de avaliar e muito menos duvidar da autenticidade de um trabalho oferecido pela toda-poderosa instituição norte-americana. Mas voltando ao que nos interessa, gosto de pinçar algumas frases ou palavras soltas proferidas por algumas pessoas que, em certos momentos, podem não ser compreendidas, mas que num determinado contexto passam a ter um peso enorme, além de importância histórica.

Um dos pioneiros da astronáutica, o doutor Hermann Oberth, que foi professor do famoso Werner von Braun, trabalhando junto com seu aluno no Centro Espacial George Marshall, disse: “Não podemos receber sozinhos todo o crédito do nosso progresso em certos campos científicos, pois temos sido ajudados por seres de outros mundos...” E noutra oportunidade, von Braun, referindo-se ao inexplicável insucesso que destruiu um foguete, declarou: “Nós nos encontramos face a face com forças que estão muito mais presentes aqui do que tínhamos imaginado, e de onde elas vêm é no momento um dado que não posso revelar. Estamos agora muito empenhados em entrar em contato mais íntimo com essas forças. E num futuro próximo, talvez seja possível falarmos com mais precisão sobre esse assunto...” O que quiseram ou tentaram dizer estes dois homens? Acho que não é muito difícil de deduzir.

Isto me leva a 1963, em Buenos Aires, meses antes de minha vinda ao Brasil, quando tive o privilégio e a emoção de ser apresentado a von Braun durante uma recepção que lhe foi oferecida durante uma exposição da Astronáutica. Na época, contei com a ajuda de um vizinho meu que era um alto oficial da Fuerza Aérea Argentina, que além do mais serviu-me de intérprete. Ao sermos apresentados, ele comentou quase que na brincadeira que eu gostava de ler e me interessava muito pelos UFOs... Escutou tudo que eu tinha a dizer sem tirar os olhos de mim, enquanto levemente ia abrindo um sorriso. Silenciosamente me estendeu sua mão e murmurou um “boa sorte”!

Agora descubro que provavelmente seus olhos diziam algo mais que na época não consegui perceber... Sem dúvida nenhuma, a conquista do espaço foi conseguida com muitíssimo trabalho e sacrifício –inclusive de vidas– e, sobretudo, porque foram perpetradas enormes mentiras e injusti-

ças. Podemos afirmar – sem medo de errarmos – que todos, absolutamente todos os vôos espaciais, automáticos e tripulados, foram seguidos e monitorados por UFOs, ou se preferirem pelos Corpos Orbitais Não Identificados (CONIs), sendo que as autoridades sempre souberam o que acontecia e muitas vezes os seus temores, talvez por descuido ou excesso de autoconfiança na sua impunidade, acabaram vazando para a Imprensa.

Lemos num jornal da época: “Ao regressarem do espaço, os astronautas Gordon Cooper e Charles Conrad Junior tiveram que entregar ao pessoal do porta-aviões Lake-Chaplain, uma nota de US\$ 1 dólar, cuja numeração de série era uma chave de identificação registrada pela NASA. Ao entregá-la ao pessoal que os recebia, foram identificados como os mesmos que no sábado, 21 de agosto de 1965, partiram para o Cosmos a bordo da nave Gemini 5.” Será que alguém entre os militares tinha medo de que tivessem podido substituí-los? Mas quem? No espaço? E como perguntar não ofende: se os extraterrestres tivessem trocado os astronautas, não teriam usado suas roupas e dessa forma a chave da numeração da nota seria inútil? No mínimo, dentro da paranóia estabelecida entre os militares, algum deles teve essa brilhante idéia. Ou será que ela saiu da cabeça de algum burocrata de Washington para brincar de espionagem? Na verdade, tem alguma coisa estranha nessa história. E na melhor das hipóteses, os militares sabem que tem alguém lá fora com enormes poderes... Foram várias as histórias de sustos e surpresas que levaram os conquistadores do espaço, além das aproximações de UFOs perto de suas naves – algumas menores que um Fusca, como foi o caso das Mercury. Eles se defrontaram com objetos enormes que não deveriam estar lá, abrindo-lhes tentativas inusitadas de contato, como veremos depois.

Na primeira missão tripulada do programa Apollo, durante os 11 dias de vôo, os astronautas Walter M. Schirra, Don F. Eisele e R. Walter Cunningham deveriam cumprir um rigoroso programa de experiências entre 11 e 22 de outubro de 1968. Tudo estava calmo e seguindo o cronograma de trabalho, até que um fino véu se aderiu às janelas impedindo a visibilidade. Depois, uma estranha música de origem desconhecida encheu os fones e o ambiente da nave. Segundo a Base de Houston, o som vinha de uma emissora do Texas. Os tripulantes da Apollo também tiveram problemas no sistema elétrico. Os contratemplos foram particularmente suspeitos, daí

talvez o nervosismo que se apoderou de Schirra: “Não estou certo de que classe de fantasmas encontramos aqui.” E acrescentou Cunningham, “...mas contamos com aparelhos de alarme que deveriam ter nos avisado o que acontecia e não o fizeram....”

Durante a viagem à Lua da Apollo 8, tripulada por Frank Borman, James Lowell e William Andres, para a realização do primeiro vôo circunlunar, entre 21 e 27 de dezembro de 1968, quando completariam dez órbitas em torno da Lua, aconteceram diversos fatos bastante estranhos – muito diferentes do brilhante êxito apregoado pelo informe de Imprensa divulgado pela NASA. O vôo, iniciado às 19:51 h desde a plataforma 9 de Cabo Kennedy, funcionava perfeitamente e estava sendo pilotado automaticamente desde o Centro de Controle, em Houston, até a segunda noite no espaço.

“Sabíamos que alguma coisa não estava certa”, disse Keith Wyatt. “Mas pensávamos que fosse irradiação cósmica, uma situação que seria corrigida rapidamente pelos computadores e que logo desapareceria”, completou. Para os homens da nave, que voava a aproximadamente 11.000 km/h, a situação era muito mais séria. Uma aparição fantasmagórica e incandescente surgiu de repente na escuridão. Tinha forma de disco e começou a voar paralela à Apollo. De repente, pareceu que todos os sistemas deixavam de funcionar: os instrumentos de direção e de navegação, os circuitos de energia elétrica e de propulsão... Depois, a misteriosa nave atacou a Apollo com um insuportável ruído ultrassônico – fato este que poderia explicar a notícia divulgada de que a tripulação sofria dores de ouvido – e também com flashes luminosos que encandeavam. Minutos mais tarde – que pareceram intermináveis – o ruído parou, assim como as luzes, e a nave fantasma desapareceu em altíssima velocidade. Ao mesmo tempo, informavam o diretor Wyatt e outros técnicos da central de vôo que o contato com a Apollo 8 havia sido retomado.

Os astronautas que tinham se alegrado pela normalização da viagem descobriram logo que o ataque tinha desajustado o complexo programa de vôo. Os homens temiam perder o curso que devia conduzi-los até à Lua. Uma correção de 3 segundos levou a Apollo 8 novamente ao seu curso, mas a preocupação ainda era grande, já que não tinham suficiente combustível para fazer essa correção várias vezes. Tudo continuou calmo até que a nave entrou

em órbita lunar. De repente, como surgido do nada, apareceu outro UFO, maior que o primeiro e rodeado de uma luminescência púrpura, emitindo um zumbido que para os homens se tornava insuportável. A seguir, ondas de calor e raios luminosos os atingiram, e a Apollo começou a balançar e sair da rota. Todo seu sistema de controle entrou em pane. O inspetor de vôo Russel Holcombe disse: "Não sabíamos o que acontecia lá em cima, apenas tínhamos certeza de que a segurança do vôo estava seriamente ameaçada." No interior da Apollo reinava o terror. Os astronautas sofriam enxaquecas, tremores nas mãos, dores no peito e alucinações. Tal incidente durou exatamente 11 minutos e 11 segundos. Depois o UFO desapareceu tão repentinamente como o primeiro.

A seguir, o coordenador Scott Farniston fez um terrível descobrimento: a Apollo estava tão distante do seu rumo que os computadores da Terra já não podiam corrigir. Depois de incertos minutos, a tripulação, apesar de sofrer perdas de memória, dificuldades na respiração e fortes dores no peito, corrigiu a rota por meio da observação das estrelas Canopus e Sírius. Minutos mais tarde, ao se aproximar da fronteira entre as sombras do lado oposto da Lua e a luz, nas imediações da cratera Tsiolkovski, uma formação peculiar chamou a atenção de Lowell, que quando pôde transmitir novamente para a base disse: "Quando observei essa cratera, ela lembrou-me um lago, com uma ilha no meio." E não foi apenas uma licença poética de Lowell e sim um relato fiel que posteriormente, através de fotografias, foi comprovado. Numa das ampliações se pôde ver claramente os contornos da ilha desgastados pela erosão... E na margem do lago, pedras logo abaixo da superfície!

Depois, na véspera do Natal, um comentário enigmático que mais parecia uma mensagem cifrada: "Quero comunicar a vocês e em especial ao senhor presidente que Papai Noel existe: acabo de vê-lo." Em situação normal, não pareceria uma brincadeira de mau gosto para fazer a um presidente? Mas talvez a pior das informações nos tenha chegado extra oficialmente do histórico vôo da Apollo 11, que reputo seja o maior evento do século, ou melhor dizendo, da história da Humanidade. Seus tripulantes, Neil Armstrong, Edwin E. Aldrin e Michael Collins realizaram esse vôo entre 16 e 24 de julho de 1969, que segundo o seu comandante, ao pisar o solo lunar pela primeira vez na história, disse: "Um pequeno passo para o homem

e um gigantesco salto para a Humanidade.”

Sabemos que todos os astronautas – tanto americanos como russos – têm permanentemente monitoradas todas suas funções vitais, pulsação, batimentos cardíacos, funções cerebrais, pressão sanguínea, temperatura do corpo, etc, desde a partida até o momento do regresso. Os computadores e sensores da NASA não perdem um único detalhe. Por isso, talvez, certos rumores adquiram contornos de estonteante realidade. Algumas fotografias da viagem, publicadas em revistas do mundo inteiro, mostravam o espaço e a Terra ao longe. Num dos cantos da foto em questão, um pequeno objeto luminoso e a justificativa oficial: “Ao lado, o último estágio do foguete Saturno 5 acompanha os astronautas...” Pela provável localização da nave Columbia e do módulo lunar, esse estágio do foguete tinha ido longe demais... Além disso, que perigo representaria um trambolho daqueles voando perto da nave..., mas tudo bem.

Neste caso, devemos estender um pouco para melhor compreensão do contexto. Ao se aproximarem da superfície lunar para o pouso, após separar-se da nave de comando – que ficaria na órbita da Lua e seria pilotada por Collins –, o módulo lunar era comandado automaticamente. Apesar do meticuloso planejamento, o comandante Armstrong percebeu que estavam se dirigindo para a beira de uma cratera, o que significaria simplesmente a morte para eles. Armstrong prontamente desligou o computador de bordo e executou um pouso suave e perfeito, de forma manual, distante do perigo. Os seus sensores nada acusaram e a Base de Houston só ficou sabendo da quase tragédia quando, após estarem em segurança, Armstrong reportou o acontecido – pelo menos é esta a versão oficial dos fatos. Suas pulsações tinham se mantido inalteradas em 70 batidas por minuto. Isso é surpreendente, já que qualquer pessoa no trânsito, ante à iminência de um acidente, tem seu pulso e pressão sanguínea alterados. O que diria numa situação dessas? É parte do seu ofício, da sua coragem e preparo físico, poderão dizer alguns, e concordamos plenamente com isso, porém...

Por ocasião de uns dos passeios programados, e já em companhia de Aldrin, de repente suas pulsações pularam de 70 para 160 batidas por minuto. O que poderia ter abalado esse homem ao ponto de descontrolar

seu coração? Desta vez, a NASA não explicou mais nada. A versão extra-oficial, no entanto, nos conta outra história. Ou melhor, confirma esses dados e explica: há fortes evidências de que teria acontecido um fato inusitado e apavorante, e para eles existem várias versões com ligeiras modificações. Mas na essência continua valendo essa, que apresentamos a seguir. Diversos autores e pesquisadores do mundo já falaram sobre isso, e o bom senso nos leva a acreditar, baseados em inúmeras fontes oficiais e/ou oficiosas, que de fato aconteceram coisas que evidentemente a NASA, o Pentágono e a CIA escondem e negam.

Neil Armstrong e seu companheiro Aldrin, enquanto se dirigiam e pousavam na Lua a bordo do Eagle (o módulo lunar), observaram UFOs logo depois da alunissagem. A confusão e a emoção das transmissões ao vivo, documentando aquele fato ímpar, propiciaram ouvir os astronautas se referirem a uma luz dentro ou logo acima de uma das crateras. Também foi possível escutar a resposta do controle da base pedindo mais informações a respeito – diálogos estes que puderam ser captados na Austrália, Japão e Nova Zelândia, além de alguns outros países europeus por diversos radioamadores. Numa dessas transmissões foi interceptado o seguinte diálogo, partindo do Controle: “O que vocês estão vendo aí?” Resposta da Apollo: “Esses veículos são enormes!... Enormes mesmo, senhor!... Vocês não iam acreditar nisso!... Há uma outra espaçonave lá fora... aliás, várias delas! Estão todas enfileiradas na beira da cratera do lado oposto ao nosso. Eles estão na Lua nos observando!”

Embora a NASA negue veementemente estes acontecimentos, existem diversas fotografias que depois de muito tempo foram divulgadas, nas quais pode-se observar luzes e objetos estranhos acompanhando a Apollo 11 na sua chegada à Lua. Também existem pelo menos duas fotos tiradas na hora da decolagem rumo ao encontro com o módulo de comando, onde Michael Collins os aguardava. Uma dessas imagens, tirada desde a Eagle, enquadra perfeitamente o módulo de comando, e logo abaixo do mesmo, sobre a superfície do satélite, pode-se observar um estranho e gigantesco objeto circular de aparência metálica [Ver fotografias coloridas no encarte], com um domo na parte superior. Mais uma vez, silêncio oficial. São muitas as histórias como esta em torno desta missão lunar. Diálogos estranhos entre os astronautas e a base e problemas enfrentados pelos três heróis

após o seu regresso.

De uma coisa temos certeza. Muitos acontecimentos – tremendamente sérios e assustadores – aconteceram com estes homens e aparentemente com todos os demais astronautas. Pressionados pelas autoridades e obviamente tendo que manter silêncio pela suas condições de militares e por juramento, tal situação pode ter afetado suas psiquês de alguma maneira. Todos eles acabaram se separando de suas esposas e tiveram problemas com suas famílias. Além do que, sofreram profundas fases de depressão e mudanças comportamentais que culminaram, como já dissemos, em divórcios e até suicídios. Outros, entretanto, chegaram até a desenvolver a mediunidade e outros dons paranormais. E até isso a NASA nega ao público.

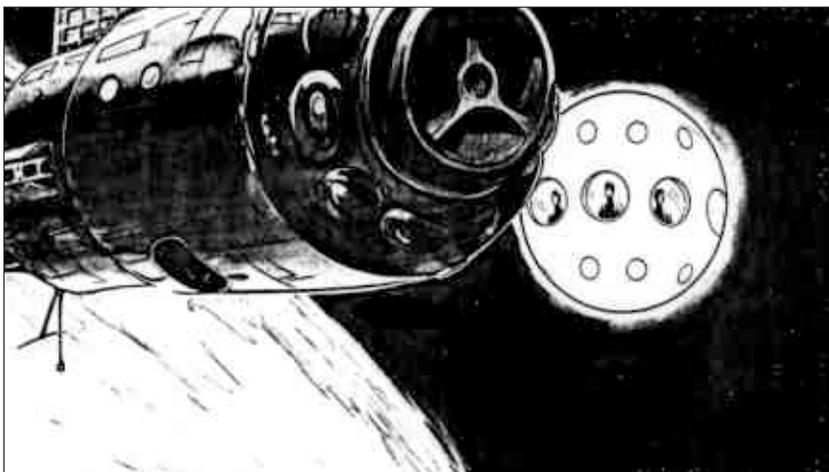
Um dos casos, pinçados ao acaso, é o de Michael Collins, que ao seu regresso à Terra mencionou ter observado um objeto de grandes proporções pousado perto do local da aterrissagem. Seria o da fotografia antes mencionada? Por infringir normas de segurança vitais ele foi punido e suspenso de suas funções na NASA. Oficialmente, justificaram sua suspensão dizendo que ela havia ocorrido porque Collins havia decolado com um jato F-5 sem autorização, num dia de chuva. Pouco tempo depois, ele foi ainda internado numa clínica para doentes com distúrbios nervosos, ficando lá por quase dois anos [Sobre o fatídico vôo da Apollo 13, comentaremos em detalhes no capítulo Os Ufonautas].

Até ser encerrada a série de missões Apollo, com a de número 17, praticamente não houve fatos demasiadamente estranhos a se comentar, com exceção da missão Apollo 15, quando a NASA realmente extrapolou e se mostrou ingênua demais, dando um tremendo cochilo ou menosprezando a inteligência das pessoas. Durante tal missão, foram divulgadas algumas fotografias que mostravam claramente terem sido retocadas ou apagadas imagens de alguma coisa no espaço que aparecem em várias delas. Coincidentemente, muitas revistas semanais de diversos países, que publicaram as tais fotografias, tiveram sua circulação afetada. Um exemplo disso foi o semanário *Fatos & Fotos*, do Brasil. Sua edição de 26 de agosto de 1971 trazia algumas destas interessantes fotos. Dezenas de jornalistas reclamaram que a revista foi recolhida assim que chegou às bancas, sem explicações. Estávamos nos negros anos da ditadura militar. O mesmo aconteceu com publicações argentinas, chilenas, italianas, francesas, etc. Alguém simplesmente não

Ilustração Rodval Matias



**Viktor Savinikh e Vladimir Kovalyonok, a bordo da estação orbital soviética Salyut 6, observam uma estranha nave se aproximando. O objeto é esférico e mantém distância da Salyut por algum tempo. Pode-se observar janelas e alguns seres enigmáticos por trás das mesmas.**



**Após longo período de observação a distância, a nave espacial extraterrestre se aproxima da Salyut 6. Savinikh e Kovalyonok podem então ver com clareza as criaturas que a tripulam: seres humanóides com olhos grandes e atentos, que observam os soviéticos com imenso interesse e semblante sereno.**



**As criaturas tripulando o estranho objeto – um UFO – também mantêm estreito contato visual com os cosmonautas, num gradativo processo de aproximação. São feitas tentativas de comunicação por rádio e instrumentos, e depois ainda por sinalização. Os ETs respondem às transmissões.**



**Num ato absolutamente inusitado, os tripulantes do UFO saem de seu interior e, flutuando pelo espaço, acercam-se da Salyut. Os cosmonautas vêem, atentos, que os ETs não trajam equipamentos especiais de respiração no espaço. Buscavam um contato direto com os humanos, que não ocorreu...**

queria que as fotos vazadas, embora retocadas, fossem publicadas com tanto destaque.

Numa dessas, exposta no semanário *Fatos & Fotos* citado acima, aparece uma mancha de retoque à direita do módulo lunar. Noutra, surge um objeto luminoso que, evidentemente, não é uma estrela ou planeta, logo acima do módulo. A revista italiana *L'Europeo* mostra, em cores e ligeiramente deslocada, uma foto em que aparece um astronauta e acima dele dois objetos luminosos semelhantes ao visto do módulo. Muitos foram punidos por declararem que acreditavam em UFOs. Outros foram simplesmente demitidos ou internados. E há ainda os que se alienaram por conta própria, ingressando ou fundando seitas religiosas. Na ex-União Soviética também aconteceu este tipo de fato, embora, pelo menos oficialmente, nada tenha sido confirmado.

Um dos acontecimentos negados é uma alegada missão que teria colocado cosmonautas na Lua, antes da *Apollo 11*, e um deles teria sido morto lá... Um dos casos dos quais existem muitas evidências e depoimentos, embora como dissemos, sempre extra oficialmente, é o vôo da *Salyut 6*. No Brasil, ficamos sabendo dos acontecimentos através da revista *Manchette*, de 29 de setembro de 1984, sob o título "Sensacional: Russos encontram UFOs", e da extinta *Ufologia Nacional & Internacional*, de setembro de 1985, numa matéria assinada por nosso colega Luiz Gonzaga Scortecci de Paula.

Entre os dias 12 de março e 14 de maio de 1981, a *Salyut 6*, tripulada pelos cosmonautas Vladimir Kovalyonok e Viktor Savinikh, se deparou com um UFO esférico de aproximadamente 10 m de diâmetro, parecendo de metal, sem nenhuma reentrância ou saliência, inscrições, marcas ou descontinuidade na superfície da esfera, que era perfeitamente polida. Também não haviam antenas nem terminais de sistemas óticos de informação, painéis solares, enfim, nada perturbava a superfície externa. Enquanto a interna, feéricamente iluminada, mostrava uma cabine de comando de aparência convencional, com painéis de controles, comandos, revestimentos monocromáticos e assentos. Estavam no 75º dia de vôo, em 14 de maio, e os russos gravaram um vídeo de quase uma hora de duração. No segundo dia, depois de terem dormido durante algumas horas, foram surpreendidos com a aproximação da nave alienígena que agora se encontrava a apenas

30 m da Salyut. Pelas janelas do UFO – oito, ao todo, e 16 outras áreas transparentes localizadas acima e abaixo da linha central – puderam ver três seres de aspecto humanóide: serenos, ar solene, lembrando hindus, com narizes retos, sobrancelhas grossas, enormes olhos azuis, profundos e penetrantes no olhar, deixando-os extasiados. Segundo o relato, os cosmonautas teriam solicitado permissão à base para contato direto, recebendo um sonoro “niet” [Não]. A experiência não poderia ir além de contatos via instrumentos.

Em seguida, Kovalyonok teria aberto impulsivamente um mapa celeste de bordo, mostrando o mesmo através da vigia para os ETs. A seguir, um dos aliens teria feito a mesma coisa, exibindo para os assombrados russos um mapa celeste onde podia se ver num canto o sistema solar e outros corpos celestes não identificados. Seguiram-se gestos amistosos, com a tentativa de comunicação através de uma lanterna – em código morse –, além de cumprimentos em russo e inglês, sem sucesso. Mas ao transmitir a expressão de uma figura geométrica em código binário, receberam como resposta uma série de sinais luminosos que, embora não repetissem a mensagem enviada pelos cosmonautas, foram entendidos como o valor de E – base dos logaritmos neperianos usados a bordo da Salyut em nível dos computadores de bordo para linearização gráfica de curvas relativas a funções matemáticas complexas. Com a mesma roupa – que lembrava de mergulho – a bordo do UFO, os alienígenas saíram da nave e flutuaram no espaço se aproximando lentamente da Salyut, como se dispusessem de assentos e passarelas invisíveis, sem equipamentos autônomos de vôo ou qualquer outro dispositivo que assemelhasse às técnicas desenvolvidas na Terra. No fim do quarto dia, os alienígenas foram embora, deixando uma estranha saudade, segundo os cosmonautas.

As autoridades soviéticas, militares, cientistas e astronautas se reuniram em 18 de junho de 1981 para analisar os acontecimentos e assistir os filmes e fotografias da missão. Chegaram, obviamente, à conclusão de que tudo isso era confidencial e deveria ser carimbado como top secret, embora algum tempo depois, não se sabe se por determinação do Kremlin ou não, o relato da missão vazasse para o Ocidente. Em todo caso, numa fotografia oficial da Salyut pode-se ver um desenho colado no teto da cabine que mostra um enigmático rosto de traços quase humanos e de olhos puxados: lembrança do acontecido? De qualquer maneira, encerrando aqui os relatos

de satélites, sondas automáticas, cosmonautas e astronautas – grandes protagonistas na chamada Corrida Espacial, uma verdadeira competição de vale-tudo entre russos e americanos, em que ficou mais ou menos claro que a ex-URSS era tecnicamente superior. Por que, de repente, os russos desistiram de chegar à Lua com seus homens, já que suas sondas foram e voltaram com pleno êxito, se conformando apenas com a pesquisa orbital? Qual teria sido o motivo dessa desistência? Poderíamos fazer mil e uma perguntas sobre o assunto, com todas suas variáveis possíveis, mas nunca – pelo menos num estágio atual da política de desinformação mundial – teríamos a resposta. Resta esperar.

## **Começa a Grande Mentira**

A partir daqui, com esta introdução, podemos começar a falar um pouco mais claramente das mentiras, justificativas estapafúrdias e atitudes impensáveis por parte dos que deveriam zelar pela Humanidade. Desde há algum tempo, antes da chamada Era Moderna dos Discos Voadores, os diversos governos do mundo deram início a programas de investigação destes fenômenos que contra todas as suposições do povo já preocupavam as autoridades. Como já dissemos, os alemães parecem ter sido os pioneiros. Mas não garantimos isso. Aparentemente, a primeira investigação oficial foi iniciada em 28 de dezembro de 1933, pelo 4º Esquadrão de Vôo da Suécia e encerrada em 30 de abril de 1934. Em 1942, começaram as investigações secretas por parte dos Aliados e alemães, e em 1943 os ingleses deram início ao Projeto Massy.

Nos Estados Unidos a coisa era e continua sendo muito mais complexa. Os nomes de projetos, muitos deles secretos e outros nem tanto, são muitíssimos: Majestic, Grudge, Sigma, Blue Book – que servia para distrair a opinião pública –, Acquarius, Pluto, Pounce, Luna, Garnet, NRO, Delta, Blue Team, Redlight, Snowbird, etc. Estes grupos, formados em diferentes momentos, alguns absorvidos por diversos projetos e outros se superpondo de várias agências governamentais, da NASA, Pentágono, CIA, NSA. Enfim, poderiam perfeitamente provocar uma grande confusão se tivessem seus conteúdos divulgados. Portanto, como seria de se esperar, o segredo é colocado num grau vários pontos acima dos secretos nucleares.

Também diversas personalidades assumiram a direção dos mesmos para dar-lhes maior credibilidade perante o público. Assim, podemos destacar personagens, tais como o capitão Edward Ruppelt (Blue Book), o general John Samford, doutor H. P. Robertson – que ditou as primeiras normas da política do descrédito, o sistema Painel Robertson –, o doutor Donald Menzel – que transformou qualquer observação de UFO em gás dos pântanos –, major Hector Quintanilha (Blue Book) e até nosso velho conhecido, o astrônomo J. A. Hynek – que nos últimos anos de sua vida, após afastar-se de seu trabalho como consultor da USAF, dedicou-se à pesquisa ufológica livre –, entre outros. Todos esses grupos poderiam ser comparados a meros “clubinhos”, se igualados ao todo-poderoso grupo Majestic.

Os fatos conhecidos a partir da queda de um UFO em Roswell e outros acidentes subseqüentes precipitaram as determinações presidenciais nessa época, comandadas por Truman, o homem que ordenou o ataque com bombas atômicas a Hiroshima e Nagasaki. Era vital para o governo norte-americano esconder – a qualquer custo – todas as notícias sobre UFOs, principalmente se as mesmas falassem de resgate de discos voadores e alienígenas por parte dos militares. Assim, em 24 de setembro, 84 dias após o acidente de Roswell, o presidente Truman, através de um simples memorando dirigido ao então secretário da defesa James Forrestal, disse: “De acordo com nossa conversa sobre o assunto, você está autorizado a proceder com a devida rapidez e precaução. Daqui por diante, este assunto – UFOs – será referido somente como a Operação Majestic 12...”

Nesta época existia o Grupo Central de Inteligência (GCI), que mais tarde daria origem à Central de Inteligência Americana (CIA). Também existiam muitos ciúmes entre a Força Aérea e a Aviação do Exército, que disputavam com unhas e dentes o direito à posse dos objetos resgatados. Na briga, logicamente, também entrou o Escritório Federal de Informações (FBI), que não admitia ficar por fora do que estava acontecendo. Porém, no momento em que o Majestic foi criado, foi ele quem absorveu para si toda a investigação dos UFOs, que foram colocados num patamar mais alto de segurança do que o Projeto Manhattan – o que criou as bombas atômicas.

Para dispor de todo esse poder e da máxima eficiência foram criados outros departamentos para o cumprimento de tarefas específicas. Para desviar o interesse público – e dos jornalistas – foi lançada uma unidade de

relações públicas. Daí surgiram os projetos Sign, Grudge e Blue Book. Eles ficaram responsáveis por demonstrar que os discos voadores não existiam. Paralelamente, surgiram o Blue Teams e Alpha Teams, sob o novo e secreto Pounce. Em determinados momentos, todos os seguimentos de inteligência eram envolvidos no projeto para garantir que as equipes de resgate de UFOs e seus tripulantes chegassem a qualquer parte do mundo sem chamar a atenção.

O Esquadrão do Serviço de Inteligência Aérea 4602 (AISS) ficou encarregado das operações de resgate e o Projeto Moondust [Poeira Lunar] assim como o Blue Fly [Mosca Azul] deveriam localizar, resgatar e entregar ao governo veículos espaciais de origem desconhecida, além dos restos desses objetos. Os resultados eram encaminhados para a Divisão de Tecnologia Estrangeira (FTD). Estes programas foram, ao que parece, de responsabilidade do Grupo de Inteligência Aérea 7602, que existe até os dias de hoje, assim como inúmeros outros projetos ultra secretos ou acima desse grau de classificação, que eventualmente servem também como disfarce de coisas mais negras ou hediondas... Mas vamos por partes.

## **Majestic 12**

Quem eram os super cérebros que dirigiam o MJ-12 no seu início? Homens de grande prestígio e capacidade, sem dúvida alguma, embora lá e cá, vez por outra, surgiam as indicações políticas. Alguns deles:

- Almirante Roscoe Hillenkoetter, primeiro diretor da CIA até 1950.
- Detlev Bronk, diretor da Universidade John Hopkins.
- Doutor Donald Menzel, colaborador da CIA e da Agência de Segurança Nacional (NSA).
- Doutor Vannevar Bush, chefe do Escritório de Investigações e Desenvolvimento Científico (ORSD).
- Físico Lloyd Berkner, colaborador do Painel Robertson, em 1953, para desinformação e espionagem de grupos de pesquisas ufológicas.
- General Nathan Twining, chefe da 20ª Força de Pós-Guerra.
- General Robert Montage, chefe da Base Aérea de Port Bliss.

- General Walter Bedell Smith, sucessor de Forrestal [Após a misteriosa morte dele, veja mais adiante].
- Gordon Gray, assessor da Secretaria de Assuntos Psicológicos da CIA.
- James Forrestal, secretário de Defesa dos EUA.
- Jerome Hunsaker, chefe de uma ultra secreta agência ligada diretamente à espionagem.
- Sydney Sowers, primeiro secretário executivo do Conselho de Segurança Nacional (NSC).

Entre os membros da segunda fase do MJ-12 encontramos nomes bastantes expressivos que até bem pouco tempo atrás seria impensável ligá-los aos problemas da Ufologia, como o doutor Henry Kissinger – ex todo-poderoso da política internacional a serviço dos EUA – e o magnata e milionário David Rockefeller – amigo pessoal do presidente Eisenhower e irmão do super banqueiro Nelson Rockefeller. Comenta-se bastante que o Majestic 12 teria carta branca para agir livremente, sonegar informações dos presidentes norte-americanos (para poder responder à indiscrição da Imprensa com toda sinceridade). E isso não é brincadeira nem foi tirado do filme Independence Day. Pelo contrário, neste filme esse fato é abordado para ironizar o que verdadeiramente ocorreu.

Ou seja, intervir em operações secretas não apenas nos Estados Unidos, mas em qualquer parte do mundo sem prestar satisfações a quem quer que seja, eliminando assim qualquer obstáculo aos seus interesses – isso inclui silenciar testemunhas através de pressão psicológica, ameaças explícitas e até matar, como aconteceu diversas vezes. Dessa maneira, era constituído um verdadeiro governo paralelo que influenciava até na política externa do país, determinando a linha de ação dos governos de outros países sobre o assunto UFO. Isso tudo através de diversas agências em que, evidentemente, o nome do grupo deve ser silenciado. Mais adiante veremos alguns episódios que sugerem esse tipo de atuação, além da ação clara e sem subterfúgios do próprio governo norte-americano.

O trabalho dessas organizações ou governo paralelo é de uma ordem tal que, coexistindo com elas existem grupos ou projetos que agem a todo vapor para desinformar e muitas vezes, de acordo com as

circunstâncias, liberar uma pequena parcela de verdades misturada com uma porção de bobagens. Isso sem falar na transmissão de informações supostamente confidenciais a pessoas que podem influenciar na opinião pública e, com isso, denegrir ou implodir outras pessoas que diante dessas revelações ficam desmoralizadas, na mais perfeita representação do descrédito. Tal fato chegou a um ponto em que começaram a circular boatos, extraídas de supostos documentos classificados, que comprovariam que o MJ-12 é uma grande mentira e que nunca existiu. Dessa forma, nos encontramos num quase beco sem saída: verdade ou mentira?

Roger Wescott é doutor em Lingüística pela Universidade de Princeton, professor de Antropologia em Oxford, além de autor de 40 livros científicos e centenas de artigos especializados [A lista é interminável e só citaremos estas poucas informações para justificar a sua opinião sobre o MJ-12]. Wescott fez a seguinte declaração em 1988, após estudar e comparar estilística e lingüisticamente 22 documentos e cartas (considerados autênticos) do almirante Hillenkoetter: "Em minha opinião, não há uma só razão que me compele a considerar qualquer destes documentos chamados MJ-12 como fraudulentos, ou que me faça crer que qualquer deles foi escrito por outra pessoa que não o próprio Hillenkoetter." Por outro lado, encontramos uma declaração à Imprensa do ufólogo Timothy Good, que assinala que as análises mais recentes que estão sendo feitas por experts em letras de máquinas de escrever e outros analistas de documentos, estão confirmando tudo o que o doutor Wescott disse.

E na contestação, que vem de um instituição composta de profissionais céticos e desqualificadores de áreas como Ufologia e Parapsicologia, o Comitê para a Investigação Científica de Supostos Fenômenos Paranormais (Csicop) traz um comunicado que denuncia: "Os documentos eram uma fraude grosseira e uma produção rudimentar, além de serem um dos atos mais decepcionantes e deliberados jamais vistos, perpetrados por espertalhões junto aos meios de comunicação e o público, criando uma situação deveras preocupante." Até onde chega a força da verdade e a da mentira? Mas o pior dos golpes foi desferido por Barry Greenwood, editor do boletim Just Cause, da Citizens Against UFO Secrecy (CAUS), um grupo que conse-

guiu liberar inúmeros documentos oficiais através da Lei de Liberdade de Informação. O boletim diz que "... desafortunadamente, o affair MJ-12 parece ser uma perpetração fraudulenta muito grande, e como consequência disso, um galão de tinta gigante foi atirado sobre a superfície da Ufologia, manchando-a para sempre."

As considerações finais sobre o que acabaram de ler serviria como um grande exercício de pesquisa dedutiva e analítica para todos nós. Os elementos estão aí: os suspeitos, os motivos e a forma em que um ou outro podem ter canalizado a arma para o crime. Muitos outros pesquisadores da Ufologia contestaram essas críticas, afirmando que as mesmas deixam muitos pontos sem esclarecimento ou resolução, como William Moore, Stanton Friedman, Jerome Clark, Joseph Allen Hynek e o doutor Bruce Maccabee, que declararam que a questão do MJ-12 ainda estava em aberto... Em todo caso, como já dissemos, pode ser uma jogada do próprio governo.

## A grande vergonha

"De Robert Low para as autoridades da Universidade do Colorado (UC). Assunto: Alguns conceitos sobre o Projeto UFO." Assim começa um dos mais controvertidos ou, melhor dizendo, vergonhosos documentos que alguém ligado a uma universidade poderia escrever. É o chamado Relatório Condon, que a certa altura, referindo-se ao doutor Walter Roberts, diretor do Centro Nacional para Pesquisa Atmosférica (NCAR), uma entidade federal, afirma: "Ele diz que tem informações de que Colorado é realmente a primeira escolha da Força Aérea dos EUA. Que outras não tinham sido tentadas e sim, deixadas de lado. Ele acha que obteremos prestígio favorável entre os grupos certos, executando um serviço altamente necessário. Nosso estudo seria conduzido quase que exclusivamente por pessoas que não acreditam, as quais, possivelmente acrescentariam uma matéria impressiva de evidência de que não há realidade para as observações. A habilidade seria, eu acho, descrever o projeto de tal forma que, para o público, pareceria um estudo totalmente objetivo. Mas para a comunidade científica apresentaria a imagem de um grupo descrente tentando esforçar-se ao máximo para ser objetivo, mas tendo uma perspectiva quase nula de

encontrar um disco.”

Este desastroso memorando foi escrito pela equipe de cientistas do Projeto UFO da referida universidade, coordenado pelo professor Edward U. Condon, doutor em Filosofia e membro participante da equipe de trabalho que construiu a bomba atômica, em Los Álamos. Este documento vem, depois de muitos anos, esclarecer ao público sobre as verdadeiras intenções do tão decantado método científico e o objetivo da equipe de cientistas, que em dezembro de 1968, num relatório de 1.485 páginas, dividido em três volumes, concluiu que a Força Aérea Norte-Americana (USAF) nunca encontrou a mínima prova de que os UFOs sejam aparelhos ou máquinas desconhecidas.

Milhões de pessoas no mundo inteiro suspiraram aliviadas, principalmente os que redigiram aquele relatório – que custou ao erário público mais de meio milhão de dólares devido às pesquisas realizadas para chegarem nessa conclusão – à USAF, muito especialmente à CIA e a outros projetos e departamentos interessados no descrédito. Após a publicação, das conclusões da Comissão Condon, como também era conhecido o Projeto da Universidade do Colorado (UC), e que posteriormente seria ratificada pela Academia Nacional de Ciências, foram muitos os que criticaram os pesquisadores de UFOs e os grupos de pesquisas. Mas todas essas pessoas desconheciam os bastidores da farsa – da Grande Farsa – preparada durante tanto tempo e com os maiores requintes de premeditação, apenas com uma intenção: salvar a própria pele. Seria embaraçoso demais explicar ao povo e ao mundo que inúmeras vezes a USAF tinha tentado abater UFOs que sobrevoavam importantes bases aéreas e de mísseis, não uma nem duas, mas centenas de vezes, e que ela já tinha perdido muitos aviões e homens em circunstâncias um tanto duvidosas nessas caçadas.

O memorando que transcrevemos revela o espírito – não menos preconceituoso – que animava a equipe de cientistas da UC, chefiados por Condon (que como vimos, estava também ligado ao MJ-12) e contratados pela USAF após uma série de contatos que nunca foram realizados. A escolha da Universidade do Colorado foi motivada pela presença, na mesma, do professor Condon, que também tinha realizado muitos trabalhos para o governo norte-americano. Vale a pena frisar que sua indicação para este trabalho partiu da CIA, que a qualquer preço necessitava desmistificar e

ridicularizar as testemunhas idôneas que tiveram a oportunidade de presenciar algum tipo de UFO. Invocando discutíveis razões de segurança, o Fenômeno UFO devia ser apagado da cabeça do povo norte-americano e do mundo inteiro, se possível.

Graves situações foram criadas no seio da USAF e da própria CIA quando transpiraram relatórios de pessoas ilibadas, impossível de serem ridicularizadas, ou notícias provenientes do exterior, provadas e documentadas. Também houve um atrito com o então secretário da Marinha, Dan Kimball, que queria pesquisar intensivamente diversos documentos sobre UFOs e até um filme tomado no Estado de Utah que mostrava uma esquadilha de naves e, somente assim, apresentar um relatório completo ao público. As autoridades, que queriam que tudo continuasse no mais absoluto sigilo, tinham que evitá-lo a qualquer preço e além disso, convencer o presidente Truman de que Kimball precisava ser reduzido ao silêncio. Mas isso poderia ser perigoso, já que não tinham certeza de qual seria a reação de Truman. Então, resolveram esperar pelas eleições. A vitória do general Eisenhower foi-lhes favorável ao ponto do secretário Kimball ser substituído por um republicano que não entraria em choque com a USAF.

O sigilo estava garantido e para reforçar suas posição a CIA promoveu, com cientistas e representantes da Força Aérea, uma reunião no Pentágono para fazerem uma análise confidencial da realidade dos UFOs, na qual três dos seus representantes – Philip Strong, Ralph Clark e o cientista da CIA, doutor Marshall Chadwell –, garantiram sua posição. Essa reunião, realizada no dia 12 de janeiro de 1953, serviu apenas para ratificar a pressão da CIA com respeito ao sigilo total. “Eles acabaram com todo o programa. Recebemos ordens de elaborar uma campanha de desmentidos de âmbito nacional, colocando artigos em revistas e preparando programas para fazer as notícias sobre UFOs parecerem ridículas.” Quem disse isso foi Albert Chopp, adido oficial de Imprensa em informações sobre UFOs no Pentágono, ao major Donald Keyhoe no final da reunião. Dias depois, Chopp saía da USAF e posteriormente ficamos sabendo que ele esteve ligado à NASA.

O capitão Edward Ruppelt acrescentou: “Recebemos ordens para esconder as notícias de aparições de discos voadores sempre que possível, porém se transpirar uma informação importante teremos que publicar uma explicação – fazer algo para anular a notícia às pressas, e

também ridicularizar a testemunha, especialmente se não pudermos imaginar uma resposta plausível. Teremos mesmo que desacreditar até os nossos próprios homens (pilotos). É um negócio duro, mas não podemos enganar a CIA. Tudo isso me enjoa. Estou pensando em sair da ativa.” Mas antes de passar à Academia Nacional de Ciências (ANS), vamos ver quem era quem no Projeto UFO da Universidade do Colorado:

- Doutor Franklin Roach, astrofísico e diretor do Laboratório de Aeronomia dos EUA, membro do Bureau National Standard e especialista em Espectrografia Astronômica.
- Doutor Joseph H. Rush, meteorólogo do Centro Nacional para Pesquisa Atmosférica (NCAR) e do High Altitude Observatory.
- Doutor Michael Wertheimer, psicólogo especialista em conjuntos psicológicos estruturados.
- Professor David Saunders, doutor em Filosofia pela Universidade de Illinois e professor de Metodologia do Comportamento.
- Professor Edward Condon, diretor do projeto.
- Stuart W. Cook, doutor em Filosofia pela UC e psicólogo social da Universidade de Michigan.
- Dois estudantes graduados em Psicologia pela UC.
- Um estudante graduado em Letras pela UC.
- Um impressor tipográfico.
- Dois secretários.

De um total de 14 pessoas, observamos que nenhuma delas é especialista nas disciplinas fundamentais e técnicas referentes à aviação, como a Aerodinâmica, Construção Aeronáutica, Eletrônica, Química e Física Aplicadas. Isto revela – sem qualquer dúvida – que para os promotores da operação não seria nada além de fenômenos naturais desconhecidos ou farsas. Agora, analisem a composição desse grupo e lembrem que a ordem para criar o Projeto Colorado vem do Conselho Permanente da USAF. O contrato ligando as duas instituições tem sido redigido pela USAF, os fundos vêm do orçamento deste órgão, e todo o informe – realizado mediante o exame de outros informes selecionados pelo Centro de Inteligência Técnica do Ar (ATIC) – é revisado pela ANS antes de sua publicação.

Em vez de astrônomos e físicos, especialistas em radar, químicos

atomistas e especialistas em ótica, temos apenas psicólogos... Em outras palavras, não existe no mundo um grupo de psicólogos mais competentes para informar que os discos voadores formam parte de uma estrutura psicológica explicável em seu conjunto, por certas particularidades de percepção. Sem dúvida alguma, os cientistas que levaram a cabo a investigação são pessoas de reconhecida capacidade, porém o tipo de pesquisa feita leva a analisar essas pessoas que redigiram tais informes. Não podendo rastrear os discos, o que fazem é descobrir o autor da "mentira." Mas não pensem que catalogam de mentirosos os que viram alguma coisa estranha: pelo contrário, os caracterizam, os definem como criadores de histórias fantásticas, vítimas de uma histeria coletiva do tipo prejudicial, ou bem como farsantes ou lunáticos, seguindo à risca as recomendações da CIA.

Já em 1966 e respondendo a uma declaração do major Hector Quintanilha, membro da USAF e diretor do Projeto Blue Book na época, o desaparecido cientista de Física Atmosférica da Universidade do Arizona, o professor James McDonald [Veja capítulo sobre Mortes Misteriosas] disse: "Ao examinar os arquivos da Força Aérea, do Projeto Livro Azul, tive a impressão de que há de 5 a 10 vezes mais casos inexplicáveis do que nos dizem. Nada mais distante da verdade que o informe do major Quintanilha: leva o público, o Congresso e os cientistas ao erro... Nunca vi tanta superficialidade e incompetência num círculo de importância científica potencial tão enorme... Tenho a impressão de que a USAF, cujo primeiro dever é a segurança nacional, gostaria de ver-se livre deste problema. Um grande número de provas recolhidas nos últimos 20 anos (1946 a 1966) leva muitos pesquisadores a se convencerem de que os UFOs são extraterrestres."

Na URSS, famosa por ocultar segredos a sete chaves por trás da Cortina de Ferro, a principal agência noticiosa, a ex TASS, órgão do governo soviético, enviou para todo o mundo o seguinte despacho: "Por decreto do governo soviético, datado de 18 de outubro de 1967, cria-se uma Comissão Permanente Cosmonáutica da URSS que tem por finalidade estudar os informes de observações relativas aos objetos voadores não identificados e tirar deles conclusões práticas. O presidente da Comissão é o general de aviação Porfiry Stolyerov, o vice é o doutor Felix Zigel, físico do Instituto Aeronáutico de Moscou e astrônomo membro da Academia de Ciências da URSS. Como secretário atuará o doutor Arcady T. Thikhonoff, (disciplinas

interessadas), entre as quais um cosmonauta e astrônomos, além de 200 observadores especialmente qualificados nesta matéria.”

Nesse mesmo dia, após a divulgação do comunicado, o general Stolyevrov apresentou, durante uma entrevista pela tevê, uma série de fotografias de UFOs tiradas por pilotos e particulares. Em uma delas podia-se ver um objeto de forma lenticular com uma saliência na parte superior, e cujo tamanho corresponderia ao de um avião Tupolev 104 (uns 30 m de envergadura), segundo a própria declaração do general. A fotografia tinha sido obtida na região de Tiksis, além do círculo polar. A citada comissão tinha sua sede na Casa Central da Aeronáutica, sob os auspícios da Sociedade Dosaff. Esta Comissão fez tremar nas bases a USAF e as agências da Inteligência, assim como a Comissão Condon, pelas implicações que poderia trazer perante a opinião pública norte-americana. Mas a sorte namorava firmemente com o sigilo. Meses depois, o silêncio tornava a reinar na URSS e aparentemente a comissão era dissolvida.

Dos milhares de casos escolhidos entre o ATIC, a CIA, a USAF e todo o material e organização colocados ao seu dispor pelo National Investigation Committee on Aerial Phenomena (NICAP), a comissão do Projeto Colorado viu apenas 90 casos, dos quais nenhum foi pesquisado e nem interrogadas as testemunhas! E após a publicação desses depoimentos por parte de McDonald, Hynek, Robert Hall e James Harder, começaram as repressões, sendo estes sumariamente afastados de seus cargos. Para complicar ainda mais, o Instituto Americano de Astronáutica pediu ao governo uma nova investigação declarando ainda que 30% dos casos do Projeto Colorado eram inexplicáveis e salientava a importância de muitos relatos anteriores.

O caráter negativo do Informe Condon sobre UFOs, redigido pelos cientistas da UC, foi aprovado por unanimidade pela ANS, com um lapidário “Não existem.” Logo a seguir, muitos dos seus membros se arrependeram da atitude tomada, que comprometia seriamente o pensamento científico norte-americano. Depois, a Academia Nacional de Ciências foi atacada pelo antigo secretário do Interior, Stewart Udall. Numa reunião da Associação Americana para o Progresso da Ciência (AAAS), Udall taxou a ANS de “um completo brinquedo do governo” e instou para que ela fosse censurada pela sua relutância em se opor às políticas oficiais.

No entanto, o informe foi aprovado por unanimidade pela ANS,

levantando contra eles todos os organismos privados dedicados à pesquisa ufológica. Um deles, em particular o que tinha aceitado colaborar com o Projeto Condon, enviou seus melhores informes – mais de 1.500 – à UC e colocou à disposição seus conselheiros científicos e sua enorme rede de investigações. Refiro-me ao NICAP dirigido pelo major reformado da Marinha norte-americana, Donald E. Keyhoe.

No *The UFO Investigator*, publicação do NICAP, encontramos um artigo que põe de manifesto a pressa e a falta de estudo sério que presidiram a aprovação do mencionado informe pela ANS: “A aprovação absoluta do Informe Condon pela ANS começou a provocar mal-estar. As primeiras análises de alguns cientistas independentes e do NICAP revelaram graves erros de fato, omissões muito significativas e até se ignoraram as mais evidentes contradições. Contradições incríveis em cientistas a quem se considera, normalmente, entregues a procura da verdade. Nós não suspeitamos sequer que tenha existido um acordo no sentido de garantir o Informe Condon. Mas a ANS será condenada sem remédio, por causa da estranha manipulação do Informe quando se compreendem os fatos. Ela é um organismo quase oficial, criado pelo governo para fazer progredir a Ciência e servir ao bem-estar geral.” E continua:

“Em sua própria Constituição, concede a todo organismo governamental que o solicite, poder examinar os informes sobre qualquer tema de ciências ou arte, e que as despesas correspondentes às ditas consultas sejam pagas com o dinheiro dos contribuintes através do Congresso. Já que recebe uma boa parte dos seus ingressos dos fundos públicos, deveria poder contar com o próprio público em investigações e documentos tão complexos e imparciais. Porém, para valorizar o Informe Condon, o júri científico da ANS se viu obstaculizado desde o princípio. Sua função específica ficou reduzida somente à leitura do Informe e sua apreciação, sem a mínima investigação exterior. Nenhum dos casos apresentados por Condon foi verificado de forma independente, e nenhuma testemunha foi examinada pelos cientistas da ANS.

Outro fator que impediu o exame sério do Informe Condon foi

a ignorância absoluta do complexo problema UFO. Até membros experientes do pessoal do NICAP, com anos de vivência na análise e avaliação de milhares de documentos sobre os UFOs, tiveram que ler e reler várias vezes o Informe para descobrir os erros e afirmações enganosas. Para conhecer este trabalho superficialmente, o júri desses cientistas da ANS necessitaria pelo menos de um ano de estudo intenso, e contou apenas com duas semanas...

Em vista destas conclusões, parece que a equipe teve que escolher entre estas três decisões: 1) aceitar plenamente o Informe Condon, fazendo caso omissos dos seus erros; 2) afirmar que não se podia tirar nenhuma conclusão por falta de dados comprovados; 3) recusar o Informe, confeccionando a lista de suas contradições, dos seus erros e omissões de provas massivas desde a 2ª Guerra Mundial até 1966, e pondo de manifesto seu caráter negativo. Como certos homens do júri eram íntimos amigos de Condon, sugeriram que era difícil recusar o Informe. Se disse também que alguns – ou talvez todos – pensavam sinceramente que os documentos sobre UFOs eram absurdos e, portanto, não tinham nenhuma razão para encontrar defeitos nos mesmos.

A ANS declarou que seu objetivo foi ajudar o governo a decidir se eram oportunas as investigações posteriores sobre os UFOs. Mais importante teria sido entregar ao Governo, ao Congresso, à Imprensa e ao público uma descrição imparcial e detalhada do tema. Uma revisão completa teria significado também a verificação profunda das operações empreendidas pelo Projeto Condon e uma longa série de contra investigações dos casos que permaneceram inexplicados. Pela sua complacente aprovação do Informe, a ANS fez um fraco serviço ao público. Estamos de acordo com o doutor McDonald e outros cientistas: ela se sentirá muito chateada quando se revelarem os defeitos evidentes do Informe Condon.”

Eis a seguir as conclusões negativas do Informe Condon e suas recomendações em relação ao estudo científico dos objetos voadores não identificados, que já são de domínio público:

“1. O Informe analisa tão somente 90 casos – pequena parte dos relatórios relativos a UFOs cientificamente inquietantes, depositados nos arquivos.

2. Não leva em conta casos mais dificultosos registrados. Além disso, omite a discussão de determinados casos que o pessoal do Projeto examinou efetivamente.

3. Muitos deles são tão insignificantes que deveriam ter sido ignorados, já que não têm nenhuma relação com a missão principal do Projeto. Quer dizer, procurar a explicação dos casos verdadeiramente estranhos e cujo difícil esclarecimento levou a Força Aérea a criar o Projeto Colorado.

4. As argumentações tendenciosas e de natureza científica pouco consistente transbordam nos casos analisados no Informe. E ao mesmo tempo que acusa de parcialidade aos que se têm ocupado seriamente do problema UFO no passado e aos que o criticam severamente, o Informe mostra excesso de parcialidade no sentido contrário.

5. Quem se encontre familiarizado com os detalhes de qualquer relatório UFO, logo vê que alguns dos casos estudados não são apresentados nele com caráter inquietante por falta das provas oportunas. Em alguns exemplos, estes defeitos dão a impressão de que as informações sobre o caso citado são falsas. Porém, acredito que os últimos exemplos estão baseados em preconceitos, mas não pretendem enganar.

6. Apesar disso, os que preparam o Informe o fizeram com uma dúzia de casos (15%) que são dados como inexplicados. Alguns são claramente significativos, mas, ao que parece, esses UFOs indecifráveis foram ignorados, e em troca, recomendam que se considere tais casos desprovidos de valor científico.

7. O Informe está cheio de dados sem importância que chegam a desanimar muitos cientistas quando tentam estudá-lo. As análises detalhadas de observação deviam ser a matéria principal deste relatório, porém encontram-se nele, em grandes proporções, coisas sem interesse nem consistência ou matérias secundárias.

8. Ele apresenta também facetas brilhantes, mas ficam escuras pelos seus muitos defeitos.

9. Resumindo: acredito que os elementos que o compõem não alcançam, por desgraça, as recomendações claramente negativas que o próprio Condon propôs no seu resumo de análises. A aprovação da ANS logo dará, assim acredito, vergonha a ela mesma, porque é a prova de uma valorização superficial feita precisamente pelos representantes de uma corporação científica que sempre velou para garantir o prestígio de que goza o seu bom nome.

Nossa opinião é de que não será possível nenhum progresso geral posterior até que se esclareça cientificamente o problema UFO, e enquanto não se eliminem por completo as insuficiências do Informe Condon, tanto quanto seja possível. A este objetivo estão dirigidos todos os meus esforços pessoais, e o NICAP está preparando um longo contra informe de contestação. A seção de nossa corporação científica, atualmente a par da importância potencial do problema UFO, acredita que provavelmente esta contestação só produzirá efeito lentamente. Mas com o Informe pode-se ver que não representa pouco (à exceção das decisões da USAF, referentes ao Projeto Blue Book)."

As críticas de homens da Ciência à injustiça perpetrada não pararam por ali. Em 1971, surgiu através da Imprensa um dos mais fortes ataques à ANS e ao Projeto Condon, realizado por Hanniker Heaton, do jornal *Christian Science Monitor*: "Lido em sua totalidade, o relatório não podia esconder o volume considerável de provas que indicavam um fenômeno importante

e inexplicável. Mas o resumo inicial do relatório mostra um trabalho árduo sobre os UFOs, que raramente tem sido igualado no campo do conhecimento científico, embora insuficiente.” E eu disse, muito apropriadamente, um dos mais fortes ataques, porque a crítica realizada pelo engenheiro de acústica e pesquisador, autor de vários livros importantes sobre UFOs, Aimé Michel, da França, em seu livro *Pour ou Contre les Soucoupes Volantes*, editado em Paris em 1969, é um verdadeiro carrasco.

E assim temos o informe final, essa obra-prima do maquiavelismo, cujo efeito psicológico cumpre exatamente os objetivos definidos pelo doutor Low no dia 9 de agosto de 1966 [Ver nota no início deste capítulo], com um refinamento inspirado sem dúvida na publicação do memorando Low e as polêmicas subseqüentes. Este informe intenta com efeito e atinge um duplo objetivo: por um lado confirma a todos os céticos em sua convicção e por outro, neutraliza a contestação. O meio que emprega é de um perfeito cinismo, e faz honras à perspicácia dos psicólogos do Comitê... Encerramos esta página negra da história da Ufologia com uma carta enviada ao major Donald Keyhoe pelos editores do seu livro e assinada por Albert M. Chopp, antes de se demitir da USAF, e que transmite uma verdade que apesar dos muitos que tentaram ocultá-la, viverá por muito tempo:

“Departamento da Defesa—Washington, DC—À Henry Holt & Cia: em resposta à carta que recentemente nos foi enviada com respeito à obra sobre UFOs que lhes foi oferecida pelo major Donald Keyhoe, comandante reformado do U. S. Marine Corps. Nós, da USAF, temos o referido major Keyhoe como um repórter digno de fé e escrupuloso. As relações constantes que ele tem com a USAF e o concurso que nos prestou durante as investigações que efetuamos sobre UFOs, foram de uma pessoa perfeitamente qualificada na matéria. Todas as constatações de observações e outras informações efetuadas foram reveladas e postas à disposição do major Keyhoe, a seu pedido: elas constam dos arquivos do Air Technical Intelligence Center (ATIC).

A USAF e sua comissão de inquérito, o Projeto Blue Book, tem conhecimento da conclusão do major Keyhoe: os discos voadores provêm de um outro planeta. A USAF não negou jamais que esta

possibilidade exista. Uma parte do seu pessoal está certa de que se trata de fenômenos naturais, estranhos e totalmente desconhecidos. Entretanto, se as evoluções aparentemente dirigidas, assinadas por inúmeros observadores qualificados são exatas, a única solução plausível é a explicação interplanetária. Com toda atenção, Albert M. Chopp. Serviço de Imprensa da USAF."

Como corolário, transcrevo umas linhas escritas pelo cientista mais respeitado da Grécia, doutor Paul Santorini, quando soube da morte de Edward Condon, em 1974: "Os UFOs são uma certeza científica, mas é uma pena que muitas autoridades e a minoria dos cientistas oficiais sejam demasiadamente estúpidos para admitir os fatos que não estão em posição de interpretar de outra maneira. Minha idade permite-me não ficar envergonhado em expressar minha sincera satisfação com as notícias da morte do doutor Condon. É uma pena que um cientista ilustre de seu nível executasse cegamente ordens de apoiar com seu nome um relatório que constitui uma vergonha científica. Mas eu entendo que isso foi feito para agradar algumas autoridades insatisfeitas com seus casos de segurança [Do livro Os Observadores, de Raymond Fowler, página 337]."

## Observações

1. A esfera geodésica ANNA, posta em órbita em outubro de 1962, deixou de funcionar repentinamente, voltando à normalidade 7 meses depois. Nesse mesmo ano, aconteceu algo semelhante com o satélite de comunicações Transit 4-B, que demorou 6 meses para começar a funcionar. O Telstar 2, lançado em 7 de maio de 1963, funcionou normalmente até 16 de julho de 1963. Parou de trabalhar e 1 mês depois, repentinamente, voltou a emitir. Em 1964, o fenômeno aconteceu em quatro oportunidades e em 1971 o satélite EOLO se recusou durante muitos meses a trabalhar aos domingos.

2. O cosmonauta russo da primeira viagem secreta ao espaço seria Belokonov. Outro desses vôos secretos, em 28 de novembro de 1960, emitiu pedido de socorro, porém as autoridades russas disseram que o Sputnik 6 era

um vôo automático (sem tripulantes), que teria se desintegrado no espaço. Em 2 de fevereiro de 1961, foram registrados batimentos cardíacos e respiração ofegante a bordo do Sputnik 7, que posteriormente também se desintegrou, conforme foi anunciado oficialmente no dia 7 do mesmo mês. As evidências de tripulação foram gravadas pelo doutor Dogliotti, cardiologista que chegou a traçar um eletrocardiograma do infeliz tripulante. No entanto, os russos negaram a presença humana a bordo da nave.

Em 17 de fevereiro do mesmo ano, um casal de cosmonautas afirmou que algo "...flutuava perto ou junto da cápsula e que deveriam voltar para que o mundo soubesse o que se passava." Em 18 de maio de 1961, três cosmonautas, dois homens e uma mulher, cujos nomes seriam Chibotine e Dolgov – o nome da mulher não foi divulgado –, também teriam desaparecido. Posteriormente, em 20 de outubro, um outro cosmonauta de nome Lodovsky também desapareceu. A série de estranhos acidentes e desaparecimentos na Rússia culminou com a trágica morte de G. L. Dobrovolskij, V. I. Patsaiev e V. Volkov, a bordo da Soyuz 11, em 29 de junho de 1971. De todos esses acidentes, talvez nunca saibamos a verdade.

3. Outro fato extremamente misterioso aconteceu quando a tripulação da nave espacial Apollo 11 deixou a Lua para voltar à Terra. Ao descartarem o módulo lunar (LEM), que os trasladou da órbita para a superfície da Lua e desta para a órbita onde os aguardava o módulo de comando, este caiu sobre a superfície do satélite, propositadamente, para testar os sismógrafos previamente instalados pelos astronautas norte-americanos. O impacto do pequeno veículo de apenas 16 toneladas fez tremer a superfície lunar por quase 2 horas. Mas, oficialmente, ninguém se pronunciou sobre este acontecimento. A massa calculada da Lua é de 73,3 bilhões de toneladas. Como explicar duas horas de tremores? Isso só seria possível se a Lua fosse oca... Fenômenos igualmente estranhos aconteceram durante as missões Apollo 12 e 14: uma série de pequenos abalos se sucederam a intervalos regulares.

4. Objetos voadores não identificados seguiram a nave espacial soviética Salyut 2. Um perito espacial alemão ocidental disse que 18 objetos misteriosos acompanharam a espaçonave Salyut. Hanz Zimmer,



## Capítulo 3

# Alianças Espúrias

*“Se encerrarmos a verdade, enterrando-a no solo, ela crescerá e adquirirá tal poder explosivo que no dia em que explodir arrastará tudo à sua passagem.”*

– Emile Zola

**E**ste assunto, eminentemente polêmico e com muitas verdades e mentiras, é visto com desagrado por alguns e com verdadeiro pavor por outros – principalmente no que diz respeito aos governos empenhados no acobertamento sistemático do assunto UFO. Até mesmo uma inocente luzinha viajando ou parada no céu merece uma explicação nem sempre convincente quando entram em cena os esclarecedores porta-vozes oficiais. Quantas vezes nossa querida estrela da manhã Vênus foi acusada de aparecer nos mais diversos lugares, e em muitas outras serviu para ridicularizar e achincalhar reputações de pessoas sérias, de competentíssimos pilotos ou até de astronautas e principalmente de cidadãos comuns que não entendem nada de Astronomia...

Aqui no Brasil, temos um renomado astrônomo, recordista em justificativas venusianas mesmo quando o planeta se encontra do outro lado do horizonte. Infelizmente, essa prática serve de mau exemplo para outros respeitadores astrônomos, mas devemos compreendê-lo. Hoje em dia, um emprego desses não pode ser jogado pela janela... Mas voltemos às nossas verdades e mentiras, boatos de todos os tipos, inconfidência por parte dos militares, documentos obtidos não sabemos de que jeito, denúncias terríveis e, logica-

mente, desmentidos oficiais. Um velhíssimo ditado diz que onde há fumaça, há fogo. Se tudo o que se fala é mentira, não existe, é delírio dos fanáticos, então para que se incomodar tomando muitas vezes atitudes absurdamente violentas? Se alguém se ofende ou é acusado diretamente, mesmo que sejam autoridades ou instituições, o caminho legal, possível e lógico é uma ação ante a justiça competente. Se for comprovada a impropriedade das acusações, o responsável terá que se explicar e receber os rigores da lei, principalmente no chamado país da democracia: os EUA.

Mas não é isso que ocorre quando o assunto são os UFOs. Alguns integrantes dos grupos de Inteligência chegaram, abertamente, a acusar o ex-presidente norte-americano George Bush de fomentar o ingresso de drogas pesadas nos EUA e promover sua comercialização quando este era diretor da toda-poderosa CIA. Até agora, muitos anos depois, seu acusador não foi julgado nem condenado. Claro que na batalha judicial teriam que vir à luz muitos documentos do governo norte-americano que por alguma razão não podem ser mostrados. Dessa maneira, as acusações e dúvidas sobre a lisura das autoridades vão ficando cada vez mais comprometidas.

Milhares de documentos sonegados com os misteriosos carimbos da classificação *top secret*, *confidential*, ou *eyes only* não podem vir à tona em hipótese alguma. E em seu nome se cometem arbitrariedades e se joga a constituição e o texto da lei no lixo. Por essas e outras razões, vem à nossa memória os fatos de Watergate, Irã-contras, Baía dos Porcos, a morte dos irmãos Kennedy, Luther King e outros casos igualmente sujos e mentirosos. Além disso, a morte de políticos, cientistas e militares que ameaçaram falar ou tomar atitudes que evidentemente incomodam certos poderes, como se houvesse um outro e misterioso “governo paralelo.” Por que esse silêncio e atitudes?

Ao chegarmos à Úfologia, depois de muitos anos em que esta não parecia ter nada a ver com os fatos narrados acima, descobrimos que na realidade ambos estão intimamente ligados num emaranhado de intrigas palacianas e numa gigantesca confabulação mundial muito mais tenebrosa do que poderíamos imaginar. Alguma coisa tinha que ser feita para juntar fundos para pesquisas ou ações que o congresso norte-americano não podia conhecer. Não era necessário simplesmente criar um caixa 2 para fundos de campanha, e sim um capital para financiar os chamados projetos negros, as armas secretas, biológicas ou químicas, as bombas do apocalipse, os raios da morte e as

pesquisas de fenômenos paranormais aplicados à espionagem de UFOs e naves caídas ou acidentadas. Além disso, deveria haver um sistema de recuperação e pesquisa, uma engenharia reversa para saber como as experiências eram feitas e como duplicá-las, qual tecnologia seria empregada na autópsia de cadáveres extraterrestres, além de um grupo especial para cuidar desses casos e também para tirar do caminho quem quisesse atrapalhar.

Podemos então desprezar acusações levianas feitas aos militares e ao governo norte-americano quando começam a se acumular fortes evidências de sua procedência? Para cada verdade que emerge, são centenas ou milhares de mentiras se contrapondo. E o pior chega quando se fala de alianças espúrias levadas a cabo entre os EUA e uma nação alienígena, já que isso não diz respeito aos americanos, mas à toda a população mundial. Já existiam comentários e boatos que sugeriam algo assim, mas nós resistíamos em acreditar neles, pois seria cruel demais. E ainda víamos os esforços dos cientistas e militares dos EUA querendo criar comissões para investigar o Fenômeno UFO – que acabaram fracassando [*Vide relatório Condon*] ou seus resultados foram negativos.

Quanta mentira, quanto deboche! Mas aonde nos levam estas descobertas? Ao que parece, tudo pode ter começado em Roswell. De repente, o governo e os militares norte-americanos se encontraram com um UFO e seus tripulantes. E acredito, no primeiro momento, não devem ter sabido por onde começar. Se a queda do UFO de Roswell foi um simples acidente, a cabeça dos militares deve ter dado um nó. Era óbvio que quem colocasse primeiro as mãos num daqueles engenhos que infernizavam a vida de todos em plena Guerra Fria ou que descobrisse o seu funcionamento e se apoderasse das suas armas tornar-se-ia o dono do mundo. E isso tinha que ser conseguido a qualquer preço e com sigilo total.

Depois de tramarem todo o seu sistema de atuação, contando com a ajuda de Truman, se avocaram com total dedicação à sua missão [*Veja capítulo anterior*]. Entre várias coisas, era vital para o projeto conseguir outros discos para realizar o trabalho de engenharia reversa, que não é outra coisa que ir desmontando – no caso – um UFO para analisar com o quê e como foi construído, para assim chegar a fabricar outro igual. Simplisticamente, é essa a forma de descobrir o X do problema, tal como se faz na nossa doméstica espionagem industrial: quando não se tem acesso a uma

determinada fórmula, adquire-se o produto ou o rouba para que, após analisá-lo, se descubra como ele é feito.

Foram anos terríveis para o governo paralelo norte-americano, já que um UFO tinha caído no seu quintal, e a qualquer momento também poderia cair outro no quintal do vizinho... A Força Aérea entrou em ação, tentando – a um custo altíssimo – derrubar qualquer UFO que entrasse no espaço aéreo americano. Foram muitos os pilotos que perderam a vida nessa louca missão. Entretanto, não está muito claro quando foi exatamente o início da aproximação de uma das nações ETs que nos visitam. Comenta-se de encontros acontecidos na Base Aérea de Hollomann (EUA), entre representantes alienígenas e o então presidente Dwight Eisenhower, com troca de protocolos de intenção e até emissários diplomáticos. Mas tudo isso ainda está no terreno da especulação ou do aprofundamento das investigações. O que interessa, realmente, é que de uma forma ou de outra parece que este acordo foi fechado.

Dizem que os contatos foram feitos com duas nações diferentes, sendo que uma oferecia desenvolvimento espiritual em troca de desarmamento nuclear, e a outra, tecnologia avançada bélica em troca de bases e liberdade para realizarem suas experiências genéticas sem serem perturbadas. Também teriam se comprometido a fornecer ao governo norte-americano a lista dos nomes das pessoas abduzidas. Em resumo, isto é o que poderíamos chamar, na melhor e mais polida forma, de alianças espúrias. A seguir, vamos tentar esclarecer um pouco estas denúncias dando uma ordem aos fatos para emprendermos uma melhor compreensão do fenômeno.

Segundo Milton Cooper, o polêmico ex-agente da espionagem norte-americana, a corrida pela conquista da tecnologia alien teria começado em 1939, quando um UFO acidentado na Alemanha foi supostamente capturado. Com base nesta descoberta, os cientistas de Hitler teriam dado início a uma série de projetos avançadíssimos para a época, entre os quais, um avião em forma de disco voador *[Na realidade foram dois projetos de aparelhos com formato discóide]*, sendo que um deles subia até 12.000 m em poucos minutos e se desenvolvia a mais de 2.000 km/h, quando os melhores caças aliados mal chegavam a 600 km/h. Desses trabalhos só restaram alguns desenhos. O primeiro projeto de um disco voador alemão foi realizado pela equipe formada por dois técnicos alemães, Rudolf Schriever e Habermohl, com a participação

de um cientista italiano de nome Bellonzo. Depois, outro alemão, de nome Miethe, participou dos trabalhos. Segundo algumas informações da pós guerra, em 1942 Schriever, que era engenheiro aeronáutico da Força Aérea Alemã (Luftwaffe), apresentou o projeto considerado definitivo. Em 1944, a equipe construiu um protótipo que acredita-se ser impulsionado por turbinas fabricadas pela BMW e testado em junho daquele mesmo ano.

Este projeto recebeu a designação V-7 e tinha 42 m de diâmetro, fazendo seu primeiro vôo de teste em 4 de fevereiro de 1945, subindo a 11.450 m em apenas 3 minutos, a uma velocidade de 2.000 km/h, na horizontal. Acredita-se que o mesmo Schriever teria projetado outro disco menor de apenas 15 m de diâmetro, mas não há notícias se o mesmo foi construído ou não saiu da prancheta. É interessante observar que as medidas destas naves, coincidentemente ou não, são bastante semelhantes às dos discos voadores observados em todo o mundo. Outro teria sido criado por Miethe e voado em 1945. Desse modelo, apenas um protótipo foi supostamente construído até o fim da guerra. E um quarto projeto teria sido desenvolvido por uma cientista alemã de nome Schauberger, que só foi descoberto pelos aliados em 1946. O mesmo tinha a clássica forma de sino, tipo adamskiano [*Referente aos discos observados por George Adamski*].

O que mais chama a atenção sobre estes projetos é que são posteriores à suposta queda de um UFO na Alemanha em 1939, o que leva a pensar que se o acidente aconteceu de fato, então não foi por acaso nem coincidência que os cientistas alemães desenvolveram esses trabalhos. Conforme a pouca ou inexistente documentação achada nos arquivos dos nazistas, tais programas são incrivelmente semelhantes aos milhares de UFOs vistos, fotografados e filmados no decorrer dos últimos 50 anos. Se os alemães tivessem podido levar a cabo o desenvolvimento desses aparelhos, sabe Deus qual teria sido o desfecho da 2ª Guerra Mundial. Esse talvez teria sido o estopim para a corrida desesperada dos americanos para conseguir botar as mãos na tecnologia alien, já que é muito provável que alguma documentação secreta que tenha escapado da destruição de arquivos do Centro Espacial Alemão, em Peenemünde, ou em outros centros de desenvolvimento de projetos espaciais, tenha ido parar nas mãos dos russos.

Estes foram os primeiros a chegarem naquele local durante a invasão aliada e, por causa disso, Werner von Braun, Hermann Oberth e outros cientis-

tas importantes fugiram, preferindo se entregar aos americanos. É fato, embora pouco conhecido ou reconhecido, que a captura de documentos e projetos, assim como um elevado número de técnicos e cientistas, como os já citados, além de inúmeros foguetes V-1 e V-2 propiciaram aos EUA e a ex-URSS a aventura espacial. Se o homem chegou ao espaço e à Lua, não foram os americanos nem os russos que conseguiram isso, e sim, os alemães... Paralelamente, os alemães teriam desenvolvido outros tipos de armas além dos foguetes, chegando até a investir nas energias extra-físicas.

Com esses antecedentes, é fácil imaginar o desespero dos americanos em poder descobrir a tecnologia alienígena. Até que, em fins de abril de 1954, teriam acontecido os já comentados encontros secretos entre extraterrestres e representantes do governo norte-americano. O resultado desse acordo foi a implantação de diversas bases de operações dos ETs com a conivência dos americanos. A ligação dessas bases teria sido realizada através de túneis, escavados com métodos super avançados (talvez fruto do repasse de tecnologia). O diâmetro dos mesmos seria da ordem de 45 m construídos por meios mecânicos ou químicos, ou ainda pelo emprego de raios desintegradores. Isso sem falarmos nas cavernas: verdadeiras cidades fabricadas durante os testes nucleares subterrâneos. Estas informações técnicas foram publicadas no *Journal of Borderland Research*, de março de 1953.

Mas elas não parecem estar de tudo erradas. Pelo menos, os túneis existem, conforme matéria exibida no programa *Fantástico*, da Rede Globo, quando o repórter Hélio Costa [*Antes de abandonar o jornalismo e dedicar-se à política*] mostrava esses túneis por onde circulavam trens carregando mísseis de um lado para o outro constantemente, para evitar – no caso de uma guerra com os russos – que fossem destruídos nas suas bases de lançamento. Essa informação é coincidente com a que algumas testemunhas descrevem. Os túneis e os trens que por ele circulam, existem e, evidentemente, o repórter que fazia uma matéria sobre a Guerra Fria mostrou apenas o que as autoridades norte-americanas decidiram mostrar.

A mais importante dessas bases aliens, até o momento, é uma localizada perto da cidade de Dulce, ao norte do Novo México, e que abrigaria ou abrigou, na época, 18.000 alienígenas. Essa base é fundamentalmente um laboratório genético, embora existam outros tipos de pesquisas ali realizadas pelos extraterrestres e pelos americanos. Da sua construção teriam participado



Arquivos do autor

gigantescos grupos econômicos e políticos, entre os quais a Rand Corporation. Outros participantes seriam a General Electric, AT&T, Hughes Aircraft, Northrop Corporation, Sandia Corporation, Walsh Construction Company, Stanford Research Institute e The Bechtel Corporation, além do Colorado School of Mines, entre outros. Dulce é na sua essência uma construção vertical subterrânea, possuindo talvez, conforme algumas estimativas, bem mais de 70 metros de profundidade.

**Acima, o cientista Werner von Braun autografa um de seus livros para o autor Alberto Romero. Este foi o homem que deu impulso à pesquisa e à conquista do espaço pelos norte-americanos**

Nos seus laboratórios seriam estudados os implantes para o controle da mente e as unidades bio-psi: dispositivos para controlar o estado de ânimo, o sono e os batimentos cardíacos. Também se ocupam com a Biologia Dispensável Inteligente (humanóides), com a criação de seres híbridos e mutantes e com a manipulação de DNA, sendo que alguns desses projetos são repassados para o controle do Defense Research Projects Agency (DARPA). No nível 4 de Dulce existem laboratórios para a investigação da áurea humana, sonhos,

hipnose, telepatia, etc. Com base nesses estudos, os cientistas tomam conhecimento de como manipular o corpo bioplasmático do homem. Podem reduzir suas batidas cardíacas por intermédio das ondas delta e até induzir um estado de choque para depois reprogramar tudo, via cérebro-computador, e introduzir novos dados, reprogramando reações em suas mentes. O nível 5 seria o local onde os alienígenas moram, e os níveis 6 e 7 (o máximo conhecido por alguns informantes), onde eles trabalham.

Desses laboratórios surgiram também aparelhos capazes de modular ondas que afetam o sistema nervoso e podem causar náuseas, fadiga, irritabilidade e até provocar a morte. As pesquisas sobre as relações biodinâmicas entre organismos (plasma biológico) permitiram produzir um raio que muda a programação genética e a saúde do indivíduo atingido. Ali também são realizados estudos e pesquisas que deram origem ao *Projeto Genoma*, definido por David Shirley, diretor do laboratório Berkeley, da seguinte maneira: “O projeto Genoma poderá ter o mais importante impacto sobre a Humanidade que qualquer outra iniciativa científica executada antes.” Ainda no nível 6, chamado de Câmara dos Pesadelos, podem ser vistas verdadeiras aberrações genéticas. Pessoas com vários braços e pernas, híbridos ou misturas de seres humanos e répteis. Existiam também humanóides com asas, parecendo morcegos gigantes. Já no nível 7, há milhares de seres humanos e humanóides, assim como embriões humanos congelados e adultos enjaulados, vítimas de experiências com drogas de alto risco.

Em 1979, houve um desentendimento entre humanos e aliens que custou a vida de pelo menos 66 humanos, entre cientistas e soldados. Milton Cooper, na sua versão dos fatos, afirma que os alienígenas começaram a desrespeitar os acordos em 1979, e que o confronto aconteceu em 1984. Há ainda outra versão que diz que os conflitos em Dulce começaram em 1978 e a guerra teria acontecido porque os aliens não queriam que os soldados entrassem armados em determinado local, com medo de uma explosão. Certa vez, mataram um homem que entrou armado, iniciando-se assim a chamada “Guerra de Dulce.” Isto aqui colocado não é senão um resumo do que aconteceu em Dulce. Precisamos dizer mais alguma coisa?

Existe no Estado de Nevada, nos EUA, um local conhecido como S-4, perto da Groom Lake, e também conhecido como Área 51, a *Dreamland [Terra dos Sonhos]*. Nessa área também se encontra a Base Aérea de Nellis. De

fato, ali acontecem coisas que só poderíamos imaginar em sonhos, mas a realidade assemelha-se mais a um pesadelo. Os sistemas de segurança deixariam com inveja os produtores dos filmes de James Bond, e até o próprio George Lucas e Steven Spielberg. A maior parte da Área 51 fica localizada em níveis subterrâneos, e quem olhar de fora dificilmente poderá imaginar que embaixo dessas construções simples, que parecem mais um rancho, se desenvolvem atividades secretíssimas.

Os elevadores que conduzem aos níveis subterrâneos, assim como as fechaduras de segurança, são construídos com a mais avançada tecnologia, possivelmente como os subterrâneos de Dulce, cujos elevadores não são puxados por cabos nem condutores elétricos, mas deslocam-se por magnetismo. Nessa área são testados novos aviões militares, como o SR-71, os caças invisíveis utilizados na Guerra do Golfo – os Lockheed F-117, e os bombardeiros Northrop B-2A Spirit, ambos do tipo *Stealth*, assim como outros projetos secretos normais. Entretanto, os testes mais rodeados de mistério e dentro das mais rígidas normas de segurança são – sem lugar a dúvidas – os realizados com UFOs autênticos (extraterrestres), capturados ou recebidos como uma prova de boa vontade, e outros saídos da capacidade tecnológica desenvolvida através da engenharia reversa e/ou do assessoramento alien, fabricados nos EUA.

Os primeiros são operados por pilotos norte-americanos treinados pelos aliens ou pelos próprios greys, e os demais, pelos pilotos de provas da USAF. Tanto se fala e se falou na Área 51 que os militares estão desativando-a e levando os testes secretos para outras bases. A mudança pode também ser mentira para afastar os curiosos... Estou, talvez, me adiantando demais no relato, já que muitos leitores poderão se perguntar se tudo isso não passa de simples especulações.

Vamos analisar alguns detalhes antes de prosseguirmos. Desde 1947 – pelo que diversos pesquisadores puderam apurar extra-oficialmente – até os dias de hoje, teriam sido capturados, em acidentes ou não, 34 discos voadores (alguns em relativas condições de voo) e 131 corpos alienígenas, entre os quais, vários com vida. Não é difícil supor, mesmo que tivessem capturado apenas um, que os cientistas devem ter queimado as pestanas para descobrir como eram fabricados e com quais materiais, combustível, etc. Correto? Com respeito aos seres capturados com vida, é óbvio que devem ter feito todos os esforços e testes necessários para mantê-los vivos o maior tempo possível, e assim tentar saber,

por intermédio deles, alguns detalhes sobre suas máquinas.

Se aceitamos a tese de que uma nação ET fez ou assinou algum tipo de acordo operacional entre eles e os militares norte-americanos, as já citadas informações têm muita probabilidade de serem verdadeiras. E uma das demonstrações de boa vontade por parte dos ETs poderia ter sido a ajuda para salvar os tripulantes da Apollo 13, ganhando assim a confiança do governo norte-americano [*As datas do vôo da Apollo seriam compatíveis*]. Quero ressaltar mais uma vez que estamos expondo hipóteses baseadas em evidências muito fortes, depoimentos de algumas pessoas e pesquisas em livros e documentos que, após exaustiva triagem, nos forneceram os elementos apresentados. Não tive acesso a documentos secretos. Apenas tracei uma visão dos fatos, evidências e inconfidências que não são privilégios meus, mas que estão e sempre estiveram à vista e ao alcance de todos. Eu apenas os arrumei, dentro do que pode ser chamada de pesquisa analítico/dedutiva, para colocá-los ao alcance de todos. Esclarecido isto, vamos continuar.

Muitos documentos sobre UFOs foram conseguidos através da Lei de Liberdade de Informação dos EUA, após terríveis e desgastantes batalhas jurídicas. E assim mesmo, quando vêm à luz nomes, datas, patentes de militares, enfim, tudo que poderia ser de valor em uma investigação é censurado. E temos a certeza absoluta de que pelo menos 90% dos documentos foram sonogados e amparados por dispositivos que alegam segurança total para o governo. E se tudo isso fosse delírio de ufólogos ou fanáticos? Se os UFOs não existissem, por que a censura e o ocultamento de informações e documentos? Ao que parece, o assunto é muito mais sério do que podemos ou ousamos imaginar. Entretanto, todas as pessoas que se arriscaram a ficar observando desde a entrada que rodeia a Área 51, na maioria das vezes, puderam avistar UFOs que, sem lugar a dúvidas, decolam dessa base americana, fazem manobras diversas em plena madrugada e após alguns minutos de vôo pousam novamente. Além disso, diversos vídeos foram filmados nesse local e são prova do que lá acontece, inclusive o aparecimento de enormes UFOs que pousam pouco antes do amanhecer, em dias específicos, como se fossem aviões cargueiros.

Como se isso não bastasse, em diversas ocasiões foram vistos enormes discos voadores escoltados por esquadrilhas de helicópteros sem identificação. Sem dúvida, existe “algo de podre nesse reino” que não é da

Dinamarca... Para reforçarmos ainda mais as nossas palavras, existe um polêmico depoimento de um cientista que afirma ter trabalhado na Área 51. Os jornalistas que investigaram a vida pregressa de Robert Lazar, o tal cientista que afirma ter trabalhado na Área 51, deixaram ainda mais suspeitas. Em nenhum lugar dos pesquisados foi possível encontrar documentos que provassem – pelo menos – que Lazar existia... Nem mesmo no hospital onde nasceu, em Coral Gables, na Flórida.

Em todo caso, vamos às informações fornecidas pelo próprio cientista. Robert Lazar estudou no Pierre Júnior College, no Califórnia Institute of Technology, na Universidade do Estado da Califórnia e cursou doutorado em Física pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT). Trabalhou no Laboratório Nacional de Los Álamos – fato que foi negado pelo laboratório e que mais tarde tiveram que voltar atrás, quando jornalistas conseguiram provas de que, efetivamente, Lazar havia participado de projetos secretos, dentre os quais, no sistema de defesa Star War. Posteriormente, prestou serviços dentro da Área 51 (S-4), fato também negado pelos Serviços de Inteligência da Marinha e também provado pelos próprios jornalistas através de um formulário de seguro social. Esses documentos traziam o carimbo com a classificação de segurança MAJ (*Majestic*)!

Entre outras coisas, Lazar descreve as instalações da S-4: *“A instalação ocupava grande parte do interior da montanha... O esquema de segurança aplicado era realmente muito eficaz. Principalmente porque utilizavam-se de vários métodos de intimidação, incluindo ameaças de aplicação de drogas e hipnose. Tudo isso para assegurar que todos mantivessem suas bocas fechadas. Em certas ocasiões, durante sessões de segurança, os guardas nos apontavam armas.”* Ele disse ainda que teve conhecimento de documentos onde eram citados os UFOs e até fotografias dos aliens. Além disso, chegou a ver os relatórios das autópsias. Mais tarde, teve a chance de conhecer um disco: *“Era excitante, que mais posso dizer? Claro que ainda não podia afirmar se era uma nave extraterrestre ou apenas uma nave que nós, terrestres, teríamos desenvolvido. Somente mais tarde é que pude reconhecer que era alienígena.”*

O objeto tinha aproximadamente 15 m de diâmetro e 5 m de altura e estava guardado em um dos hangares. Certo dia, lhe permitiram entrar na nave, que ele descreve como parecendo alumínio fosco, da mesma cor por

dentro e por fora. As cadeiras eram pequenas, como se fossem para crianças, e alguns componentes da mesma já tinham sido retirados. *“Era como se tudo fosse fundido numa única peça.”* De resto, a nave parecia em perfeitas condições operacionais. Entre outras coisas, Lazar conseguiu descobrir que a fonte era um poderoso reator de antimatéria totalmente revolucionário, e sem dúvida nenhuma a Ciência terrestre ainda não tinha condições de desenvolver. O reator tinha o tamanho de uma bola de basquete e produzia um campo de força ao seu redor. Também produzia um campo de gravidade incompreensível para os cientistas da Terra.

Entre outras revelações feitas por Lazar num depoimento dado em 1989 a uma tevê norte-americana, ele falou sobre o tipo de combustível utilizado pelos discos voadores, que seria o elemento 115 da tabela periódica, muito pesado, de cor laranja e que não podia ser achado naturalmente na Terra—considerando ainda que este elemento não poderia ser sintetizado pelos cientistas. E disse mais: ele acha que os extraterrestres poderiam manipular o tempo e o espaço por intermédio desse sistema de propulsão das suas naves e que, por esse meio (a manipulação do tempo/espaço), eles poderiam realizar suas viagens pelo espaço, possivelmente através de universos paralelos. Outra coisa que segundo ele está associada ao sistema de propulsão, é que se os geradores de gravidade estiverem na configuração apropriada, poderiam se tornar invisíveis. Dá para imaginar o que tais descobrimentos significariam numa guerra?

Essa hipótese nos leva a lembrar um fato acontecido em nosso país, quando uma revoada de 20 UFOs deu muito trabalho à aviação de caça da Força Aérea Brasileira (FAB). Segundo os pilotos que participaram da missão de interceptação, em certos momentos os UFOs eram nitidamente detectados pelo radar, mas não era possível vê-los. Já em outros, os objetos apareciam ante seus olhos, mas os radares de bordo não acusavam. E isso não é privilégio da FAB. Com a aviação norte-americana aconteceu muitas vezes a mesma coisa.

Durante o tempo em que trabalhou na S-4, Lazar chegou a ver nove naves guardadas nos hangares, sendo que pelo menos a metade delas estavam em condições operacionais. *“Um dos discos tinha um buraco na sua estrutura, como se um projétil de grande calibre o tivesse atingido. Logo que vi essa cena na S-4, comecei a conectar as idéias.”* Esse detalhe parece ser coerente

com as afirmações do major Donald Keyhoe, do *National Investigation Committee on Aerial Phenomena (NICAP)*, que afirmava que a Força Aérea tinha tentado em várias oportunidades derrubar UFOs para poder estudá-los. No depoimento, Lazar conta que viu essas naves decolando e se deslocando nas proximidades da base, embora ignore quem as estava pilotando. Ele também dá as coordenadas para quem quiser vê-los voando em determinados dias e horários. Inclusive, chegou a levar amigos para os perímetros da Base onde todos puderam testemunhar o aparecimento desses objetos.

Numa dessas oportunidades, ele e seus amigos foram pegos por uma patrulha de segurança que os advertiu e chegou a ameaçá-los para que saíssem imediatamente do local. Mais adiante, disse que em certo momento teve uma pistola encostada na sua cabeça, no intuito de amedrontá-lo, além de ter seu telefone grampeado. Assim, as coisas foram se tornando cada vez mais difíceis para ele. Alguns de seus amigos perderam os empregos, numa demonstração clara de que o pessoal responsável pelo local estava jogando duro. Sobre os documentos que ele teria visto na S-4, Lazar conta sobre alguns projetos altamente secretos que falavam sobre a operação de vôo dos discos voadores, a possibilidade de se ver o passado e o desenvolvimento de armas muito poderosas.

Inclusive um desses documentos falava de um “*intercâmbio de informações científicas*” feito entre extraterrestres e cientistas americanos na Área 51. Ele também diz que leu sobre a luta que ocorreu entre aliens e militares dos serviços de segurança da Base, explicando que tudo ocorreu porque os ETs não queriam aceitar que os militares entrassem armados no local onde se encontravam, pois poderia haver riscos de uma explosão devido ao campo de energia que havia lá. Um soldado teria sido morto, sumariamente, por não obedecer as ordens. E a luta se generalizou, levando os terrestres à pior.

Lazar também afirma ter visto relatórios sobre os aliens, do tipo alfa-cinzenta (os greys) e que o local de origem dos mesmos seria o 4º planeta em órbita da estrela Zeta Retículo 2, na constelação de Retículo, a 37 anos-luz da Terra. Estes seres seriam responsáveis por várias mudanças e correções do nosso processo evolutivo. Isso nos leva aos depoimentos de Beth Andreasson Luca, prestados sob hipnose e que estão magistralmente relatados no livro *Os Observadores*, de Raymond Fowler. O provável local de sua origem nos lembra o mapa visto por Beth Hill... O que mais poderíamos acrescentar ao

aqui exposto? Como vemos, as evidências são oriundas de diversas fontes, militares e científicas, e os depoimentos são fortes e contundentes. Mais uma vez repetimos: onde há fumaça... Sobre a transferência de tecnologia alien para os militares norte-americanos – e provavelmente russos também – há muitas outras evidências, no mínimo suspeitas. De uns anos para cá, surgiram, repentinamente, algumas descobertas na área militar, tais como aviões invisíveis com estruturas totalmente diferentes das que a evolução normal de projetos aeroespaciais poderiam conseguir.

Além dos aviões de configuração futurista, como o caça invisível AF-117 e o bombardeiro B-2A, encontramos diversos mini-aparelhos não tripulados destinados à espionagem e ao reconhecimento, do tamanho de pequenos aeromodelos, dirigidos por rádio e munidos de câmaras de tevê de alta resolução e máquinas fotográficas. Um desses modelos tem apenas 6 cm de comprimento! Esse protótipo, criado pelo MIT, ainda não tem nome, mas possui turbinas embutidas nas asas e uma hélice posterior. É o menor desses engenhos e possui também sensores que controlam a velocidade e a altitude, localizados no bico, além de uma câmara de vídeo no cockpit. Existe outro engenho que funciona nos princípios de um helicóptero, o *Helirocket*, que pode parar no ar, tem 10 cm de altura e pode subir até 1.000 m levando cargas, como balões meteorológicos ou micromísseis. O maior dessa geração tem 37 cm de envergadura. Outro, em forma de libélula, pode filmar, fotografar e bater asas como um verdadeiro inseto.

O destaque – enquanto design – é o Viúva Negra em formato de disco voador, com 14 cm de diâmetro. Ele é transparente, carrega câmaras fotográficas e é impulsionado por pequenos motores elétricos. O responsável por essa criação é a empresa *Georgia Tech*. Outros projetos apresentam motores de apenas 5 watts de potência e apenas 3 mm de comprimento, sendo que alguns estão acompanhando o desenvolvimento dos micro-espões. Voltando aos grandes veículos, já existe e foi testado, ao que parece com muito sucesso, o substituto dos já ultrapassados Space Shuttle, os ônibus espaciais da NASA. Ele tem formato cônico – muito semelhante ao ÚFO visto por um piloto civil no Rio Grande do Sul –, sobe na vertical, dispensando as grandes rampas de lançamento, pode se deslocar horizontalmente sem deixar sua posição inicial e pousar suavemente, também na vertical.

Outro avião de combate dentro da tecnologia é o Veículo Aéreo de

Combate não Tripulado (UCAV), que visto de frente assemelha-se muito a um UFO e é invisível ao radar, mesmo a velocidades abaixo do som. Além disso, pode disparar bombas teleguiadas inteligentes, comandadas a distância por um piloto que não arriscaria sua vida em combate. O UCAV parece ser da mesma safra dos bombardeiros B-2A e do caça invisível. Possui também asas em delta semiarqueadas, como de uma gaivota. E mais recentemente, a NASA divulgou imagens de uma asa transparente equipada por vários motores, que mais parece um aeromodelo. Ela pode fotografar desde grandes altitudes, suplantando alguns tipos de satélites de vigilância, a um preço super baixo. Ou seja, as tendências aeroespaciais parecem seguir um modelo e usam tecnologia de ponta, superavançada, com sistemas propulsores revolucionários e materiais para a sua construção, de aleações cada vez mais leves e resistentes.

Engraçado – se não fosse trágico – é que na área da Medicina, por exemplo, não surgiram grandes descobertas, ou pelo menos de aplicação imediata, para mitigar os grandes flagelos da Humanidade, como o câncer e a AIDS, a não ser vagas promessas de medicamentos que estarão disponíveis a médio e longo prazo. Dá até a impressão de que a morte de milhões de pessoas por ano não preocupa nem sensibiliza ninguém. Até parece que essas doenças ajudam no controle da explosão demográfica... Numa época em que não existem grandes guerras para fazer isso, as doenças podem ser a solução passiva, inclusive infinitamente mais barata e menos desgastante que um conflito mundial que poderia pôr em risco a segurança do planeta. Dos governos invisíveis também.

Uma notícia publicada por um jornal que chegou às minhas mãos – infelizmente sem identificação do veículo e da data –, presumivelmente da época da corrida espacial russo/americana, falava o seguinte: “*Cientista dos EUA quer capturar Lua marciana.*” Como definir esse título da matéria em questão? Delírio? Loucura? Fred Singer, preeminente cientista de investigações espaciais de Washington, diz que os EUA deveriam adotar uma nova meta, o mais rápido possível, enviando astronautas em vôo além dos planetas, com a possibilidade de apoderar-se de uma das Luas marcianas. Ele sugere ainda que se trouxesse à Terra parte ou mesmo uma Lua completa das que giram em volta de Marte. “*Os astronautas poderiam trazer Deimos (8 km de diâmetro) para a Terra e, portanto, remanejar o Sistema Solar.*” E acrescenta que “*seria tecnicamente possível impulsar Deimos para fora da*

*sua órbita atual e colocá-la em órbita ao redor da Terra, onde poderia ser estudada detidamente – ou poderia ser descida à Terra.”*

Tal notícia não deixa de causar surpresa, haja vista que foi veiculada já há alguns anos e revela, entre outras coisas, um suspeito interesse em Marte. Ou será que querem nos convencer agora de que a imagem da esfinge marciana e das pirâmides são apenas ilusões de ótica? Afinal, um satélite russo desapareceu após filmar uma estranha sombra de enormes proporções, projetada sobre a superfície de Marte. Ao se virar para fotografar o responsável pela sombra, sumiu definitivamente. Resta dizer que a nave russa estava na órbita do planeta vermelho para fotografar de perto seus dois satélites... E antes que alguém fale que Singer era apenas algum maluco de plantão, quero dizer que ele teve participação ativa em todo o processo da conquista espacial norte-americana. Por que o mesmo falaria uma coisa dessas?

## Capítulo 4

# Um Governo Mundial

*“Não há nada de ilusório na existência dos discos voadores. Estamos sendo visitados por civilizações bastante semelhantes à nossa, porém mais avançadas.”*

– Joseph Allen Hynek

Já está implantado o Governo Mundial, de acordo com as diretrizes e os planejamentos de uma nação ET? Ou deveríamos dizer por imposição? Desde as guerras domésticas, passando por dissidências políticas [*Vide negociações e aparente sucesso nos casos da Irlanda do Norte e da Coreia*], golpes de estado, conchavos políticos internacionais costurados por baixo dos panos, financiados e organizados longe do palco dos acontecimentos, o desarmamento nuclear das nações EUA/URSS, a marcha da economia mundial, utilizada – clara e largamente – para diminuir ou minar as forças deste ou daquele país e submetê-lo à diretriz geral. Parece que o que foi aqui escrito indica uma situação que lembra o livro de Serge Hutin, *Sociedades secretas e governantes invisíveis*. A aceitação ou reconhecimento dessa hipótese explicaria muitos casos aparentemente incompreensíveis ou desconexos entre si.

O que existiria em comum entre o aumento da incidência de abduções, observações e acidentes com UFOs, o caso Varginha, as bactérias de Marte, as sondas que o visitam e o projeto de viagem tripulada em 2011? E a lei aprovada pelo governo brasileiro que autoriza a FAB a derrubar aeronaves desconhecidas que invadam os céus do país, a atmosfera, descoberta em várias Luas de

planetas do nosso Sistema Solar, a divulgação do 3º segredo de Fátima e a ecologia? Aparentemente, o que acabamos de escrever é uma enorme bobagem ou uma confusão difícil de engolir. Porém, nas entrelinhas, observamos um movimento ou corrente unidirecional que diz por um lado coisas que desmente por outro, num aparente caos evidentemente proposital e cuidadosamente, por que não dizer, magistralmente planejado e organizado para a sua não compreensão. Vamos tentar montar esse grupo de peças do quebra-cabeças aos poucos, mesmo sabendo que vão faltar muitas partes importantes, talvez as principais. Mas no conjunto, elas poderão oferecer uma panorâmica mais ou menos reveladora.

Houve boatos, informações e denúncias que há alguns anos atrás, após iniciada a era moderna dos discos voadores, nos diziam que de fato existiam aliens em poder dos EUA, e que teria havido um encontro secreto entre o presidente norte-americano e representantes alienígenas na Base Aérea de Hollomann – como dissemos em algumas páginas atrás. Também falaram que houve um pacto de cooperação entre os ETs e os EUA e que alguns pesquisadores afirmam ter acontecido também com a URSS. Desse pacto teriam surgido acordos operacionais que evidentemente beneficiavam muito mais os aliens que os terráqueos. Particularmente, isso parece mais uma chantagem que um pacto, mas vamos lá. Isto, segundo alguns estudiosos, teria acontecido porque duas nações ETs do tipo grey (e não uma, como se supunha) teriam contatado os representantes do maior país tecnológico da Terra, os EUA. Um oferecendo desenvolvimento ético-espiritual em troca do desarmamento nuclear que colocaria em risco a sobrevivência do planeta – que, em certa medida, sabemos que aconteceu. Alguns setores mais radicais das forças armadas viram este fato com estúpido receio, já que, segundo suas brilhantes mentes, os deixariam em desvantagem perante o resto do mundo.

A outra nação ET negociou, oferecendo desenvolvimento tecnológico bélico em troca de bases para operar na Terra – algumas até conjuntas – e liberdade para continuarem suas experiências genéticas, já que algum fator estava dificultando sua reprodução e assim fatalmente seriam extintos. Em determinado período, parece que houve desentendimentos que culminaram no confronto entre os “sócios” e, em consequência, houve um grande número de cientistas e soldados mortos. Segundo algumas correntes místicas e alguns informantes militares e ex-militares, os aliens que queriam trocar

desenvolvimento espiritual pelo desarmamento tentaram demonstrar, colocando em órbita equatorial milhares de naves de tamanho gigantesco, uma clara amostra de força. Estes últimos fatos parecem ser confirmados ou evidenciados pelas descobertas por parte de renomados astrônomos de que imensos asteróides estariam girando em volta do planeta [*Ver capítulo Os Prenúncios do Contato*]. Porém a ambição bélica triunfou mais uma vez e os greys ficaram donos da situação e do planeta.

Acompanhem meu raciocínio. Existia uma rivalidade muito perigosa entre EUA e URSS nos quentes dias do início da Guerra Fria, e isso poderia detonar em qualquer momento o holocausto nuclear. Os números extra-oficiais indicavam o potencial de cada um destes países em ogivas nucleares, passível de destruir a Terra centenas de vezes! Possivelmente, ou quase com certeza, isso atingiria não apenas os combatentes, mas prejudicaria outros interesses dos extraterrestres nas suas bases e, até quem sabe, o próprio Sistema Solar. Portanto, essa situação não podia e nem devia continuar. Os meandros das negociações e divergências diplomáticas e/ou militares são tão tortuosas, para não dizer escuras, que resultam na impossibilidade de percebê-los.

A extinta União Soviética, que dominava plenamente a tecnologia espacial, tinha colocado dezenas de satélites militares em órbita, eufemisticamente chamados de científicos. Mas sabemos, com certeza, que eles cumpriam a missão de espionagem, além de serem muitos deles equipados com artefatos nucleares que em caso de conflito atingiriam seus inimigos muito antes de serem detectados. E os Estados Unidos também. Dessa forma, os aliens dominantes devem ter “encostado na parede” ambos os adversários, e para salvar as aparências aos olhos do mundo, dos eleitores e dos contribuintes e justificar os bilhões de dólares gastos no que se apelidou de Guerra nas Estrelas – alguns dos quais apoiados e financiados pelo Congresso americano – a inimizade continuava [*Certamente na Rússia acontecia a mesma coisa*]. Além desses projetos oficiais, existiam e existem outros chamados “projetos negros”, absoluta e totalmente secretos, que serviam para o acobertamento e desinformação ufológica.

Quando começaram as negociações de desarmamento mundial, assim como as preocupações com a preservação do meio ambiente, pareceu que estávamos começando a evoluir. Incontáveis ogivas nucleares russas e americanas foram destruídas, algumas frente às lentes das câmaras

de televisão do mundo inteiro. No Brasil, também aconteceram fatos semelhantes, muito provavelmente sob às ordens desse Governo Mundial, que começava a dar as cartas impondo sérias restrições ao programa nuclear brasileiro. Ele inclusive interferiu, entre outros assuntos, nos acordos atômicos entre Brasil e Alemanha, no projeto de Angra I e II, no programa do submarino nuclear brasileiro e fez vaziar denúncias através da Imprensa mundial sobre as intenções da Base do Cachimbo, no Pará, que seria utilizada para desenvolver a bomba atômica através de testes no imenso buraco escavado pela ditadura militar. Além de, é claro, denegrir a imagem do país por causa dos acordos nucleares e da venda de urânio ao Iraque.

Sintomaticamente à disposição dos povos latino-americanos, o Governo Mundial foi eliminando as ditaduras militares e levando seus países à democracia através da escolha de representantes civis com perfis psicológicos que se combinavam. Eram políticos ambiciosos, populares e dispostos a tudo para atingir seus fins demagógicos. Enfim: Fernando Collor de Mello e Carlos Menem, no Brasil e Argentina, respectivamente – ambos amantes do esporte em todas as suas manifestações. Estes radicais representantes tentavam passar uma imagem de super-heróis, justiceiros, bons moços, envolventes e sedutores, bem ao estilo e gosto dos americanos. Mais estranho ainda é saber que os programas de governo apresentados por ambos saíram do mesmo escritório de assessoria e consulta política internacional pertencente ao senhor Henry Kissinger, um dos homens mais influentes da política mundial, figura importantíssima do governo norte-americano e membro do MJ-12!

Dos outros países não posso emitir opinião por desconhecer completamente os meandros dos seus processos de democratização. Em todo caso, vemos, sem fazer menções especiais, que quando algum representante político não dá certo pode amanhecer no exílio... Mas voltando ao nosso raciocínio, quando perguntaram ao ex-presidente norte-americano Ronald Reagan, já finda a Guerra Fria, o que seria feito com todos os satélites e armas em órbita do projeto Star War, ele respondeu: *“Seria muito fácil transformar esses equipamentos em defesa contra uma invasão vinda do espaço.”* Podemos notar que diversos tratados para a utilização pacífica do espaço são assinados entre todos os países, inclusive o Brasil, tal como o que foi assinado durante a visita do secretário de Estado norte-americano, Warren Christopher, dias depois da

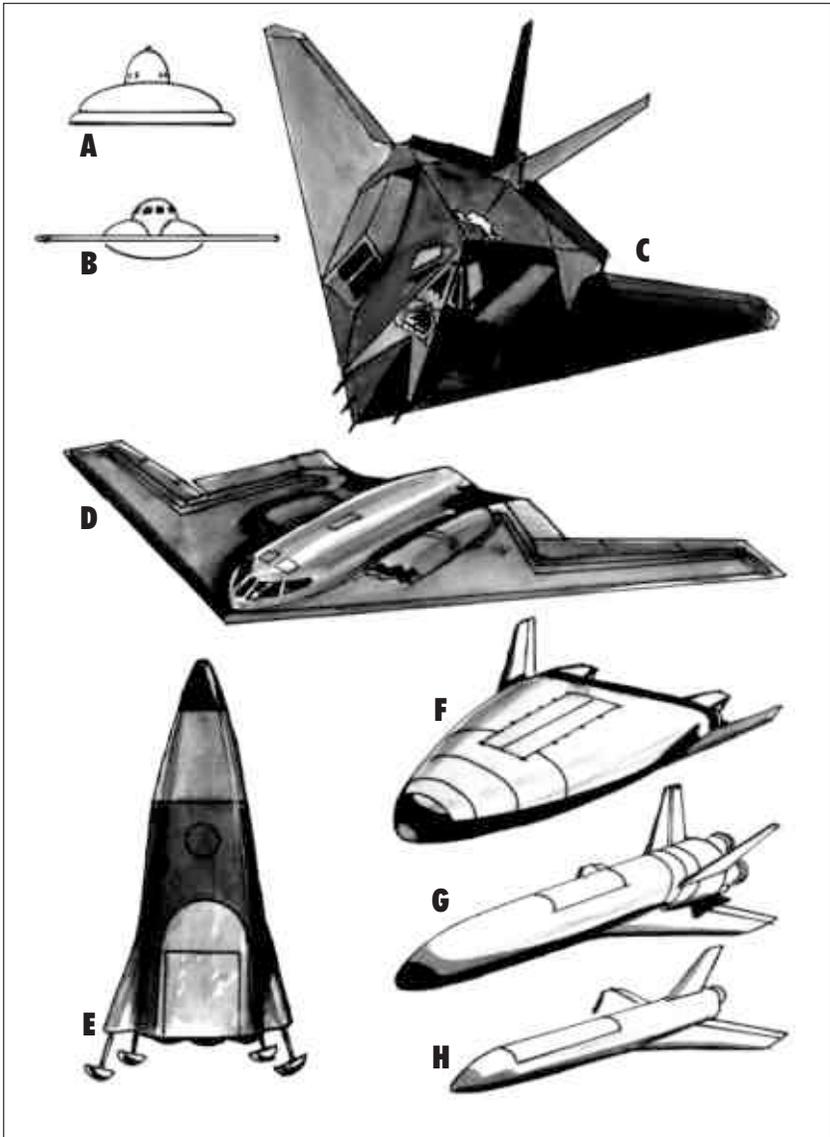


Ilustração Alberto Romero

**Veículos maravilhosos e enigmáticos. (A) O disco voador projetado pela cientista alemã Schaubeger. (B) UFO idealizado por Mieth. (C) Avião Lockheed F-117 Night Hawk. (D) Northrop B-2A Spirit. (E) DC-XA Delta Clipper. (F) Lockheed-Martin. (G) Rockwell. (H) X-34 Rockwell (NASA).**

queda de um UFO na cidade de Varginha (MG), coincidindo com a visita, fora de hora, de Daniel Goldin, diretor da NASA no início de 1996.

Tomamos conhecimento que os EUA possui e opera uma rede de satélites chamada, eufemisticamente, de satélites de vigilância, que uma vez terminada a Guerra Fria e aparentemente encerrado o projeto Star War – pelo menos para os simples mortais –, estes satélites continuavam a ser lançados cada vez com instrumentos mais sofisticados. Por que razão? Ao que parece, esse Governo Mundial – instalado provavelmente nos EUA, cujo presidente seria apenas um representante local ou administrador – teria, entre outras atribuições, que ser uma espécie de xerife do mundo, intervindo em tais assuntos, como vimos em muitas ocasiões, para evitar conflitos que se não fossem tratados cirurgicamente poderiam se transformar em estopim e detonar a 3ª Guerra Mundial.

Pensemos e analisemos com bastante cuidado: se não existir, de fato, esse assim chamado Governo Mundial, por que razão os EUA estariam preocupados em intervir, mediar negociações de paz e se envolver até em escaramuças ou batalhas que custam muito caro em perdas de homens e equipamentos? Sendo que lucrariam e muito com a venda de armas e assessores militares, apoiando ora um, ora outro – por baixo dos panos – ou ambos os contendores? Além disso, esta potência deveria ajudar a nação alien, diretora de todo o planejamento, a combater invasores do espaço com os equipamentos remanescentes do projeto Star War e outros mais sofisticados, de provável tecnologia alienígena, dando assim apoio logístico aos seus aliados, monitorando e atacando quem se aproxime da Terra, tentando invadi-la. Vejamos também, embora superficialmente, o que se refere à manipulação clara e ostensiva da economia do planeta e das experiências genéticas por parte do Governo Mundial.

**Economia:** Seus economistas parecem ter um plano específico nesta questão, que de certa forma se torna mais eficaz que o uso de armas e violência explícita para conseguir atingir seus propósitos. São pressões econômicas e desestabilização dos países alvo influenciando, dessa forma, nas bolsas de valores, nos índices de inflação, na cobrança de juros extorsivos, na manobra de taxas de importação/exportação – determinando o fluxo de taxas cambiais e fortalecendo ou derrubando moedas no mundo inteiro –,

além de estar brincando como gato e rato com as economias concentradas em bolsas de valores (muito provavelmente com ajuda ET) e estar manipulando o clima em determinados pontos do planeta para destruir lavouras e estradas. Parece fantasia? Existem projetos para este tipo de guerra há mais de 20 anos e as poucas notícias sobre o assunto deixam claro que além de possíveis, estas armas – em forma de mísseis disparados em determinadas formações de nuvens – são tremendamente eficazes. E em testes realizados na Europa superaram as expectativas. Tais armas são contemporâneas da esquecida bomba de nêutrons.

**Genética:** Na área das experiências genéticas compartilhadas ou supervisionadas pelos aliens, encontramos algumas particularidades no mínimo curiosas, ou talvez seja melhor dizer assustadoras. Recentemente, as redes de tvé mundiais falaram bastante de clonagem de animais como a ovelha Dolly, os macacos americanos, cavalos, etc. Tal manipulação genética, hoje sendo praticada já em larga escala e com finalidades comerciais, demonstra que alguns cientistas já teriam condições de clonar seres humanos híbridos misturando seus genes com os dos animais e resultando disso raças especificamente desenvolvidas para alguns propósitos, entre os quais a hibridização de homens com genes de porco com o intuito de criar indivíduos, fontes de órgãos para transplantes. Isso tudo – embora a contra gosto – nos lembra projetos de clonagem que constituiriam verdadeiros exércitos de soldados munidos de genes que elevassem seu potencial bélico – instinto assassino, no bom português.

Assim, haveria a criação de milhões de trabalhadores braçais – que não se revoltariam com a falta de salário, nem fomentariam greves – com eficiência máxima e custos reduzidíssimos. Infelizmente, esses avanços científicos nos lembram e fazem acreditar nas monstruosidades descritas nos relatórios sobre a base de Dulce, no Novo México. Tudo isso comprovaria verdadeiramente, acredito, o conluio de ETs, bases compartilhadas e experiências genéticas perante as quais os nazistas pareceriam “tímidas criancinhas do jardim de infância.” A relação de evidências é grande demais e as provas, infelizmente, quase inexistem. Mas imagino que ficando atentos e sabendo esmiuçar esta ou aquela notícia ou informação vamos nos aproximar (perigosamente) da verdade.

**Projetos Negros:** Como são financiados estes projetos negros, já que existem muitos em andamento que ultrapassam todas as classificações de sigilo e que devem ser mantidos secretos a qualquer preço? As respostas podem parecer loucura ou se converter em passaporte para a outra vida. Enquanto em nosso país muitas coisas que acontecem nos bastidores da política – anões do orçamento, contas fantasmas, fraudes do INSS, etc – vão para o buraco negro do esquecimento e da impunidade, nos EUA tais problemas podem derrubar um governo – caso Watergate – e arrasar reputações no Judiciário, Legislativo e Executivo. Mas esses projetos negros não podem parar nem correr riscos de investigação parlamentar ou prestação de contas, pois exigiriam muitas explicações que ninguém está disposto a dar.

O projeto Majestic (MJ-12) é um exemplo disso, já que envolve segredos militares de magnitude tal que muitas dessas informações não podem ser conhecidas nem pelo presidente norte-americano. Segundo alguns investigadores, o presidente Kennedy teria sido assassinado – entre outras coisas – por ameaçar o MJ-12 de denunciá-lo ao Congresso. Algumas dessas fontes de ingresso (caixa 2 ou 3) para financiar esses projetos negros seriam o comércio e a importação/exportação de drogas pesadas, contrabandeadas para dentro dos EUA através da CIA. Além, é claro, do comércio de armas – que agora o governo norte-americano tenta coibir –, que deu bastante resultado em casos como o conhecido Irã-contras.

Com respeito às drogas, essas poderiam, sem dúvida, engrossar os cofres que geram estes projetos de tanto dinheiro que nem ousaríamos imaginar. Além disso, sua massificação ajudaria, no controle populacional, a incriminar pessoas que não queiram colaborar e justificar mortes estranhas. Também se fala, no que se refere ao controle populacional, da fabricação e utilização de vírus – HIV, Ébola e outros menos conhecidos mas igualmente letais –, além de epidemias que dizimam milhares de pessoas no mundo – doenças aparentemente erradicadas ou controladas que sem mais nem menos reaparecem cheias de vigor e letalidade, tal como ultimamente a tuberculose.

Tudo isso não deixa de ser sugestivo numa época em que não há guerras mundiais que matam milhões de pessoas, com altíssimo custo, e que por essa razão está nos levando a uma explosão demográfica que acarretará sérios problemas com alimentação, poluição e diminuição ou esgotamento das

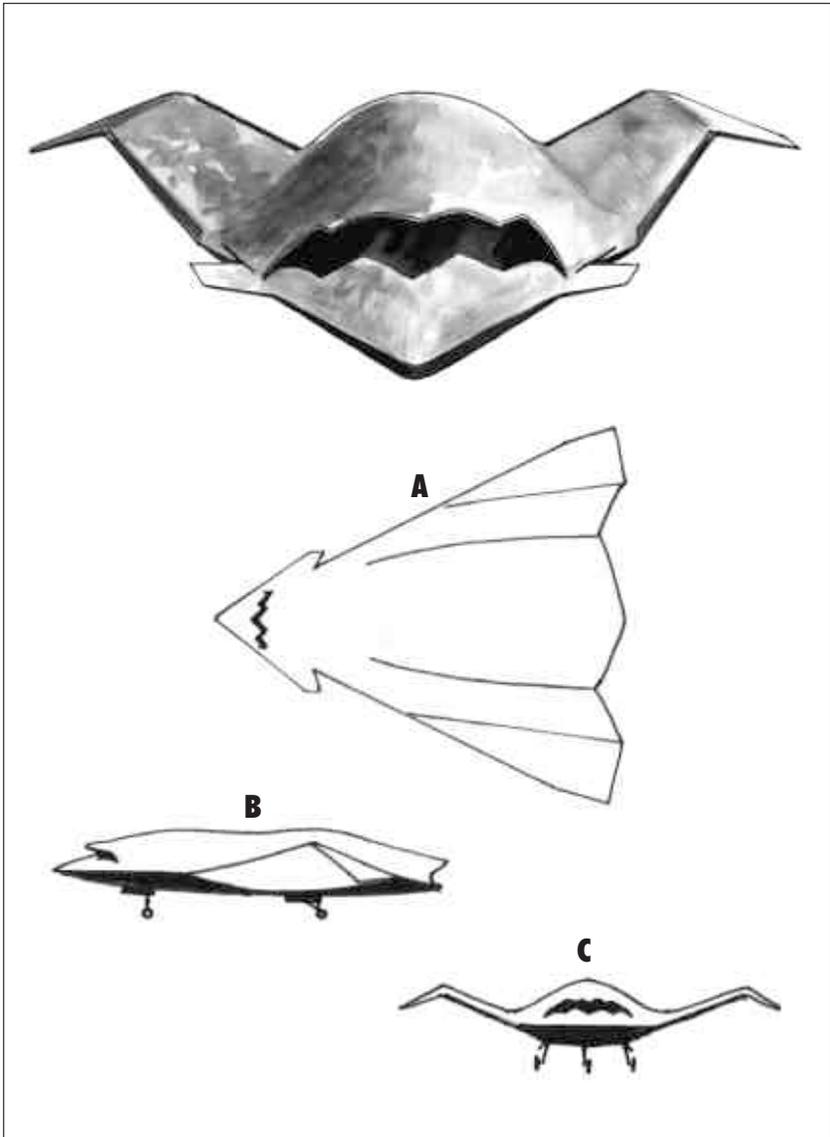


Ilustração Alberto Romero

**O fantástico avião tipo Stealth desenvolvido pela empresa norte-americana Northrop, em parceria com a Grumman. Trata-se de um veículo de combate projetado para operar sem tripulação, guiado por satélites. Sua semelhança com um UFO é notável. (A) Visto de cima. (B) Visto de lado. (C) Visto de frente.**

fontes de água potável do planeta, também ocasionando prejuízos financeiros incalculáveis e inadmissíveis. Esse último item poderia, por si só, justificar a implantação desse Governo Mundial, com poderes absolutos, para decidir sobre a vida, a morte e, principalmente, sobre a economia. Paranóico? Trágico? Francamente não sei o que responder. Em todo caso, é melhor aprendermos a dormir com um olho aberto.

**Acordos:** Os acordos e encontros internacionais em nível de governo ou nas áreas tecnológicas e no campo da ecologia sucedem com maior ou menor êxito. A tendência ou orientação é de agrupar nações e economias. A comunidade e o Mercado Comum Europeu, o Mercosul, o ALCA, o NAFTA, entre outros, mostram interesse e quase urgência em concretizar esses agrupamentos. Porém, detectamos uma diretriz em tudo isso: o governo norte-americano e uma aparente discrepância na Ásia com a China. Mas o cerco vai se fechando e os pequenos países asiáticos, que em determinado momento pareciam que iam criar asas, tiveram de repente que ver suas economias cambaleando. Infelizmente, para os simples mortais, tal fato repercutiu em quase todo o mundo. Seria um recado para a reticente República da China, aparentemente preocupada em tentar uma aproximação com os EUA? Talvez precisassem de um empurrãozinho...

Cuba é um caso à parte ou birra pessoal contra Fidel Castro – que alguns anos atrás teve dois de seus jatos desintegrados por UFOs. Todos os caminhos conduzem para um aglutinamento de países obedecendo a um Governo Mundial, por hora dissimulado, mas duramente atuante. Somados todos esses novos vestígios ou evidências, resta perguntar a quem estamos obedecendo: aos aliens bons ou aos maus? E ainda: será que os seres humanos, sorrateira e ladidamente, conseguiram uma negociação com ambas as facções, chegando a um meio termo?

Por enquanto estamos levando alguma vantagem, aparentemente, na redução das armas nucleares, na preocupação com a ecologia e com as reservas naturais e alimentícias, nas novas descobertas benéficas na área da Medicina e uma muito tênue indicação de uma provável – e ainda distante – abertura de conhecimento de vida fora da Terra. Pessoalmente, tenho quase certeza de não ter errado muito nessas deduções. Evidentemente, isso não é uma afirmação lapidar – e nem poderia. São muitas as variáveis e os caminhos, e os atalhos são obscuros e muito tortuosos. Em todo caso,

tracerei estas deduções analisando textos e notícias, unindo as mesmas e colocando-as nestas linhas. Deixo para você a última análise, a partir dos seus conhecimentos e bom senso...

## Observações

Entre as naves espaciais de última geração e os projetos avançados – possivelmente com uma tecnologia que poderíamos chamar de bizarra e nitidamente derivados de projetos e concepções distantes das nossas pranchetas –, encontramos três exemplos que podem ser os sucessores dos ônibus espaciais. Vejamos:

1. A empresa bélica norte-americana Rockwell apresenta um projeto de formato cilíndrico e curtas asas na sua traseira, sendo este, talvez, o mais parecido com os atuais Space Shuttle. Mas a semelhança pára por aí. Dispensa os gigantescos foguetes de lançamento decolando na horizontal e descendo, ao exemplo dos atuais ônibus espaciais, numa pista, como avião. Até agora, os únicos problemas são a velocidade de pouso, que é muito alta, requerendo assim pistas muito largas, o espaço destinado à carga, que é menor que os atuais, e o espaço para acomodação dos astronautas. OX-34, projeto conjunto com a NASA, é outro programa destinado a cargas mais leves – até 900 kg – e pode subir até 35.600 km levando satélites de comunicações. Sua conformação física, embora menor, é igual ao projeto Rockwell.

2. A gigante fabricante de armas norte-americana Lockheed-Martin apresenta um modelo em formato de delta [Vide desenhos do caça a jato F-117 e do bombardeiro B2-A]. Este formato triangular propicia um esquentamento menor no atrito com o ar e na reentrada da atmosfera, diminuindo sensivelmente a necessidade de proteção térmica, o peso e obviamente as pistas menores para o pouso, poupando freios. O espaço para os tanques de combustível e motor é bastante reduzido. Os depósitos de hidrogênio líquido são adicionados nas laterais internas da fuselagem, o que aumenta a capacidade de carga.

3. O mais bizarro dos modelos propostos – supostamente fruto de

tecnologia alien – é o *Delta Clipper*, conhecido como DC-XA. Esse modelo de 36 m de altura e 12 m de base tem formato cônico e um grande diferencial de seus antecessores. Aos 3,5 segundos depois do lançamento, os motores já atingem 80% da potência e, para descer, tal potência é reduzida para 50%. A grande diferença está em que o Delta pode fazer uma pausa no ar, se deslocar em pé na horizontal e depois descer verticalmente, como no teste realizado em 1993 e coordenado pelo ex-astronauta Peter Conrad (Apollo 12). O teste durou apenas 60 segundos e o Delta, em escala reduzida (12 m de altura e 4 m de base), subiu até 50 m, parou no ar, deslocou-se de lado e pousou suavemente com a ajuda de seus motores. Nos sucessivos testes realizados, o *Delta Clipper* foi muito bem sucedido, e de todos eles, apenas um explodiu em junho de 1994. Entre outras vantagens sobre os atuais ônibus espaciais, seu custo operacional é realmente arrasador. Enquanto uma missão atual sai por volta de 350 a 400 milhões de dólares, o Delta-Clipper ficará em torno de 10 milhões. Pelo seu sistema de pouso na vertical, dispensa asas e rodas, ficando mais leve, principalmente para subir, já que para escapar da atmosfera terrestre precisaria atingir 40.000 km/h.

Assim vimos um pouco mais sobre as atividades do que seria este Governo Mundial e quais são as medidas tomadas para, de uma certa forma, equilibrar a explosão demográfica planetária. Tomemos alguns dados: 1 bilhão de pessoas (1/5 da população mundial) não contam com água potável e 1,8 bilhão não dispõem de saneamento básico. Na Costa do Marfim, na África, dos 3 milhões de habitantes, 38% não têm acesso à água encanada e 15% não possuem banheiro. Segundo pesquisa divulgada pela revista *Scientific American*, para resolver o problema seriam necessários 68 bilhões de dólares em 10 anos – 1% dos gastos militares do mundo no mesmo período [Fonte: *Revista Superinteressante*, fevereiro de 1998].

## Capítulo 5

# A Verdade sobre o Programa Guerra nas Estrelas

*“É muito mais fácil reconhecer o erro do que encontrar a verdade. O erro está na superfície, e por isso é fácil erradicá-lo. A verdade repousa no fundo e não é qualquer um que consegue chegar a ela.”*

– **Wolfgang von Goethe**

**M**uita tinta foi gasta para descrever, analisar e tentar entender a Guerra Fria, assim como milhares de comprimidos para a dor de cabeça e o estresse provocados pela mesma foram consumidos. Foram anos difíceis e tensos. A qualquer minuto os “demônios comunistas” poderiam despejar toneladas de ogivas nucleares sobre o Ocidente, paraíso da democracia, moral e bons costumes, arrasando de vez com a civilização. Os russos deviam pensar e sentir o mesmo sobre os “monstros capitalistas”, e assim foram atiçados ódios e criados abismos intransponíveis. De repente, quase que disfarçadamente, se toma conhecimento de que há uma linha telefônica e aparelhos (vermelhos) ligando a ex-URSS e os EUA. Anos depois começamos a ouvir falar em distensão, acordos, Perestroika.

Timidamente primeiro e mais abertamente depois, começam a ser assinados tratados de desarmamento nuclear. Cai o Muro de Berlim... Será que realmente estivemos com a vida por um fio, ou melhor dizendo, um botão? Os UFOs ou discos voadores continuavam a não existir oficialmente, mas suas aparições, em número crescente, arrepiavam os militares ao supor

que uma dessasavas poderia fazer seus adversários a confundi-los com um ataque nuclear de surpresa e provocar a retaliação imediata com os resultados que ninguém ignorava. Portanto, era necessário – indispensável, diria – que houvesse um canal de comunicação entre os inimigos para nenhum deles apertar o botão sem necessidade. Surgiu dali o telefone vermelho (a verdadeira *hotline*) e não foram poucas as vezes em que, agourento, tocou em ambos os lados da linha, evitando a catástrofe.

Embora possa parecer cético demais, me custa acreditar que as tentativas de desarmamento se devam, exclusivamente, a um amadurecimento da raça humana, a uma maior tomada de consciência. Mas tudo pode ser. Felizmente, houve uma redução sensível do arsenal nuclear, embora ainda sobrem muitas ogivas para nos reduzir ao pó de onde viemos. Em todo caso, é um começo. Como já dissemos, há evidências que nos levam a deduzir que em algum momento alguém obrigou os Estados Unidos e a Rússia a tomar essas medidas, e a lógica nos reforça esta idéia. Mas o que fazer com o dinheiro, via caixas 2 ou 3, de ambos os lados, destinado a esse tipo de projeto? A Guerra Fria permitia, de alguma forma, o recebimento de verdadeiras fortunas por parte do Congresso e orçamentos oficiais que graças ao super-faturamento favoreciam o desvio de vultuosas cifras para os chamados projetos negros. Acabando a Guerra Fria, ficaríamos em dificuldades de caixa.

Ainda que algum dinheiro ‘pingasse’ para a manutenção dos equipamentos já construídos ou em órbita, seria muito pouco. Assim, nos atreveríamos a deduzir que houve algum acordo secreto – espontâneo ou obrigatório – no sentido de manter as aparências e continuarem a faturar. Seus brios estariam a salvo, os orçamentos secretos também, e assim o que já se encontrava no espaço ou em pleno desenvolvimento ficaria à disposição para colaborar com seus novos parceiros – e esses equipamentos e armas não eram poucos.

Falamos com um mínimo de embasamento e informações corretas sobre a *Star War* – o famigerado Programa Guerra nas Estrelas – é tarefa bastante difícil, levando-se em consideração os diferentes graus de sigilo dos documentos que nos esclarecem sobre o assunto. Mas vamos tentar, com as poucas informações que possuímos, analisar os diferentes estágios desses projetos, a defesa estratégica e os satélites de uso militar. Acho um bom começo para tentar descobrir o que pode se esconder por trás de nomes tão pomposos, e um deles até parecendo ficção científica.

Como breve introdução, gostaria de lembrar que nos anos imediatamente anteriores e durante a 2ª Guerra Mundial, por incrível ironia, se os alemães, e principalmente os japoneses, tivessem tido o cuidado ou interesse de ler as histórias em quadrinhos dos EUA e de algum de seus Aliados, analisando-as a fundo, teriam deduzido que os EUA já estavam fabricando a bomba atômica. Além de outras armas letais que fariam parte do arsenal utilizado durante a contenda, e que ambos seriam vitais para o desfecho da guerra, como ficou comprovado depois, deflagrando uma corrida desesperada dos espões de diversos países para não ficar por fora. A partir disso, talvez, no Pentágono foi criado um departamento *sui generis* que aos menos avisados pode ter surpreendido, pensando que todo mundo estava regredindo mentalmente, ou apenas brincando.

Esse departamento tinha o nome de *Buck Rogers*, que não sabemos se ainda existe, em homenagem ao lendário herói das histórias em quadrinhos de ficção científica na sua luta no espaço contra cruéis invasores. A principal missão dos técnicos e cientistas era ler tudo o que era publicado no mundo, histórias em quadrinhos ou livros – especialmente os que vinham ou conseguiam sair de trás da Cortina de Ferro. Dessa forma, conseguiram se antecipar em diversas áreas ou acompanhar, em outras, o avanço dos rivais. Paralelamente à leitura da ficção científica, eram sondados os bureaus de patentes nas mais diversas áreas para descobrir o que estava sendo registrado ou patenteado. E assim, os cientistas analisavam para que poderiam servir esses produtos, deduzindo os passos seguintes. Simples? Bem, para eles pode ser muito mais que para nós. Assim, foi possível antecipar muitas invenções e requerer a patente mundial, quase que simultaneamente à época em que era requerida a patente local pelo seu inventor ou descobridor. Hoje a chamaríamos de espionagem industrial.

Reparem que tanto em livros de ficção científica como nas populares tiras ou gibis que abordam esses temas, há uma preocupação natural, cuidado ou interesse em tornar as histórias as mais detalhistas e documentadas possíveis. Não é raro que seus autores procurem informações científicas de projetos futuros, como foguetes, naves, computadores, cibernética, robótica, etc. Os mais bem sucedidos autores desse gênero, Arthur Clark e Isaac Asimov – entre muitos outros – baseiam suas narrativas em fatos reais ou que se tornarão, num futuro mais ou menos próximo, graças aos seus conhecimentos científicos,

projeções lógicas em torno dos estágios atuais da Ciência e sua evolução, criando, dessa maneira, textos magníficos. O que se sabe hoje sobre astronáutica e espaço no campo da tecnologia de mísseis, radares, sondas e satélites, pareceria magia ou ficção científica a apenas uma década atrás, e sem analisar – o que de fato sabemos é apenas a ponta do iceberg –, baseando-nos em conhecimentos sobre política internacional e sigilo governamental. Os momentos iniciais da Guerra Fria escureciam o horizonte com presságios terríveis. Convivemos há muitos anos com a versão moderna da espada de Demócles sobre as nossas cabeças, ou será que ainda estamos?

Não se tratava apenas de criar satélites, mísseis e eletrônicos cada vez mais miniaturizados para dar a máxima eficiência às novas armas, e com custo mínimo. E aí entram em cena a espionagem industrial, de mãos dadas com a militar. Ao mesmo tempo, era necessário criar também novas ferramentas, maquinários, laboratórios, centros de pesquisa – cada vez mais secretos e sofisticados –, e contratar cérebros a peso de ouro. Além de formar novos cientistas que, sobre todas as coisas, fossem leais e discretos. Uma tarefa colossal que, sem ajuda externa, demoraria muito mais a sair das pranchetas e subir ao espaço, em transportadores especiais de satélites. Foi assim que surgiram veículos como os da série Space Shuttle, os velhos ônibus espaciais que já têm praticamente prontos seus substitutos transformados no decorrer dos anos em verdadeiros caminhões de entregas.

A tecnologia norte-americana cresceu muitíssimo nos últimos anos e, seguramente com a ajuda dos aliens, conseguiu estágios inimagináveis [*Veja capítulo anterior*]. Isso, entretanto, nos leva a dar mais valor às declarações do engenheiro Robert Lazar, quando fala em engenharia reversa realizada pelos EUA em UFOs capturados ou recebidos em doação por outros governos. Se chegou ao ponto de um satélite espião conseguir detectar o que acontece no interior de uma casa, de 500 a 800 km de altitude, além de descobrir o que há no subsolo do planeta ou fotografar uma pessoa no escuro da noite, o que podemos duvidar sobre tal tecnologia? E ainda existem pessoas que não acreditam que os ETs possam selecionar a próxima vítima de suas experiências de abdução! Podemos fotografar um objeto do tamanho de uma bola de basquete, em órbita a mais de 48.000 km de distância, utilizando lentes especiais e filmes de mais de um milhão de asas!

## O Programa Star War

O primeiro satélite de reconhecimento militar americano foi lançado em 1960, e hoje os atuais desenvolvem uma grande variedade de tarefas. Do outro lado, a ex-URSS lançava algo próximo de 100 satélites da série Kosmos por ano, dos quais 70% com objetivos exclusivamente militares. Os Estados Unidos lançam hoje, em média, cerca de 20 satélites militares por ano. Essa diferença é enganadora – já que são muito mais versáteis e têm vida útil mais longa –, pois supomos que o controle efetuado pelos ETs é muito rigoroso, e quando algum artefato não é exatamente o que parece, é destruído por eles no lançamento ou em órbita sem considerar ou se importar com eventuais perdas de vidas.

Para citar poucos exemplos, os satélites existentes na atualidade ou em desenvolvimento permitem o controle global de tropas, quem entra ou sai da nossa atmosfera, conseguem melhorar as comunicações táticas, a navegação em qualquer tempo, o lançamento preciso de armas e captação de alvos a longa distância, entre outras tarefas. A confiança nos satélites é tão grande quanto a preocupação em mantê-los ativos e operantes, já que sua perda, ocasionada por alguma ação criminosa (bélica) ou simples pane, ocasionaria grandes desvantagens. Daí a necessidade de armas orbitais que inutilizem, criem interferências ou destruam esses inimigos.

Em 23 de março de 1983, o presidente norte-americano Ronald Reagan pediu à comunidade científica meios para, em suas palavras, “...*tomar armas nucleares impotentes e obsoletas.*” O significado dessa frase, segundo o que nos parece, é muito profundo e se presta a muitos questionamentos. Por exemplo: o que poderia ser tão absoluto ao ponto de tornar armas desse tipo obsoletas? O programa surgido foi chamado de Iniciativa de Defesa Estratégica [*Out Strategic Defense Initiative, SDI*], popularmente conhecido como Star War. Embora alguns militares e observadores achassem que esse projeto poderia fornecer meios para remover a ameaça nuclear, outros, entretanto, opinavam que o mesmo poderia levar mais facilmente a uma escalada mais rápida rumo ao holocausto nuclear. Os russos deram um rápida resposta com seus próprios projetos, criando um Sistema Operacional Anti-Satélite (ASAT).

A partir daí, era apenas um passo para a criação de satélites capazes de se defender, atacando outros rivais ou empreendendo manobras evasivas que

dificultariam sua descoberta. Seguiram-se armas laser, espelhos orbitais – para refletir e devolver os raios laser –, armas de eletrodos eletromagnéticos, satélites armados com pequenos projéteis, interceptadores de foguetes, minas espaciais, etc. Como podem observar, estamos nos limitando a falar da guerra no espaço e suas armas, deixando de lado os Mísseis Balísticos Intercontinentais (ICBM) por não estarem (em termos) diretamente ligados à Ufologia, embora o sistema os englobe.

### **Satélites militares**

Os Estados Unidos mantêm diversos satélites de alerta antecipado em órbita estacionária, ou melhor explicando, geoestacionária, que permitem monitorar e controlar qualquer atividade aeroespacial. Além deles, há um número não determinado, mas provavelmente muito alto de pequenos satélites de vigilância que cobrem na sua totalidade a superfície da Terra, passando pelos diversos países, conforme a necessidade ou interesse, várias vezes no decorrer do dia. Cada um desses satélites do Programa de Apoio de Defesa (DSP) transporta um telescópio Schmidt de 3,63 m de comprimento, com aberturas de 0,91 m. No foco do telescópio existe um conjunto de 2.000 detectores infravermelhos de sulfureto de chumbo, cada um dos quais varrendo uma área de 6 km de lado a lado. Em 1975, um satélite de alerta antecipado foi temporariamente “cegado” e a responsabilidade foi atribuída a um laser russo. Acredita-se que a ex-URSS possui pelo menos dois lasers baseados em terra para funções anti-satélites.

Os EUA também possuem estas armas e uma delas foi oficializada em setembro de 1997, quando se anunciaram os testes do Miracl, embora há alguns anos já tinham sido feitos diversos testes com um canhão laser montado em um Jumbo (Boeing 747). A nova geração do Sistema de Satélites de Alerta Antecipado (SEWS), iniciada no princípio desta década, apresenta inovações, como sensores de alta resolução resistentes ao laser, que observam suas áreas-alvo constantemente ao invés de varrê-las periodicamente, assim como se utilizam de materiais ablativos para fazer com que ditos satélites sejam menos vulneráveis às armas laser.

Outro assunto importantíssimo a se tratar dentro desta questão é sobre os sistemas de vigilância e reconhecimento. A vigilância é uma atividade

monitorizada, relativamente regular, enquanto o reconhecimento é uma busca de escuta específica, possivelmente de natureza mais urgente. Embora sejam tarefas diferentes, elas atualmente estão combinadas em um único satélite equipado com vários sensores. Dentre esses satélites, o mais conhecido é o Big Bird, assim como seu parceiro de missão, o Key Hole, que transmite imagens de tevê de alta resolução, próximas do tempo real – isso em 1983, quando foram colocados em órbita os KH-8 e KH-9.

Posteriormente, o KH-11 utiliza transmissão de imagens digitais e sua órbita mais alta estende sua vida útil, contando ainda com sensores multi-espectrais e infravermelhos, além de um radar capaz de penetrar qualquer camada de nuvens. Também existem outros tipos para diferentes missões, como os Satélites de Informação Eletrônica (ELINT) que localizam rádio transmissores e fazem escuta clandestina de comunicações.

Os russos, por seu lado, também possuem satélites similares, evidentemente, mas ao que parece se adiantaram dos americanos lançando o maior satélite militar jamais feito por eles, porém com a capacidade de ser extremamente ágil e mudar de órbita quando necessário para evitar as armas anti-satélites. O maior centro de comando estratégico, controle e comunicações dos EUA é o Comando de Defesa Aeroespacial Norte-Americano (NORAD), profundamente enterrado numa montanha. Assim como várias outras instalações desse tipo, esses centros são considerados como alternativas para o presidente norte-americano, o vice e principais comandos militares, de onde poderiam continuar a governar o país (ou o mundo) em caso de guerra ou catástrofes naturais que inviabilizariam os locais normais.

Para encerrarmos esta parte, quero dedicar algumas linhas ao *Sistema Geodss*. Ele é um sistema de vigilância eletro-óptica do espaço profundo, cujas bases estão localizadas na Terra. Esse sistema fornece todo tipo de informações em tempo real. Para isso se utiliza de grandes lentes acopladas a câmaras de tevê especiais para baixa intensidade de iluminação, e ainda evita a necessidade de filmes, pois suas imagens são convertidas diretamente em sinais eletrônicos que são processados nos computadores para sua exibição visual. Além disso, pode monitorar objetos do tamanho de uma bola de basquete numa órbita geoestacionária. A rede *Geodss* consiste de estações em White Sands (Novo México), Taegu (Coréia do Sul), Maui (Havaí) e Diego Garcia (uma ilha no Oceano Índico) e no sul de Portugal.

Cada base tem dois telescópios de 1 m cada com 2,1 graus de campo visual, além de telescópio auxiliar de 38 cm, com 6 graus de campo visual, possuindo também sensores de infravermelho, dispositivos compensadores de imagens e câmaras super sensíveis. Este campo é vastíssimo e para tentar chegar perto da totalidade de equipamentos e missões às quais são destinados exigiria, no mínimo, uma obra exclusiva. Aqui estamos apresentando uma pequena parcela em relação ao todo, porém suficientemente esclarecedora sobre a compreensão da nossa proposta e linha de pensamento.

Poderíamos afirmar, neste encerramento, que estes elementos para vigilância do espaço profundo estão intimamente ligados ao acordo bilateral entre EUA e aliens, no sentido de vigiar a atividade extraterrestre inimiga. E os fatos ocorridos – que continuam a acontecer – nos dão a razão, já que seria ingênuo pensar que um míssil intercontinental inimigo poderia vir do espaço cósmico, a não ser, evidentemente, que esse inimigo não seja da Terra... Assim, podemos deduzir – para não dizer afirmar – que os acidentes com UFOs no Brasil, como Feira de Santana (BA), em 1995 e Varginha (MG) em 1996, podem ter sido provocados, talvez, por armas orbitais. E graças aos satélites já mencionados podemos saber exatamente onde caíram, acionando assim o governo e as tropas física e geograficamente mais próximas para completar a operação.

*[Durante a crise no Peru, devido ao seqüestro na embaixada do Japão em 1997 por guerrilheiros, foi utilizado, como apoio às ações governistas, o auxílio de um desses satélites. O Terrorist Incident Working Group (TWIG), ligado ao serviço secreto dos EUA, diz que "...a vigilância se processa através de um sistema espectral manipulado por especialistas". E acrescenta mais: "Um laboratório instalado num prédio vizinho à embaixada recebe sinais que há uma semana são transmitidos de forma ininterrupta por um satélite (cuja procedência não foi revelada, mas que poderia ser um Landsat americano ou um JER japonês), que foi projetado para colher imagens da superfície e do subsolo através de sensores de alta resolução, dentro do espectro eletromagnético." Essa análise revela a zona de residência minada pelo Movimento Revolucionário Tupac Amaru, as granadas nas portas do jardim e até os reféns e os 20 subversivos detectados no interior da residência, chegando ao requinte de individualizar o chefe guerrilheiro num quarto do 2º andar e as habitações em que estavam os prisioneiros.]*

O Comando Especial Naval Americano (CENA), autodenominado Guardiões da Fronteira Espacial, é responsável pela detecção de objetos misteriosos no espaço. Registra trilhas como órbitas de objetos sem identificação e pode localizar 6.000 deles. Sua área de responsabilidade é fora da atmosfera. Abaixo disso, a monitoração do céu pertence ao NORAD. O CENA afirma poder examinar o espaço a centenas de anos-luz, e qualquer objeto acima da Terra pode ser rastreado a distância. Ao se aproximar, é monitorado durante sua jornada. Se algum objeto cair ou pousar, sabe-se o ponto exato que isso aconteceu e uma equipe especial se dirige ao local. Essa rede foi criada após o chamado Incidente de Roswell para desenvolver pesquisas sofisticadas e operações de resgate – é possível que trabalhem, em certos casos, de comum acordo com o Majestic-12. Equipes são colocadas em locais estratégicos, e uma vez iniciada a operação de resgate isolam a área e se asseguram de que ninguém seja informado sobre os acidentes.

## **Um caso curioso**

Em meados de 1998, em um encontro informal em casa de amigos para um churrasco, um diplomata de carreira de um país europeu, ainda atuante e pessoa de reconhecida seriedade e competência na sua área, me confidenciou que em certa ocasião, durante um jantar em uma embaixada européia, um militar de alta patente daquele país comentou sobre a derrubada do Muro de Berlim. Não podemos declinar os nomes desses diplomatas e desse militar face ao compromisso assumido – em troca de informação – e por tratar-se de pessoa – no caso o diplomata – ainda atuante e muito respeitada, e o militar, bastante conhecido, embora já muito idoso e doente.

Um cientista norte-americano, ligado ao governo daquele país, teria recebido uma mensagem de origem extraterrestre – não foi esclarecido sobre que meios foram utilizados para captar a mesma – recomendando que sintonizassem seus equipamentos de rádio em determinada frequência e coordenadas. A mensagem, considerada pelos alienígenas de vital importância para os humanos, deveria ser comunicada ao governo soviético para que estes também sintonizassem em determinado dia e horário. A mensagem recebida impressionou muitíssimo os americanos e um pouco menos os russos, já que era uma espécie de ultimato – também não foram especificados detalhes –, no

sentido de parar de uma vez com essa disputa que colocava o mundo em perigo e acabar, definitivamente, com esse muro de separação. Deixando “mas” e “porém” de lado, a derrubada do Muro de Berlim aconteceu dois meses depois. Garanto e reafirmo que nosso interlocutor merece toda a confiança e credibilidade de nossa parte, deixando para terceiros (que não conhecemos) toda a responsabilidade por este relato que inserimos em nosso texto apenas como curiosidade e de forma complementar às informações antes citadas, pela sua extraordinária coincidência com outras já conhecidas. Verdades? Mentiras? Exageros? Quem arrisca uma aposta?

E na hora de efetuarmos a revisão dos textos apareceu, quase me olhando com ar de deboche, desde a estante, o *Livro Vermelho dos Discos Voadores*, do professor Flávio A. Pereira. Abrindo-o para folhear, deparo na página 470 com um texto em que o professor Sabayev e os doutores Vladiansky, Bornovkin e Grabuyenkov – todos físicos nucleares – comentam uma notícia segundo a qual em Irkutsky, na Sibéria, fora recebido sob forma telegráfica o seguinte texto: “*Desembarque na Terra em 15 anos terrestres...Destruição não pretendemos...Defesas inúteis...Colonização pacífica...Permuta possível.*” Transmissão que alegadamente fora feita a bordo de um disco voador e de maneira tão enérgica que chegou a danificar o equipamento de rádio de quem a recebeu. Os cientistas acima citados disseram que “*esta é a primeira mensagem autêntica que vem de um UFO...*” Terá alguma coisa a ver com o relato do diplomata [Fonte: *Apud Neues Zeitalter*, abril de 1955]?

## **As primeiras baixas**

Nestes últimos anos aconteceram muitas coisas que, separadamente, não significam nada. Porém, juntando-as, brincando de montar quebra-cabeças, parecem nos mostrar alguma coisa que extrapola o bom senso, podendo assemelhar-se, para os mais ingênuos – ou que por outras razões preferem parecê-lo –, fantasias sem sentido. Analisando uma e outra vez o filme da Challenger e outro da Discovery, que nas suas imagens mostram o que poderíamos chamar de combates no espaço, assim como escrutinando as fotografias do mesmo assunto, elas nos apresentam muitos questionamentos e dúvidas. Quem está combatendo e tentando derrubar UFOs – é a primeira pergunta. A segunda é: por que?

Custa acreditar que sejam simples tempestades elétricas na alta atmosfera, e custa muito mais supor que os Estados Unidos, no melhor estilo *Independence Day*, esteja brigando sozinho no espaço, nos defendendo da invasão extraterrestre! Isso sim, chamaria de fantasia sem sentido. Se agissem dessa forma, com certeza, assistiríamos a um final à la General Custer, com uma derrota brutal, mas não é esse o caso. Nas imagens, vemos claramente um grande número de UFOs sendo alvo de um atirador misterioso que dispara balas com armas não claramente definidas, e que pelas características dos disparos supõe tecnologia super avançada. Possivelmente muito distantes dos padrões tecnológicos-científicos americanos, já que aparentam deixar rastro de armas à base do plasma, num dos casos, e faixas luminosas retilíneas que poderiam ser lasers de alta potência, ou quem sabe, à base de fótons. Algo típico de uma boa estória de ficção científica. Disparos de mísseis ou mesmo de canhão ou metralhadoras pesadas na superfície da Terra deixam rastros de condensação devido à atmosfera, mas não lá em cima...

Eis aí que em janeiro de 1995, no dia 12, para sermos mais precisos, cai a poucos quilômetros de Feira de Santana, na Bahia, um objeto do tamanho de um carro tipo Fusca dentro de uma lagoa, e do qual são resgatados dois corpos – caso ainda em aberto. Esses seres somem misteriosamente, provavelmente resgatados por militares de mais de uma patente que sabiam, sem dúvida alguma, em que momento e onde tinha caído, já que se deslocaram sem titubear ao local exato da ocorrência em contados minutos [*Veja relato completo ao final deste capítulo*]. Um ano depois, em janeiro de 1996, cai outro objeto, desta vez em Minas Gerais, na localidade de Varginha. No local próximo à queda foram resgatados, além dos destroços, vários seres vivos, sendo que um deles foi assassinado por soldados da Escola de Sargentos das Armas de Três Corações (MG), com disparos de fuzil de artilharia leve no peito.

Curiosamente, este ser fuzilado tinha as mesmas características físicas do chamado bicho preguiça de Feira de Santana. Um dos que foram resgatados, ao parecer ileso ou pouco machucado – segundo os pesquisadores Ubirajara Franco Rodrigues e Vítório Pacaccini –, foi encaminhado diretamente para os Estados Unidos, e os demais, que acabaram morrendo, teriam sido levados para dependências da Unicamp, em Campinas (SP). Temos assim dois casos de quedas por acidente em exatamente um ano, o que nos leva a questionar como aparelhos altamente sofisticados, de uma tecnologia ímpar, podem

sofrer acidentes como nossos aviões e cair, sem mais nem menos [Veja revisitas *UFO 43* e *UFO Especial 17*]?

Sem querer desmerecer as Forças Armadas brasileiras, as quais respeitamos muito, temos sérias dúvidas de que as mesmas escondiam alguma coisa. Pois após o Cindacta detectar a invasão do espaço aéreo e comunicar-se com o Centro de Coordenação Geral (CCG) e com o comando do Ministério do Exército, para que este entrasse em contato com os Comandos Regionais, passando ordens para a unidade mais próxima do local da queda iniciar as buscas, as equipes começaram o trabalho apenas seis ou sete horas depois do primeiro alerta. Deveriam ter começado a procurar os sobreviventes e recolher os destroços bem mais rapidamente, e com mais presteza! No caso de Feira de Santana, entraram em ação apenas duas horas e trinta minutos depois do acidente ter se consumado.

Este resumo de ambos os casos serve para nos dedicarmos um pouco mais profundamente nos detalhes dos acontecimentos. Como vimos, as operações super rápidas obtiveram sucesso com talvez 90% em Feira de Santana e 60% em Varginha. Isso martelava nossa cabeça, sem esperanças de destrinchar o mistério na sua grande parte. Até que no mês de julho aconteceu o acidente do Vôo 800. Como todos devem lembrar, o Jumbo da TWA, em seu vôo saindo de Nova York e subindo para atingir sua altitude de cruzeiro, explodiu matando todos os seus ocupantes. Bomba a bordo, míssil disparado por terroristas e até um erro fatal cometido por tripulantes de um navio de guerra norte-americano, que teria disparado um possante míssil atingindo a aeronave, foram as justificativas mais comentadas. Porém, houve algumas testemunhas: uma senhora filmou uma pequena luz que se aproximou do avião, ultrapassando-o e retornando em rota de colisão, derrubando-o.

Um policial que fazia ronda em uma praia também viu. Sugestivamente, a senhora foi abordada por agentes do FBI que confiscaram o vídeo e nada mais se ouviu falar do policial. Mas um agente do próprio FBI disse, para quem quisesse ouvir, que um satélite de vigilância norte-americano tinha filmado o acidente, coincidindo com o que a referida senhora havia filmado. Graças a isso, tivemos a chave para desvendar o mistério. Ficou mais do que claro que esses satélites de vigilância que circundam nosso planeta 24 horas por dia, sobrevoando todos os países, detectam a queda dos intrusos em território brasileiro, avisando em tempo real, a quem de direito, para interceptar ou recolher destro-

ços e vítimas (se houverem) em perfeita harmonia com o governo norte-americano. Isso também explica, sem dúvida alguma, a enorme eficácia das tropas, a perfeita manobra de ocultamento e desinformação, e a irritação dos militares com os pesquisadores que comandaram a operação de Varginha, que quase jogam por terra toda a manobra de ocultamento, posteriormente confirmada pelos militares que se dispuseram a contar o acontecido sigilosamente. Isso também explica a presteza com que chegou a Três Corações um equipamento de radar transportável e uma dotação de militares norte-americanos para operá-lo, além da visita ao Brasil, naqueles dias, de Daniel Goldin, diretor da NASA, e do secretário de Estado Warren Christopher.

E o que tentar dizer da visita – que queriam que fosse sigilosa – do ministro do Exército general Zenildo Zoroastro de Lucena e 28 generais a Campinas, onde tínhamos informações fidedignas de que alguns desses corpos de ETs estariam sendo examinados pelo legista Renato Badan Palhares nos laboratórios subterrâneos da Unicamp? Entre os brasileiros que participaram da operação, pelo menos é o que sabemos até agora, um teria morrido por alguma espécie de contaminação ao pegar em uma das criaturas sem proteção alguma. O soldado Marco Eli Chereze, do Serviço de Inteligência da PM, participou da captura da criatura vista pelas meninas Kátia, Liliane e Valquíria, conseguindo prendê-la por volta das 20:00 h, segurando-a (ao que parece) com uma chave de braço e conduzindo-a para um dos hospitais regionais que se negaram a atendê-la.

O restante da história é um tanto nebulosa. Ao que se sabe, todos os que participaram da operação de captura dos seres usavam luvas, notadamente os bombeiros que atuaram na captura matutina, porém não sabemos se o soldado Marco também tomara esta precaução. Duas semanas depois apareceu uma inflamação em sua axila esquerda, levando-o a procurar a enfermaria do quartel. Lá foi atendido pelo médico tenente Robson F. Melo que após examiná-lo fez uma pequena cirurgia no local ferido. Logo depois, Marco começou a sofrer febre e fortes dores musculares e no dia 11 de fevereiro foi internado no Hospital do Bom Pastor, em Varginha, sendo transferido depois para o Hospital Regional, onde veio a falecer. O laudo médico indicava como causa da morte, insuficiência respiratória aguda, septicemia e pneumonia bacteriana.

Bem mais recentemente, em setembro de 1997, as telas da tevê mostraram a queda – muito lenta – de um meteoro que deixava um longo rastro de

chamas. O que significa exatamente tudo isso? A lista pode ser muito maior e não deixa de nos causar arrepios: seriam estas as primeiras baixas ETs nesta Star War? Mas quantas terrestres já não aconteceram? Teremos também uma escalada de violência extraterrestre? Parece que este grupo ET radicado ou estabelecido em nosso planeta, por razões óbvias, não quer e nem vai permitir uma 3ª Guerra Mundial. Mas e se outra nação alien, vinda de outro lugar, ou dissidente da que aqui está, quiser forçar a barra? Também existem evidências de que muitos desses invasores já ultrapassaram as barreiras da defesa e chegaram até nós.

A dedução está baseada em fatores comportamentais alienígenas. Há 50 anos atrás, tínhamos centenas dos relatórios da casuística indicando que os UFOs e seus ocupantes pareciam ter curiosidade por nossa vida, comportamento e conhecimentos científicos e tecnológicos. Eles acompanhavam nossos veículos nas estradas, mar e ar, demonstravam curiosidade (ou espanto) com nossa selvageria, observando atentamente nossas guerras e os ufonautas – às vezes – acenavam para aterrorizadas testemunhas, etc. Depois se acostumaram conosco e chegaram cada vez mais perto. Convidaram primeiro alguns terrestres a subir em sua naves e, a seguir, abduziram pessoas, se deixaram ver, primeiro de longe, com escafandros, máscaras de respiração e depois sem nada, e até falando nossas línguas em alguns casos ou se comunicando por telepatia. Nós também fomos nos acostumando com eles, primeiro com os de tipo humano/nórdico dos grandes contatados e depois apareceram os *greys*.

Que foi que aconteceu então? Depois de tantos anos, de repente os UFOs começam a se comportar como se não nos conhecessem? Por que? Quem mudou, eles ou nós? Recomeçaram os sobrevôos, os acompanhamentos nas estradas, mar e ar provocaram acidentes – propositadamente ou não – com vítimas, às vezes fatais. São os mesmos ETs de 50 anos atrás? Será outra raça que quer fazer contato, ou apenas está nos estudando e, para isso, possivelmente se arriscam a serem atingidos ou mortos? Mil vezes me fiz estas perguntas: quem são nossos amigos e quem são os inimigos? Os que aqui estão são amigos de quem? E os nossos inimigos são os que estão aqui, os que chegam, querem invadir ou reaver algo que lhes pertencia? É tudo tão confuso, tão caótico – como nossos governos desejam, sem dúvidas! Os que aqui estão ficam ocultos, sorrateiros. Então, por que deveriam ocultar algo se fossem bem intencionados? E não são de graça estas perguntas.

Houve sim, uma mudança radical de comportamento, que de quase amistoso passou em alguns casos a hostil – por perversidade ou ignorância –, o que pode ser questionável em seres ditos avançados, pelo menos tecnologicamente, o que não significa, evidentemente, que o sejam ética ou moralmente. Porém, a dúvida se corporifica ao analisarmos que estas ações, digamos estranhas, provocam vítimas também entre eles, como nos casos citados. Agora, quando sua atitude é eminente e abertamente belicosa, podemos analisar a outra face da moeda. Se eles são atacados por armas orbitais, aviões de combate ou mísseis, sua reação, em defesa própria, poderia ser chamada de ato hostil? O problema é que as armas terrestres estão cada vez mais sofisticadas e letais, provavelmente com tecnologia alienígena, e as respostas são à altura.

Sabemos que jatos norte-americanos e até cubanos foram desintegrados por algum tipo de arma em forma de feixe de luz usada pelos UFOs, e que a mesma pode ser ultra-sônica, desfazendo, simplesmente, a coesão molecular de qualquer estrutura metálica – talvez a primeira vítima conhecida tenha sido mesmo o tenente Thomas Mantell, em 1948. Quem sabe, foi querendo evitar novos confrontos que acabaram sendo realizadas algumas demonstrações de força por parte deles. Isso partindo da premissa de que são outros visitantes que chegam até nós, já que os antigos – já estabelecidos no planeta – fizeram isso antes e conseguiram nos impressionar...

Estou me referindo aos velhos truques de sobrevôos de frotas espaciais desfilando em nosso espaço aéreo, imensos blecautes que atingem várias partes do mundo, além de brincar de gato e rato com nossas aeronaves. Nesse particular, temos dois exemplos no Brasil que merecem bastante atenção, e tanto é que se converteriam nos dois pontos nevrálgicos da *Carta de Brasília*, redigida durante o *I Fórum Mundial de Ufologia*, realizado entre 7 e 14 de dezembro de 1997, em Brasília (DF), com a presença de mais de 70 ufólogos de renome nacional e internacional, que subscreveram a mesma.

## **Anoite dos UFOs**

A noite de 19 de maio de 1986 e a madrugada do dia 20 foram memoráveis para os ufólogos e uma enorme dor de cabeça para as autoridades da Aeronáutica brasileira. No dia seguinte, as emissoras de tevê abriam seus

espaços nos noticiários para um pronunciamento do então ministro da Aeronáutica, brigadeiro Otávio Júlio Moreira Lima. Entre 20:00 h do dia 19 e 01:00 h do dia 20 de maio, pelo menos 20 objetos foram detectados pelos radares brasileiros. *“Saturaram os radares e interromperam o tráfego na área. Toda vez que os radares detectam objetos não identificados, os caças levantam vôo para reconhecimento... Só podemos dar explicações técnicas, e não as temos... Seria muito difícil para nós falarmos sobre a hipótese de que estes objetos tenham origem extraterrestre.”*

O então presidente da Petrobrás, coronel Osíres Silva, declarou o seguinte: *“Dizem que foi um salto muito grande entre a presidência da Embraer e a da Petrobrás, que subi tanto que cheguei a ver disco voador.”* E descreve a seguir sua experiência daquela noite. *“Quando nos aproximamos de São José dos Campos, a bordo do avião Xingu PT-MBZ, pediram de Brasília para observarmos alguns pontos que tinham sido detectados pelo radar e que não estavam registrados como vôos regulares dentro daquela área. Na altura de 600 m vimos pontos luminosos de cor laranja avermelhado, com brilho muito intenso”,* disse Osíres Silva. *“Tentamos nos aproximar das luzes, mas desistimos. Elas apagavam e acendiam em lugares diferentes por cerca de 10 a 15 segundos. Observamos variações muito rápidas de velocidade... Está registrado em fitas pelo radar”,* falou seu co-piloto, o comandante Alcir Pereira da Silva, ratificando as declarações de Osíres Silva.

O chefe do Centro de Operação da Defesa Aérea (CODA), major aviador Ney Antônio Cerqueira, disse: *“Não temos condições técnicas operacionais para explicar . O aparecimento desses objetos nas telas dos radares é inexplicável... As fitas com as comunicações entre pilotos e controladores das áreas de Brasília, São Paulo e Anápolis e os relatórios dos pilotos dos F-5E e dos Mirage serão estudados para posteriores conclusões. O CODA acionou dois F-5E e três Mirage para identificarem os objetos. Um F-5E e um Mirage ficaram de prontidão no solo.”*

Nessa noite, os pilotos passaram por situações e momentos difíceis. Num dado momento, um dos F-5E, pilotado pelo capitão Jordão Brisola, foi perseguido por 13 objetos que se alternavam ora à sua frente, ora ao lado e, a seguir, atrás da aeronave. Um fato que poucas pessoas tomaram conhecimento e que veio à tona graças aos depoimentos sigilosos de pessoas ligadas à Aeronáutica é que os objetos em questão mediam aproximadamente 100 m

de diâmetro! Imaginem 20 estádios de futebol voando em volta dos caças que possuem em média 12 a 15 m de comprimento, grosseiramente uma décima parte do tamanho de um UFO. Outro detalhe mencionado pelos pilotos em depoimento a uma rede de tevê é que os ecos captados nos radares de bordo às vezes não eram vistos a olho nu e, outras vezes, eram observados, mas os radares nada acusavam.

Para valorizar mais os momentos de sufoco – que evidentemente passaram nossos pilotos –, devemos ressaltar que os mesmos são considerados os melhores do Brasil – só um de cada 500 candidatos consegue se tornar um piloto de caça da FAB. Posteriormente, o ministro Moreira Lima prometeu um laudo oficial em 30 dias, e já se vão 12 anos... Claro que os físicos, astrônomos e outros bobos da corte encontraram mil explicações para negar os fatos daquela noite, denegrindo o valor e a capacidade dos pilotos, assim como colocando em dúvida as palavras do ministro Moreira Lima, do coronel Osíres Silva e dos responsáveis pela segurança do país junto aos radares. Mas esta é outra história, com muito jeito e cheiro de missa encomendada pelos EUA.

## Operação Prato

Em uma das reportagens apresentadas pelo *Fantástico*, da Rede Globo, em 20 de julho de 1997, foram levados ao ar depoimentos exclusivos de um militar da FAB, o coronel da reserva Uyrangê Bolivar Soares Nogueira de Hollanda Lima, ou simplesmente coronel Hollanda. Ele serviu durante 36 anos na Aeronáutica brasileira, onde foi oficial do Serviço de Inteligência e também chefe de Operações de Selva do 1º Comando Aéreo Regional (Comar) em Belém (PA). O então capitão foi designado para comandar a chamada *Operação Prato* no ano de 1977, entre os meses de setembro e dezembro, na região amazônica. Na época estavam acontecendo muitos fatos estranhos com dezenas de pessoas que diziam ter sido atacadas e perseguidas por objetos voadores luminosos que utilizavam raios de luz para lhes extrair sangue. O fenômeno foi apelidado de Chupa-chupa.

A alta incidência de casos abrangia uma grande área da região de Colares, uma ilha no município de Vigia, no litoral do Pará, prejudicando a população que não conseguia desenvolver suas atividades de pesca por não poder sair durante a noite de suas casas porque os objetos sobrevoavam as



**Acima, o coronel da Força Aérea Brasileira (já falecido) Uyrangê Hollanda. Foi ele quem conduziu as atividades da Operação Prato na Amazônia, destinada a documentar UFOs**

embarcações, chegando às vezes a mergulhar junto delas no rio e no mar. Nessa localidade, as pessoas estavam apavoradas e muitas abandonaram suas residências para fugir. Alguns relatavam que a luz vinha de cima de suas casas e atravessava as telhas, deixando as mesmas transparentes como se fossem de vidro, durante o tempo em que durasse o fenômeno. A equipe do coronel Hollanda, segundo seu depoimento, era formada por ele mais cinco sargentos da A-2 e passou muito tempo até poderem ver, efetivamente, o fenômeno. Além de Colares, também realizavam pesquisas na Ilha do Mosqueiro e em um local denominado Baía do Sol. Os fatos continuaram amedrontando a população e a Aeronáutica chegou a interditar a faixa aérea sobre a região, evitando a circulação de aviões civis e comerciais. Só em dezembro de 1977 o capitão Hollanda viu um UFO cara a cara. Era enorme, mas a luminosidade que emitia não permitia discernir sua forma exata.

Além de grandes UFOs, podia-se observar muitas sondas luminosas de pequeno tamanho e outras parecendo um tambor de óleo de 200 litros. Os maiores UFOs vistos foram um em forma de disco, com 30 m de diâmetro – a

não mais de 150 m de altura, bem acima de suas cabeças. Outro parecia um gigantesco balão, cheio de luzes. E noutra oportunidade avistaram outro semelhante a uma bola de futebol americano, bem oval e com aproximadamente 100 m de altura (similar em tamanho a um prédio de 30 andares) que ficou pairando a uns 200 m de altitude, chegando, em alguns momentos, a se aproximar a 70 m de distância. Enumerar todos estes fatos seria uma tarefa muito grande, já que o nosso propósito é o de citar apenas um dos maiores e mais sérios eventos ufológicos envolvendo militares da FAB, e com o desfecho dado pelo coronel Hollanda falando abertamente sobre estes acontecimentos e sua participação às redes Globo e Manchete.

A pesquisa desenvolvida pela *Operação Prato* rendeu mais de 500 fotografias em preto e branco e em cores, alguns filmes de 16 mm e um relatório com mais de 400 páginas. Embora encerrada oficialmente em dezembro de 1977, a operação, segundo o coronel Hollanda, possui outro dossiê elaborado pela mesma equipe que demonstra que as investigações continuaram pelo menos até outubro de 1978. A morte do coronel Hollanda, em 2 de outubro de 1997, foi um choque para todos, e só nos resta agradecer e felicitá-lo pela sua coragem e patriotismo em vir a público falar sobre tudo isso [*Maiores informações, ver Revistas UFO 53, 54 e 55 de setembro, outubro e novembro de 1997, e o vídeo Operação Prato, produzido pela AFEU Vídeo*].

## A ingerência externa no Brasil

Voltando ao problema do relacionamento do governo mundial, neste caso específico com o Brasil, não podemos deixar de observar a inegável ingerência americana em nosso país com relação à política ufológica. Nos casos antes mencionados, tivemos uma demonstração muito clara disso. A utilização de satélites de vigilância sobre o nosso território – ou deveríamos dizer satélites de espionagem? – possibilitou a detecção dos UFOs caindo na dita área, detectando com exatidão admirável os locais de quedas e, provavelmente, comandando a operação tática e a forma de executar as missões por parte dos militares brasileiros. Antes de continuar, gostaria de deixar uma pergunta no ar: se na ocasião da derrubada desses UFOs os mesmos tivessem caído numa área povoada, como uma grande cidade, por exemplo, com o resultado de inúmeras vítimas civis – que nada têm a ver com a história – qual seria a posição do

governo norte-americano e do brasileiro? Abririam finalmente o jogo ou se omitiriam, apesar dos riscos de radiação, pânico e outras coisas? No caso de Feira de Santana, ainda não conseguimos juntar todas as peças, mas as que possuímos indicam ou sugerem os tortos caminhos seguidos.

O NORAD e seus olhos eletrônicos, o Comando Aeroespacial da USAF, além de outros organismos (que operam com radares *Pave Paw*, *Cobra Dane*, *FP-85*, o *Perimeter Acquisition Radar (PAR)*, *Navspasur* e o *Spacetrack*, que inclui sistemas de antenas em fase), podem, a partir da rede de satélites de vigilância complementada com o sistema *Geodss*, detectar a chegada de qualquer intruso, monitorá-lo até a barreira de satélites de defesa do Star War e após identificá-lo, destruí-lo se for inimigo. Depois disso, os satélites de vigilância acompanham a queda, determinando o local exato, com nível de erro próximo a zero. A seguir são acionadas as Forças Armadas, que deslocam tropas e equipamentos até o local, partindo de unidades militares – seja lá qual for a patente – que se encontre mais próximas.

Estes detalhes respondem a mais uma dúvida (nossa) com respeito aos militares que chegam atirando. E se fossem aliens amigos? Está claro que sabem exatamente quem é quem, o que daria maior liberdade de ação – em termos – para os soldados, mas parece que é por aí. Paralelamente, os Serviços de Inteligência entram em ação para evitar vazamento de informações e eventualmente desmentir, ridicularizando as prováveis testemunhas e silenciando-as. Este parece ser, sem nenhuma dúvida, o caso de Feira de Santana: queda de um objeto, autoridades militares acionadas e dirigidas ao local em menos de três horas, recuperação de destroços e vítimas, e posterior silenciamento de testemunhas, tudo em poucas horas. A depender da importância do evento, podem ser deixados espiões para controlar e monitorar as testemunhas, apagar pistas e provas e confundir ou tentar despistar os ufólogos que queiram entrar no circuito.

Neste caso, o nível de eficiência da operação seria de 90%, e em Varginha, para não nos alongarmos mais, devido ao êxito dos pesquisadores que não deram trégua aos militares, o grau de eficiência mal chegaria aos 70%. Mas o que dizer a respeito do nosso assunto da ingerência? Pelas informações anteriores vemos que a influência dos EUA é muito grande. Podemos imaginar acordos militares secretos e em nível de governo, comércio exterior, economia, ciência, etc. Mas vamos deixar isso para analisar o que nos interessa: o fato dos

militares agirem desta forma, inclusive permitindo que forças especiais norte-americanas agissem livremente – sem permitir a participação de brasileiros –, deslocando desde o Rio Grande do Sul um sofisticado radar portátil de última geração. Este radar, operado apenas por eles e instalado em uma área reservada dentro das dependências da Escola de Sargentos das Armas de Três Corações, cidade vizinha à Varginha, mostra claramente que as Forças Armadas brasileiras são, de alguma forma, subordinadas aos altos comandos dos EUA ou a esse Governo Mundial. Aliás, se esse equipamento e sua dotação veio do Rio Grande do Sul, isso significa que essa gente já está instalada aqui. . .

A posterior chegada ao país do secretário Warren Christopher para assinar tratados pela utilização pacífica do espaço, e do diretor da NASA Daniel Goldin para verificar o andamento do programa de treinamento do nosso candidato à astronauta num dos vôos do ônibus espacial, pareceram altamente suspeitas, principalmente a visita de Goldin. Ele é o principal responsável pela divulgação da descoberta da bactéria de Marte achada em um meteorito caído na Antártida há 13.000 anos e que foi chamado de ALH84001 quando foi achado em 1984 – e que suscita dúvidas em muitos cientistas. Arthur Clark, por exemplo, diz a respeito das bactérias marcianas: *“É cedo para dizer. Acredito em 70%. Há muita política envolvida nesta descoberta. O microorganismo pode muito bem ser da Antártida.”* Por sua parte, Goldin queria verificar o treinamento do nosso astronauta e, para isso, foi a Campinas, coincidentemente na época em que o doutor Badan Palhares estaria ocupado com os cadáveres dos aliens vindos de Varginha, nos laboratórios da Unicamp.

O que desmascara a história de Daniel Goldin é o fato de que o físico fluminense, Cláudio Egalon, 35 anos, nessa época o candidato mais votado para voar no Space Shuttle, não se encontrava no Brasil, já que desde 1987 reside no Estado americano da Virgínia, onde concluiu o curso de doutorado no College of William and Mary e desde 1996 treina nas instalações da NASA para eventualmente ser o escolhido [*Nascido em Volta Redonda (RJ), Egalon colabora com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, de São José dos Campos (SP), no Programa Espacial Brasileiro*]. Mas isso não aconteceu, pois no ano de 1998 foi anunciado o nome do candidato brasileiro aprovado pela NASA, Marcos César Pontes.

No caso daquele candidato, precisaria o próprio todo poderoso da NASA vir até o Brasil para checar, pessoalmente, o trabalho de um candidato à

astronauta, quando seria coerente fazer isso lá mesmo, ou, se fosse o caso, enviar um outro funcionário do segundo ou terceiro escalão? Claro, para os conhecimentos gerais e geográficos americanos, São José dos Campos, Volta Redonda ou Campinas são a mesma coisa... A tudo isso poderíamos acrescentar o interesse e desconfiança com que os Estados Unidos vêem nosso caminhar para ingressar no restrito campo da conquista espacial, interferindo abertamente em nossa soberania.

Este controle e desconfiança vem dos tempos em que o Brasil começou a desenvolver projetos para a construção de seu primeiro Veículo Lançador de Satélites (VLS). Desde 1965 que o país sonha com as estrelas, ou melhor dizendo, naquela época – plena ditadura militar – o sonho era o desenvolvimento de mísseis balísticos com possibilidade de carregar ogivas atômicas. O acesso à tecnologia de fabricação de mísseis era muito restrita e o Brasil procurou seus próprios caminhos. Foi podado e fustigado quando realizou acordos nucleares com a Alemanha e a Argentina. Então, em 1991, estourou o escândalo quando foi denunciada internacionalmente a participação de cientistas brasileiros no programa de desenvolvimento de mísseis para o ditador iraquiano Saddam Hussein.

Uma das fórmulas para denegrir um país perante o mundo é botar os trapinhos sujos ao Sol, como quando Henry Sokolski, ex-funcionário do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, deu uma entrevista ao jornal *The Washington Post* falando sobre uma suposta compra de componentes sensíveis que o Brasil teria encomendado à Rússia. O artigo esclarecia ainda que “...os russos venderam ao Brasil tecnologia de fibra carbono, material resistente e leve, empregado em cápsulas para motores de foguete.” Outros oficiais americanos afirmaram que o VLS brasileiro tinha capacidade de transportar um míssil com ogivas.

O Brasil também adquiriu materiais da França, Alemanha e até dos Estados Unidos, que paradoxalmente forneceu diversos produtos sensíveis sem demasiadas exigências, embora se incomodem com operações de fornecimento de certos materiais pela Rússia, já que os mesmos encurtam o caminho do programa brasileiro. “*O X da questão parece ser a não dependência para com os Estados Unidos*”, diz o brigadeiro Hugo Piva, considerado o responsável pela criação do Programa Espacial Brasileiro, que caiu em desgraça perante os americanos quando se revelou sua

participação na fabricação de armas para o Iraque. A explosão do motor e a posterior destruição do VLS brasileiro fazem lembrar da oposição americana à construção do mesmo, surgindo por isso muitos questionamentos. Os Estados Unidos levantaram a suspeita de que o VLS teria objetivos militares e, em consequência, se recusou a devolver ao Instituto de Atividades Espaciais (IAE) seis tubos de foguetes que tinham sido enviados aos Estados Unidos para tratamento térmico cinco anos antes.

O professor norte-americano Jordan O'Brian, ex-funcionário da Agência Espacial Americana e consultor de empresas européias na área de satélites de órbita baixa, diz: *"Deveríamos ter ajudado os brasileiros. Perdemos um cliente e ganhamos um possível concorrente."* Outro ataque contra o Brasil partiu do analista Brian Chow, da RAND Corporation, quando ele declarou ao jornal *The Washington Post* que *"os Estados Unidos não deveriam ajudar países como o Brasil, cujos programas espaciais têm capacidade militar inerente."* Tudo isso parece tornar claro que os problemas enfrentados pelo Brasil com seus VLS, obviamente sinalizam em direção aos responsáveis pela ingerência, se bem que nesta área não parece existir uma conexão clara com a Ufologia, mas demonstra quem dá as cartas e os vários motivos para isso.

O S-43, motor do segundo estágio do VLS, explodiu no banco de provas do IAE, que funciona no Centro Técnico Aeroespacial da Aeronáutica (CTA), em São José dos Campos (SP), em 30 de junho de 1995. Em 1997, o VLS brasileiro foi lançado de Alcântara (MA) e explodiu segundos depois devido a falhas que não convenceram os órgãos de segurança da FAB. Em 1995, os investigadores da Aeronáutica tinham admitido que houve falhas nas medidas de segurança. Em 1994, a Comissão Brasileira para Atividades no Espaço (Cobae) tinha se transformado na Agência Espacial Brasileira (AEB) presidida por um civil, o doutor Luiz Gilvan Meira Filho. Com grande vantagem nesta empreitada, o Brasil possui duas bases de lançamento em localização privilegiada: Alcântara e Barreira do Inferno (RN).

O Projeto Espacial Brasileiro também participa de parcerias com outros países para colocação de satélites em órbita, entre os quais, um acordo China-Brasil, o Earth Resources Satellite, assinado em 1988. No item comercial, o Brasil tem um diferencial que incomoda outros países, principalmente os Estados Unidos, já que os lançamentos feitos de nossas bases resultam de 25 a 30% mais baratos que os de Cabo Canaveral, nos EUA ou Baikonur, na

Rússia. Isso numa época em que se disputa um mercado para satélites de comunicação, telefonia celular e outras coisas, que movimenta, em nações da área intertropical, algo em torno de US\$ 2,5 trilhões do produto interno bruto. Quem iria querer mais concorrentes neste mercado?

## **Proteção da Amazônia**

Como destaque deste capítulo, poderíamos citar os problemas que envolvem a implantação do Sistema de Vigilância da Amazônia – Projeto Sivam – num território de 5,2 milhões de km<sup>2</sup>. Este sistema, que prevê a instalação de 19 radares fixos, começou sua implantação em 25 de julho de 1997. Além deles, seis radares móveis e 32 unidades de vigilância e telecomunicações vão custar ao Brasil “apenas” US\$ 1,4 bilhão e, por isso mesmo, deixaram muitas dúvidas, principalmente no que se refere a ingerência externa que, sem dúvidas, compromete a soberania nacional. Deixando os entretelões, as acusações de favorecimento e concorrências mal explicadas, vamos pinçar apenas o que nos interessa.

É evidente que ao dispensar a licitação para o contrato já se estava colocando – de bandeja, no mínimo – um caudal de informações sobre o nosso território norte, que ultrapassa todas as medidas. A empresa norte-americana Raytheon, beneficiada por interferência direta do presidente Bill Clinton, logo de cara disporá de informações sigilosas e confidenciais sobre nossas possibilidades, recursos e equipamentos que o governo dos EUA obteve sem precisar de espões convencionais. Saberá quais são nossas jazidas – à flor da terra e subterrâneas –, obterá um levantamento completo dos nossos recursos hidrográficos – mais completo talvez que os informes que obtém via satélites de vigilância –, quais nossas plantas medicinais, melhoramentos, problemas – também é muito importante conhecer as fraquezas dos adversários –, enfim estaremos literalmente nas mãos dos Estados Unidos em todos os aspectos.

Além dos equipamentos citados no início do texto, o Projeto Sivam contará ainda com informações via satélite, entre os quais o Landsat e satélites meteorológicos ativos 24 horas por dia – aliás, as informações sobre o clima permitiriam fazer levantamentos com projeções para eventual uso militar. Além de equipamentos fixos ou transportados por aviões,

sensores de infravermelho – utilizados pela NASA para mapear Vênus e durante a Guerra do Golfo – e de mais de 200 plataformas – que serão expandidas para 8.000 – de coleta de dados automáticas. Mais do que isso, todos esses dados devem ser recolhidos e gerenciados pelo Sistema de Proteção da Amazônia (Sipam) e pelo Centro de Coordenação Geral (CCG), em Brasília, para o seu processamento e análise. Em se tratando de informações sigilosas e de caráter estratégico, em sua maioria, é difícil entender que tudo passe ao conhecimento de Raytheon, responsável pela criação e desenvolvimento dos softwares que capacitam todo o trabalho, embora afirmem que serão supervisionados por brasileiros.

O combate ao contrabando e tráfico de armas e drogas está garantido, assim como a defesa de nossas fronteiras... Mas como entender que a gente coloque um alarme com um sistema de segurança em nossa casa e o mesmo seja criado e fabricado por pessoas das quais pouco conhecemos, com referência às suas reais intenções? Será que estas pessoas, conhecendo os pontos fracos do nosso alarme, não arriscariam pular o muro para visitar nossas galinhas? Por outro lado, parece claro que se o sistema é tão sofisticado assim, não é apenas para descobrir ou coibir o contrabando. É sabido que nossa fronteira norte é um portão escancarado por onde – além de aviões de traficantes – entram e saem nossos velhos conhecidos, os UFOs, podendo ter, quem sabe, até bases em nosso território. Há alguns anos atrás, alguns pilotos viram o que, através das fotografias tiradas, assemelhava-se a três pirâmides cobertas pela vegetação em plena Amazônia. Mas nunca mais se falou sobre isso.

Na volta de um congresso ufológico em Curitiba, o comandante do avião comercial onde viajava disse-me que certa vez, atravessando a Amazônia, tinha visto um fecho de luz vermelha vindo desde a mata, mas ele julgou que fosse uma lanterna de caçadores ou pescadores da região... Quando lhe mostrei algumas luzes embaixo, que eram de uma cidade de pequeno porte, lhe pedi para comparar e responder com sinceridade se achava que desde a altitude em que as luzes pareciam fraquinhas, ele teria condição de ver o fecho de uma lanterna. Até hoje espero a resposta e imagino que nunca a terei....

Cabe então nos questionar se não serão as misteriosas quedas de UFOs no Brasil o principal motivo da “supervisão” norte-americana em

nossas defesas? O resto viria por acréscimo. Minha impressão é de que o interesse desmedido dos EUA é profundamente ufológico e econômico em segundo lugar. E por esse motivo não estão dispostos a concorrer com outros países que poderiam ter se candidatado para baratear o projeto. Evidentemente, a questão geopolítica é muito forte e importante, e conhecer-nos melhor faz parte de seu jogo...

### **Provas do que não existe**

Num documento do Ministério da Aeronáutica de 7 de janeiro de 1977, classificado com a sigla RMA205-1 e intitulado *Regulamento para a Salvaguarda de Assuntos Sigilosos*, encontramos um decreto de número 79.099, de 6 de janeiro de 1977, assinado pelo então presidente Ernesto Geisel, aprovando o regulamento acima mencionado. Esse documento chamava a atenção para as infrações cometidas quanto ao mesmo, com a aplicação de penas mediante a legislação vigente, especial e comum. Em seu artigo 3º, diz: “*Os ministros militares e civis e os Órgãos de Presidência da República deverão atualizar suas próprias instruções ou ordens com base nas prescrições do regulamento.*” Entre outras partes deste, encontramos no Capítulo II - Classificação dos Assuntos Sigilosos (ultra secreto, secreto, confidencial, reservado), artigo 5º, parágrafo 1º: “*São assuntos normalmente classificados como ultra secretos aqueles da política governamental de alto nível e segredos de Estado, tais como: negociações para alianças políticas e militares, hipóteses e planos de guerra, descobertas e experiências científicas de valor excepcional.*”

Estes últimos podem ser entendidos também como informações ufológicas... Principalmente se continuamos a leitura e encontramos outra seção carimbada como confidencial (NPA-09-C), de 20 de agosto de 1990, efetivada no dia seguinte e que trata dos procedimentos a serem adotados pelos órgãos ATS/ATC em caso de avistamento de objetos voadores não identificados. Após diversas considerações e instruções gerais, na página quatro, diz textualmente: “*Caso a pessoa que reporta o evento questione as medidas a serem tomadas, informar apenas que o caso está sendo relatado às autoridades competentes, que por sua vez tomarão as devidas providências. Havendo telefonemas de jornalistas ou ‘curiosos’ solicitando informações, responder que não está autorizado a fornecê-las.*” Dito documento encerra com diver-

sos números telefônicos para comunicação à chefia, Divisão de Operações, Salvaero, etc. Contém também um questionário sobre procedimentos a serem adotados em caso de avistamento de UFOs.

Nos parece que isso demonstra claramente a política das autoridades da Aeronáutica, principalmente quando se referem a “jornalistas e curiosos” (ufólogos também?). Se levássemos em conta que em diversas oportunidades – com honrosas e surpreendentes exceções – nossa FAB nega peremptoriamente a existência de UFOs (a exemplo dos norte-americanos) e, em conseqüência, a impossibilidade de que sobrevoem nosso espaço aéreo, o que seriam esses 20 estádios de futebol que atormentaram a vida de seis valorosos pilotos da FAB e que também o então presidente da Petrobrás Osíres Silva viram em 1986?

Agora, editar decretos presidenciais e regulamentos claros para os seus subordinados sobre algo que oficialmente não existe, parece uma contradição. Ou será que no meio desses valorosos homens há também visionários que só vêem ou pensam nos homenzinhos verdes que toda pessoa normal sabe que não existem... Quero esclarecer, mais uma vez, que não é meu intuito, em tempo algum, criticar ou menosprezar nossas instituições, pelas quais tenho o máximo respeito, mas não posso furtar-me de comentar, elogiando ou criticando certas posições que, ao meu ver, depõe negativamente contra elas e não refletem todas as suas enormes qualidades e vocação patriótica.

Em 1986, o então ministro da Aeronáutica, brigadeiro Octávio Moreira Lima, pressionado pelos acontecimentos, teve que falar à nação em rede nacional de tevê, assumindo a presença de 20 UFOs em nosso espaço aéreo. As naves teriam sido perseguidas infrutiferamente, durante várias horas, por seis jatos supersônicos da FAB. O brigadeiro prometeu a divulgação de um documento oficial sobre o caso em 30 dias. Passaram-se 12 anos e nada foi dito, com exceção de algumas eventuais reportagens por parte de jornalistas televisivos, que ao invés de somar, conseguiram o contrário.

Esse assunto foi um dos pontos colocados na *Carta de Brasília*, durante o 1º Fórum Mundial de Ufologia, realizado no Distrito Federal. Ela foi assinada por todos os ufólogos, inclusive estrangeiros, presentes no evento. E então, vamos criticar o senhor Moreira Lima por ter mantido silêncio sobre o assunto por vários anos? Entendemos que ele foi mais uma vítima do sigilo imposto a todos, principalmente aos militares, que receberam pressões de

esferas mais altas, proibindo-lhes de ir em frente e divulgar qualquer coisa sobre esse incidente. Principalmente que esses UFOs tinham 100 m de diâmetro... Qual seria a reação das pessoas na ocasião?

Eu me solidarizo plenamente, não só com o brigadeiro, mas com os pilotos que participaram da operação, silenciados também pelos momentos difíceis que devem ter passado lá em cima e depois, aqui em baixo, em sua base. Mais aos poucos a verdade virá à tona. A exemplo do acontecido com os militares da Escola de Sargento das Armas, no caso Varginha, não vai demorar o dia em que os verdadeiros patriotas, de outras armas, da Marinha e da Força Aérea, venham a público ou procurem ufólogos sérios para dar seus depoimentos, que devem ter ficado presos em suas gargantas durante tanto tempo. O primeiro grande exemplo foi dado pelo coronel Uyrangê Holanda, que forneceu detalhes sobre a *Operação Prato*. Os que se decidem agora, já têm parte da cerca derrubada. É só encostar. Tem gente séria e competente que lhes brindarão todo o apoio que merecem.

## **Utilização pacífica do espaço**

O documento de 14 artigos para uso pacífico do espaço foi publicado em 1º de março de 1996 sob o título *Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo dos Estados Unidos da América sobre a Cooperação no Uso Pacífico do Espaço Exterior*. Contou com aval do Ministério das Relações Exteriores e da Divisão de Atos Internacionais, tendo sido assinado pelos governos brasileiro e norte-americano, representado na ocasião por Warren Christopher. No dia 2 de março – 24 horas depois – foi emitido um comunicado conjunto pela Agência Espacial Brasileira (AEB) e a NASA considerando de particular relevância o dito acordo de cooperação. Esse documento foi assinado por Luiz Gylvan Meira Filho, pela AEB, e Daniel Goldin, administrador da NASA. Em ambos os documentos, com validade de 10 anos, que poderão ser prorrogados, encontramos alguns pontos interessantes.

Christopher veio ao Brasil acompanhado, além de Goldin, pelos administradores adjuntos John D. Schumacher (de relações externas) e Jeffrey Lawrence (de assuntos legislativos), a especialista em assuntos internacionais Ingrid de Silvestre e o assistente executivo Jason Kessler – estes, por sua vez, foram recebidos pelo ministro da Ciência e Tecnologia José Israel Vargas e pelo

secretário para Assuntos Estratégicos da Presidência da República, embaixador Ronaldo Mota Sanderberg. Todos visitaram as dependências do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Entre outras coisas, foram abordados os interesses de dados científicos, ciências da Terra e atmosfera, física espacial, ciência planetária e exploração de áreas para possível desenvolvimento complementar de instrumentos científicos brasileiros e norte-americanos, de interesse mútuo, observação de medições de instrumentos de satélites e investigações com utilização do ônibus espacial da NASA.

## Disco voador explode no ar

*“Uma cidade inteira viu, ontem, em pânico, um objeto voador incandescente não identificado sobrevoar a região rapidamente, explodindo em seguida e espalhando milhares de fragmentos esfumacantes num raio de quase um quilômetro da cidade de Campos Sales, a 628 quilômetros de Fortaleza (CE). O prefeito solicitou a todos que entregassem os objetos para que eles pudessem ser encaminhados às autoridades. A explosão foi tão violenta que chegou a ser ouvida em cidades vizinhas.”* Infelizmente, esta notícia nos chegou sem os dados (como data do fato ou da publicação) nem nome do jornal, do qual recebemos apenas o recorte com a notícia, bem mais extensa. Pelas notas anexas, presumimos que tenha sido publicado em 1971.

Outra notícia de queda de UFO veio do Peru e foi publicada no *Diário da Noite*, de São Paulo (SP), em 6 de julho de 1971. Em sua manchete da primeira página diz: *“Explosão ouvida num raio de 70 quilômetros. Disco voador spatifou-se.”* No corpo da matéria encontramos outros dados. O acidente teria acontecido no dia 8 de junho – um mês antes – e o UFO teria caído de encontro ao Espinhaço Lostahuallica, no distrito de Huancavélica. Do mesmo teriam sido retirados fragmentos diversos entre os quais um objeto não identificado, pedras cinzentas com vestígios de uma estranha pintura de cor laranja e rosada que refletia a luz. Além de um aparelho quadrado de aproximadamente 10 cm, parecendo com o que chamaríamos de condensador elétrico.

Posteriormente, foi apurado que o dito UFO teria atravessado, antes da queda, o céu da região, emitindo luzes vermelhas e azuis. Horas mais tarde, um objeto semelhante a um tubo vertical apareceu permanecendo no local por duas horas, a uma altitude estimada em cerca de 3.000 m. E mais uma notícia sem

data nem nome do jornal: “*Objeto caiu no Maranhão.*” Centenas de pessoas viram um objeto cair no interior do Maranhão a cerca de 50 km à oeste da capital, deixando um longo rastro de fumaça. O mesmo teria sido observado em várias outras localidades, e ao cair teria derrubado muitas árvores.

Ao que nos parece, essa notícia se refere ao meteoro – segundo os estudiosos – que deixou uma cratera de 8 m de diâmetro. Se este for o caso, esse objeto (ou meteoro) caiu na região de Parnarama, que é citada pelo pesquisador Daniel Rebisso Giese em seu livro *Vampiros Extraterrestres na Amazônia*, no livro de Jacques Vallée, *Confrontos*, e ainda por Pablo Villarrubia Mauso, em sua obra *Mistérios do Brasil*, surgindo como sinônimo de morte e horror. Esta queda aconteceu no dia 16 de setembro de 1995, por volta das 19:30 h. No final dos anos 70 e início dos 80, o Estado tinha sido o alvo predileto dos famosos Chupa-chupas. E mais, vários nativos tinham morrido atacados pelos aparelhos – como são chamados no Maranhão estes UFOs.

No jornal *A Tarde*, de Salvador, de 15 de maio de 1996, encontramos uma notícia no mínimo estranha: “*Soldados disparam contra Ovní.*” Baterias anti-aéreas soviéticas instaladas em Hanói teriam disparado contra um objeto voador não identificado em 1965, durante a Guerra do Vietnã. O UFO respondeu ao fogo com um raio que causou 200 mortos, segundo um dos casos revelados com a abertura dos arquivos secretos da antiga KGB. Um documento assinado pelo responsável pelo programa espacial soviético Sergei Koroliev, em resposta a uma solicitação do ditador Joseph Stalin, afirma que “...os UFOs não são uma arma misteriosa dos adversários ocidentais da URSS e, portanto, não representam perigo para a segurança da pátria.” Palavras estranhamente parecidas com as ditas pelos militares norte-americanos na década de 40, antes da censura e do acobertamento tomarem conta...

Nos Estados Unidos, em 21 de outubro de 1961, os militares colocaram em órbita polar ao redor da Terra o satélite espião Midas 4, transportando 350 milhões de pequenas agulhas de cobre destinadas – segundo os militares – a facilitar as comunicações militares via rádio, ao abrigo de interferências – embora muitos cientistas tivessem alertado sobre os prejuízos que isso acarretaria, prejudicando seriamente a radioastronomia por vários séculos. Ao separar-se do foguete portador, a nuvem de pequenas agulhas começou a se espalhar formando aos poucos um anel artificial (a imagem dos anéis de Saturno) que teve graves conseqüências nas comunicações radiofônicas

normais e nas transmissões de tevê. A seguir, os radares puderam captar nas telas um objeto desconhecido de enormes proporções, que a exemplo de um grande aspirador de pó limpou o céu em poucos minutos. Apesar disso, os militares fizeram um novo lançamento que teve o mesmo desfecho surpreendente. Mais um mistério que repousa nos arquivos...

## Projetos secretos

Precisamos dizer mais algumas coisas que ajudem a compreender melhor os bastidores da Guerra Fria e as possíveis causas que determinaram “alguém” a querer pôr um fim em tudo isso – para não acharem que esse autor é apenas um paranóico... Numa notícia veiculada em um jornal de Salvador em 14 de maio de 1977, num artigo escrito por um senhor chamado William J. Lanonette, provavelmente americano, lemos as seguintes “preciosidades”, embora a notícia nada esclareça sobre os mesmos: *“Em seu relatório anual do Congresso sobre Pesquisa e Desenvolvimento Militar, o Pentágono apresentou este mês sua tradicional defesa da necessidade dessas armas avançadas – antes, só tinha falado em mísseis, bombas de concussão e armas químicas – e pediu verbas no montante de US\$ 12 bilhões de dólares para o próximo ano fiscal. ‘Acredito que esta nação deva manter uma posição inequívoca de superioridade tecnológica (...) Os Estados Unidos também estão desenvolvendo ogivas nucleares que zigzagueiam para os seus alvos’, declarou Malcon R. Currie, diretor de Engenharia e Pesquisa da Defesa.”*

Também diz, entre outras coisas: *“Por exemplo, existem especulações no sentido de que se possa usar substâncias químicas ou bombas nucleares para abrir um buraco na camada de ozônio da Terra. Desse modo, expondo certas áreas do globo à intensa irradiação ultravioleta!”* No texto fala-se em rearranjar estruturas atômicas fundamentais para produzir a bomba de antimatéria que aniquilará tudo à sua volta. Há idéias para usar elementos atômicos mais instáveis do que o urânio e o plutônio para fabricar explosivos nucleares do tamanho de balas de revólver, que seriam mais poderosos que as ogivas lançadas pelos foguetes de hoje.

Alguns cientistas falam em travar futuras guerras com som – as Trombetas de Jericó –, criando poderosos campos acústicos na atmosfera que desorientam o sistema nervoso humano, induzem ao pânico ou à submissão

dócil e transtornam a digestão e a pressão sangüínea. “*Estamos quase chegando lá*”, diz um pesquisador. “*Tudo que precisamos é de um sistema eficaz de distribuição para os nossos comerciais, a fim de deixar os russos malucos.*” Também há especulações sobre a criação de calamidades naturais em território inimigo: maremotos, terremotos, mudanças abruptas de temperatura, tornados, etc. Mais sinistra ainda é a idéia de que uma população pode ser atacada por bactérias portadoras de moléculas destrutivas de DNA, capazes de causar mutações genéticas.

E uma notícia mais recente, de 15 de agosto de 1995, originada da agência Ansa, de Moscou, diz o seguinte: “*Robôs humanos da KGB eram cruéis e invencíveis. Uma expressão vazia, o olhar apagado de aspecto opaco e o corpo tenso como aço. Assim eram os robôs humanos, preparados em laboratórios para obedecer ordens da KGB soviética durante a guerra psicológica levada a cabo pela desaparecida potência comunista. Essa era a imagem criada para amedrontar os inimigos. Na realidade não eram heróis, mas apenas diabos que não poderiam ser chamados de seres humanos. Eram armas psicotrônicas, soldados com a personalidade anulada por ondas de rádio de alta freqüência, campos eletromagnéticos em volta do cérebro, mensagens hipnóticas induzidas por computadores.*”

Segundo o jornal *Moscow Times*, esses horripilantes experimentos da KGB aconteceram durante a década de 70 em plena Guerra Fria, e visavam a criação de super soldados que pudessem resistir a qualquer sofrimento, desprovidos de qualquer sentimento parecido com o amor e a paz, capazes de se recuperarem após um violento golpe sofrido, insensíveis à dor. Essa história foi levantada pelo jornalista Iuri Vorobiovski após uma pesquisa de três anos nos arquivos da KGB. Quantas coisas aconteceram sem termos a mínima suspeita disso! É a pergunta inconveniente que não podemos deixar de fazer. Quem nos garante que nada do que foi relatado não foi usado ou está sendo sem que saibamos?

## **Técnicas avançadas**

*Mid-Infra-Red Advanced Chemical Laser (Miracl)* é um laser que foi testado com sucesso, segundo as declarações oficiais, contra um satélite desativado a 400 km da Terra, em 22 de outubro de 1997. O canhão laser emite

um raio de 2 m de diâmetro e milhões de watts de energia. O projeto tem aproximadamente 40 anos e já tinha sido utilizado secretamente contra mísseis nas rampas de lançamento ou em vôo, no polígono de testes da base de White Sands, no Novo México. É parte importante do arsenal avançado dos Estados Unidos, aparentemente destinado a missões de emergência para neutralizar satélites e outros projetos espaciais hostis às Forças Armadas dos EUA.

O projeto foi realizado pela Stanford University. Está baseado na captura de elétrons dos átomos, disparando-os através de um canhão que acelera as partículas até 186.000 milhas/segundo, criando um raio que ao atravessar o campo magnético agita os elétrons que emitem radiação. Parte dela se transforma em luz amplificada por uma série de espelhos que aumentam sua potência. Realmente, o primeiro teste foi realizado em setembro de 1985, quando derrubou o foguete Titan 2. Em 21 de junho do mesmo ano, um novo teste aconteceu desde a estação Mauí, uma ilha do Haváí. Também existem algumas informações de que ele teria sido testado à bordo de uma aeronave, no caso um Boeing 747 adaptado com o canhão na proa, embaixo da cabine, mas não temos confirmação de datas. Pode ter sido confundido com o projeto citado a seguir.

Outro equipamento importante é o *Airborne Laser (ABL)*. Este aparelho é um dispositivo a laser voador aperfeiçoado pela USAF e empresas aeroespaciais. O projeto foi iniciado em setembro de 1993 pela Airborne Laser System Programm Office (Alspo), da própria Força Aérea, e pela Philips Laboratory, em Kirtland, no Novo México. Tal laser foi montado num Jumbo e testado com sucesso. O nome em código desta arma é Alpha. Já o *Brilliant Pebbles* é um projétil de plasma ionizado e, provavelmente, é o aparelho que deixou um rastro no filme realizado na Space Shuttle, em 15 de setembro de 1991, durante a missão STS-48, e posteriormente na Discovery, durante a missão STS-80, em dezembro de 1996. Esta arma também faz parte da rede de defesa e ataque chamada Theatre Applications Launch on Notice (Talon) e pode ser lançada de veículos não tripulados a altitude de até 18.300 m, alcançando a velocidade de 19.800 km/h.

Com tecnologia eletromagnética avançada, há o *Lightweight Exo-Atmospheric Projectile (LEAP)*, em estudo há quase 50 anos. Curiosamente, tal projeto foi iniciado por volta de 1947 e por esta razão dá para suspeitar que tenha alguma relação com o resgate de UFOs acidentados na época em várias

localidades, quando foi dado início a uma série de estudos de tecnologia eletromagnética e antigravitacional [*As armas LEAP e Pebbles podem ser utilizadas a partir de bases móveis ou fixas ou aéreas*]. Além desses sofisticados instrumentos, há projetos apropriados para lidar com tecnologias de vanguarda. O *MK Ultra* é um deles e conta com armas psicotrônicas destinadas à derrubada de UFOs, já que atuam desestabilizando sistemas informatizados e eletrônicos através de ondas e radiações de alta potência, que sem destruir as naves possibilitaria a recuperação das mesmas sem grandes danos. Estas armas formam parte do arsenal do Conselho Norte-Americano de Estratégia Global, parte ativa do Projeto Star War. Outros equipamentos anti-UFO foram desenvolvidos pelos EUA. O centro de sistemas eletrônicos da USAF tem estudos sobre um sistema para revelar anomalias subterrâneas através de ondas de longa frequência. No caso, instalações subterrâneas.

## Deinformação

*“Quase cai um disco voador na Bahia.”* Esse possível incidente de queda de UFO alarmou ufólogos, que se perguntaram: trata-se de uma armadilha para pesquisadores incautos ou de um caso legítimo? No dia 12 de janeiro de 1995, recebi pela manhã um telefonema de M., uma das secretárias de jornalismo da TV Bahia, filiada da Rede Globo em Salvador, contando um fato no mínimo estranho. Alguém – que chamaremos de senhor B – havia ligado da cidade de Feira de Santana, localizada a 112 km da capital, para oferecer um furo fantástico de reportagem na área ufológica. Tal pessoa queria falar com o jornalista José Raimundo, o repórter que cobriu as aparições ufológicas em Mucugê, na Chapada Diamantina, para o programa *Fantástico*, no fim de 1997. Como ele estava na rua, M. perguntou se eu queria falar com a pessoa.

Liguei de imediato para a TV Subaé, de Feira de Santana, e falei com A., secretária desta emissora, que confirmou toda a história e acrescentou que o senhor B. queria saber quanto lhe pagariam por um fato sensacional. A secretária também me forneceu o telefone de B. Nosso contato com ele foi rápido e um tanto subjetivo. *“Quanto ganho pela notícia?”*, indagou B. *“Meu amigo, não posso oferecer nada sem saber o que tem para vender e se de fato essa mercadoria é tão valiosa ou não. Pelo menos tenho que saber do que se trata, com todos os detalhes. Aí, talvez, eu possa lhe dizer algo”*, respondi-lhe de

imediatamente. Então o senhor B resolveu contar tudo, ou pelo menos parte do que sabia, com o seguinte relato: *“Ontem pela madrugada, caiu alguma coisa luminosa em minha fazenda, dentro de uma lagoa. Era do tamanho de um Fusca. Aquilo ficou boiando, parcialmente submerso perto da beira do lago. Tentei puxar como pude, trazendo para perto de mim com uma vara, e, de repente, uma porta ou tampa se abriu. Parecia um parto...”*

E continuou: *“Começou primeiro a sair um líquido gosmento e depois duas coisas, criaturas ou bichos, sei lá... Um deles estava morto quando o tirei da água, e o outro, que ainda está vivo, se encontra comigo. Eles medem mais ou menos 90 cm. O que está morto parece gente, o outro está gemendo e se parece com um bicho preguiça. É todo peludo e tem garras muito compridas nos pés e nas mãos.”* Diante do impressionante relato que estava ouvindo, perguntei se podia ver os seres que havia capturado. Precisava fazer isso para saber se, de fato, valiam alguma coisa. B., então, disse que depois do almoço iria até a fazenda buscá-los. *“Além dos bichos, tenho também alguns pedaços do aparelho que parecem metálicos ou de ouro. Mas acho não é ouro, pois se fosse eu ficaria com tudo”,* completou o senhor B.

A tal fazenda fica a mais ou menos 25 km de Feira de Santana, de forma que B. estaria de volta às 21:00 h – o telefone de contato não era da casa dele. O homem me perguntou como faria para trazer o material no veículo, ou seja: as criaturas. Sugeriu, junto a outros membros do *Grupo de Pesquisas Aeroespaciais Zênite (G-PAZ)*, que o ser morto fosse colocado em um saco plástico bem acondicionado num isopor com bastante gelo. Quanto ao outro ser, ainda vivo, dissemos que poderia ser colocado numa caixa de papelão. Confesso que minha cabeça estava atordoada. Se isso tudo fosse verdade, tínhamos em mãos o caso ufológico do século. Por outro lado, se fosse uma piada de mal gosto poderia implodir o G-PAZ, os ufólogos envolvidos com o caso e também um jornalista de valor. Tínhamos que tomar uma decisão. Pagar para ver?

No decorrer da tarde fizemos inúmeras sondagens e trocamos idéias. Havia, sem dúvida, alguns componentes que emprestavam alta dose de veracidade ao caso. Porém, alguma coisa não cheirava bem, e com certeza não era o cadáver do suposto ET. Os ufólogos Valmir de Souza, do G-PAZ, Vicente Cardoso, do *Núcleo de Pesquisa Ufológica (NPU)*, e Emanuel Paranhos, da *Sociedade de Estudo Ufológicos de Lauro de Freitas (SEULF)*, estavam dispostos a ir comigo até Feira de Santana para iniciarmos as investi-

gações. O jornalista José Raimundo estava um pouco reticente e chegamos a acertar que iríamos até àquela cidade no início da manhã seguinte, e se caso fosse tudo verdade, o repórter se deslocaria de imediato com a sua equipe de cinegrafistas. Ou, em caso de força maior, eu ficaria autorizado a chamar uma equipe da TV Subaé, de Feira de Santana.

Às 21:00 h, Emanuel Paranhos, incumbido de fazer uma ligação para a fazenda e marcar a nossa ida até lá no dia seguinte, foi surpreendido pelo tratamento que lhe foi dado ao telefone. A pessoa que o atendeu identificou-se como esposa de B. e, primeiramente, disse que ele não estava, para depois falar que não podia atender. De forma ríspida, pediu para não ligarmos mais, pois nada do que seu marido havia dito era verdade. *“Não há nada de misterioso na fazenda, nada aconteceu e meu marido é um bêbado e mentiroso. Não levem suas palavras a sério”*, disse a mulher a Paranhos. A esposa da testemunha principal chegou a acrescentar que, *“por causa das mentiras dele, estou com a casa cheia de gente estranha..”* O que deixou escapar esta senhora com estas palavras? Evidentemente, ela não permitiria a entrada de qualquer tipo de estranho, a menos que fosse coagida e que tais pessoas tivessem alguma espécie de força para constrangi-los... Tudo ficou confuso a partir desse ponto.

Realmente B. pode ser mais um mentiroso querendo aparecer. Existem milhares de pessoas assim, e não seria nem o primeiro nem o último a tentar enganar os ufólogos. Mas há outros detalhes que não nos fazem crer na história de sua esposa. Primeiro, a descrição de B. sobre os fatos nos pareceu bastante coerente – com algumas reservas, é claro – no que diz respeito ao objeto, o material do UFO, etc. Segundo sua descrição dos seres – um se parecendo com gente e o outro com um bicho preguiça, todo coberto de pêlos negros, olhos grandes e quatro dedos com garras muito grandes –, é interessante e original demais para ser invenção de um bêbado. Ora, não seria mais lógico, ao se inventar uma história desse tipo, citar os seres como criaturas iguais, verdes, cabeçudas e vestidas com roupas espaciais ou prateadas?

Pelo menos é isso que nos mostra muitas vezes as histórias em quadrinhos, desenhos animados ou filmes de ficção científica. E mais: se B. era um fazendeiro beerrão e sem cultura – pelo menos era isso que transparecia na sua forma de falar comigo ao telefone –, como se explica o fato de ele ter tido conhecimento específico de ETs já observados, que nos lembram, por exemplo, casos que

aconteceram em Caracas e San Carlos, cidades da Venezuela, em 1954? Outro fato curioso é o de B. descrever dois seres diferentes, como pertencentes a duas raças específicas. Na literatura ufológica especializada temos tomado conhecimento de que seres de origens e raças diferentes, em algumas ocasiões, parecem realizar operações conjuntas na Terra, abduzindo pessoas e submetendo-as a exames médicos no interior de UFOs. Contudo, não me lembro de nenhum caso citando seres peludos. Além disso, esses conhecimentos não estariam ao alcance ou interesse de B., apesar da enorme penetração da Revista UFO e de alguns livros e vídeos mais recentes. De mais a mais, o detalhe do parto e o líquido gosmento nos lembra um pouco o filme *Fogo no céu*, que narra a odisséia de Travis Walton, quando acorda dentro de uma nave extraterrestre, numa espécie de casulo. Mas os seres mostrados são os do tipo *greys* (cinzas) e não os peludos ou humanóides... Por fim, todas as informações poderiam ser perfeitamente reais, ou melhor dizendo, coerentemente reais.

Porém, as reportagens sobre UFOs em Mucugê e na Gruta de Brejões mostram fatos e realidades que podem ter incomodado muito certas pessoas ou instituições. Outra suposição bastante lógica é que todo o estardalhaço que B. fez para conseguir ganhar algum dinheiro com seu furo de reportagem tenha levado essas pessoas ou instituições a chegarem primeiro ao palco dos acontecimentos e, após confiscarem tudo (como no caso Roswell), convenceram o senhor B e sua esposa a negarem o fato... Se tivéssemos viajado para Feira de Santana imediatamente após recebermos o telefonema, teríamos encontrado alguma coisa? Talvez nunca saibamos.

Resta-nos ainda outra hipótese, mais séria, pelas implicações ou desdobramentos. Se o indivíduo fosse realmente bêbado e mentiroso, não poderia jamais fabular com tanta perfeição e coerência uma história dessas. Eis uma isca perfeita para qualquer pesquisador mais afoito: o perigo é que essas informações podem ter sido plantadas com um propósito específico, obscuro. Por fim, cabe a nós perguntar: o caso é verdade, uma mentira deslavada ou uma arapuca que não funcionou? Esta matéria foi remetida para a Revista UFO e publicada na edição 39, de agosto de 1995, com o título mencionado no início. Tal pesquisa ficou dormindo quase um ano no arquivo, até que algumas ocorrências novas a trouxeram novamente à luz do dia. Uma delas foi a realização deste livro e a necessidade de dar alguma satisfação aos leitores e aos colegas, mesmo que em uma circunstância qualquer

tivesse que dizer “... *me enganei, não houve nada disso, foi um rebate em falso*”, eu o faria com toda tranqüilidade. Neste caso, por sorte, foi diferente. Existiram outros desdobramentos na história que nos levaram a acreditar que “embaixo desse angu havia carne, muita carne.” Se antes tínhamos bastante dúvidas, agora a coisa estava mudando.

Passara-se um ano até acontecer o Caso Varginha, em janeiro de 1996. Ali estava a surpresa da primeira pista. Positiva. Um dos alienígenas – eram quatro – morto pelos militares era um ser peludo, com garras nas mãos e pés. O sinal de alarme disparou mais uma vez. Tínhamos que apurar mais detalhes sem despertar suspeitas dos “amigos ursos” e cheguei a trocar alguns telefonemas e informações com outros colegas, no embalo do caso Varginha. Foi aí que me alertaram sobre o que os serviços de inteligência estavam fazendo, seguindo, fotografando e filmando pesquisadores e as placas de seus carros, grampeando telefones...Então comecei a descobrir o porquê de alguns problemas que vinha enfrentando e comecei a tomar precauções.

A coisa estava sendo mais séria do que imaginávamos, mas qual seria a ligação desses dois casos? Como e por que teriam caído dois UFOs no espaço de um ano, aqui no Brasil? E sobretudo, como as autoridades tinham sido tão rápidas e eficazes [*Parte dessas deduções estão em páginas anteriores*]. A arapuca estava esquentando e eu ainda não tinha meios para entrar em cena. Coincidentemente, confirmei o grampo em meus telefones, fui seguido por um carro com placa fria e até a pé. Isso era sinal inequívoco de que estávamos perto de alguma coisa – que ainda não víamos – e de que havia gente ficando preocupada com isso. Chegamos a detectar a tentativa de infiltração de duas pessoas (ou mais) em nosso grupo, que se diziam interessadas em ajudar e perguntavam bastante sobre o caso de Feira de Santana... Quanta sutileza!

De repente, me cai do céu – sem fazer jogo de palavras – uma série de informações quentes. Na noite de 12 de janeiro de 1995, muito provavelmente na hora da queda do UFO em Feira de Santana, houve um blecaute na cidade. Outra pessoa confirmou a falta de luz e também disse que nesse dia, por volta das 05:00 ou 05:30 h da manhã, viu sair do 35º Batalhão de Infantaria de Feira de Santana, três caminhões em alta velocidade, cheio de soldados, em direção ao interior onde fica a tal fazenda. Checamos através de nossas fontes ligadas à Companhia de Eletricidade da Bahia (Coelba) que o blecaute havia mesmo acontecido. Nossas fontes acrescentaram que a mesma Coelba tinha

questionado à Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) que não havia problemas com as linhas de energia locais, e esta fez ao mesmo com a Coelba! Posteriormente, soubemos que o blecaute tinha atingido até a divisa com o Sergipe. Era muita coincidência. Aparentemente, os memorandos e ordens de serviço daquele dia, que confirmariam o apagão, ou não estavam disponíveis para consulta ou tinham sumido dos arquivos...

As investigações do G-PAZ continuaram, agora dividindo esforços entre as pesquisas e os homens que encontravam-se bastante agitados... Surgiram outras informações muito mais sérias, que aliadas ao trabalho de análise das mesmas, e mais algumas evidências fortíssimas, praticamente confirmariam tudo. Faltaram apenas as peças principais, mas infelizmente não podemos – no presente momento e neste trabalho – divulgá-las para poder proteger as fontes. A única coisa que podemos dizer é que se trata de alguém que na época servia no citado regimento de infantaria, e que aceitou gravar depoimentos por causa de problemas que aconteceram com ele.

Apenas podemos dizer que a arapuca armada em janeiro de 1995 por sorte não funcionou e que os fatos apurados realmente aconteceram. Também podemos afirmar que há implicações seríssimas por trás disso tudo e que existiu – ou ainda existe – um *pool* de corporações nesse tipo de operação para afastar pesquisadores. Por fim, sabemos que foram envidados todos os esforços para que nada vazasse. Talvez o êxito quase total dessa operação teria servido como parâmetro para as ações em Varginha, um ano depois. Nossa obrigação e compromisso – nada mais – é apenas com a verdade dos fatos. Por isso decidimos, após muita reflexão, escrever esse texto. Quando vamos poder divulgar a história completa? Eu sinceramente não sei.



## Capítulo 6

# Mortes Misteriosas

*“Mentiras sinceras me interessam...”*

– **Cazuza**

**Q**uando aconteceram os acidentes com UFOS em 1947, na localidade de Roswell e a seguir em Aztec, Laredo, Holloman, etc, começou um perigoso jogo de esconde-esconde. Como eles caíram? Segundo se soube, alguns por causa de panes, outros teriam sido atingidos – embora não propositalmente – por ondas de um super radar testado por militares americanos. E não faltaram testemunhas afirmando saber que algumas dessas naves teriam sido abatidas com mísseis.

As explicações oficiais simplesmente inexistem. E sobre esses acidentes há apenas desmentidos irônicos: UFOS que não eram senão balões atmosféricos ou alvos de radar com bonecos – os presumíveis corpos resgatados –, convertidos quase 50 anos depois em pára-quedas de tecnologia avançada e vários desmentidos oficiais fazendo crescer a bola de neve da mentira e da desinformação. Porém, nos bastidores, a situação era muito diferente. Os militares estavam inquietos, temerosos e sem saber ao certo o que fazer. Por outro lado, os gênios militares tentavam convencer o presidente Truman de que deviam silenciar tudo e a todos, não importando o preço a pagar por isso, já que se conseguissem a tecnologia dos UFOS seriam imbatíveis. Eram os duros tempos da Guerra Fria, do pós-guerra, de Hiroshima e Nagasaki. Então Truman decidiu-se pela criação do grupo *Majestic-12* ou somente *MJ-12*.

Sua missão principal, como já vimos, era a ocultação do Fenômeno UFO e, a partir disso, as maiores barbaridades em tempos de paz foram perpetradas. Era o início da caça às bruxas (ou aos ufólogos). Os métodos variavam, desde a mais banal transformação de notícias de observações em casos risonhos ou piadas, à desmoralização de cidadãos honestos e sérios que apenas queriam com seu patriotismo ajudar a América a vencer os invasores comunistas – no início muitas pessoas acreditavam que os UFOs poderiam ser aviões secretos ou armas russas. Eles foram chamados de loucos, mentirosos, charlatões, visionário e fanáticos. Mas, de repente, apareceram pessoas “de peso”, com um nome respeitado, difíceis de serem ridicularizadas e que poderiam ser levadas a sério por muita gente. Então era necessário utilizar outros métodos.

A primeira vítima foi, ao que parece, o secretário de Estado James Forrestal – posteriormente, em sua homenagem, batizaram um porta-aviões nuclear com seu nome. Forrestal levava o assunto extraterrestre muito a sério e tinha alguma influência com Truman, pedindo ou sugerindo em várias oportunidades que tudo isso fosse contado ao povo devido à gravidade dos fatos, pois através do pagamento dos impostos dessas pessoas é que eram pagos os salários dos militares e dos homens do governo. Logo, a população tinha o direito de saber. Isso era considerado muito perigoso para o grau de sigilo imposto ao assunto e devido a este problema, repentinamente, James Forrestal entrou em grande depressão, precisando ser internado às pressas numa clínica especializada. Homens do FBI guardavam a porta de seu quarto no hospital e, muito provavelmente, o ajudaram a fazer um laço com os lençóis amarrados na cabeceira de sua cama e outro ao redor do pescoço quando decidiu pular pela janela – algumas versões dizem que não foi do hospital e sim de sua residência. Em poucos minutos o problema estava resolvido, e se alguém mais tentasse descobrir alguma coisa, esse fato poderia servir de recado, indicando as conseqüências de fazer ou dizer algo inconveniente...

Outra vítima de muito renome, prestígio e força junto ao Congresso Americano foi o doutor James McDonald, professor de física do Instituto de Física Atmosférica e também do Departamento de Meteorologia da Universidade do Arizona. McDonald tinha certeza de que os UFOs não eram outra coisa senão fenômenos atmosféricos desconhecidos ou mal explicados, e a partir dessa hipótese conseguiu ter acesso aos arquivos da Força Aérea.

Depois de algum tempo estudando e analisando relatórios – até então secretos – chegou à conclusão de que os UFOs eram, de fato, o maior enigma do nosso século e, provavelmente, de origem extraterrestre.

McDonald trabalhou denodadamente junto ao Congresso na década de 60 para tentar criar reuniões com subcomissões do mesmo, tornando-se incômodo e sumamente perigoso para os defensores do sigilo. Justamente, em 1953, o Painel Robertson – programa montado pela CIA – recomendava uma dura política em relação à desinformação a respeito dos UFOs, e um homem como McDonald ameaçava jogar tudo por terra, já que poderia (com certeza) ser levado a sério. A partir daí, os congressistas começaram a fazer perguntas que nenhum deles estava disposto a responder. Matá-lo simplesmente? Era muito arriscado e poderia transformá-lo em mártir da causa, e isso era a última coisa que queriam.

O estudioso continuava sua luta fazendo palestras, contatando outros cientistas, assinando artigos em revistas e jornais. Um dia, ao regressar a sua casa (segundo algumas informações) flagra a traição de sua esposa. Desesperado, tenta o suicídio, mas erra o disparo, e ao invés de morrer fica cego – pelo menos foi o que se informou na época. Isso não era bom para os seus algozes que, muito provavelmente, foram os responsáveis por esse flagrante de adultério, que segundo julgaram, arrasaria moralmente o professor. Se ele matasse a esposa, melhor ainda. McDonald ainda amava a vida, e tanto é verdade que quando se recuperou dos ferimentos começou a freqüentar um hospital onde fazia terapia para tentar normalizar – dentro do possível – sua vida. Mas foi em certa manhã, no ano de 1971, após sair do hospital (como sempre o fazia), pegou um táxi e pediu para o motorista que o deixasse no início do deserto. Ao chegar, pagou a corrida e saltou. Em seguida puxou sua arma e desta vez conseguiu tirar sua vida...

É muito curioso como tantas pessoas, em momentos tão especiais de suas vidas, optam pelo suicídio que, invariavelmente, acaba beneficiando outrem... Será que é muito idiota perguntar ou questionar o depoimento desse motorista que pega um cego na saída de um hospital e não liga a mínima para o fato dele se fazer conduzir até o deserto, e após receber o pagamento da viagem vira as costas e não percebe que o sujeito puxou uma arma para se matar? Talvez ele pensasse que o cego fosse praticar tiro ao alvo ou caçar lagartixas... O mínimo que podemos imaginar é que o dito taxista

era um dos seus algozes e que McDonald, ao subir no carro e dar seu endereço, seguiu outro rumo, e ao chegar num local ermo, foi morto... Quantas outras mortes aconteceram em nome do sigilo? A enorme lista parece literalmente com as de baixas de guerra, já que para atingir seus objetivos os carrascos não poupamos esforços.

Citemos alguns casos inexplicados. Dorothy Kilgallen, jornalista (morreu por overdose de ansiolíticos e álcool, em 1955), enviou um memorando para seu jornal, em Londres, falando que um oficial britânico – o doutor Noel Opan, desaparecido misteriosamente em 1959 – teria dito que “*os governos sabiam dos pequenos homens e dos UFOs que vêm de outros planetas.*” Morris K. Jessup, arqueólogo e astrônomo, suicidou-se em 1959. Ele teve sua morte investigada por Ana Gezlinger, que relatou que ele estava “*sob algum tipo de controle mental.*” O sargento da polícia Oberlain disse ao ver o corpo que tudo lhe parecia “*profissional demais.*” O suicídio foi realizado dentro da garagem de Jessup, com o carro ligado a uma mangueira amarrada ao tubo de descarga do veículo. Como detalhe final, o corpo não foi autopsiado. Frank Edwards, conhecido jornalista e entusiasta dos UFOs, que incentivava, através de seu programa, que o governo e o Congresso investigassem os UFOs, morreu de enfarte. Arthur Bryant, Richard Church e o escritor Willie Lay morreram no mesmo dia, 24 de junho de 1967. Edgar Jarrold desapareceu em 1966.

Entre 1966 e 1967, o pesquisador Otto Binder investigou a morte de 137 pesquisadores, escritores, cientistas e testemunhas. As mortes de cientistas ligados à empresa britânica Marconi Ltda – que realizou diversos projetos associados com as pesquisas do projeto Guerra nas Estrelas – somam aproximadamente 30, ocorridas entre 1985 e 1988. Como curiosidade, podemos citar que todas essas pessoas – da Marconi ou ligadas de alguma forma à empresa –, além de terem em comum o fato de participarem do Star War, eram ou tinham sido muito interessadas em UFOs. Roger Hill, Jonathan Walsh, Ashad Sharif – que supostamente amarrou uma corda no pescoço e a outra extremidade a uma árvore para em seguida entrar no carro e acelerar – Trevor Knight, Peter Ferry, Alistar Beckham, Danny Casolaro, o astronauta Dick Slayton, James Forrestal, Sharif... Pelo visto corremos o risco de escrevermos um obituário.

Outra coisa que preocupa é o grande número de mortes – aparentemente naturais – por infartes, derrames, aneurismas, câncer nas mamas e ovários,

detectados em outras vítimas, uma das quais a provável abduzida Ann Livingston. Entretanto, algumas delas podem ser perfeitamente naturais. Mas tamanha é a incidência atingindo um grupo mais ou menos definido de indivíduos ligados ao problema UFO...

Nos casos de câncer, por exemplo, foram mortes rápidas e inesperadas para uma doença que às vezes leva anos para matar. Entre esses, podemos citar como exemplo o do pesquisador canadense Wilbert Smith, o do brasileiro doutor Olavo Fontes – representante da *Aerial Phenomena Research Organization (APRO)* no Brasil –, que teria recebido a visita de pessoas que lhe informaram que tinha conhecimento de coisas muito sérias e que seria melhor esquecer-las – referindo-se provavelmente aos fragmentos de um UFO que explodiu em Ubatuba, São Paulo, assim como os resultados das análises que indicavam material não terrestre. Mais “vítimas” seriam Jim e Coral Lorenzen, fundadores da APRO, e recentemente, o biólogo Ivan Sanderson e Joseph Allen Hynek, estes últimos vítimas de um raro tipo de câncer cerebral.

Mais preocupante ainda é saber que esses tipos de doenças podem ser provocadas artificialmente por meio de produtos químicos, vírus de diversas espécies e raios pulsantes – segundo o investigador norte-americano Cope Schelhorn. O câncer também pode ser provocado por contaminação radioativa, que age fulminantemente, sem dar tempo a tratamento ou cirurgia. Ao contrário do que muitos imaginam, considerando o Brasil um país tranquilo, onde “não acontecem essas coisas”, podemos dizer que infelizmente aqui também elas ocorrem. Disfarçadamente na maioria das vezes, acidental ou evidentes noutras, essas ocorrências, de fato, têm acontecido. Algumas mais ligadas à ação da inteligência estrangeira na área das pesquisas científico-espaciais. E tudo indica (apesar dos desmentidos) que elas estão diretamente ligadas à área da ufologia. Vamos relacioná-las começando pela que esteve, provavelmente, ligada à espionagem e dentro do rol das mortes misteriosas que citamos neste capítulo.

A morte do tenente coronel José Alberto do Amarante, de 41 anos de idade, diretor do Centro Técnico Aeroespacial da Aeronáutica Brasileira (CTA), em 2 de outubro de 1981 e considerado por muitos como um dos maiores responsáveis pelo andamento da pesquisa nuclear no Brasil, foi atribuída a um câncer de medula (leucemia) que o exterminou em apenas 10 dias – e ainda não devidamente esclarecida. Não venham alegar que podia

estar doente há mais tempo porque militares da ativa fazem check-up periodicamente, apesar das investigações realizadas pelo Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (CISA). Segundo sua viúva, V. A., o oficial chegou a comentar com ela de que vinha sendo seguido e que já informara a esse respeito aos serviços de segurança da FAB pouco tempo antes de morrer. Não foram realizadas medições de radioatividade no carro do Amarante, embora se encontrassem estranhos resíduos escuros dentro do veículo e embaixo do seu banco. Por fim, quando o cadáver foi exumado para seu traslado ao Rio de Janeiro, foram constatados sinais de violação na sepultura.

Qualquer coisa que intentemos acrescentar ao aqui exposto não passaria de mera especulação. Apenas posso dizer que são fatos que merecem toda a atenção e uma cuidadosa análise. Sobre a segunda morte brasileira no rol das misteriosas, encontra-se a deste homem que embora tenha falado bastante nos bastidores, o que aqui vou escrever é por minha conta e arrisco, já que todas as bocas se fecharam sintomaticamente, repetindo uma explicação simplória e um tanto absurda, mas revelando-se como se fosse um bem de cunho pessoal guardado secretamente. Pode até sê-lo, e ficarei muito chateado se algum dia descobrir que estou completamente enganado e não me restará mais do que assumir. Entretanto, gostaria que nada disso tivesse acontecido.

Desde o momento em que vi esta figura ímpar do coronel Uyrangê Hollanda no programa *Fantástico*, da Rede Globo, falando coisas “impensáveis” na boca de um militar, passei a admirá-lo por sua coragem, almejando conhecê-lo e parabenizá-lo durante o *I Fórum Mundial de Ufologia*, em Brasília. Não vou me estender sobre seus depoimentos narrados magistralmente nas edições 54 e 55 da Revista UFO e através do vídeo comercializado pela *Associação Fluminense de Estudos Ufológicos (AFEU)*. Apenas quero visualizar certos fatos que não podemos ignorar nem empurrar para baixo do tapete como se nada tivesse acontecido.

Para avaliar melhor minhas impressões sobre ele, consegui manter uma longa e agradável conversa com um ex-subordinado seu – ainda na ativa e por esse motivo não irei citar o nome –, que no primeiro encontro parecia vibrar de puro orgulho e respeito ao falar no coronel Hollanda e narrar alguns fatos pitorescos da sua vida durante o tempo em que viveram juntos em uma base aérea. Uma semana depois da noite agradável, nos encontramos novamente

durante um evento social, e desta vez, ao puxar o assunto, tive que dar a triste notícia que me tinha sido transmitida por telefone horas atrás. Ele ficou transfigurado, sério, como se tivesse recebido um tapa na cara, e permaneceu calado por alguns momentos.

Contei os poucos detalhes que conhecia sobre o acontecido e ele ainda pediu para que eu confirmasse, e respondi: *“Olha, só posso esperar que me encontre em breve com outros colegas em Brasília, porque há de convir que a esta altura do jogo não posso me arriscar nem arriscar a pele de outras pessoas perguntando por mais detalhes pelo telefone...”* Confesso que ao dizer isso esperei até uma censura ou crítica da parte dele, pelo que implicitamente sugeriam minhas palavras, mas não foi assim. Ele olhou fixamente nos meus olhos e mexeu levemente a cabeça, como que concordando plenamente com meus pensamentos. *“Informe-me se souber alguma coisa”*, disse, encerrando a conversação.

Depois eu soube, e consegui apurar através de outras fontes, que no dia anterior ao depoimento do coronel ao Fantástico e também à Rede Manchete foi acertado que não seria efetuada nenhuma chamada especial para o programa citando o assunto, para evitar que alguma interferência estranha ou mandado de segurança censurasse ou cortasse a matéria, em parte ou na íntegra, o que felizmente foi conseguido. O impactante depoimento do coronel Hollanda mencionava as pesquisas sigilosas da FAB no sul do Pará durante vários meses na chamada *Operação Prato*, afirmando que existiam filmes e fotografias que ele próprio teve o privilégio de ver cara a cara. A matéria foi um sucesso no Brasil e no exterior, já que através destas duas redes de tevê, milhões de pessoas tomaram conhecimento dos fatos.

No dia seguinte, conforme apuramos, dois ou três oficiais da FAB e do Serviço de Inteligência da Aeronáutica (A-2) visitaram o coronel Uyrangê Hollanda em sua casa. Não sabemos o teor da conversa, mas transpirou a notícia de que ele teria sido proibido de fazer novas declarações e provavelmente ameaçado. O coronel teria replicado, dizendo que já não fazia mais parte do quadro de oficiais (estava reformado desde 1992), e que já tinha dado à Aeronáutica toda a fidelidade e obediência durante todos aqueles anos em que nela permaneceu ativo e atuante.

Após a publicação da primeira parte de sua entrevista completa à Revista UFO, aconteceu sua morte, noticiada discretamente apenas no

mês seguinte, na edição posterior, onde fora publicada a parte final da entrevista. As explicações de alguns companheiros – que respeito muito – não acrescentaram nada de novo e, em geral, ninguém queria tocar no assunto. Diziam, após relutar bastante, que na verdade o coronel Hollanda teria se suicidado por problemas pessoais, enforcando-se deitado à sua cama com um cordão de roupão. Alguém disse ainda que teria visto o laudo do IML o qual confirmava essa versão.

Quando procurei os mais chegados, foram taxativos em suas respostas, acrescentando apenas que o coronel vinha passando por uma terrível fase de depressão – a depressão... sempre uma constante nas explicações. Depois, durante a palestra do americano Cope Schelhorn, que versou sobre inexplicáveis mortes de ufólogos norte-americanos, em certo momento, citou que muitos outros haviam sofrido ameaças muito sérias e explícitas não apenas nos EUA, mas em diversas partes do mundo, incluindo o Brasil, mas que nesse caso pedia desculpas por não citar os nomes dessas pessoas – duas delas, para ser mais exato – por questões éticas.

Mais tarde, ao nos encontrarmos durante um intervalo entre as palestras, conversamos sobre nossa segunda paixão, o cachimbo, e em meio às baforadas saboreando um café, surgiu a oportunidade. Em particular, ele poderia declinar esses nomes? Um já se foi, lamentavelmente... era o coronel Hollanda. As outras pessoas integrantes dessa lista negra vou ter que respeitar a seu pedido e não citá-las. Não sei se faço bem ou mal nisso, mas espero não ter que me arrepender de meu silêncio.

Esclarecido isto, vamos tentar analisar alguns fatos. Os depoimentos do coronel Hollanda foram muito fortes e contundentes, devendo obviamente ter abalado algumas estruturas ou quebrado alguns pactos internacionais de sigilo e desinformação ufológica. Se ele fosse simplesmente admoestado, preso ou morto de forma acintosa, correria-se o risco de convertê-lo em mártir, possibilitando assim que seu exemplo fosse seguido por outros – já era demais o acontecido com os militares que denunciaram a trama de Varginha. Se o processo fosse mais sutil, não chamaria tanto a atenção de imediato – como de fato aconteceu – e assim, quando surgissem algumas suspeitas com as paixões mais serenas, os que poderiam se pronunciar perceberiam que aquilo era um recado e que não iria adiantar querer bancar os heróis... Evidentemente, a Operação Prato foi algo forte demais, já que colocava em xeque muitas

coisas e destampava outras. Existem também os fatos – poucos explicados – de algumas mortes entre os companheiros de Hollanda que participaram da operação, aparentemente por algum tipo de contaminação ou radiação – como ele próprio sofria com intenso prurido no braço e partículas estranhas que afloravam de sua pele, verificadas por exames médicos. Devemos considerar que eles passaram muitas noites expostos a qualquer coisa, sem a mínima proteção nem aviso por parte dos seus superiores. Além disso, como aceitar que dentro ou próximo de uma base militar existam manifestações extraterrestres – invisíveis a todos, mas percebidas pelo coronel – e que entidades do tipo *grey* apareçam dentro dos aposentos do coronel Hollanda, visíveis e palpáveis, e que o mesmo fale abertamente disso com os pesquisadores e a Imprensa [*Veja segunda parte do seu depoimento à UFO 55*]?

Por último, um detalhe que pelo menos para mim resulta altamente suspeito deve ser aqui apresentado. Quem poderia se enforcar deitado, apertando simplesmente o cordão do roupão? Ao que parece, essa história está muito mal contada, já que sem ter conhecimentos médicos resulta fácil deduzir que ao apertar – mesmo que violentamente – o referido cordão, e a vítima desfalecer pela falta de oxigenação do sangue que age sobre a musculatura, as mãos se afrouxariam e o enforcamento não aconteceria provocando apenas um momentâneo desmaio. Enfim, coisas estranhas acontecem, tal como o enforcamento com a utilização de um catéter, como fez Phil Schneider (paraplégico).

A quem poderíamos culpar por isso? Existem suspeitas, evidências, mas nunca provas ou confissões. No caso específico que nos ocupa, prefiro acreditar em interferência estrangeira. Acredito também que em muitos aspectos, lamentavelmente, nossa soberania está seriamente ameaçada. É isso que nossas Forças Armadas devem cuidar com todo zelo e dedicação para não se deixar sujar nem serem usadas ou incriminadas por elementos aos quais nada importam os interesses deste país (ou qualquer outro), nem a própria Humanidade.

Por enquanto, nos resta caminhar no fio da navalha e desejar que isto seja apenas um pesadelo. Mas há alguns pesadelos que não são fáceis de esquecer – e nos perturbam – especialmente quando acontecem coisas que faziam parte daqueles sonhos. E este é mais um dos mistérios da mente humana que talvez seja apenas fruto de nossa psiquê, ou foi plantado ou implantado em

nossa mente agora ou em algum dos nossos ancestrais, por algo ou alguém de quem somos herdeiros, parentes ou simplesmente cobaias de seus laboratórios. E o pior de tudo é que às vezes, quando algumas das cobaias ameaçam se sublevar, vem outra da sua própria espécie para nos sufocar ou caçar...

## **Observações**

No currículo de um dos homens que mais assustaram os militares americanos, o professor James McDonald, encontramos possivelmente a explicação para tanto medo. Alguém deixaria de acreditar nele conhecendo sua trajetória? Ele é bacharel em Química (Universidade de Omaha, 1942), mestre em Meteorologia (MIT, 1954) e Ph.D. em Física (Universidade Estatal de Iowa, 1951). Em 1954, fez parte do Corpo de Investigadores da Universidade do Arizona. Participou do Projeto Físico sobre estudo das nuvens na Universidade de Chicago (1953/54). Tornou-se professor assistente de Física na Universidade de Iowa (1950/53). Formou parte da Inteligência Naval durante a 2ª Guerra Mundial (1942/45). Era membro, entre outras instituições, da Sociedade Meteorológica da Associação Americana para o Progresso da Ciência e da Sigma XI, além de conselheiro de Ciências Atmosféricas pela Fundação Nacional de Ciência. Membro do Projeto Stormfury, da Marinha Americana e da Academia Nacional de Ciências (ANS), na equipe de controle e modificação do tempo. Era casado, pai de 6 filhos e nasceu em Duluth, Minnesota, em 1920.

No caso da morte do doutor Olavo Teixeira Fontes, temos uma evidência durante uma visita de dois homens, provavelmente da Marinha norte-americana, que a une à morte de dois pesquisadores norte-americanos, Jim e Coral Lorenzen. O doutor Olavo Fontes, baiano ilustre formado em Medicina pela Faculdade de Rio de Janeiro, se especializou em gastroenterologia. Casado, pai de 7 filhos, faleceu em 9 de maio de 1968. Apaixonado pela ufologia, era membro da APRO, onde colaborou por 11 anos. Nas suas andanças ufológicas teve a oportunidade de pesquisar um dos casos mais explosivos do Brasil: a abdução de Antônio Vilas Boas em outubro de 1957. Teve em suas mãos um dos fragmentos do UFO que explodiu nas praias de Ubatuba no mesmo ano, conseguindo fazer análise dos pedaços de metal nos Estados Unidos e no Brasil, revelando os laudos de magnésio em estado de

pureza da ordem de quase 98%, o que demonstra que não foi usinado na Terra, já que aqui, com nossa tecnologia, seria impossível obter tal grau de pureza...

Em 27 de fevereiro de 1958 enviou uma carta para a APRO contando da visita que recebera de dois indivíduos que se identificaram como sendo do Serviço Secreto da Marinha dos EUA. Entre outras coisas, os mesmos disseram a ele que sabia demais sobre coisas que não devia saber e que a posse de fragmentos de um UFO poderia ser perigosa. Também disseram-lhe que o governo norte-americano possuía alguns UFOs e corpos de humanóides, e que o sistema de propulsão dessas naves criava um campo eletromagnético muitíssimo poderoso, de alta voltagem alternante e oscilante que provocava um efeito gravitacional ainda não compreendido.

Acrescentaram que os Estados Unidos e a Grã Bretanha haviam feito um acordo secreto com os aliens em troca de tecnologia – e o memorando de Dorothy Kilgallen, em 1955, falava de algo parecido, por não dizer igual. Falaram também que os EUA haviam perdido muitos aviões na tentativa de derrubar UFOs e que os ETs teriam utilizado uma espécie de feixe de luz para desintegrá-los no ar: uma espécie de raio que parecia ser ultra-sônico e, portanto, teriam o poder de desfazer a coesão molecular de qualquer estrutura metálica. Por último, afirmaram que a população mundial não podia saber nada a esse respeito e que o sigilo haveria de ser mantido a qualquer custo, mesmo que tivessem que usar da violência. O doutor Fontes, a exemplo do que vitimou o casal Lorenzen, também veio a falecer do mesmo problema dos anteriores: câncer – que o levou em curtíssimo tempo, pouco depois desta entrevista. Trágica coincidência? Acaso?

Entre outras coisas, fala-se – nessa mesma entrevista – que um satélite de grandes dimensões poderia alimentar a força de vários discos. Nessa época foram detectados, observados e fotografados corpos celestes de grandes proporções orbitando a Terra e a Lua. O astrônomo Clyde Tombaugh participou das investigações confirmando os fatos [*Ver capítulo Os Prenúncios do Contato*].



## Capítulo 7

# Acidentes Aéreos

*“Duvidamos até mesmo da própria dúvida.”*

– Anatole France

**Q**uantos acidentes aéreos ficam sem solução – aparentemente – ou as conclusões dos peritos e especialistas jamais chegam até o nosso conhecimento! Não que não existam acidentes. Infelizmente, eles acontecem e são muitos em qualquer parte do mundo, mas não são deles que queremos falar. Sobre esse outro tipo de acidentes existem muitas notícias que os “quase acidentes” nos fizeram perceber: uma realidade por trás de matérias banais e/ou sensacionalistas de catástrofes provocadas por loucos, suicidas e terroristas. Estamos nos referindo aos acidentes ou quase acidentes provocados por UFOs, propositadamente ou não – ainda não sabemos. Para isso vamos começar por esses últimos.

Situar este fenômeno num retrospecto seria uma tarefa árdua e enfadonha, com listagens extensas. Por isso, daremos apenas uma pincelada inicial e depois comentaremos com maiores detalhes fatos mais próximos. Na década de 50, quando estavam se intensificando as aparições de UFOs em todo mundo, aconteceram também muitos acidentes misteriosos. Como a tecnologia aeronáutica não era tão evoluída como nos dias de hoje, e também as investigações não eram tão minuciosas, muitas coisas passaram despercebidas e acabaram entrando no rol dos acidentes por causas desconhecidas. Outros foram ocultados nos porões da desinformação e do sigilo...

Mas diversos pesquisadores (ufólogos e aeronáuticos) perceberam alguns detalhes no mínimo curiosos. Eles já tinham ouvido de algumas testemunhas relatos que de início tinham passado sem que ninguém lhes desse atenção, tais como luzes que aparentemente acompanhavam os aviões de perto quando estes se aproximavam de aeroportos – locais onde ocorrem a maioria dos acidentes –, claridades que pareciam se chocar contra as aeronaves, ou ainda que esses objetos ao se aproximarem dos aviões pareciam fazer com que estes, de repente, parassem de funcionar e caíssem. Aí alguém se lembrou dos misteriosos *foo-fighters* ou caças de fogo que apareciam durante missões aéreas na 2ª Guerra, atravessando a fuselagem dos aviões, por exemplo, e após percorrê-los de um lado ao outro, saíam da mesma forma em que entravam, sem causar danos. Outras vezes, tais objetos acompanhavam os caças nos combates aéreos como que observando ou querendo entender que loucura era aquilo. Dezenas de relatórios, centenas até, tanto dos Aliados como das tropas do Eixo, abarrotavam os arquivos sob a classificação de prováveis armas secretas do inimigo.

Terminada a guerra, além de visitar bases militares abertamente sem o mínimo temor de serem abatidos, os UFOs percorreram todas as instalações nucleares e fábricas de armamentos e arsenais, sempre impunemente. E começaram a acontecer diversos acidentes aéreos inexplicáveis: uma aeronave que estava prestes a pousar e tinha se comunicado com a torre anunciando sua chegada e informado que tudo estava em ordem, de repente, despencava a poucos quilômetros da base. E foram muitos os acidentes desse tipo.

Certa vez, um avião militar, ao se aproximar da base, acabou dando uma pista do que poderia estar acontecendo. Numa checagem a bordo, o operador de radar percebeu ecos luminosos na sua tela e perguntou à base se existia algum tráfego nesse local, o que foi negado pelos responsáveis da torre. Observando com cuidado o céu, os pilotos viram objetos discoidais e um maior em forma de fuso, que atravessavam o espaço em grande velocidade. A seguir, outra esquadrilha de objetos também se avizinhou, sendo que um deles se destacou da formação e se aproximou rapidamente do avião, voltando a seguir para junto do enorme fuso.

Pouco tempo depois, a tripulação, em pânico, anunciou que alguma coisa tinha se chocado com a parte traseira do avião e este estava caindo. Outras investigações de diversos casos apontavam para uma constante

bastante significativa. Aparentemente, os UFOs estavam usando as mesmas rotas que os aviões para se aproximar da torre, e qualquer operador de radar, mesmo que atento ao tráfego e aos sinais na sua tela, observaria que aquele objeto em aproximação era um avião. Curiosamente, essa era uma das táticas que utilizavam os submarinos alemães para avizinhar-se de comboios que pretendiam atacar, se disfarçando das varreduras do sonar dos navios de combate, viajando de carona com algum grande cargueiro.

Outra possibilidade de podermos explicar essas estranhas manobras pode ser a curiosidade: a escuta das comunicações de rádio – provavelmente interceptadas por eles – das aeronaves, e o porquê de emitirem certos sinais ao atravessarem determinados locais que eram respondidos. As antigas técnicas de navegação aérea com a utilização de radiofaróis, colocados a distâncias determinadas, ao serem sobrevoadas recebiam o sinal do avião, respondendo-o e confirmando dessa forma a rota correta para a navegação. Foram exatamente nesses locais que aconteceram muitos acidentes. Imperícia dos alienígenas, no melhor estilo dos distraídos do trânsito, que batem na traseira de um automóvel quando este pára no semáforo? É difícil de aceitar, e mais ainda de comprovar, mas os acidentes aconteciam.

Diversos estudos realizados nos EUA por pilotos e ufólogos parecem indicar, sem margem de dúvidas, esta teoria. Se um UFO voasse junto de um avião e checasse as frequências radiais até localizar uma estação ou radiofarol à frente e outra atrás do avião, tudo que deveria fazer era seguir a aeronave, mesmo que por curta distância, para descobrir que o aparelho estava voando entre duas estações. Dessa forma, teria as pistas para descobrir o sistema. Pareceria uma simples coincidência, mas na medida em que se analisassem relatórios deste tipo, ficaria claro que era exatamente isso que um estrangeiro com mente científica faria. Evidentemente, não é o caso atual em que os aviões navegam por satélite e aqueles radiofaróis parecem peças de museu, muito embora ainda existam alguns em operação em pequenas localidades ou para auxiliar nos pousos por instrumentos.

Além disso, marcando-se a rota por um UFO, em casos até a década de 70 – como num acontecido em 4 de novembro de 1973 e outro em Atwater, Ohio, em 17 de abril de 1966 –, chegamos à conclusão de que se pelo menos foram feitos 3 pontos de contato em estações de sinalização por onde o UFO tenha se deslocado, não existe nenhuma chance de que o fenômeno seja

algum fato natural e casual. Se é determinada a rota de um UFO entre duas estações de transmissão de sinais, como no caso Atwater, ou outras múltiplas observações com auxílio de radar, há uma probabilidade entre 500 milhões de que seja um fato natural.

Entre a seqüência de quase colisões, o caso que se tornou um clássico ufológico foi o que aconteceu em 24 de julho de 1948, durante um vôo de um DC-3 – imagine-o como um Bandeirantes e haverá pouca coisa de diferença, ou um UFO como uma fuselagem de um Boeing 737, sem asas – da Eastern Airlines, entre Houston (Texas) e Atlanta (Georgia), comandado por Clarence Chiles e John Whitted. O avião quase bateu de frente com um enorme UFO em forma de charuto, com aproximadamente 30 m de comprimento, o que obrigou os pilotos a efetuarem uma manobra brusca para evitar a colisão. O episódio, na sua totalidade, não demorou mais do que 5 a 10 segundos. O UFO visto de lado pela tripulação apresentava uma série de retângulos iluminados semelhantes a uma janela, e deixava um rastro de fogo com talvez a metade de comprimento do charuto.

Conforme foi apurado, esse UFO estava exatamente na rota do DC-3, só que em sentido contrário e somente a extraordinária habilidade dos pilotos evitou a tragédia, embora ele – no mesmo momento – realizasse também uma manobra evasiva em sentido oposto ao avião, como se ambos tivessem se descoberto no mesmo instante. O fato impressionou muitíssimo as autoridades, entre outras coisas, porque ainda estava muito viva na memória de todos o acidente que vitimou o tenente Thomas Mantell, em janeiro desse mesmo ano, caso do qual nos ocuparemos mais à frente. Nos últimos anos também aconteceu uma série de acidentes e quase colisões, mas não mais nas rotas aéreas demarcadas por radiofaróis. Antes disso, vamos tentar analisar um pouco esse tipo de comportamento por parte dos UFOs que talvez nos ajudem a compreender melhor os fatos.

Em 1947, os UFOs começaram a aparecer oficialmente em nossos céus – como sabemos, eles já estavam aqui durante a guerra, e segundo alguns registros históricos, apareceram desde os primórdios dos tempos ao ponto de serem mencionados com outros nomes, como no *Livro dos Mortos do Egito* e em crônicas romanas de antes de Cristo. Mas continuemos a partir de 1947. Nesse período, eles passaram a utilizar nosso espaço aéreo com muito mais freqüência. Era como se tentassem descobrir até onde chegava nossa

tecnologia e conhecimentos. Segundo o jornal *News & World Report*, de 11 de janeiro de 1957, o total de acidentes importantes sofridos pela Força Aérea Norte-Americana (USAF) e pela Força Aérea da Marinha entre 1952 e 1956 foi de 18.662, com 6.624 mortes, entre as quais encontramos pelo menos 9,5% apontados como acidentes por causas desconhecidas, o que representa 1.800 acidentes [Fonte: *Revista O Cruzeiro – reportagem de João Martins*]. Isso resulta bastante suspeito numa época em que a aviação norte-americana tentava, a todo custo, derrubar UFOs... E neste caso falamos apenas de aeronaves militares.

Nos dias de hoje, poderíamos dizer que a maioria dos acidentes ligados à atividade UFO são ocultados pelos governos sob as mais variadas justificativas, preferindo culpar, em primeiríssimo lugar, as falhas humanas e em segundo os problemas mecânicos. Um dos casos mais bizarros acontecidos entre esses militares talvez seja o de 1939 (oito anos antes de Arnold), com um transporte militar da Marinha norte-americana que tinha decolado da base de São Diego rumo a Honolulu. Três horas depois, a aeronave enviou uma mensagem de socorro, e a seguir o rádio ficou mudo.

Mas conseguiu dar a volta e retornar à base em emergência. Todos os tripulantes estavam mortos, inclusive o co-piloto que vivera o suficiente para pousar o avião. Todas as vítimas apresentavam estranhos ferimentos de origem desconhecida. As pistolas calibre 45 do piloto e co-piloto estavam descarregadas e as cápsulas espalhadas pelo chão da aeronave. O avião apresentava ainda fendas inexplicáveis e as pessoas que as tocaram durante a vistoria em terra sofreram depois uma misteriosa infecção da pele [Fonte: *Flying Saucer Review*].

## **Caso Mantell**

Este caso, na época, abalou muito os militares norte-americanos, que de certa forma ainda tinham nas suas fileiras alguns eufemistas que acreditavam que o EUA era a nação mais poderosa do mundo, que nada poderia acontecer com o país, e USAF era a mais potente e invencível. Muitos outros eram realistas, mas mesmo assim o que aconteceu naquela tarde ensolarada ficou marcado com letras de fogo na história da vaidade americana. Em 7 de janeiro de 1948 aconteceu o primeiro combate conhecido de um avião

americano com um UFO. Perto das 14:00 h, foi descoberto um gigantesco UFO silencioso que sobrevoava calmamente Fort Knox, o local onde o governo norte-americano armazenava toneladas de ouro – um lugar aparentemente inexpugnável.

Mesmo assim, todas as atenções se voltaram para o misterioso objeto voador que parecia alheio a todo esse rebuliço. O local fica perto do Campo de Godman, no Kentucky. A polícia e a Guarda Nacional estavam apreensivas e quando pouco depois das 14:30 h uma esquadrilha de 4 caças P-51 Mustang chegou num vôo de rotina, o pessoal da torre de controle pediu para tentarem se aproximar e interceptar o desconhecido. Essa esquadrilha era comandada pelo capitão Thomas Mantell, veterano da 2ª Guerra Mundial, com diversas condecorações pelo seu comportamento na frente de combate.

Um dos aviões pousou de imediato com falta de combustível e os demais seguiram perseguindo um UFO que lentamente se distanciava. Logo depois, outro aparelho desistiu da caçada com problemas eletrônicos no painel e o terceiro alegou não ter suprimento de oxigênio para subir mais. Somente Mantell continuou a caçada, mas ele também não possuía reservatório de oxigênio e o depósito de combustível estava chegando ao fim, mas continuou subindo e se comunicando com a torre. Às 14:45 h comunicou ter avistado o objeto e minutos depois o descrevia como sendo metálico e de enormes proporções. Às 15:15 h, outra comunicação: *“O objeto está adiante e acima de mim, movimentando-se à mesma velocidade de meu avião ou um pouco mais. Se não conseguir me aproximar mais vou desistir.”* Foram suas últimas palavras. Todos os apelos provenientes da base de Godman não tiveram resposta. Mais tarde foram encontrados os restos do avião a 140 km de distância. O relógio de Mantell estava parado às 15:18 h – a onça sempre apanha o cachorro que a persegue e se destaca da matilha...

A primeira coisa inteligente que as autoridades fizeram foi anunciar que o piloto tinha se enganado seguindo o reflexo do Sol no cockpit, e outros afirmaram que Mantell estava seguindo o planeta Vênus, particularmente visível, e o fato de estar a uma grande altitude e sem oxigênio fizeram com que perdesse os sentidos vindo a cair. Também disseram que o objeto era um balão Skyhook com 30 m de diâmetro. Claro que um piloto experiente como Mantell jamais teria sido iludido por um balão atmosférico, mesmo que não o conhecesse e os Skyhook fossem experimentais nessa época. Jamais poderia descrevê-lo

como sendo de enormes proporções e de aparência metálica. Mas os mistérios sobre sua morte não pararam por aí. Embora os documentos do óbito fossem liberados pela Lei de Liberdade de Informações, muitos outros sobre este episódio permanecem classificados como *top secret*, como por exemplo os relativos aos exames do cadáver de Mantell e da perícia sobre as causas do acidente. Além de perder a vida, Thomas Mantell foi injustiçado pelos seus superiores que preferiram mentir sobre o caso, ao invés de assumir a verdade ou inventar alguma coisa que não denegrise a imagem do piloto.

## Caso do Vôo 19

Um verdadeiro clássico dos acidentes de aviões e considerado misterioso é o da Esquadrilha 19, no Triângulo das Bermudas, que levou consigo 5 TBM Avenger, um hidroavião Martin Mariner e 27 tripulantes. O porta-aviões Solomous ajudou nas buscas com 30 aviões, e até aeronaves inglesas participaram das buscas que resultaram num total de 100, mais 21 barcos e 12 grupos terrestres nas regiões costeiras, infrutiferamente. A lista é enorme e impossível de transcrever, sendo que apenas como indicação citaremos alguns poucos casos históricos para depois aprofundar mais nos anos recentes.

Em 2 de maio de 1953, um jato inglês Comet com 43 passageiros caiu em chamas. O Ministério Britânico do Ar concluiu a investigação, tendo declarado no relatório: “*Colisão com um UFO...*” Em 23 de novembro de 1953, um jato F-89 Scorpion, da Força Aérea Canadense, pilotado pelo tenente Felix Moncla e levando como radarista o tenente Wilson, decolou para interceptar um UFO sobre o Lago Superior. Na tela do radar da Base, os dois ecos (UFO e avião) apareceram bem claros e viu-se quando ambos pareceram convergir para um determinado ponto até se fundir num único ponto, e a seguir apenas um, maior, continuou voando até desaparecer do alcance do radar.

Ainda nesse ano, um major da reserva da USAF, residente em Cincinnati, EUA, relatou para um superior da supervisão do Ground Observer Corps (GOC), de Florestville, que a Força Aérea estava perdendo em média um avião por dia para os UFOs. Durante a onda ufológica americana de 1955, um major da ativa comentou com um pesquisador: “*O que nos preocupa é o que está acontecendo com nossos aviões.*”

### **Caso do U2**

Em 29 de julho de 1966, ocorreu um fato bastante sugestivo envolvendo um avião militar de espionagem dos EUA. Às 05:30 h da manhã daquele dia, o avião espião U-2, pilotado pelo capitão Robert A. Hickman, decolou da base de Barksdale, em Louisiana, EUA, para mais um vôo de reconhecimento sobre a ilha de Cuba. Sobrevoou a área a 23.000 m de altitude, longe dos mísseis cubanos e dos interceptadores Mig-15 e Mig-17, que poderiam subir no máximo até 12 mil metros. O aparelho preto da CIA deveria tirar fotografias da região de Cuba até atingir o ponto designado para mudar de direção e regressar à sua base, concluindo mais um vôo de rotina. De repente, as comunicações pelo rádio cessaram e as telas de radar americanas acusaram a presença de algo sólido acompanhando o U-2.

Os radares de grande alcance da Base Aérea de Albrook, no Panamá, confirmaram a presença do intruso junto do avião e também que o mesmo não mudara o rumo como estava previsto, de forma que se tivesse acontecido algo grave com o piloto, o avião prosseguiria voando em linha reta até esgotar o combustível. As comunicações via rádio permaneciam interrompidas e nada poderia ser feito, a não ser esperar pelos acontecimentos. O avião prosseguiu voando até que, já sobre o território colombiano, oscilou e mergulhou para o solo, desaparecendo na selva amazônica. Enquanto isso, o UFO tinha se afastado momentos antes do U-2 cair, embora não possa se afirmar – pelo menos categoricamente – que o UFO tenha tido participação direta na queda do aparelho americano e na morte do seu piloto.

Mais tarde, os restos do avião e seu infortunado tripulante foram achados, assim como a preciosa máquina fotográfica, com ajuda do governo de Bogotá, sendo tudo levado para o EUA. Restam apenas muitas perguntas e dúvidas. Se o capitão Hickman estivesse vivo quando apareceu o UFO e se este foi culpado pela pane do avião, o piloto teria tirado o equipamento fotográfico para fora da aeronave antes de se ejetar. Além disso, o misterioso objeto que acompanhou o avião era realmente uma nave extraterrestre? Um míssil inimigo não poderia voar na velocidade do avião (800 km/h), seria lento demais. E por fim, os resultados do exame dos destroços do aparelho e da autópsia do corpo do piloto nunca foram divulgados, permanecendo nos arquivos como mais um caso confidencial ou *top secret*...

Depois de alguns anos de trégua, voltamos a nos encontrar com fortes evidências da participação – proposital ou acidental – de UFOs em acidentes aéreos. Um acidente pouco estranho – porque as informações e justificativas oficiais mais uma vez, ao invés de dirimir, deixam dúvidas – é o acontecido com um Hércules C-130 da FAB, em 14 de outubro de 1994, nas proximidades da cidade de Formosa do Rio Preto (BA), que matou seus 21 ocupantes, todos oficiais que iam supostamente para Belém, no Pará. Uma das versões dizia que era um vôo de rotina e que o aparelho transportava apenas material burocrático.

Numa reportagem por rede de televisão, alguns parentes das vítimas faziam acusações graves contra a FAB, afirmando que os aviões não recebiam manutenção adequada e as tripulações viviam em constante perigo de sofrer acidentes como esse. A Rede Globo mostrou num de seus noticiários uma visão geral do local da tragédia, e o que se pôde perceber é que houve uma grande explosão, atribuindo a mesma ao fato – sutilmente comentado – de que o avião estava transportando explosivos. O repórter usou, dando destaque à mesma, a palavra “desintegrou-se”, embora pudessem ser vistos centenas de metros de papel que estavam no interior do aparelho, intactos. Possivelmente, aceitando a primeira versão oficial, seriam bobinas de papel de formulários contínuos. Entretanto, os cadáveres dos tripulantes ficaram despedaçados e queimados, assim como toda a fuselagem do avião.

Além disso, uma testemunha ocular viu uma bola de fogo no ar e acrescentou que também escutou o barulho da queda do aparelho, e só depois o ruído da explosão, o que demonstraria que o avião não se desintegrou pela explosão em pleno vôo. Então, o que teria provocado a queda do mesmo? A misteriosa bola de fogo no ar? Restam algumas perguntas que, infelizmente, temo que fiquem sem respostas: como os papéis estavam intactos assim como algumas caixas de papelão, se o avião explodiu no ar? E a bola de fogo antes do avião cair? Como teria se desintegrado, se uma testemunha ouviu a explosão depois da queda do aparelho? Por outro lado, se se confirmasse esse fato, os papéis e caixas intactos se justificariam porque poderiam ter sido atirados a distância na hora do impacto ou da explosão, salvando-se do fogo. Por outro lado, uma grande área coberta de destroços é um indicativo de que o avião se desintegrou no ar antes da queda. Mas a explosão não aconteceu depois?

Em 6 de janeiro de 1995, um jato Boeing 737, da British Airways, que se preparava para pousar em Manchester, na Inglaterra, e já em procedimento de



Radval Matias

**Aviões seguindo e sendo seguidos por UFOs não são raros. Milhares já ocorreram em quase todos os países. Os acidentes entre ambos, no entanto, são mais difíceis e preocupantes**

aterrissagem, quase foi abalroado por um UFO triangular que desceu sobre ele em altíssima velocidade, desviando e evitando o choque com o avião no último instante. E não foi o único caso registrado na Inglaterra. Um outro vôo da mesma companhia procedente de Nova York encontrou-se com uma dúzia de enormes objetos triangulares sobre o Atlântico Norte em dezembro de 1996. Uma grande quantidade de relatórios de pilotos descrevem inclusive, além dos UFOs tradicionais, muitos em formato triangular ou cônico.

Em fevereiro de 1996, no interior da Bahia, várias testemunhas observaram o que poderia ter sido mais uma tragédia aérea. Uma delas viu tudo através de um telescópio, e é sua a descrição mais significativa, embora também fossem as outras que observaram o incidente. Entre as testemunhas estão a diretora e algumas professoras de uma escola da localidade de Conceição de Almeida, onde naqueles dias tinham acontecido diversas observações – inclusive uma abdução –, uma delas filmada em vídeo por um conceituado médico da cidade. Paulo Roberto (outra testemunha), que estava na expectati-



va de ver mais de perto uma dessas aparições, observou quando um UFO luminoso puntiforme estava parado no céu e desceu alguns metros para deixar passar um avião comercial – que não pode ser identificado. A seguir, saiu em disparada, ultrapassando a aeronave e regressando então em rota de colisão, evitando o choque no último instante. Aparentemente, o avião de passageiros não alterou sua rota.

Depois, nesse mesmo ano, temos uma grande tragédia acontecida nos Estados Unidos durante o voo 800 da TransWorld (TWA), que partia de Nova York com destino a Paris. Era dia 17 de julho e o Jumbo (Boeing 747) desta mesma companhia se encontrava voando a menos de 100 km do Aeroporto de Nova York, a uma altitude de apenas 4.200 m. De repente, explode inexplicavelmente e cai no oceano, transformando-se em fragmentos de 15 m – era um avião de 70 m de comprimento e 200 toneladas de peso. Bomba a bordo? Míssil terrorista? Ou ainda, míssil de um navio norte-americano que fazia manobras na área, disparado por engano? Inúmeras perguntas e muitas teorias, mas nenhuma resposta oficial. E então aparecem testemunhas que presenciaram a tragédia.

A senhora Linda Kabot, que mora em Long Island, teria fotografado ou filmado em vídeo os instantes que precederam a explosão e entregou as provas

ao FBI uma semana após o acidente. Um policial em serviço no mar também teria visto a trajetória do Jumbo até o momento da tragédia. Mas o que isso teria de tão especial? Na prova apresentada por Linda Kabot, segundo fontes de jornal, podia ser observado um objeto alongado que deixa um rasto luminoso e que se aproxima do avião, o ultrapassa e retorna, desta vez em rota de colisão, atingindo-o. O policial descreve exatamente a mesma coisa, e mais de 20 outras testemunhas localizadas em outros pontos viram exatamente o mesmo. Depois, um agente do próprio FBI declarou que nas fotografias tomadas por um satélite norte-americano de vigilância aparecem a mesma cena, segundo o jornal *The New York Post*, ou seja, as fotografias do satélite mostram um objeto não identificado voando em direção ao avião, ultrapassando-o e mudando seu curso, atingindo o Boeing a seguir.

Analisemos o seguinte: um míssil de possíveis terroristas do tipo terra-ar possui um alcance efetivo estimado em 2.000 m. Segundo especialistas militares, apenas um míssil terra-ar Stinger ou o similar russo SA 14-Gremlin poderia atingir o avião, desde que disparado de um navio posicionado diretamente abaixo de sua trajetória. O alcance do Stinger é secreto, mas algumas fontes no Pentágono garantem que ele poderia atingir um alvo a mais de 3 km de distância. Entretanto, o avião se encontrava a 4.200 m de altitude, fora a distância angular. Por outro lado, os mísseis terra-ar e ainda os ar-ar são equipados com sensores de infravermelho que orientam os mesmos, levando-os a atingir diretamente as turbinas das aeronaves, seguindo o rasto de calor emitido pelas mesmas. Logo, nunca ultrapassariam o avião. Na melhor das hipóteses, se fosse um míssil equipado com detonador de proximidade, chegaria junto do avião detonando.

*“Outro detalhe curioso é que no corpo dos passageiros recolhidos existiam ferimentos muito parecidos”,* deixou entrever, sem dar maiores detalhes, um agente do FBI identificado como sendo Joseph Cantanessa. Os corpos destes passageiros – 230 no total – foram atravessados por fragmentos de metal. A origem dos mesmos continua, no entanto, sem ser determinada. Essa tragédia colocou em destaque a utilização de inúmeros satélites espões dos EUA que controlam todo o espaço aéreo terrestre 24 horas por dia, fotografando e filmando tudo o que acontece. Em 18 de novembro desse mesmo ano, um co-piloto da Pakistan Airlines viu, a 6 km à frente da aeronave, um risco luminoso cruzando o céu. O risco foi avistado

sobre a mesma área da explosão do TWA quatro meses antes, e como detalhe final, cabe apontar que o vôo da Pakistan Airlines que havia decolado de Nova York estava ocupando o mesmo corredor do fatídico vôo 800. Em 22 de novembro, um Hércules CH-130 da FAA caiu ao norte da Califórnia, a poucos quilômetros da chamada Área 51. Outro Hércules, na mesma área, sofreu pane nos motores – felizmente sem conseqüências graves – após a tripulação observar um UFO durante a emergência.

No Brasil, em 16 de novembro de 1996, aconteceu o misterioso acidente com um avião Tucano da FAB, pertencente à Esquadrilha da Fumaça, durante uma apresentação na cidade de Santos, no litoral paulista. Após uma manobra durante o espetáculo, quando começava a ganhar altura para mais uma acrobacia, o Tucano teve subitamente arrancada sua asa direita. Graças a uma manobra esforçada do seu comandante, o capitão Renato de Castro Barreto Filho, que desviou a aeronave para o mar antes de se ejetar, foi evitada a tragédia, já que o aparelho poderia cair na praia onde um grande número de pessoas assistiam a demonstração.

Um vídeo foi amplamente divulgado nos noticiários da tevê. Visto em velocidade normal e mesmo quadro a quadro, não permitiu a análise correta do acontecido, embora existissem suspeitas, já que era muito estranho que isso tivesse acontecido apenas por problemas estruturais, como a FAB declarou. A quebra da longarina, uma peça especial reforçada que atravessa transversalmente o avião da ponta de uma asa até a outra, e que está dimensionada para suportar grandes esforços estruturais, não poderia quebrar simplesmente. Um aparelho desses é preparado para suportar grande carga alar ao efetuar as acrobacias e resiste até 8-G nas asas, o que significa oito vezes a força da gravidade, e no início da manobra de elevação suave não estava sofrendo a metade.

O *Centro de Pesquisas Ufológicas (CPU)*, de Fortaleza (CE), dirigido pelo companheiro Reginaldo de Athayde, realizou uma pesquisa primorosa. Após analisar as imagens através de computadores, digitalizando-as, descobriu a imagem de um corpo, que supõe-se ser de uma sonda ufológica que se aproxima do avião em altíssima velocidade e após passar por baixo dele descreve uma curva ascendente no instante em que a asa se quebra. Pelos cálculos realizados, o objeto é uma esfera de uns 80 ou 90 cm de diâmetro que se aproxima diagonalmente em ângulo ascendente, sendo que numa das

fotografias computadorizadas mostra a sonda quase no meio do avião e na seguinte, rente à asa. Além dessa, aparentemente responsável pelo acidente, outras três aparecem seguindo o avião, uma se colocando junto da asa que se desprende no meio do jato de combustível, outra que chega como que para analisar o combustível que cai, e a última, mais em cima, acompanha a queda da asa. Estas, bem menores e possivelmente luminosas.

Em 12 de dezembro, ainda em 1996, alguns tripulantes de um vôo da Saudi Arabian Airlines, que saía coincidentemente de Nova York, avistaram um objeto esverdeado brilhante passando à esquerda da aeronave. Nesse mesmo dia, perto de Nova Delhi, na Índia, um Jumbo da mesma companhia e um Ilyushin russo colidiram no ar matando aproximadamente 351 pessoas. O choque aconteceu entre 4.500 e 5.000 metros. Os técnicos de aviação não sabem o porquê desse acidente, porém uma testemunha ocular afirma que o choque aconteceu dentro de uma nuvem que se expandiu e tornou-se enorme. Um brilho alaranjado dentro dela se estendeu e tornou-se tão grande que podia ser visto a distância. Na verdade, deveria ser de proporções imensas e pensaram que fosse um relâmpago, conforme disseram os técnicos num depoimento à rede de tevê americana CNN. Uma das testemunhas foi o piloto do avião do tipo C-41, e seu depoimento chegou a ser deturpado pelos jornais.

As comunicações entre os dois aviões acidentados cessaram 2 minutos antes da tragédia. Se – como indicam as evidências dos destroços – o avião Ilyushin bateu no Jumbo, como perdeu as duas asas? Outras perguntas sem resposta são: por que os jornais omitiram parte das declarações do piloto do C-41 e que também naquela noite haviam sido observados na região vários UFOs? No dia 19 de dezembro, um Boeing 757, da Southern Airlines, com 200 de passageiros, teve que fazer um pouso de emergência no Aeroporto Internacional de Pequim, na China, por causa de um objeto voador não identificado planando a 9.000 m de altitude, que colidiu com o avião, rachando o vidro exterior da cabine de comando [*Fonte: The Reuters World Service*].

São inúmeros os relatos destes quase acidentes que na maioria das vezes são ocultados pelos responsáveis pela segurança do vôo ou pelos próprios pilotos, que se negam a dar depoimento – mesmo às próprias companhias. Eles alegam, como razão principal, querer manter o seu emprego, quando são pilotos civis e com muito mais razão os militares, que devem seguir à risca os regulamentos. Quando ocorreu em 8 de agosto de

1997 um impressionante avistamento de UFOs na Bahia, em apenas uma noite foram recebidas mais de 120 comunicações telefônicas de diversas localidades e cidades de todo o estado. Nossas fontes cederam ao colega Emanuel Paranhos uma lista daqueles avistamentos. Vários fatos foram relatados por pilotos que obviamente não tiveram seus nomes divulgados para a Imprensa, já que foram comunicados sigilosamente à Torre de Comando do Aeroporto Internacional Dois de Julho, em Salvador, por dois aviões da Vasp, um da Varig, além de quatro taxis aéreos da companhia Bahia Táxi Aéreo (BATA) e um avião Tucano da FAB em processo de aterrissagem.

Dois dos taxis aéreos estavam no pátio do aeroporto e dois em vôo, e sem dúvida esse tipo de tráfego não convencional trouxe alguma parcela de perigo às aeronaves que estavam circulando, chegando ou partindo, já que a altitude dos UFOs era muito baixa e poderia provocar algum acidente. Nessa noite, houve até o caso de uma formação de três UFOs que se encontrava sobre uma cidade do interior, e que ao passar um avião comercial sobre o referido ponto, um deles saiu velozmente atrás da aeronave e a acompanhou durante alguns segundos, como se estivesse a observá-la, retornando a seguir ao seu ponto de origem.



## Capítulo 8

# Os Ufonautas

*“A Ciência não pode ter a pretensão de alcançar a verdade.  
Nem mesmo um substituto para ela, a probabilidade.”*

– Karl Popper,  
filósofo inglês

Já se falou, e muito, sobre os chamados ufonautas: *greys* que abduzem, violentam, mutilam e até matam alguns seres humanos em estranhas experiências genéticas ou biológicas, ou ainda derrubam aviões, queimando-os com raios. Será que são todos assim e que o mito dos visitantes amistosos – nossos irmãos do Cosmos, das mensagens espirituais e altruístas, de alienígenas famosos como Ashtar Sheran, Kabalá, Karran, os anjos adamskianos e outros mais – são ilusões que na verdade não existem, a não ser nos devaneios oníricos das prováveis testemunhas e contatados? Devemos ficar apavorados pensando que a qualquer instante podemos ser vítimas de um ataque mortal? Claro que não. Mas nesse caso, devemos ser muito mais cautelosos, principalmente porque não poderíamos pedir certidão de bons antecedentes aos estranhos visitantes...

Mas voltando a falar sério, esse é um assunto que merece toda nossa atenção ao investigá-lo, para podermos analisar, evidentemente, com o máximo de isenção as informações de que dispomos. Por enquanto, é a única forma de poder raciocinar sem paixões nem fanatismos, com toda a objetividade possível, colocando sempre em nossa mente ou no papel os dados positivos e negativos.

Temos também dados que podem atenuar ou incriminar ainda mais estes seres, nossos prováveis irmãos do Cosmos. Mas até nisso devemos ter cuidado, já que partindo das nossas experiências terrenas nem todos os irmãos se entendem às maravilhas. Existem, dentre esses dados que podem modificar nossa opinião, questionamentos que podemos e devemos colocar. Por exemplo, a atitude dos aliens nos beneficiam de alguma forma? Por que eles fariam isso? Para nos beneficiar ou se beneficiar? Lógico que aqui estão inseridos nossos conceitos humanos na dúvida de com qual intenção tais seres estão nos ajudando. O que eles irão pedir ou exigir de nós depois? É o velho estilo de ficar sempre com um pé atrás...

Na verdade – e por isso é tão difícil ser imparcial numa situação destas – é que não temos a mais remota noção de como tais seres alienígenas pensam ou sentem, o que podemos ser ou significar para eles. Nisso, acho que reside a resposta para nossas dúvidas: ou chegamos a esse conhecimento ou continuaremos a ser macacos de laboratório. É verdade que em diversas situações os aliens deram claras evidências de estarem nos ajudando mesmo que a nível espiritual ou sutil, isto é, sem serem ostensivos. No livro *UFO Abductions: The measure of a mystery*, de Thomas Bullard, das 270 abduções catalogadas, existem 30 casos de curas. Ou seja: 11% dos abduzidos relataram a cura de algum tipo de doença que tinham, e dentro dessa relação encontramos aneurismas, cânceres, angiomas, tuberculose, doenças do fígado, poliomielite, problemas cardíacos e renais, entre outros.

Um detalhe que nos resulta curioso em meio às estatísticas é que, aparentemente, para esses seres realizarem as curas não houve a abdução de humanos. A lista dos que se beneficiaram com todo tipo de tratamento é muito grande e nela encontramos casos que envolvem elevado grau de estranheza. Muitos deles, infelizmente, são de difícil comprovação, pois algumas pessoas que vivenciaram o fato são de um elevado patamar social ou profissional e não podem assumir o que aconteceu. Outras porque vivem isoladas e preferem não falar mais no assunto. E há aquelas que se transformaram em místicas – o que às vezes contribui para acrescentar mais alguns graus de estranheza nos relatos. Vejamos alguns exemplos:

A filha de um militar brasileiro teria sido curada de um câncer. Uma história semelhante se conta da filha de um industrial muito abastado, que também teria sido curada de um câncer terminal, já nos seus últimos dias de

vida, conforme relataram os médicos que a tratavam na residência de seu pai, em Petrópolis (RJ). Conta-se que no final de tarde, uma nave teria pousado nos jardins da residência e os aliens que saíram dela teriam deixado todos os que se encontravam em casa num estado de suspensão. Os seres revisaram a menina com ajuda de uma caixa que emitia uma luz sobre sua barriga, como se fosse um raio-X, e depois teriam ditado ao seu pai a receita de um medicamento de manipulação para ser ministrado à doente – ou ex-doente, nessa altura. No dia seguinte, este homem teria convocado uma junta médica que, estupefatos, tiveram que reconhecer que o câncer havia desaparecido. O presente relato nos foi dado por uma pessoa que trabalhou na casa desta família durante muitos anos.

Outra doente brasileira foi a atriz de televisão Marta Andrews, internada com câncer linfático, o qual afetara seu rosto. Em meio ao seu desespero, certa noite teriam aparecido junto de sua cama seres pequenos do tipo *grey* que lhe prometeram curá-la. No dia seguinte, não restava nenhum sinal em seu rosto do drama vivido. Lícia Davidson, de Los Angeles, jura que foi curada de câncer terminal no cólon, que inclusive já teria provocado metástase, tornando-se inoperável. “*Fui abduzida por eles, que me curaram*”, desabafa. A posterior consulta médica teria comprovado que o câncer tinha desaparecido. Ela também afirma que o governo norte-americano a tem importunado demais por essa razão. As curas realizadas por esses misteriosos seres envolvem desde cirurgias com utilização de instrumentos alienígenas estranhos, que emitem luzes sobre o corpo do doente – como se fossem raios laser –, e outros que apenas encostam sobre a pele nos mesmos, incluindo ainda a ingestão de pílulas e injeções.

Com relação às injeções, lembramos no momento de escrever estas linhas de uma história contada pelo general Uchôa sobre uma senhora que tinha muito medo de médicos e mais ainda de seringas. Segundo Uchôa, quando ela foi levada por ele a um encontro com ETs, estes teriam mandado ela arregaçar as mangas da blusa, e em seguida lhe aplicado uma injeção com uma enorme seringa, da qual ela não sentiu nada e teria ficado completamente curada do seu problema.

O abduzido baiano Roy conta que, em 1971, quando fazia uma viagem de carro pelo sul do país, sofreu um acidente na estrada perto da cidade de Resende (RJ). Ele afirma que sentiu claramente a hora em que seu carro iria

capotar – com conseqüências imprevisíveis para ele e sua família – e o instante em que o veículo se despreendeu do chão, iniciando um vôo em direção a outra pista da rodovia. Sentiu que alguma coisa empurrava o veículo de volta para o solo, deixando-o preso na beirada do canteiro central. Poderíamos pensar numa ajuda dos mesmos que o abduziram tantas vezes no decorrer dos anos? Tudo é possível.

Um dos casos mais estranhos ligados diretamente à interferência extra-terrestre – e que mais se tentou ocultar – é o terrível vôo da Apollo 13, que felizmente teve um desfecho positivo. No auge da conquista espacial aconteceram diversos encontros entre astronautas e UFOs fora da atmosfera terrestre, no espaço e na Lua. Mas à exceção dos acontecimentos sofridos pela Apollo 8 e mais tarde com a Apollo 9 [*Já narrados no capítulo anterior*], o acontecido com a Apollo 13 supera a ficção.

Este novo vôo à Lua partiu de Cabo Canaveral em 11 de abril de 1970, levando em sua tripulação James A. Lowell (outra vez!), Fred W. Haide e John L. Swigert. O vôo começou errado desde que o astronauta Thomas K. Mattingly teve que ser substituído praticamente às vésperas do vôo, devido a uma suspeita de contaminação por sarampo. Tudo parecia dar razão aos que temem o fatídico número 13 e pouco depois do lançamento, uma avaria de uma das pilhas que forneciam energia elétrica comprometeu uma das partes da missão. Por causa desse problema, deveriam abandonar o programa de alunissagem. Mesmo assim, decidiu-se pela continuação da viagem. Quando a nave se encontrava a 332.000 km da Terra, a temperatura e a pressão aumentaram perigosamente, conforme os relatórios oficiais, provocando uma explosão que destruiu parte do módulo de serviço, privando a cápsula de oxigênio e de energia elétrica, e ameaçando a vida dos três homens.

O frenesi tomou conta dos técnicos do Centro de Controle de Houston, que em desespero, tentavam encontrar uma solução para salvar-lhes a vida, trazendo-os de regresso sãos e salvos. O que particularmente intriga os pesquisadores e estudiosos do programa espacial é que, num diálogo travado entre os astronautas e Houston logo após o acidente, há trechos por demais interessantes. Essa conversa foi transcrita e publicada por vários jornais da época, entre os quais os brasileiros *O Globo*, do Rio de Janeiro, e *Diário de Notícias*, de Salvador, que estarreceram o mundo. O diálogo teria sido captado por jornalistas diretamente da NASA, além de radioamadores que

sintonizavam os canais americanos do Centro de Controle de Houston, que monitorava todas as viagens espaciais. “... Ainda os está vendo?”, pergunta um controlador de Houston para o chefe da missão. “Sim, parecem estar atrás do módulo e de lá saem faíscas, como de solda...”, foi a resposta. “Ok, fique observando e nos avise sobre qualquer novidade.” Quando interpelaram os responsáveis pela missão em Houston e a NASA, os jornalistas ouviram: “A NASA não admite a veracidade desse diálogo.” Mas a Imprensa mundial o divulgou assim mesmo.

Nesse ínterim, enquanto a situação da Apollo era cada vez mais crítica, a NASA informava à Imprensa que os cálculos efetuados resultavam em perspectivas muito ruins para os astronautas. Cálculos que, por sua vez, diversos técnicos e cientistas que trabalhavam freneticamente para ajudar confirmavam. Aparentemente, as provisões de água e oxigênio não seriam suficientes para completar a viagem. E não poderia se tentar dar meia volta no espaço para retornar. A nave deveria seguir rumo à Lua para tentar – após um giro em volta da mesma – aproveitar a gravidade lunar e se projetar, como se fosse por meio de um estilingue em direção à Terra. Para isso, enfrentando frio e exíguas acomodações no módulo lunar, agora sem nenhuma utilidade para aquele fim, já que era o único lugar onde ainda tinham oxigênio. Foram dias de angústia para todos que acompanhavam o desesperado esforço que se realizava em Terra para tentar salvar os astronautas, correndo contra o tempo.

Os técnicos e engenheiros da NASA chegaram a desmontar um módulo igual ao deles para tentar descobrir o jeito de consertá-lo, ou pelo menos conseguir água e oxigênio suficientes para o regresso. Com muito esforço e grande capacidade, inventaram um aparelho para filtrar o monóxido de carbono e recuperar o oxigênio. Utilizando materiais existentes no próprio módulo de comando, passaram as instruções para os náufragos do espaço, minorando assim os sofrimentos e, sobretudo, fazendo com que se mantivessem ocupados, porque se claudicassem psicologicamente, apressariam o desastre.

Até a ex-União Soviética, em plena Guerra Fria, colocou à disposição dos EUA uma nave Salyut automática para tentar resgatá-los no espaço. Mas as coisas continuavam a perturbar o fatídico vôo 13. Qualquer mudança de rumo, mesmo que fossem pequenas correções, traziam o inconveniente de fazê-los gastar mais tempo, combustível, oxigênio e água. E de pronto, perce-

beram que a nave estava se desviando mais de 170 km da sua rota de entrada na atmosfera terrestre. Este chamado corredor de entrada deve ser cuidadosamente controlado, porque se a nave chegar num ângulo de reentrância muito aberto, pode ricochetear nas camadas superiores da atmosfera e se perder definitivamente no espaço. Por outro lado, se o ângulo for muito fechado, a velocidade de penetração é muito maior e a nave pode se incendiar pelo atrito com as moléculas do ar.

Depois de momentos de muita tensão, conseguiram se realinhar com a Terra e horas depois, 'amerissavam' no Pacífico, em 17 de abril de 1970, exatamente na hora planejada. Foi a nave que mais perto pousou (no mar) dos navios de resgate, se comparada com suas antecessoras, e com água e oxigênio sobrando para pelo menos mais três horas. Que poderíamos pensar desta história? Foi apenas um belo romance, como o filme que foi primorosamente realizado, com direito a um *happy end* hollywoodiano, ou deixou muitas coisas escondidas a sete (ou setenta) chaves pelos militares?

Se os diálogos transcritos acima são verdadeiros – e são muitas as evidências que nos levam a acreditar nisso –, quem foi que ajudou nossos astronautas no espaço quando já não tinham mais chances de sobreviver? Será que os ufonautas, ETs, aliens, EBEs ou do jeito que você preferir chamá-los, sentem alguma coisa por nós ou se preocupam com a Humanidade como um todo, ou apenas cuidam dos seus interesses? É muito difícil responder essa pergunta que muitas vezes as pessoas nos fazem. Principalmente porque não há nenhuma possibilidade de saber como, porquê, o que pensam, qual sua linha de raciocínio, suas noções de ética e moral tal como as conhecemos. Iria mais além dizendo que não é apenas difícil, mas impossível saber o que poderemos esperar do contato direto com eles.

Evidentemente, partindo de um raciocínio simplista, poderíamos argumentar que se os extraterrestres que nos visitam fossem hostis ou desejassem nos fazer mal, invadir, nos subjugar, já o teriam feito, posto que tudo indica que eles estão nos visitando ou observando há muitos séculos, não de 50 anos atrás. Sua tecnologia lhes daria condições mais que suficientes para conseguir o domínio total na hora em que bem entendessem. Não por isso devemos incorrer no erro de achá-los anjos ou mensageiros divinos, enviados dos deuses. Sob esse aspecto, sabemos o que poderia acontecer só com uma olhada em nossos livros de História...



Ilustração Alberto Romero

**(A) O alien visto por Roy. (B) O alien visto por Betty e Barney Hill. (C) A estranha mulher "louva-a-Deus" de Whitley Strieber. (D) O ET que abduziu a senhora Becker. (E) A mulher robô do Caso Tai. (F) Karran, um dos raptore de Bianca e Hermínio Reis. (G) A mulher que teve relações com Vilas Boas.**

Sabemos que alguns extraterrestres muitas vezes demonstram cuidados para conosco e até podem ter ajudado os terrestres em algumas oportunidades. Talvez para eles seja apenas um gesto amigável, banal e ante uma colocação destas, alguns se sentirão gratificados e outros externarão seu repúdio. Alguns ETs realizaram curas que para nossos padrões parecem milagres. Os índios acharam coisa semelhante quando Caramuru colocou fogo numa vasilha com álcool, que a eles parecia água, e ficaram temerosos que ele se zangasse e pudesse incendiar os rios e mares. Algumas pessoas poderão dizer que o ser humano – como está acostumado a fazer sujeiras com seus semelhantes – imagina que os ETs também poderiam fazê-las. Temos que dar um voto de confiança. Mas eu pergunto: com quais parâmetros aferir suas intenções?

As correntes místicas e espiritualistas têm certeza de que eles são realmente enviados de Deus, e as mensagens recebidas por canalização ou mediunicamente são suas principais provas. Em contrapartida, não admitem sequer falar em abduções, experiências genéticas, mutilações e outras coisas mais atribuídas aos greys. O próprio aspecto físico dos seus extraterrestres indicaria sua condição de elevada espiritualidade. Os contatados que afirmam ter conversado com entidades como Ashtar Sheran, Karran e dezenas de outros comandantes de frotas estelares, os descrevem como seres de inigualável beleza, altos, loiros ou morenos, de feições suaves, transmitindo sempre mensagens altruístas ou messiânicas.

Podem até estar certos, mas penso que eles só vislumbram um lado do problema, evitando ir mais fundo e olhar com uma perspectiva diferente, com maior abrangência. O pior é que dentro desses grupos místicos e espiritualistas – aos quais muito respeito –, além dessas pessoas sérias profundamente cristãs, existem outras que infelizmente apenas estão interessadas no seu sucesso pessoal e material. Há também muitos fanáticos no mundo inteiro que podem se tornar autênticos mensageiros da morte, como tantas vezes aconteceu, sendo que na maior parte das vezes terminam em suicídio coletivo. Tudo requer, da nossa parte, um exímio cuidado e uma análise apurada, com direito a contra prova, para não correr o risco de errar.

E dentro dos questionamentos que devemos fazer, estão dezenas ou centenas de relatórios aparentemente sérios de pessoas sinceras e equilibradas, que devem ser cuidadosamente estudados para tentar nos aproximar da resposta. Em primeiro lugar, devemos levar em conta que não é apenas uma

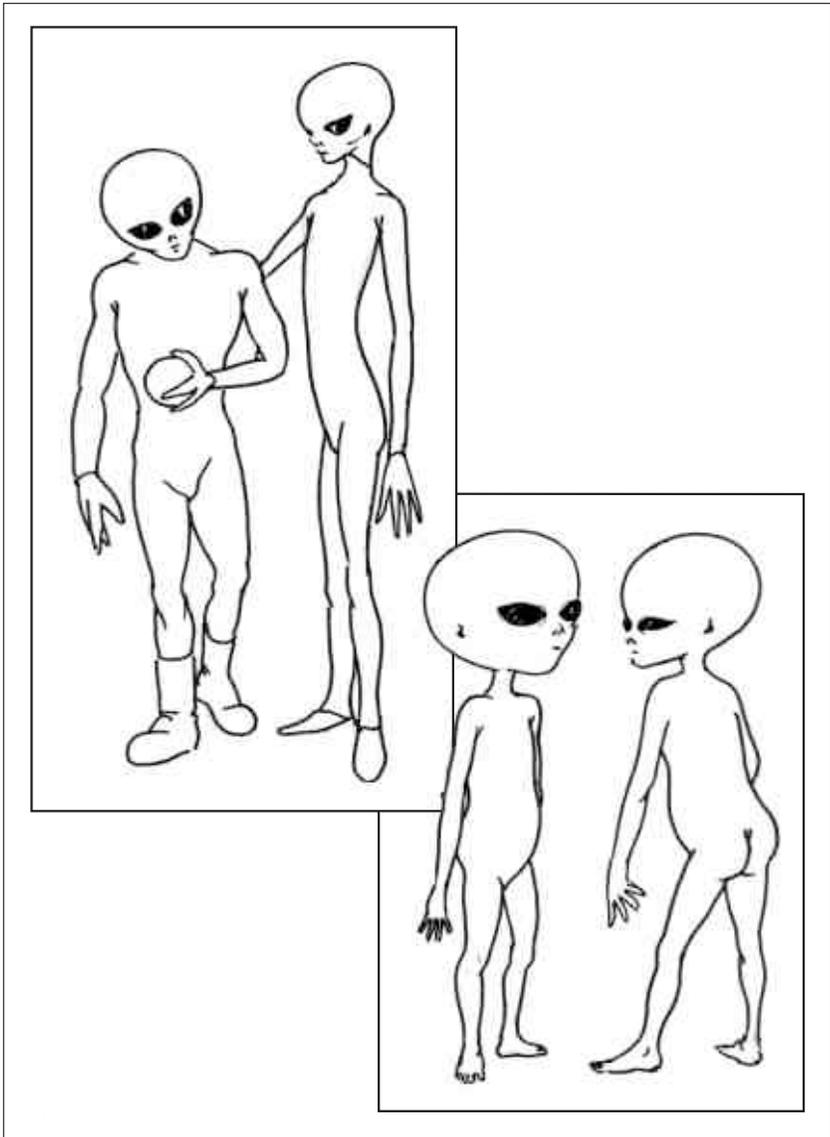


Ilustração Alberto Romero

**Acima, dois aliens do tipo grey (cinza), macho e fêmea com 1,15 e 1,50 m de altura. Ambos têm vestimentas inteiriças de cor branca. Azul escuro é usado para operações noturnas, segundo Betty Andreasson. Abaixo, dois seres pequeninos com aspecto de bebês de cerca de 30 ou 40 cm de altura.**

nação alienígena que nos visita. Há muitas possibilidades de que sejam várias, com diferentes entidades que, provavelmente, possuem diversas intenções e interesses, que podem estar – entre elas – muito ou pouco evoluídas. Por exemplo, no caso da célebre abdução de Travis Walton, o lenhador americano que passou 5 dias em poder dos seus capturadores, os conhecidos greys – vilões das abduções –, e viu no seu desespero (enquanto queria pedir socorro) um outro tipo de alienígena. Esse outro extraterrestre era do tipo humano-angelical loiro, de tez bronzeada e longos cabelos castanhos, que se limitou a olhá-lo com indiferença, como quem olha para um camundongo que se debate num laboratório sem dar-lhe maior atenção.

Além disso, evolução técnico-científica não significa necessariamente evolução ético-moral. A esse respeito, basta lembrar quantos extraordinários e inteligentíssimos cientistas terrestres se dedicam a criar armas convencionais ou químico-bacteriológicas cada vez mais letais, além de nucleares capazes de banir o homem da face da Terra. E quantos desses cientistas se dedicam a encontrar meios de melhorar a saúde e a fome do mundo. E estamos falando de indivíduos de uma única espécie: a humana. Se aceitamos trabalhar a hipótese de que várias raças alienígenas estão chegando – ou já o fizeram – e dentro da linha de pensamento acima sugerida, como estabelecer um comportamento padrão que sirva a todos eles por igual? E não estou dizendo que todos sejam ruins para nós, mas apenas jogando no papel das múltiplas possibilidades e variantes que deveríamos analisar para tentar dizer algo, com um mínimo de embasamento.

Vamos analisar alguns depoimentos de abduzidos e contatados que, na sua maioria, pareciam nos sinalizar com um cuidado todo especial dessa raça para conosco e para o nosso planeta. Um deles diz em seu depoimento que os seres lhe mostraram uma campina cheia de vida, mas que havia uma grande bolha escura que iria cair sobre tudo isso. Essa bolha é uma grande massa de água que os seres alegam que irá cair sobre o planeta Terra, matando todos os seus habitantes. E disse mais: que os seres humanos agem destrutivamente com seu planeta e que não confiam em nossa inteligência.

Um abduzido de Costa Rica descreve com detalhes dramáticos as imagens que ele e outras 15 pessoas que se encontravam na mesma nave foram obrigados a ver numa espécie de tela. Um grande corpo celeste se aproximando da Terra e caindo no mar. A onda levantada pelo impacto faz a

água do mar retirar-se, podendo ver então no fundo do oceano peixes agonizantes no seco e a seguir, uma onda gigantesca chegando à costa arrasando com tudo. A única imagem que eles viram da ilha, onde moravam, foi o cume da mais alta montanha da região que ficou como uma pequena ilhota no meio do oceano. Algumas pessoas não resistiram à emoção, choraram, gritaram e até uma mulher desmaiou. Na mesa dessa estranha sala de reuniões, dois greys ladeavam outro indivíduo que parecia ser o chefe: alto, de longos cabelos loiros e tez bronzeada.

Nestes dois casos analisados encontramos uma previsão catastrófica com os mesmos elementos: uma grande massa de água que arrasa o planeta Terra. E são muito mais. Poderíamos dizer que essas pessoas se conheciam entre si e criaram essas histórias de forma a serem idênticas? Parece-nos altamente improvável. Então, o que devemos pensar disso? Será que os alienígenas estão querendo nos dizer alguma coisa no sentido do que poderá ocorrer num futuro próximo ou distante? Há pouco tempo fomos surpreendidos com a notícia de que um grande asteróide estava se aproximando do nosso planeta, com risco de se chocar com ele, ocasionando uma tragédia incalculável. Os primeiros cálculos eram preocupantes, mas os posteriores nos tranqüilizaram. O asteróide deverá passar bastante longe da nossa órbita.

Outras pessoas abduzidas em vários locais do mundo falam da constante preocupação dos extraterrestres com a Ecologia. Quem afirma isso é Betty Andreasson Luca. *“Eles juntaram a semente para prolongar a forma... Têm estado colhendo cada espécie e cada gênero de planta por centenas de anos para que nada se perca quando o final vier. Eles amam o planeta Terra e têm estado cuidando dele e do homem desde sua origem... São zeladores da natureza e das formas naturais... Eles amam a Humanidade.”* Além disso, tais seres garantiram a Betty que as abduções que faziam tinham razão de ser, já que estavam monitorando os efeitos do meio ambiente no corpo e conseguindo *“...a restauração da forma humana”*, ressaltando ainda que o equilíbrio da natureza na Terra estava em risco.

Muitos outros abduzidos relataram conversas semelhantes, onde deixavam muito clara sua preocupação pelas bobagens que o homem estava fazendo, destruindo a natureza, poluindo o ar e as águas das mais diversas formas. Anos atrás, a preocupação demonstrada por eles era com respeito ao

uso inconseqüente da energia nuclear. Foram muitos os que – abduzidos ou contatados – divulgavam mensagens como as do baiano Hélio Aguiar, em abril de 1959, quando além de bater 4 fotografias de um UFO numa praia baiana – a última da seqüência, já adormecido sobre sua motocicleta – escreveu: “*Cessem todas as experiências atômicas...*” Posteriormente, os negativos que ele guardava dentro de uma gaveta da sala do Banco da Bahia, onde trabalhava, foram roubados. As fotografias – reveladas com a supervisão de um militar amigo dele no quartel de Amaralina – foram amplamente divulgadas assim como a íntegra da mensagem escrita por Hélio, recebida enquanto permanecia inconsciente, na desaparecida revista *O Cruzeiro*, numa matéria do jornalista João Martins.

Os depoimentos de Betty Andreasson Luca tem também palavras que deveriam ser analisadas com muito cuidado. Um dos aliens, do tipo grey, chamado *Quazgaa*, disse ao final de uma das tantas abduções em 1967: “*Nós temos a tecnologia que o homem poderia usar... É através do espírito... Se o homem estudar a própria natureza, descobrirá muitas respostas... Ele as descobrirá através do espírito. O homem não é feito apenas de carne e sangue.*” Falamos muito sobre os greys bons e ruins. É uma forma talvez simplista de descrevermos os aliens por serem os mais atuantes em nosso meio, mas não são apenas eles. Além disso, dentre os próprios greys, podemos encontrar algumas diferenças mais ou menos marcantes. Vamos descrevê-los:

Tipo A possui de 1,20 a 1,30 m. É humanóide de cabeça grande em forma de pêra invertida, com grandes olhos ovais escuros (pretos ou azuis), narinas pequenas e uma boca em que aparece apenas um traço. Braços compridos com 3 ou 4 dedos, às vezes palmeados e um físico de aparência franzina. A cor de sua pele é cinza. São os maiores responsáveis por abduções e experiências genéticas, estando, ao que parece, interessados em criar uma nova raça híbrida, fruto de seus genes misturados com os humanos. Exploram o meio ambiente e se utilizam de alguns recursos do planeta Terra. Em alguns casos, se se sentirem ameaçados, podem ser bastante agressivos. Alguns deles podem ser robôs biológicos e possivelmente clonados.

O tipo B tem estatura de até 1,50 m, cabeça grande e muito desenvolvida em relação ao corpo, com grandes olhos ovais com ou sem membrana (pálpebras) de proteção. Possuem 6 dedos e provavelmente são do tipo autopsiado, cujo vídeo foi fartamente divulgado pelas emissoras do mundo

inteiro e que falsamente disse-se que eram do acidente de Roswell. Ocupam-se de realizar abduções em pessoas aparentemente escolhidas com as mesmas finalidades dos anteriores e são um pouco mais pacíficos. O tipo C chega a 1,80 m. Sua cabeça também é desproporcional ao corpo, como no tipo anterior, com grandes olhos ovais, sem pálpebras. Tem 4 dedos nas mãos e convivem pacificamente com outras raças alienígenas do tipo humanóide. Aparentam ser bastante evoluídos espiritualmente e seus programas prevêem o contato direto com a raça humana.

Dentre os tipos pequenos, convivendo nas mesmas naves com os greys, existem outros talvez mais pacíficos ou espiritualizados e cuja pele é muito branca. Possuem também uma cabeça grande, porém seus olhos são redondos e às vezes são capazes de demonstrar emoções – conforme relatam alguns abduzidos. Neste biótipo, muito raramente são identificados como seres fêmeas e quando estas estão presentes, passam a impressão de serem superiores hierarquicamente aos machos. Além disso, são muito franzinas, mas geralmente mais altas que seus companheiros.

Em muitos relatos de abduções, são descritos diversos tipos de alienígenas compartilhando uma mesma nave, incluindo robôs e outros como os de tipo *reptiliano* ou com aspecto de grandes insetos. Também não é estranho encontrar como comandantes dessas naves alguns seres do tipo *nórdico-angelicais*. Estes humanóides – ou quase humanos – são brancos, de pele muito fina e delicada, olhos amendoados de cor castanha ou profundamente azuis e até cinzas, com longos cabelos loiros até os ombros. De porte atlético – sem exageros –, atingem 1,80 até mais de 2,00 m de altura. Neste tipo, encontramos também alguns casos de seres com a pele morena, muito bronzeada ou do tipo indiano (orientais), com cabelos escuros curtos – caso Karran – e ocasionalmente são vistas fêmeas, também muito altas, de cabelos pretos e rara beleza.

A julgar pelos depoimentos da abduzida e contatada Bianca e seu ex-marido Hermínio Reis, o extraterrestre Karran e seu companheiro os trataram muito bem. Após fazerem diversos exames físicos no casal, conversaram bastante amigavelmente com eles com ajuda de uma espécie de capacete que lhes colocaram na cabeça e que servia como tradutor, conectado a um equipamento. Antes de deixá-los ir embora, inseriram provavelmente um implante em Bianca para captar suas ondas mentais. Meses depois, quando foram

avisados de um novo contato, os encaminharam até uma pessoa que os levaria até o local de aterrissagem do disco. Posteriormente, descobriram que o rapaz que serviu de guia e tradutor era também extraterrestre, e que, conforme lhes contou, estava ali para que Karran pudesse socorrê-lo, já que se encontrava muito doente e não tinha podido comunicar-se com os seres da sua raça. Karran teria interceptado o seu pedido de socorro e veio em sua ajuda. Assim como ele, existiam muitos outros da sua raça – idêntica a um ser humano normal, apenas com a diferença de ter dois corações – vivendo na Terra há muitos anos.

Há muitos outros sub-tipos de raças de alienígenas nos visitando com certa constância. E seria bastante complicado descrevê-los neste trabalho. Principalmente por existirem poucas referências e casos isolados nos quais podemos nos basear. Já foram descritos seres de até 15 cm de altura, assim como gigantes de mais de 4 ou 5 metros, passando por ciclopes baixinhos, peludos e muito agressivos – 2 casos na Venezuela em 1959 e outros dois no Brasil, em Feira de Santana e Varginha –, tachados como bicho-preguiça pela semelhança com o animal. Alguns são descritos como fetos, com 90 cm de altura e outros lembravam um vegetal, processando sua alimentação à semelhança da fotossíntese. Um ou dois desse tipo teriam sido capturados com vida e chegaram a viver alguns anos em poder dos militares norte-americanos [*O caso das verdadeiras autópsias de Roswell não o que foi veiculado na televisão*].

Depois temos, nesta longa lista, monstros como o de Sutton ou os de Hopkinsville, nos EUA, e homens pássaros com mais de 1,80 m de altura, vistos neste país e na América do Sul – dois deles no Rio Grande do Sul [*Este caso foi pesquisado pelo doutor Walter Karl Bühler, da Sociedade Brasileira de Estudos de Discos Voadores*]. Há também inúmeros seres – de acordo com as versões espiritualistas –, intra terrestres, inter ou extradimensionais, fluídicos, de luz e os seres de aparência amorfa. No entanto, a predominância das observações é de entes de baixa estatura, de 90 a 1,20 m – cerca de 80% –, entre os quais a maioria é de greys nos seus diversos tipos.

Deixamos para o final umas poucas palavras com referência aos casos que poderíamos chamar de bizarros: com seres que podem se transformar – ou pelo menos assim parece às testemunhas – e assumir a forma humana ou às vezes de animais, como cavalos, cangurus ou gamos e até se tornar

invisíveis. Outras vezes, parecem ser uma bola de luz que atravessa portas e paredes, reassumindo a seguir sua forma humanóide e interagindo conosco. Quando se processam abduções, tais seres levam as pessoas “em corpo astral” e junto com elas atravessam muros ou telhados...

## Observações

Com respeito à preocupação dos alienígenas com a espécie humana, temos um exemplo na Bahia de um caso pesquisado pelo ufólogo Emanuel Paranhos, da *Sociedade de Estudos Ufológicos de Lauro Freitas (SEULF)*. Ele cita o fato ocorrido com Maria Margarida, próximo à cidade de Antas, interior do estado. Esta senhora estava grávida de oito meses quando num fim de tarde, em novembro de 1982, pediu à empregada para trazer uma balde com água da fonte – distante uns 20 metros da casa. Quando a moça saiu para o quintal, se desesperou ao ver uma grande “*bacia de alumínio*” com luzes pulsantes lilás e verdes, que se dilatavam na medida em que a nave se aproximava.

A observação levou mais de 30 minutos e todos estavam abismados observando o fenômeno, quando dona Maria teve a intuição de que alguém queria se comunicar, embora não visse nenhum indício de tripulantes. Logo após isso, começou a conversar com seres que, em sua opinião, deviam estar escondidos no interior da nave temerosos de que algo de ruim pudesse lhes acontecer. Pediu então que se manifestassem de alguma forma, e ao sinalizar com uma lanterna, foi correspondida.

Em continuação, pegou uma máquina fotográfica, mas teve que deixá-la de lado em solicitação dos ETs. Sentia o som das palavras dentro de seus ouvidos e após alguns minutos, nos quais insistiu bastante para que eles se aproximassem, o UFO começou a fazê-lo lentamente, pedindo a ela que não se abalasse que se mantivesse calma. Ao chegarem mais perto, a emoção foi tão forte que suas pernas estremeeceram e o coração disparou. Isso era incontornável e por três vezes consecutivas a reação se repetiu.

No momento em que Maria se alterava o UFO se afastava, voltando a aproximar-se quando se acalmava, até que os seres desistiram de vez dizendo que, por ela estar grávida, não seria possível manter um contato mais aprofundado. Afinal, o bebê poderia correr risco de vida, assim como

os próprios seres. Isto resulta bastante significativo, já que em alguns casos – talvez quando se trata das suas crias –, tais seres não têm problemas em se aproximar, abduzir seres humanos ou até mesmo fazer outros exames em mulheres grávidas. Mas este caso, sem dúvida, era diferente e “eles” tomaram todo o cuidado para não afetar a testemunha.

## Capítulo 9

# Abduções Alienígenas

*“Parece impossível evitar a observação de que o fenômeno da abdução alienígena está ocorrendo no contexto de uma crise ecológica planetária, atingindo proporções críticas. E que a informação sobre essa situação é geralmente transmitida pelos seres alienígenas aos contatados.”*

– **John Mack, M. D.**, professor da  
Harvard Medical School

**C**omeçamos a escrever este capítulo sabendo, antecipadamente, que estamos pisando em terreno pantanoso. Tudo é muito subjetivo e a qualquer momento corremos o risco de escorregar, nos afundando em nossas próprias convicções. Mas mesmo assim vamos tentar esclarecer – pelo menos superficialmente – o que acontece nesta área da pesquisa ufológica. Nosso trabalho, como já dissemos em algumas ocasiões, é muito dedutivo e analítico, com aplicação de alguns conhecimentos básicos de Psicologia. Contar com a colaboração de estudiosos da área de saúde mental que aceitem ao menos falar ou discutir este assunto é extremamente difícil – pelo menos em nosso Estado, a Bahia.

Quando procuramos um desses profissionais, ele esclareceu, antes de mais nada, que teria que considerar uma conversa desse tipo como uma consulta. Posso até precisar de seus serviços em nível pessoal, quem sabe? Mas não é esta área que me interessa neste momento. Creio que, como eu, muitos outros pesquisadores sérios passam pelas mesmas dificuldades. E

quando conseguimos alguém interessado, temos que pesquisar muito sobre sua pessoa, captar suas reais intenções e disponibilidade antes de servir-lhes de bandeja um caso que se não é levado adiante com todo empenho e seriedade, pode acabar prejudicando – e muito – o abduzido. Por causa desses contratempos, nos vemos obrigados a ler com muita atenção os trabalhos publicados por outros militantes dessa área da saúde mental, para podermos assim ter uma base, por mais pequena que seja, a fim de tentarmos dar o apoio que os abduzidos precisam, além de toda nossa compreensão e afeto.

E como são esses indivíduos? São pessoas normais sob todo ponto de vista, tanto subjetivo, quanto psicológico ou físico. Vivem e trabalham normalmente, não existindo estereótipos nem grupos nitidamente identificados ou fanáticos religiosos. São pessoas que, em geral, não inventariam uma história para aparecer por qualquer motivo pessoal ou pecuniário. Pessoas como qualquer um de nós: amas de casa, com pouca ou muita cultura e conhecimentos, profissionais de diversas áreas e faixa etária, cobrindo às vezes casos de abdução desde a mais tenra infância até a terceira idade.

Algo que me impressionou profundamente nos poucos casos que tive a oportunidade de pesquisar é a emoção – e às vezes o medo – que tais lembranças produzem nos abduzidos. Por acaso, as cinco pessoas que vou falar a seguir lembram conscientemente de muitos dados e situações que serão comentados, sendo que uma delas, a senhora Becker, teve uma desagradável experiência com o psicanalista que nos foi indicado para cuidar do seu caso. Também o senhor Roy se nega a fazer qualquer tentativa de regressão e muito menos comentar o seu caso com outras pessoas “*a cara limpa*”, como ele diz, fora um reduzidíssimo núcleo de amigos íntimos. Tal qual é o senhor M. N. Os restantes, o casal Prima e Taí, tem muitas dúvidas, medo e vergonha de tentar uma regressão.

Dos cinco citados acima, além das recordações, todos têm em comum o impacto de ter consciência de que “...o fenômeno nos alcança, por assim dizer, onde vivemos penetra agressivamente no mundo material, seja ele ou não deste mundo. Portanto, para atingir e alterar nossa consciência é potencialmente imenso”, como descreve magistralmente o doutor John Mack [Fonte: *Abduções*, Editora Educare Brasil]. Eles não se revoltam com o acontecido e parecem aceitá-lo com resignação e maior abertura mental que os auto rotulados normais. Mas voltando à definição ou tentativa de abdução,

alguns profissionais associam este fenômeno a circunstâncias ou traumas de abuso sexual que bloqueariam as terríveis lembranças do fato vivido pelos abduzidos – que às vezes envolve até parentes próximos –, maquiando as mesmas com imagens fantasiosas de ETs e discos voadores. Na verdade, os casos estudados e analisados por diversos pesquisadores como John Mack ou David Jacobs, por exemplo, que tenham evidências de assédio sexual, indicam que esse abuso não existiu. Mas sim que situações opostas têm sido registradas, ou seja, ao investigar uma pessoa supostamente vítima de estupro ou abuso sexual, afloram lembranças indicando que o verdadeiro assunto mascarado é o de uma abdução alienígena.

Em resumo, a abdução é um rapto perpetrado por inteligências extraterrestres que levam pessoas a bordo de suas naves contra a vontade das mesmas e ainda se utilizam de complicados mecanismos psíquicos que anulam a vontade do indivíduo. As vítimas são carregadas, na maioria das vezes, através do teto ou paredes do local onde se encontram normalmente recolhidas durante o período noturno, embora também aconteçam abduções fora de casa, na estrada, no campo ou em lugares ermos. Já a bordo dessas naves ou em locais imprecisos, tais pessoas são submetidas a exames semelhantes aos realizados por médicos humanos, demonstrando claramente que há uma manipulação genética no sentido reprodutivo.

Essas manipulações muitas vezes deixam marcas e cicatrizes no corpo dos abduzidos, aparentando ter havido intervenções cirúrgicas ou biópsias que aparecem simplesmente da noite para o dia. Além de ulcerações e picadas como de agulhas, que saram rapidamente sem deixar vestígios. No caso das biópsias, as cicatrizes que se assemelham a marcas de vacinas ficam para sempre registradas no corpo das vítimas, e estas em muitos casos não se lembram em que circunstâncias ou quando tais sinais apareceram. Na maior parte das vezes, a explicação mais simplória aflora como justificativa: *“Devo ter me machucado quando criança e não me lembro como...”* Discordando dos pesquisadores que acreditam que somente uma hipnose regressiva seria a maneira mais fácil de trazer as lembranças dos fatos ocorridos com os abduzidos, acreditamos que um relaxamento bem feito resolveria o problema.

Obviamente, sabemos que essas recordações podem ser apenas a ponta do iceberg e que com o uso adequado e criterioso da hipnose poderemos acessar uma enorme gama de informações complementares. Os

próprios abduzidos reconhecem que existem muitas coisas adormecidas em sua mente que não conseguem aflorá-las. Será que são eles que têm habilidade para manejar essas recordações ou elas vêm à tona quando seus captos decidem que está na hora de conhecê-las? As lembranças às vezes assomam anos ou décadas após os fatos acontecerem, motivadas por uma leitura ou cheiro e até pelo toque de um parceiro desavisado.

Outras, aparecem na hora de colocar a cabeça no travesseiro e adotar determinada posição na cama antes ou durante o sono. Todos estes são mecanismos estranhos que parecem agir como a campainha do despertador. Em outras ocasiões, estas recordações – que antes pareciam sonhos ou pesadelos – adquirem uma proporção e peso tais que o abduzido toma consciência de que algo muito sério e assustador aconteceu com ele. O que significa isso? Ele alega que se viu saindo do próprio corpo e atravessando paredes, como nas narrativas de experiências próximas da morte. Sente – e jura que sente –, em nível físico, a sutileza do toque ou a vibração nítida ao atravessar os tijolos, a madeira, o concreto... E o pior é que, ao acordar, passou por alguma intervenção cirúrgica dentro do sonho ou pesadelo e descobre uma cicatriz em seu corpo que antes não estava lá!

As experiências com abdução podem acontecer numa mesma família e até por três gerações, assim como uma vítima pode ter sua vida monitorada desde os dois anos de idade. Nas mulheres é constatado um acompanhamento metódico e periódico que se inicia na infância – talvez um possível mapeamento genético –, perdura na puberdade e persiste pelo resto da vida. São-lhes retirados óvulos durante os períodos férteis para manipulação, fecundação – com material genético dos aliens – e posterior reimplante em seu corpo, fazendo com que carreguem um feto em sua barriga por 4 meses. Nos homens, o líquido seminal é extraído de forma traumática, conforme alegam algumas testemunhas [*Ver caso de Betty Andreasson Luca em Os Observadores, de Raymond Fowler, Editora Educare Brasil*].

Às vezes, lhes é dada a sugestão mental que induz o indivíduo a sentir que está copulando com uma mulher maravilhosa, sentindo todas as sensações físicas da penetração, odores, etc, e utilizando inclusive imagens que de alguma forma povoam as fantasias e lembranças do abduzido. Na verdade, a realidade é bem diferente. Em alguns casos, durante a sessão de regressão afluem do inconsciente do indivíduo, inesperadamente, o trauma e a vergo-

nha que se fazem presentes ao se lembrar que ele teve alguma espécie de tubo inserido em seu pênis. Após uma descarga de energia nos testículos, uma intensa ejaculação é provocada. É comparável ao despendido em três ou quatro cópulas normais, resultando assim num desconforto muito intenso.

Essas características são as mais comuns. Outras, altamente traumáticas, são as intrusões físicas sem distinção de sexo ou idade, por intermédio de sondas via retal. Segundo explicações dadas pelos ETs às suas vítimas, tal fato ocorreria “...para verificar se por dentro está tudo bem e em ordem.” Mas como dizíamos, tudo é tremendamente confuso e contraditório. Aparentemente, entre os componentes de alto grau de estranheza estão o aparente domínio das viagens mentais, tanto por parte dos ETs como dos abduzidos, interpretação dimensional, outras realidades físicas, sensação de vivências passadas (teoria reencarnacionista) como alienígenas, além da aparente facilidade dos aliens mudarem suas formas e até se tornarem invisíveis ou fazer ver aos terrestres o que eles querem que vejam. Estes seres também deixam mensagens de cunho espiritualista e conselhos de fundo moral e ecológico. Essas mensagens são transmitidas por telepatia ou são mostradas imagens em telas que parecem uma espécie de televisão.

Em algumas delas aparecem cenas de um holocausto nuclear mostrando milhões de vítimas, áreas devastadas, ondas gigantescas arrasando cidades, além de terremotos e incêndios. Tudo parece tão real que algumas pessoas não resistem, desmaiam, gritam ou choram convulsivamente durante as regressões. Dá até a impressão de que os aliens são verdadeiros sádicos ou apenas fazem testes para estudar nossas reações, ante circunstâncias altamente estressantes. Ou ainda tentam nos conscientizar, numa espécie de tratamento de choque, mostrando-nos o que estamos fazendo com nosso planeta. Isso sem contar que, aparentemente, os alienígenas têm meios de manipular a matéria, tempo e espaço, tal como os conhecemos e num completo desrespeito às nossas teorias científicas e até às de Einstein...

As características dos processos de abdução são muitas e uma mais complexa que a outra. Para quem quiser se aprofundar mais, sugerimos a leitura do livro *Abduções*, de John Mack, e *Os Observadores*, de Raymond Fowler – ambos da Educare Brasil. Há também a obra *Intruders*, de Budd Hopkins [Editora Record], e *Transformadores de Consciência*, da doutora Gilda Moura [Editora Atheneu Cultural]. Entre os casos de abdução, quere-

mos fazer um destaque para um que no mínimo é interessante devido à vítima. No livro *UFOs e Abduções no Brasil*, de nossa querida pioneira, dona Irene Granchi, ela cita o caso de um general brasileiro, já aposentado, que foi seqüestrado no Rio de Janeiro quando ainda estava na ativa. Era março de 1969 e ele na estrada Grajaú-Jacarepaguá, por volta das 02:45 h, quando teve seu veículo aparentemente sofrido uma pane na Avenida das Américas. A testemunha viu então uma luz muito grande que teria se detido a alguns metros de onde ele se encontrava.

Pensando tratar-se de um caminhão que se oferecia para ajudá-lo, se aproximou do mesmo. Foi quando se deparou com uma estrutura transparente e muito iluminada, tendo em seu interior três pessoas: um engenheiro, uma advogada e um médico, sendo que este último parecia ser o anfitrião. Depois, viram diversas imagens numa tela de grande definição e, após tudo isso, o anfitrião despediu-se do general, devolvendo-o novamente à estrada. Eram então 03:10 h e o militar chegou a pensar que tivesse sofrido uma alucinação, fato que mais tarde descartou, face aos seus conhecimentos de Medicina, já que ele também era médico. O relato completo e rico de nuances se encontra no livro já citado, assim também como outros casos igualmente importantes.

Fatos mundialmente conhecidos que não poderiam faltar nesta relação, embora o façamos mui sucintamente, são o de Antônio Vilas Boas e Betty Andreasson Luca. Vilas Boas, um agricultor já falecido, teve sua experiência de abdução em 5 de outubro de 1957, na localidade de São Francisco de Sales, no sul de Minas Gerais, e foi brilhantemente pesquisado pelo saudoso doutor Olavo Fontes, outro pioneiro da Ufologia brasileira, e o jornalista João Martins, falecido em 19 de junho de 1998, aos 82 anos, da extinta revista *O Cruzeiro*. Vilas Boas foi levado a bordo de uma nave extraterrestre e após ser submetido a diversos exames do tipo médico foi colocado num compartimento do UFO, completamente despido. Instantes depois, adentrou no recinto uma fêmea aparentemente alienígena, também nua, mas com características físicas semelhantes às mulheres da Terra. Apesar da situação, houve duas consumações do ato sexual entre ambos.

A esse respeito, cabe comentar que imaginamos que seja praticamente impossível um homem nessas circunstâncias, pego na marra por quatro bizarras criaturas vestindo roupas colantes e capacetes, que lhe tiram sua vestimenta, passam um líquido estranho em seu corpo, extraem amostras

de sangue de dois pontos de seu queixo (cujas marcas duraram um ano) e ter concretizada uma cópula com ereção com uma alienígena. Após tudo isso, como se não bastasse, a vítima ainda vomita violentamente por causa de algum tipo de gás que penetrou no recinto. A fêmea, de apenas 1,35 m de altura, no final da conjunção, saiu do recinto na hora em que os encapuzados abriram a porta, sorrindo para Vilas Boas. E após sinalizar para ele o seu ventre, apontou para as estrelas, aparentemente significando com isso que estava levando um filho dele para o Cosmos. Algumas versões posteriores, embora sem confirmação, dizem que muitos anos depois o ex-agricultor, que se transformara em advogado, teria sido novamente abduzido e conhecido o suposto filho gerado naquela noite.

Temos aqui uma forte evidência de tentativa de miscigenação racial por parte de tais seres, procurando uma cria híbrida, coisa que nos últimos anos ficou claro que precisam ou se interessam. Através desse processo os alienígenas obteriam esperma e óvulos humanos nas abduções da forma mais científica ou cruel, e com isso desenvolveriam os fetos resultantes dessa experiência em úteros artificiais. O caso Vilas Boas não foi o único ocorrido no Brasil, porém o que nos interessa analisar são as conseqüências e motivos que o levaram a esta situação. Em diversas oportunidades os aliens revelaram à famosa abduzida Betty Andreasson Luca, *“...que colhiam as sementes de todos os animais terrestres, incluindo o homem, para que a espécie não fosse perdida, face à possibilidade do homem tornar-se estéril e desaparecer da face da Terra. Além disso, também disseram que precisavam da semente porque suas fêmeas – devido a um problema genético – estariam sofrendo de um estreitamento da bacia, impedindo-lhes engravidar.”* E ainda que *“essas crianças híbridas seriam a base de uma nova Humanidade que povoaria a Terra, herdando características de ambas as raças* [Fonte Os Observadores, de Raymond Fowler, Educare Brasil].”

Antes de todas estas experiências genéticas que tomamos conhecimento, parece que os alienígenas já procuravam obter suas crias híbridas há muito tempo atrás. Desde o início do século, e talvez muito antes, aconteceram fatos que sinalizaram para essa possibilidade, pelo menos dedutivamente. Muitos navios apareceram à deriva nos oceanos, sem ninguém a bordo. Talvez o mais famoso seja o *Maria Celeste*, onde foram encontrados alimentos ainda quentes no fogão ou sobre a mesa, como se o fato tivesse

acontecido apenas alguns minutos antes de serem descobertos. E não foram poucos, embora não tenhamos uma estatística apropriada para a comprovação. A prova mais efetiva de que tais fatos ocorreram foi no ano de 1970, quando a companhia inglesa de seguros marítimos Lloyd deu a conhecer um relatório para seus acionistas, o qual conta que só naquele ano tinha registrado mais de 370 casos de navios desaparecidos. E não foram apenas veleiros, mas grandes cargueiros e petroleiros.

O que isso tinha a ver com nossas suspeitas? Na maioria absoluta dos casos desses navios desaparecidos ou achados sem ninguém a bordo (porém com a carga muitas vezes intacta, o que prova que não tinham sido vítimas de bandidos), todos os seus tripulantes eram homens na plenitude de seu vigor físico, entre 18 e 30 anos de idade. Também houve acidentes com navios de guerra e até aviões militares, nos quais não foram encontradas vítimas. Isso sem falarmos nos desaparecimentos de batalhões de soldados com mais de 300 homens e outros mais. Dá para imaginar que banco de esperma pode ter sido montado com alguns milhares de indivíduos em sua plenitude física?

Nessa época, mais ou menos, começamos a ver tripulantes de UFOs respirando nosso ar com características muito semelhantes ou idênticas às nossas. Foi aí que começaram a surgir as suspeitas. Seria devaneio supor que alguns desses tripulantes de UFOs poderiam ser humanos? Não podemos esquecer que há muitíssimo tempo vêm ocorrendo desaparecimentos de pessoas [*Segundo estimativas da Secretaria de Segurança de São Paulo, no ano de 1996 teriam desaparecido 4.000 pessoas*]. Vamos imaginar que entre fugas banais, mortes sem reconhecimento e pessoas que acabam voltando aos seus lares – sem que se comunique o fato às autoridades – o número caia pela metade. E o resto? E se elas estão sendo levadas para um outro orbe em que seus descendentes – os que se parecem conosco – são essas criaturas que nos visitam?

Evoluindo em nossas divagações, podemos imaginar que alguns ou muitos desses escolhidos – precisamente porque são jovens – optaram livremente pelas grandes aventuras, contando para isso com inimagináveis avanços científicos colocados à sua disposição e assim ganharam uma existência sadia e conseqüentemente, uma longa vida. Ou quem sabe, talvez tenham sofrido alguma espécie de lavagem cerebral que tenha lhes feito

esquecer suas origens, tendo-se tornado laís aos seus novos irmãos ou proprietários. Muita loucura? Talvez. Em todo caso, alguém pode oferecer-nos uma sugestão melhor? Claro que não temos prova alguma disso que colocamos aqui, mas possuímos o sentimento de não estarmos demasiadamente errados. E por fim, existem muitos abduzidos que afirmam que os aliens lhes explicaram que também são extraterrestres em corpos humanos – como um dos casos apresentados no livro do doutor John Mack, já citado, que chega a descrever como um ET mergulhou no corpo que estava sendo deixado pelo seu antecessor.

Evidentemente, é impossível – a não ser que enveredemos pela ortodoxia radical da Ciência – dizer ou criticar o aqui colocado. Em todo caso, espero que sirva para meditar mais e possamos analisar esses fatos com um mínimo de isenção, analisando se essas teorias são viáveis ou não, lógicas ou ilógicas, sem é claro esquecer que não sabemos exatamente o que ou como pensam os aliens, sentem ou o que pretendem de nós. O que parece é que eles têm algum projeto a nosso respeito, e que, se não me engano, irão levá-lo adiante a qualquer preço, com nossa colaboração ou sem ela. Isso pode ser notado no livro *Comunhão*, do escritor norte-americano Whitley Strieber. Nele, o autor mostra o que pode sintetizar ou representar o que a maioria desses escolhidos privilegiados ou vítimas aleatórias parecem sentir. *“As pessoas que tiveram contato com os visitantes os qualificam como figuras pequenas e desagradáveis, com olhos que parecem fixar o mais fundo possível a parte principal do ser. E aqueles olhos estão pedindo, talvez até exigindo algo. Seja o que for, é mais do que uma simples informação. O objetivo não parece ser o tipo de intercâmbio claro e aberto que nós esperamos. Eles querem muito mais. Parece-me que procuram o que há de mais íntimo em nossa alma: a comunhão.”*

## Experiências Genéticas

Como já dissemos, uma das principais tarefas alienígenas nas abduções está relacionada com a reprodução humana. Interessa-lhes vivamente nossa sexualidade, nossos órgãos de reprodução, líquidos seminais, óvulos e gravidez. Uma curiosidade científica normal, diriam alguns. Afinal, fazemos a mesma coisa com nossos animais: os monitoramos, cadastramos, marcamos eletronicamente para não perdê-los de vista, sabemos como o seu

processo de reprodução acontece, qual é o número de genes de cada espécie e os períodos apropriados para a reprodução – perfeitamente harmônicos com a natureza. Além disso, de repente percebemos que o bicho homem é o único que pode copular e procriar em qualquer tempo, e que cruza com sua fêmea, independentemente de procurar a reprodução (muito pelo contrário), sente prazer e até extrapola nas suas conjugações carnavais: volúveis, heterossexuais, bissexuais, homossexuais... Coisa que, convenhamos, na natureza é muito difícil achar (salvo algumas contadíssimas exceções).

Sem dúvida, o ser humano é uma verdadeira fonte de interesse, não apenas para nossos psicanalistas e sexólogos, mas também para os alienígenas que interagem conosco. Sabemos também que é impossível o cruzamento entre duas espécies diferentes, e é aí que entra novamente a exceção para confirmar a regra, já que parece que em nome da Ciência tudo pode acontecer e temos alguns exemplos de animais híbridos. Mas não é disto que queremos falar. Queremos nos referir especificamente à impossibilidade absoluta de cruzamento entre humanos e chimpanzés – nossos primos mais próximos – por uma diferença de apenas 2 cromossomos. Agora, de repente nos defrontamos com uma realidade absurdamente chocante. Óvulos humanos podem e são fertilizados por esperma de aliens, reimplantados no ventre feminino que os desprende, dando assim início a uma gravidez de 4 meses...

É isso aí: quatro meses depois o feto é retirado em uma nova abdução e levado por esses seres. Como? Para onde? Para quê? Aparentemente, estes fetos, após sofrerem uma imediata cirurgia que circuncida o globo ocular e algum tipo de manipulação ou intervenção no cérebro, são colocados em recipientes com um líquido rosado que os cobre até a cabeça. Depois são deixados por um período indeterminado no que poderíamos chamar de “útero artificial”, completando assim o tempo de gestação. E com respeito ao sêmen humano? Sobre isso não temos maiores informações, mas é lícito supor partindo da premissa de que, segundo informações dos aliens, as fêmeas dos greys teriam um problema evolutivo – ou criado por alguma razão desconhecida – que as impediria de gerar filhos por causa do estreitamento da bacia, colocando assim a espécie em perigo de extinção.

Assim, os óvulos alienígenas podem ser fecundados pelos espermatozoides humanos e implantados em mulheres abduzidas, repetindo o processo antes mencionado. Ali volta a pergunta de 1 milhão de dólares: se entre criatu-

ras terrestres é impossível o cruzamento entre humanos e macacos pela diferença mencionada anteriormente, então como seria possível o cruzamento bem sucedido com entidades extra ou “supraterrestres”, distantes de nós dezenas de anos-luz? Na verdade, a distância não interessa e sim o resultado. E por fim, outra pergunta igualmente importante e que talvez nos cause medo tentar respondê-la: para onde vão as crianças híbridas? Alguns aliens dizem que o homem se tornará estéril assim como eles, e dessa forma estão tentando salvar a espécie [Fonte: *Os Observadores*, R. Fowler]. Outros dizem que estão preparados para repovoar a Terra após o fim dos tempos com outra mentalidade menos agressiva que a dos humanos, com características das duas raças e reprogramados, como estão fazendo atualmente com alguns abduzidos.

Num trecho do livro *Abduções*, o professor John Mack diz: “O abduzido pode até sentir um profundo amor pelos seres alienígenas – em alguns casos mais forte do que sente num relacionamento humano – e perceber que esse amor é correspondido. O contato através dos olhos parece desempenhar um importante papel na evolução desse processo. Em vez de, por exemplo, os abduzidos ficarem ressentidos com o fato de terem seu esperma e óvulos usados pelos alienígenas no projeto de hibridização, passam a sentir que estão participando de um valioso processo de criação e evolução da vida.” O que dizer? Será isso verdade ou mais uma manipulação das mentes humanas para perceber e aceitar aquilo que só a eles interessa?

Em diversos relatos da casuística ufológica, com acidentes e resgate de sobreviventes ou cadáveres, encontramos descrições perturbadoras que parecem sinalizar uma luz de alerta ou de perigo... No famoso Caso Roswell, o suposto laudo de autópsia de um desses corpos indica que o ser em questão tinha características humanas, com órgãos em formação – embora não seja possível precisar se “viviam ou não antes do evento”, já que os pulmões pareciam “sacos desinflados sem função aparente. O esôfago não parecia ter concluído sua ligação com o estômago. O sexo era como o de um feto ainda em formação, e além disso apresentava indícios claros de cirurgia cerebral e em volta dos olhos. Seu peso não chegava a 12 kg e sua altura era de 1,10 m.”

No caso de Feira de Santana (BA), a testemunha foi categórica ao descrever o tripulante morto como sendo um feto com 90 cm de altura. E estou citando apenas dois casos em meio a dezenas, nos quais foram vistas criaturas humanóides. Não podemos esquecer ainda outros detalhes suspeitos, tais

como no início das observações e contatos em que os alienígenas pareciam não querer ou poder sair de suas naves e depois apareciam vestindo roupas e usando escafandros. E, por fim, surgiam com o rosto descoberto ou com simples tubinhos inseridos no nariz, respirando nosso ar. Adaptação simples, mutações programadas ou ainda hibridização? Alguns alienígenas são tão iguais a nós que poderiam passar despercebidos no meio de uma grande cidade, numa base ou QG militar, incluindo a Casa Branca ou o Pentágono... Parece ficção científica ou filme classe B. E se for, por que tanta preocupação e cuidado por parte das autoridades? Talvez eles tenham suas razões – fortes ou fortíssimas – para tomar tantas precauções...

Você se lembra dos depoimentos do abduzido Onilson Pátero, no interior de São Paulo? Ele tinha dado carona a um rapaz antes da primeira abdução, no todo semelhante a um de nós, perfeitamente normal, muito educado e não fumante. Durante a segunda abdução, um ano depois, encontra – como membro da tripulação do UFO que o rapta – o mesmo rapaz, e momentos depois vê entre vários humanos que passam à sua frente outro Onilson Pátero, exatamente igual a ele, só que vestindo roupas idênticas as que usava durante a primeira abdução... Alguém foi mais fundo nessa investigação e nas possíveis implicações desses fatos, muito estranhos?

## **Intenções e Conseqüências da Abdução**

Resta nos perguntar quais serão as reais intenções dos alienígenas que nos abduzem e quais as conseqüências mais imediatas disso. Sabemos que o contato entre uma civilização superior e outra inferior (no caso a nossa) poderia destruir todos os seus valores – mesmo em nível inconsciente perderia seus referenciais e suas raízes. Isso se a superior ou alienígena tomasse todos os cuidados, principalmente com prováveis epidemias e doenças que se tornariam incontroláveis, já que não teríamos anticorpos apropriados para nos defender delas.

O maior exemplo temos com nossos índios, que viviam tranqüilos em sua vida simples e saudável e tiveram suas tribos e nações indígenas de milhares de indivíduos arrasadas por causa de resfriados ou doenças venéreas transmitidos pelos deuses brancos e barbados. Então, vemos que a coisa não é tão simples assim como alguns pretendem endeusando os extraterres-

tres. Há quantos anos fomos surpreendidos por doenças que se alastram sem controle: AIDS, Ébola, etc? Dá para perceber o que eu quero dizer? Posso ser mais um no meio de 10 milhões de abduzidos no mundo inteiro. Como ser humano e supostamente inteligente, acredito na pluralidade dos mundos habitados, que assim como existem milhares, muitíssimo mais adiantados que nós – tecnologicamente falando – existem outros milhões que estão em nosso nível e outros atrás de nós. Muito bonito e politicamente correto. Mas não é bem por aí. Adiantamento tecnológico não significa necessariamente evolução moral ou ética, sendo a recíproca verdadeira. Assim como seus conceitos de ética e moral podem não ser iguais aos nossos, se é que existem, como utopicamente achamos que deva ser.

Seria fantástico poder ver, conhecer ou nos integrar com seres do espaço, que talvez tenham muito a nos ensinar. Mas a que preço? Será lícito quisermos dar esse pulo no ar sem a rede de proteção ou seria mais sensato dar um passo de cada vez? Claro que, sendo assim, quem está dando o passo para dentro do nosso quintal são eles, e não podemos impedi-los se forem prejudiciais a nós. Resta a esperança de que o Supremo Criador esqueça nossa lógica dúvida e de repente sejam os ETs enviados dele querendo fazer com que arrumemos a bagunça que estamos realizando no planeta que nos deu por casa e que tanto o maltratamos. Por último, deveríamos perguntar e esperar uma resposta sincera de quem seja o responsável: a quem interessa ou prejudica a revelação ou ocultação destes fatos?

Se por um lado devemos reconhecer – levando em consideração os pontos negativos desta situação – o sigilo dos poderes governamentais, como precaução para evitar o tão propalado temor do desencadeamento de pânico generalizado e suas trágicas conseqüências e efeitos em todos os segmentos da sociedade, podendo levar à anarquia e falência todas as instituições, por outro lado sabemos – e é exatamente isso que nos preocupa mais – da impotência e incompetência para fazer qualquer coisa de positivo por parte das autoridades, face à situação que está muito provavelmente fora de controle.

Estas palavras incomodam, eu sei. A mim também, mas acho que fingir que nada acontece não adianta. E pelo menos alguém tem que fazer ou dizer algo. Ficar calado e lastimar é atitude de covarde. Mas deixando o desabafo de lado, analisemos outra variante da situação que o estudo das abduções nos propicia. Se existisse outra alternativa além da eterna dualidade entre o bem e o

mal, mocinho e bandido, luz e sombra, anjos e demônios? Por exemplo, temos ETs praticando as abduções, mutilando pessoas e animais, criando seres de pesadelo nos subterrâneos da Base de Dulce e outras coisas mais que escapam à nossa compreensão, em troca de migalhas tecnológicas. Outro tipo ou dissidência dos greys querem nos ajudar fazendo curas, nos protegendo dos outros, induzindo-nos a repensar em nossa vida particular e na situação do planeta, nos engajando em campanhas ecológicas e se preocupando com os destinos da Terra e da Humanidade.

Parecem existir outros tipos de aliens, em tudo semelhantes a nós, apenas mais altos e belos e que parecem comandar os pequenos greys que, em determinadas circunstâncias, se mostram totalmente indiferentes [*Vide caso de Travis Walton*]. Agem como um cientista que olha para um macaco. Alguns dizem que estes seres são os que de fato comandam as abduções. Já outros, de linha espiritualista, os descrevem como extremamente bondosos e preocupados conosco – verdadeiros arautos dos novos tempos. Betty Andreasson os coloca próximos do Criador, num plano de grande espiritualidade. Talvez em outra dimensão.

As outras dúzias de alienígenas descritos se encontram num plano muito mais tênue e sutil. Embora possam influenciar de alguma maneira os homens, não poderiam interagir no plano físico. Temos, para completar, o caldeirão de hipóteses, as mensagens messiânicas que aparentemente são uma constante na maioria dos casos de abdução e as revelações de que muitos de nós seríamos descendentes deles – alienígenas transformados em humanos ou utilizando corpos que alguma vez foram de alguém tentando nos fazer evoluir espiritualmente para nos aproximarmos do Criador.

Em todo caso, seja qual for a resposta, acho que temos o direito de saber qual ela é para pelo menos nos preparar para o pior, no caso das hipóteses negativas. Ou acordar para essa nova realidade que pode nos salvar da própria estupidez, fazendo-nos descobrir nossa família espacial e levando-nos a uma posição menos arrogante e egocêntrica. Aliás, se analisarmos essas mensagens – mesmo que não desejemos manter-lhes a conotação espiritualista ou messiânica, comparando-a com religiões ou aceitando-as apenas como código comportamental –, sem dúvida, isso nos fará refletir sobre nós e os nossos semelhantes, olhando-os de forma diferente da que estamos habituados, preocupando-nos mais com o planeta e sobretudo fazendo o possível

para merecermos ser chamados de seres humanos.

## **“Gado Marcado”**

Uma das partes mais sombrias nos casos de abdução são os implantes ou biochips colocados pelos alienígenas nos humanos. Tais implantes são, sem dúvida, uma violência da qual nós ou a maioria das pessoas só conhecemos um lado da moeda. Quantas vezes assistimos pela tevê ou vimos fotografias em publicações diversas de equipamentos de radiotransmissão colocados em animais que correm risco de extinção, para assim poder monitorá-los a distância, acompanhando suas migrações e/ou deslocamentos em seu habitat e auxiliando-se com a utilização de satélites. Achamos até simpático por parte de nossos cientistas tais medidas para preservar nossa fauna, desde lobos guará a onças pintadas, em nosso país, passando por focas, baleias e até o simpático urso panda, da China. Também nossos astronautas passaram por esse tipo de monitoração, tendo todo seu metabolismo e funções acompanhados pelos médicos na Terra. Assim, todos temos mais ou menos uma idéia de como funciona. Mas seria legal ou lícito fazer isso com pessoas comuns?

Ao abduzido Roy foi dito em São Paulo, em 1964, através da Tábua Ouija e mensagens supostamente psicografadas por ETs, que eles possuíam uma espécie de satélite colocado sobre a cidade que lhes permitia acompanhar, 24 horas por dia, tudo o que faziam e pensavam as pessoas de um pequeno grupo que procurava o contato com eles. Mas de que maneira um satélite poderia controlar suas atividades – numa flagrante invasão de privacidade – apenas acompanhando-os do alto, numa cidade de quase 10 milhões de habitantes na época? Parece bastante improvável, mas se essas pessoas fossem uma espécie de “gado marcado”, se levassem modelo de radiotransmissor do tipo usado nos animais, a coisa seria muito mais simples... Porém, como fariam isso sem que elas soubessem?

Naquela época ainda não se falava em abduções tal como hoje as conhecemos. Antônio Vilas Boas (1957) tinha sido fisgado, o matrimônio Hill (1961), nos EUA, também. Mas seria por acaso? Agora, se carregassem algo similar aos equipamentos antes mencionados, invisíveis, é claro, muita coisa poderia ser explicada. No caso Vilas Boas, sabemos que vários dias antes de sua abdução ele já tinha visto luzes no céu próximas de sua casa, como que lhe

espiando. Tanto que em uma noite, irritado, chegou a bater com violência na janela, fechando-a porque a luz ficava por cima do pátio e isso lhe incomodava. Por acaso os aliens o estavam monitorando através de sensores, analisando talvez seu metabolismo e estado geral de saúde para verificar se era um exemplar de macho sadio e à altura das suas necessidades? De que forma? Afinal, está praticamente demonstrado que o queriam como um simples reprodutor. Queriam sua semente, e isso ficou muito claro no decorrer da abdução.

Pelo aqui exposto, vemos que é muito provável ou quase certo que os aliens monitoram as pessoas de forma muito clara, seguindo padrões de escolha científica e avaliando seus potenciais – principalmente pelo que temos visto no que respeita à genética, à reprodução. Seus motivos, como já dissemos antes, podem ser vários, mas desconfiamos que a área reprodutiva é a principal. No caso dos homens, parece aquela história do carroceiro que amarra uma cenoura na ponta de uma vara que coloca por cima da cabeça do burro e à sua frente para incentivá-lo a andar. No caso do abduzido Taí, ele foi induzido e iludido com uma fêmea robô para distraí-lo e colher seu espermatozoides, como narram muitos outros abduzidos. Qualquer explicação que tentemos encontrar com referência aos implantes pode nos levar pelo caminho errado. Mas, no geral, creio que não existam dúvidas de que os aliens, de alguma forma, colocam esses biochips em nosso organismo para ter um total controle das nossas vidas e atitudes.

Partindo dessa premissa, se eles podem receber informações a nosso respeito através desses sensores, o que os impediria de enviar através deles comandos que podem ser os responsáveis por certas atitudes ou coisas que realizamos sem às vezes saber como nem porque fizemos ou dissemos? Existem diversos tipos de implantes que são colocados em nosso corpo, ora na cabeça – incluindo o cérebro –, as vezes nos olhos, ouvidos e até na boca. Também já foram encontrados implantes em braços, pernas, mãos, pés e quadris. Seu tamanho varia de poucos milímetros até o formato de um grão de feijão. Um dos especialistas nas cirurgias para extrair esses pequenos intrusos dos corpos dos abduzidos é o pesquisador Derrel Sims, de quem falaremos mais adiante.

Existem implantes de diversos tipos, sendo que os primeiros encontrados eram pequenas esferas de algo semelhante a um metal de 2 ou 3 milímetros, extraídos das narinas de crianças e adultos. Outros tinham estranhos apêndi-

ces, como anteninhas. Ao que parece, seu objetivo era de que essas antenas ou apêndices se prendessem aos tecidos, principalmente os introduzidos através do nariz – que provavelmente eram os responsáveis por hemorragias noturnas. São dispositivos para não serem expelidos por um espirro ou o próprio sangramento. Depois, quando foram sendo conhecidos ou descobertos, seu tamanho e configuração mudaram, assim como sua localização.

Betty Andreasson Luca revela que os primeiros implantes recebidos por ela eram tão minúsculos que foram colocados atrás do globo ocular após removerem seu olho para isso, ante o horror da então menina Betty. Ao que parece, tais implantes podem ter cumprido funções como se fossem uma fantástica câmara de tevê em miniatura, retransmitindo para seus monitores todas as imagens que seus olhos viam! Além de servir como localizadores, esses minúsculos aparelhos devem passar informações sobre todo o organismo da pessoa (como no caso dos astronautas) e transmitir talvez informações sobre o que pensamos e como agimos. Se nossos cientistas – com tecnologia alien ou não – já fabricam microcâmeras de tevê para equipar aviões espíões de 6 cm de comprimento, que transmitem aos postos de comando as imagens visualizadas pela câmara, por que seres que se encontram centenas ou milhares de anos à nossa frente não poderiam fazer coisas menores e melhores?

Ultimamente, surgiram indícios de implantes nos órgãos genitais masculinos e femininos, no intuito de provavelmente fazer medições ou controle dos relacionamentos sexuais, checando a distância os períodos férteis nas mulheres ou monitorando sua saúde, e nos homens, analisando as quantidades e qualidades dos líquidos seminais para posterior colheita. A esse respeito, fazemos um rápido parênteses para lançar uma pergunta: se em uma única ejaculação existem aproximadamente 1 milhão de espermatozóides ativos – dos quais algo em torno de 10% podem e têm condições de gerar vida –, sabendo que às vezes de um único indivíduo são retiradas quantidades correspondentes a 3 ou 4 ejaculações seguidas, e multiplicando isso pelos milhões de abduzidos, onde vai parar esse monstruoso volume de sêmen que, sob condições ideais de laboratório, pode ter um extraordinário aproveitamento? E com que motivos? E a quantidade ímpar de óvulos femininos que já colheram? Ao que parece, esse banco genético cósmico poderia povoar dezenas de planetas!

Mas continuemos com nossos implantes. Derrel Sims, norte-americano

e chefe de investigações do *Foundation for Interactive Research and Space Technology (FIRST)* que pesquisa implantes extraterrestres em humanos, é especialista em hipnoterapia e hipnoanestesia. Mas o que causa espanto é que já foi funcionário da CIA... Tivemos o prazer de conhecê-lo em 1997, num congresso realizado em Curitiba (PR), e nos reencontramos durante o *I Fórum Mundial de Ufologia*, em Brasília (DF). Extremamente simpático, comunicativo e simples, Sims tinha muito para contar. Ele próprio é um abduzido que, como todos, teve suas experiências na mais tenra idade, aos 4 anos, daí surgindo distúrbios de estresse pós-traumático e uma cicatriz na canela. Sims teve provavelmente algumas outras abduções, mas estas pararam quando chegou aos 17 anos.

Ao todo, Sims já extraiu 20 supostos implantes do corpo de diversas pessoas, sendo todos eles cuidadosamente examinados em laboratórios especializados, embora seja firme ao dizer que os objetos não puderam ser classificados como implantes alienígenas. *“O que descobri foram objetos estranhos que não deveriam estar ali e que, aparentemente, efetuam funções que não estariam designadas a eles.”* Suas dúvidas procedem, já que durante sua estada na CIA soube que o governo norte-americano – assim como outros governos do mundo – teria adotado práticas semelhantes. Ele acrescentou que, nos anos 60, a agência teria testado certos germes tidos como inofensivos em alguns moradores de Nova York. Em tempos de guerra, a agência se utilizava desses testes para combater o inimigo.

Sobre a natureza dos implantes, ele diz que podem ser considerado como de origem alienígena, se suas características forem estrutura, função e intervalo isotrópico. Os metálicos, por exemplo, parecem ser revestidos por até 11 elementos de superfícies diferentes. Além disso, não produzem inflamações na região, o que qualquer outro objeto estranho provocaria ao organismo, como um espinho ou ainda como acontece com transplantados, quando o organismo rejeita um corpo estranho. No caso dos implantes ‘mais modernos’, parecem estar recobertos por tecidos da própria vítima, o que facilitaria a aceitação desse objeto por parte do organismo, além de dificultar sua detecção. Os de origem biológica possuem geralmente filamentos nervosos, gerando a possibilidade – segundo alguns cientistas – de poderem modificar externamente o comportamento de uma pessoa através dos neurotransmissores.

Alguns dos testes realizados com implantes foram feitos pelo National

Institute for Discovery Science (NIDS), através de espectroscopia extensiva de raios e exames metalúrgicos realizados no laboratório New Mexico Tech, em Socorro, Novo México, além de muitas consultas a diversos especialistas que realizaram análises não destrutivas do material e uso de um microscópio de varredura eletrônica. Descobriu-se que dois deles são fortemente magnetizados ao longo do comprimento dos seus eixos, embora nenhum seja condutor de energia. Através de outros testes foram detectados ferro, fósforo e cálcio, além de alguns traços de cloro. Derrel Sims diz que apesar de todas as experiências realizadas, ainda não é possível apresentar resultados conclusivos.

As considerações levantadas por ele são bem mais extensas, e o que é aqui apresentado é apenas um resumo. Em todo caso, se alguém quiser se informar mais detalhadamente, inclusive diretamente na fonte, o endereço de Derrel Sims é: *P. O. Box 60944, Houston, TX 77205, EUA*, ou pelo endereço eletrônico *derrel@holman.net*. O que poderíamos acrescentar a tudo o que foi até aqui colocado? Talvez que não temos provas conclusivas da origem extraterrestre dos implantes retirados até hoje. Pois, além desses testes serem muito demorados, devido ao processo ser altamente especializado, outros são extremamente caros. Em todo caso, temos pelo menos algumas boas evidências. Não são provas como gostaríamos que fossem, mas é melhor do que nada.

## O Fantástico Caso Roy

Esta ocorrência, de prováveis múltiplas abduções, se estende por toda a vida desse senhor, a quem chamaremos pelo pseudônimo de Roy e com o qual era conhecido na sua juventude no país de nascimento: Itália. O mais curioso é que esse processo – que se iniciou em sua infância e o acompanha durante quase 60 anos – começou a aflorar no seu subconsciente a escassos oito anos, deflagrados, segundo ele, pela leitura do livro *Comunhão*, de Whitley Strieber, em 1990. Como foi verificado por muitos profissionais da área mental, às vezes acontece nestes casos que alguma coisa, uma leitura, uma palavra, um som ou cheiro podem se converter no detonador de uma verdadeira erupção de lembranças escondidas no subconsciente. Já escrevia Raymond Fowler que “...as lembranças afloram quando ‘eles’ assim o desejam.”

Neste caso, parece que as hipóteses são verdadeiras. A leitura do livro o

impactou na medida em que devorava as páginas, encontrando semelhanças que inundavam sua mente repentinamente. Logo após isso, outros fatos brotavam do inconsciente, puxados pelas lembranças e ilações que ele fazia dos fatos. Nos conhecemos através de amigos comuns há mais de 12 anos, mas só em 1993 ele decidiu falar comigo sobre sua vida. Pelo que conhecia a pessoa e personalidade de Roy, foi uma surpresa quando começou a falar. Retraído, circunspecto, interessado pela conquista espacial e por UFOs, grande leitor de livros, artigos e revistas sobre Ciência e religiões, muitas vezes conversávamos horas a fio enquanto fumávamos ou saboreávamos uma taça de vinho. Roy nunca deu o mínimo sinal que me levasse a imaginar o que acontecia com ele, até que não agüentou mais. *“Olha, Romero. É possível que eu esteja enlouquecendo aos poucos...”*

Por um momento pensei que ele tivesse decidido fazer alguma brincadeira, mas quando notei um brilho úmido em seus olhos, percebi que a coisa era muito mais séria do que ele ou eu gostaríamos que fosse. *“Se eu ficar calado, como até agora tenho feito, temo pela minha saúde e pela minha vida. Preciso falar e acho que, pelos anos que lhe conheço, com você posso me abrir. Sinto como se estivesse pirando aos poucos, como já te disse... Enquanto uma parte do meu cérebro ainda sã quer lutar pela verdade, pela lucidez, dá vontade de ir para longe, ficar sozinho e poder chorar até apagar...”*

Evidentemente, ele não estava brincando nem inventando histórias. A idéia do que lhe aconteceu realmente o atormentava, principalmente por ser uma coisa tão louca e absurda que não poderia confiar a ninguém. Agora ele tinha certeza de que as abduções não poderiam ter ocorrido apenas uma única vez, mas muitas no decorrer de sua vida – no seu país no início e depois aqui no Brasil. A essa altura, eu já desconfiava de que se tratava de algo relacionado com UFOs, alguma observação frente-a-frente – visão de tripulantes, talvez –, mas confesso que não tinha ainda percebido a profundidade dos fatos e muito menos que estava testemunhando um caso de tamanha importância.

O início da sua história se parece com muitas outras narradas por abduzidos após uma regressão de memória. Mas assim, contada conscientemente, era a primeira que eu tinha conhecimento. Roy era o último de quatro irmãos, não esperado nem desejado pelos pais num casamento praticamente desintegrado. Desde os dois anos de idade sofre de asma bronquial, que teve seu pico máximo entre os 13 e 23 anos. Analisando

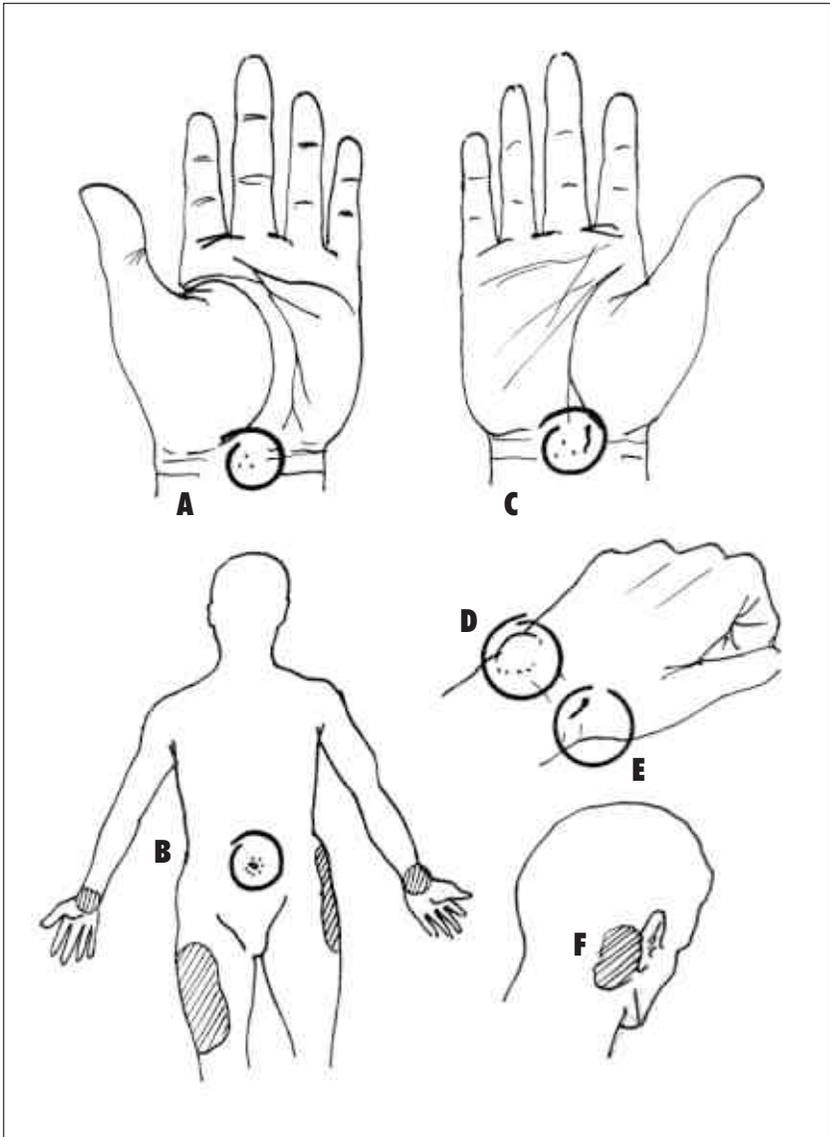


Ilustração Alberto Romero

**Os locais de marcas no corpo do senhor Roy, segundo caso descrito neste capítulo. (A) Sinais nos pulsos (idem em C). (B) Estranhas marcas próximas do umbigo. (D) Local onde surgiu um quisto sebáceo que durou quase 8 anos (idem em E). (F) Local atrás da orelha onde sentia fortes dores durante quase 20 anos.**

friamente a história, ela tinha todos os componentes que noutras circunstâncias me teriam levado a analisá-lo como típico de uma pessoa com sérios problemas psicológicos. Filho não esperado nem desejado, doente, num lar desfeito, enfim, uma pessoa complicada. Mas havia alguma coisa que não me deixou desistir e tentei ir mais a fundo, analisando minuciosamente cada palavra, cada gesto, acesso nervoso, movimento das pálpebras e mãos. Se ele queria me pregar uma peça, todos meus anos de ufólogo não poderiam ser colocados em xeque. E para poder chegar até o fundo da história, tinha que começar pagando para ver.

Com 12 ou 13 anos, Roy já se interessava pelas notícias sobre UFOs publicadas no *Domenica del Corriere* e *L'Europeo*. Também lhe chamavam a atenção os mistérios do Universo. Periodicamente acamado, lia muitíssimo e assim chegou às suas mãos a notícia da queda de um UFO que não lembra exatamente qual (Roswell, talvez pela data) e muitas outras em que se falava de corpos pequenos resgatados antes da censura intervir. De repente, uma curiosa compulsão em meio às suas crises de asma o levou a criar, com massa de modelar, o corpo de um ET que corresponderia, conforme ele, aos descritos nos últimos anos, classificados como grey ou cinza. Nessa fase, escuta algumas vezes, vindo da laje de sua casa, um zumbido como de abelhas ou besouros, sem no entanto nada ver.

Também presencia um fato que hoje nos parece banal: estando ele e sua mãe acamados (ela era vítima de pólio) e a irmã servindo um chá para ambos, com o cãozinho da família ao lado, numa tarde ensolarada presenciam uma bola de luz azul-claro com mais ou menos 20 cm de diâmetro durante vários minutos. A luz seguiu até a porta do guarda-roupa lentamente, como que flutuando à semelhança de uma bolha de sabão, ora subindo, ora descendo. Deslocava-se de lado ante os olhos aterrorizados de todos e do cachorro, refugiado entre as pernas da irmã, até que de repente explode violentamente, deixando um fortíssimo cheiro de enxofre.

Doente, Roy dá vazão às suas inquietações e começa a escrever um conto num caderno escolar da época, que tive a oportunidade de ver já amarelado pelo tempo. Nele fala de um ET cuja nave cai na Terra e é salvo por um cientista. E dá o nome de *Guii* ao alien, desenhando o nome nos símbolos do suposto idioma alienígena, que na sua grafia lembra a representação do mantra indiano *Om*. Trinta anos depois, Roy descobre numa mensagem

apresentada no livro de George Adamski, o mesmo símbolo ou algo muito parecido. Outros semelhantes são encontrados em escritos atribuídos aos ETs em diversos casos de psicografia ufológica. Estando uma vez em São Paulo, Roy conheceu um grupo de pessoas que diziam manter contato com marcianos através da Tábua Ouija (um círculo de letras e um copo), os quais afirmavam poder monitorar as pessoas que lhes interessavam 24 horas por dia. Através de médiuns psicográficos, foram realizadas tentativas de contato na região de Atibaia, no mesmo Estado.

No dia e hora previamente marcados surgiu o que parecia ser uma nave mãe a grande altitude, e dela se desprenderam três luzes das cores vermelha, verde e azul, as quais desceram em típico movimento de queda de folha seca até pararem numa altura não determinada, apresentando tamanho e brilho semelhantes ao planeta Vênus, na sua maior aproximação. Após alguns instantes, as luzes subiram novamente e sumiram junto à nave mãe. Segundo as mensagens recebidas pelo grupo, teria fracassado o encontro devido a uma das naves ter sofrido uma pane, e as outras fizeram um campo de força à sua volta para regressá-la à base.

Noutro encontro programado nas matas da região de Hortolândia (SP), foi questionado o porquê da mudança de local, e os ETs teriam alegado que ali ficariam distantes do alcance dos radares dos aeroportos de Congonhas e Viracopos. No entanto, no dia marcado foram duas tentativas frustradas, uma justificada por eles estarem esterilizando as roupas que vestiriam dentro da nave e a outra por causa de duas aeronaves da FAB que estariam circulando na região – fato que foi confirmado minutos após, quando dois aviões cruzaram o céu acima das cabeças das pessoas que lá estavam. Nesse dia, participavam do encontro três dos integrantes do grupo e a esposa de um deles. Instantes depois, uma estranha névoa começou a encobri-los [*É necessário explicar que seriam aproximadamente 17:45 h, e que em pleno mês de janeiro o Sol ainda brilha por bastante tempo*].

Os quatro amigos, sentados dentro do carro, mal conseguiam enxergar o capô do veículo. Além disso, dois estavam profundamente adormecidos – até ressonando –, o dono do automóvel dando cabeçadas e Roy sentindo os olhos muito pesados. Nesse instante, Roy disse ter recebido uma “...intuição ou alguém teria falado em meu ouvido”, levando-o a desconfiar do que estava acontecendo. Não era lógico que todos estivessem com sono face à excitação

que um encontro desses provocaria. Além do mais, Roy percebia – quase em nível físico – uma sensação de perigo e decidiu alertar os companheiros. A mulher reagiu quase em pânico e suplicou para saírem dali o mais rápido possível. Assim o fizeram e partiram em alta velocidade, apesar do caminho perigoso, cheio de curvas e ribanceiras no meio do mato. Ao sair do local, Roy lembra que apagou subitamente, recobrando os sentidos na hora em que entravam na cidade. Como devem lembrar, ao receber a mensagem seriam 17:45 h, e se partiram do local poucos minutos depois, a viagem demandaria aproximadamente uns 30 a 40 minutos, principalmente à velocidade em que correram devido ao medo. Mas chegaram à cidade após às 20:30 h. Portanto, temos um vazio – que Roy não consegue entender – de praticamente duas horas.

De acordo com suas lembranças, o aviso de que corriam algum perigo pode ter sido diluído durante a abdução e o instante seguinte. Quando ela acaba, as lembranças emendam com o aviso de alerta como se nada tivesse acontecido no intervalo e todos correm. A sintomatologia das pessoas que participaram do episódio é bastante clara. Roy percebe, em meio ao seu estado de sonolência, que os outros estão dormindo ou prestes a fazê-lo, e de alguma forma sente o perigo, embora essa lembrança pareça um tanto vaga. A seguir, estão todos acordados e fugindo do local, à exceção dele, que só então cai no sono ou estado de prostração.

Em fevereiro de 1987, Roy passava uns dias de descanso na casa de um amigo (o mesmo que dirigia o carro em São Paulo) num condomínio fechado no litoral norte da Bahia, a 50 km de Salvador, quando, caminhando pela praia deserta após o jantar, chegou a se queixar em voz alta dos ETs que tantas vezes estivera perto de conhecê-los e nunca lhes deram a oportunidade de trocar idéias. Argumentava que eram covardes, já que ele não poderia lhes fazer mal, que só queria ter chance de conversar como gente madura. Depois do desabafo, foi dormir na varanda, numa rede, para acordar em pânico às 02:00 h da madrugada sem poder respirar nem engolir saliva, com a impressão de estar sendo sufocado e uma pressão enorme sobre o peito, até que conseguiu gritar. A esposa, sempre preocupada com a saúde do marido, tinha deixado-o sozinho e fora dormir dentro da casa, sem se importar com o frio que ele poderia sentir [*Nessa época, na Bahia, próximo à praia, a temperatura à noite fica por volta dos 20 graus*].

Roy não deu maior importância ao fato, que julgou ser um pesadelo, e entrou para dormir. Dois ou três dias depois apareceu uma marca no seu pulso esquerdo, como de picadas de agulha, porém mais finas. Eram três pequenos sinais em disposição triangular que faziam a área coçar muito. Também houve um processo de vermelhidão em volta, que ficou visível durante mais de seis meses. Daí para frente, em períodos que não foram estabelecidos, mas pareciam seguir um ciclo determinado, a marca ora sumia, ora reaparecia, coçava e escamava. Sumiu definitivamente quase um ano depois.

Sobre o livro *Comunhão*, o que mais o impactou foi a descrição de implantes eletrônicos através da nuca. Isso provavelmente foi o que desapareceu as demais lembranças e uma das coisas que mais o atormentam. Desde sua adolescência, quando as crises asmáticas eram mais intensas, Roy sente dores terríveis em determinadas épocas atrás da orelha direita. Um médico tentou hipnotizá-lo para debelar uma crise particularmente intensa em 1961, já que não podia usar mais broncodilatadores sem correr o risco de lesar o coração. Disse a Roy que essas dores talvez fossem consequência da falta de oxigenação do cérebro devido a crise que afetou suas meninges, embora não pudesse explicar as mesmas dores muitos anos depois e sem ter uma crise de asma...

Outro fato que o impactou foi o que o levou a lembrar que em 1961 ou 62 (ele não lembra exatamente) precisava fazer uma operação de sinusite. Chegando ao hospital, quando foi sua vez, vendo a enfermeira deixar outros pacientes sentados com enormes agulhas perfurando o septo nasal e com sondas inseridas no nariz, e ao escutar o barulho da agulha perfurando o local da operação da pessoa que estava à sua frente, fugiu do local em completo estado de pânico. Depois disso, sua vida particular virou um pesadelo: cada dia, cada noite passou a descobrir coisas novas, detalhes insignificantes ou que aparentemente não possuíam valor de prova para ninguém, mas que o aterrorizavam. Além disso, Roy experimentou a dolorosa sensação de que também havia sido fisgado, e com isso não podia falar abertamente de seu drama com ninguém – já que estava comprometido demais com certos valores e posições e jamais poderia assumir que é um abduzido. Se isso fosse divulgado ele estaria, ou melhor dizendo, se sentiria liquidado como um profissional liberal que é. Afinal, muitos empresários não gostam de fazer negócios com malucos ou visionários que vêem homenzinhos verdes.

Depois desse relato, que acabou por volta das 03:00 h da madrugada, e após secar uma garrafa de um litro de café e fumar quase duas carteiras de cigarros, passamos alguns meses sem nos encontrar nem falar ao telefone. Achei que seria melhor assim, para deixar cicatrizar um pouco a alma desse homem. Foi a atitude mais correta: uma noite Roy me ligou convidando-me para ir até sua casa, onde nos refugiamos na biblioteca para podermos conversar sem sermos importunados.

Ele disse que tinha lembrado de ter acontecido outras coisas e que não sabia onde tudo isso iria parar. Perguntei-lhe se queria que fizéssemos uma viagem juntos ao Rio de Janeiro, aproveitando que eu iria realizar uma palestra para o *Centro de Investigação Sobre a Natureza dos Extraterrestres (CISNE)*, grupo dirigido pela pioneira ufóloga Irene Granchi. Através dela, quem sabe, poderíamos tentar entrar em contato com a doutora Gilda Moura e ver a possibilidade de uma regressão. Mas ele não quis fazê-lo. Apesar de tudo que já lembrou e vivenciou, Roy teme se recordar ou saber “*coisas que podem implodir de vez minha saúde mental*”, segundo confessou. Ele já leu um livro da doutora Gilda e também acredita muito no seu trabalho, mas “*não acredito na minha resistência*”, finalizou.

Aparentemente, as lembranças e as novas experiências vão se tornando cada vez mais fortes. Em 1993, durante o carnaval, como é do seu costume, para fugir do barulho das festas baianas, refugiou-se na fazenda de amigos. Certa manhã, ao acordar e sair na janela do quarto no 1º andar, deparou-se com uma mancha no capô do carro ali estacionado. Parecia com uma marca deixada por uma mão apoiada – com três dedos muito compridos e um polegar afastado –, que o orvalho ajudara a imprimir-la. Vestiu-se rapidamente e desceu as escadas até o automóvel. De perto não dava para visualizar nada do que havia visto da janela, então subiu novamente para seu quarto e ao se aproximar da persiana, lá estava a mancha, bem visível. Dias depois, de volta a Salvador, numa noite é acordado por seu próprio grito e uma sensação de terror. Ele, um homem de quase 60 anos, entrou em pânico e não teve coragem, na sua própria casa, de se levantar da cama e ir até a cozinha beber um copo de água para tentar se acalmar.

O sonho ou o que quer que fosse, segundo seu relato, foi o seguinte: em plena madrugada, 02:30h aproximadamente, sentia que estava dormindo, mas alguma coisa lhe incomodava, fazendo-o acordar, pegar então um rolo de papel

e jogá-lo sobre uma poltrona ou cadeira. A sensação era a de que não estava em seu quarto, mas na sala de tevê. Então, de repente vê do lado de fora da janela um braço comprido e fino, de mais ou menos 1,20 m de comprimento, possivelmente de alguém que estivesse se esticando ou se equilibrando contra a parede externa do prédio e de costas para ela. Quando Roy vê e identifica o braço como sendo de um alienígena, solta um grito. Neste momento a figura se vira, olhando para o interior da casa numa imagem múltipla, como fotografia ou filme superposto, repetindo o mesmo gesto por várias vezes e deixando perceber uma imagem pálida, quase branca, com dois enormes olhos pretos ou muito escuros que transmitiam um ar de surpresa. Nessas frações de segundos, Roy acorda e percebe que está em sua cama. Ali, há mais nitidez em seu pensamento e a noção de que a imagem que vira havia sido verdadeira e não um sonho, como tentamos fazer-lhe entender para tranquilizá-lo.

Meses mais tarde (fins de 1988 ou 89), Roy tem um novo sonho super realista que o abala ainda mais: *“Senti que estava sendo retirado de casa à bordo de uma nuvem leitosa, experimentando fisicamente uma sensação de vôo, de solavancos na barriga, como quando se voa num pequeno avião e sente-se um vazio. O vôo noturno tinha extraordinários efeitos reais, podendo ver a avenida abaixo e carros passando, tal como vemos pela janela de um avião ao nos aproximarmos de um aeroporto. De repente, a nuvem dá uma guinada à esquerda e logo depois se inclina à direita, parando sobre um grande prédio de luxo. Em frente, outro edifício parecia se consumir em chamas.”*

Roy sabia que iam resgatar alguém – que não sabe dizer quem era –, porém a nave onde se encontrava parecia pequena, e nela já estavam sua esposa e um dos seus filhos, calados, sérios e desligados. Então Roy resolveu falar com o único tripulante que via. Era tão branco quanto o ambiente, ressaltando apenas seus redondos e escuros olhos (semelhantes ao que vira na janela de sua casa). *“Se for necessário, deixem-me embaixo, mas salvem essa pessoa”*, suplicou. Ele diz que sabia ou sentia que a pessoa em questão era alguém muito importante, embora não soubesse dizer naquela hora se era homem ou mulher.

Outros prédios no restante da cidade pareciam arder em aterrorizantes fogueiras. De pronto, viu outra nave como a que lhe transportava, em formato de ovo, saindo do prédio em chamas, e a seguir, uma senhora e dois jovens –

que também não sabe quem podem ser – aparecem dentro dela, como se estivessem em estado de choque, traumatizados. Após alguns minutos, a nave regressa em direção à sua residência. Ao chegar, Roy vê, horrorizado, uma onda gigantesca (acima de 70 m) avançando do mar em direção à sua casa. Naquele momento começou a se desesperar por suas coisas, seus livros, suas roupas, etc. Mas de repente raciocinou que se apenas ele se comunicava com o ET e os demais pareciam alheios a tudo, então seria também um deles ou haveria mais alguma coisa a seu respeito que ignorava? Ao me contar essa parte da história, Roy ficou pálido e sua mãos tremeram um pouco. Como chegara a essa conclusão? Ficou repentinamente parado, com o olhar fixo na xícara de café e no último cigarro que quase se esmigalhava no cinzeiro.

Em fevereiro de 1998, logo após o carnaval, voltamos a nos encontrar, desta vez em meu escritório. Quase no fim do nosso bate-papo, Roy me fala, mostrando a mão esquerda: *“Você está lembrado daquela ‘bola de gude’ que eu tinha em cima do pulso? Olhe agora.”* Perguntei se havia tirado com um médico, e ele negou, respondendo que alguém devia ter feito isso. *“Sumiu de repente e não sei dizer ao certo quando pode ter acontecido. Estava tão habituado com ela que nem reparei. Mas outro dia, pensando na vida e passando a mão no braço esquerdo, dei por falta da mesma, que me acompanhava por tantos anos.”* Eu já tinha visto a marca quando Roy me mostrara o local onde apareceram as picadas de agulha, e até chegamos a comentar que a mesma se parecia com um quisto sebáceo, mas como não lhe incomodava, não valia a pena mexer nela. Agora, desaparecia assim, sem mais nem menos!

Ele estendeu o pulso para eu olhar de perto e senti uma ponta de dúvida quando vi uma pequenina e quase invisível cicatriz na lateral do pulso, poucos centímetros de onde ficava a bolinha. *“Você está querendo me gozar, Roy? Quando foi que fez a cirurgia?”*, indaguei. Ele me olhou desconfiado e quase bruscamente puxou sua mão, levando-a junto ao rosto. Depois me pediu a lente de aumento. O vi ficar pálido e franzir ainda mais o rosto marcado. *“Eu não fiz porcaria de operação alguma, Alberto, mas se você não acredita, não posso fazer nada. Não tinha visto, apenas estranhei o sumiço da bolinha, droga!”*, respondeu chateado. Pela primeira vez o vi perder as estribeiras. Procurei acalmá-lo dizendo que não duvidava da sua palavra, muito pelo contrário, apenas estava surpreso com o fato.

Lógico que minha aceitação da narrativa é em nível pessoal, não como

pesquisador, já que não houve nenhum tipo de exame ou análise antes, e agora só poderíamos especular. Infelizmente, sem provas, nos resta apenas a suposição do que poderia ter sido aquilo. Talvez um implante retirado depois de alguns anos. Os que acompanharam os artigos ou as palavras do doutor Derrel Sims em sua palestra em Curitiba (1997), ou durante o *I Fórum de Ufologia*, em Brasília, tiveram a oportunidade de ver de perto sua coleção de implantes retirados de humanos e sabem que as chances de ter sido um deles é, pelo menos, plausível.

O que nos resta dizer sobre nosso amigo Roy? Pessoalmente, ele me passa credibilidade. As marcas do desespero e da emoção – além de algumas lágrimas contidas ou disfarçadas com muita dificuldade por um homem calejado, machucado pela vida, já no outono da sua existência, mas sem nenhum sinal de senilidade ou qualquer outro indício que nos faça duvidar de suas palavras – só nos deixam uma alternativa: apertar-lhe a mão em silêncio e nos solidarizar com ele.

Quando comecei a escrever este capítulo, fiz questão de convidá-lo, assim como outros abduzidos, para mostrar-lhe o que tinha escrito e perguntar se concordavam com minhas palavras. Só compareceram Taí e Roy, os outros deram-me seu voto de confiança. Entretanto, Roy pediu para vir em meu estúdio numa hora em que não tivesse ninguém.



## Capítulo 10

# Manipulação Biológica

*“Andava, mas minha vontade era correr. Fui apanhado numa armadilha: se não aceitasse que algo de real estava profundamente escondido em minha vida, então teria que reconhecer que era um homem perturbado.”*

– **Whitley Strieber**, contatado,  
em *Comunhão*

**U**m dos casos mais impressionantes de raptos por seres extraterrestres que conheço é, sem dúvidas, o ocorrido com a senhora Becker. O mais interessante é que suspeitamos ainda que deverão aflorar muitas outras recordações na mente desta mulher, apesar da vida atribulada que ela e seu esposo têm, especialmente em momentos de crise econômica mais séria. No caso do casal em questão, ambos estavam desempregados na época dos fatos e, além disso, tiveram que se mudar da cidade onde moravam para outra mais distante. Mesmo assim, a experiência pela qual a senhora Becker passou traz grandes revelações.

A jovem senhora nos escreveu uma carta em 1995 dizendo que tinha obtido o meu endereço através de um colega de trabalho e que gostaria muito de poder conversar sobre UFOs, já que os havia visto algumas vezes e queria saber mais sobre o assunto. A carta, não sei como, foi cair atrás de uma gaveta do arquivo e lá ficou até inícios de 1997, quando finalmente a encontrei. Respondi pedindo desculpas por ter passado tanto tempo e

agradecendo suas palavras. Uma semana depois, ela telefonou dizendo que estava em Salvador. Então marcamos um encontro no meu escritório. A princípio, não surgiu nada que chamasse minha atenção. E nas generalidades, ela explicou que nunca tinha lido nada sobre o tema – recusando algumas edições da Revista UFO que lhe ofereci –, alegando que não gostaria de se influenciar com as coisas que lhe aconteciam e que estava voltada ao cuidado dos filhos e a procura de novo emprego.

A mulher comentou ainda que andava preocupada com as coisas que haviam lhe ocorrido em 1994, quando viu algumas luzes estranhas em seu quarto. Ela conta que, na hora de dormir teve a impressão que mal acabara de se deitar e o dia já estava amanhecendo, sentindo ainda como se alguém apertasse seu braço. Ao abrir os olhos, já bem acordada, percebeu que nem havia desligado o rádio antes de ir para a cama e sentia muita angústia e desconforto. Durante esse primeiro contato, narrou como tinha visto as luzes em companhia de uma amiga e sonhado várias vezes com alguém que nunca conseguia identificar, mas que lhe mostrava naves imensas passando pelo céu e outra pousada num terreno abandonado. No segundo encontro, já em companhia do marido, a jovem contou que estava se sentindo um pouco fraca devido a um aborto repentino, e que de tão confusa havia jogado tudo fora.

Ela expelira uma espécie de ovo, com aproximadamente 9 cm de comprimento por 4 cm de largura e com uma mancha escura no centro, da qual saíam alguns filamentos – conforme desenho que fez na hora com material que lhe forneci. Segundo Becker, que perdera bastante sangue durante a expulsão, o ovo era totalmente mole. Neste momento, senti disparar o sinal de alarme. Em janeiro de 1997, meses antes do acontecido, a esposa de um vaqueiro, em Riachão de Jacuípe (BA), que trabalha numa fazenda onde acontecem inúmeros eventos ufológicos, sofreu dois abortos naturais ao 3º ou 4º mês de gravidez. Isso aconteceu dois anos depois de ter feito ligamento das trompas, o que não deixa de ser um dado bastante curioso.

O médico que a atendeu na ocasião da segunda gravidez disse que o que ela havia abortado era uma criança de cabeça muito grande e membros finos, totalmente deformada. Jamais pudemos saber o nome do médico em questão, nem chegamos a ver os exames realizados por ele – que incluía uma ultrasonografia –, que acreditamos que tenham sido jogados fora. Apenas nos foi

dito que o mesmo atende também na capital, Salvador. As coincidências eram muito grandes, já que a senhora Becker também havia ligado as trompas bem antes do seu novo relacionamento. Por causa disso, começamos a sondar pessoas que poderiam nos ajudar neste caso através de uma regressão. Na medida em que conversávamos, começaram a surgir outras evidências que sinalizavam uma provável abdução. Certo dia, Becker comentou que tinha visto, em sonhos, um tipo estranho de aparelho de laboratório ou de uma grande indústria super moderna, na qual observava imagens coloridas em 3ª dimensão do seu corpo e órgãos internos. Ao mesmo tempo, alguém lhe explicava que iriam curá-la de um problema. Chegaram até a recomendar um tratamento, dando nome de um medicamento que ela teve algumas dificuldades em conseguir – embora seu esposo fosse representante de laboratório farmacêutico.

Temos que ressaltar que, antes dos abortos, seus seios tinham crescido significativamente e apresentavam uma grande quantidade de leite, que chegava às vezes a molhar sua roupa. *[Chegamos até a sugerir a ela, pelas evidências e por ter feito laqueadura, que poderia ter acontecido uma gravidez psicológica]*. Seu ventre também começou a crescer substancialmente, cessando todos esses sintomas após a expulsão do ovo. Através da indicação de um amigo, contatamos um psicoterapeuta, que se prontificou a nos auxiliar neste caso. Durante a primeira sessão, conversamos durante algum tempo para testar sua resposta à indução e discutir sobre seu histórico médico. Foi quando marcamos uma segunda consulta.

Em 3 de julho de 1997, às 15:00 h, foi dado início à regressão. Após atingir um estágio bastante aprofundado, a senhora Becker foi convidada a regressar à data do fato que tanto a perturbava. *[Nesta ocasião, não como protagonista, mas como espectadora dos fatos e comodamente reclinada numa poltrona, assistindo a tudo que seria projetado na tela do “cinema”]*. Ela mostrava-se um pouco insegura, principalmente porque duas pessoas amigas, que ela havia convidado a assistir a sessão, não puderam comparecer. Na sala, apenas o médico, ela e eu fomos autorizados a entrar. Para não estender demasiadamente o relato, salientaremos apenas o que ela descreve, com algumas participações nossas em alguns trechos para clarear melhor suas declarações.

*“Estou deitada, prestando atenção no rádio que está ligado, só vendo a luzinha vermelha do dial. Meus irmãos dormem. De repente, aparecem*

*dentro do quarto quatro indivíduos altos. Não sei como entraram... Parece que usaram a porta ou passaram através dela. O quarto se ilumina com uma luz azulada que sai... Sai das suas roupas. Elas parecem não possuir costuras. É como se estivessem coladas ao corpo e são de cor azul, sem botões ou fechos... Todos iguais. Aproximam-se de mim na cama e começam a me colocar instrumentos de aparência metálica, como alumínio. Isso, alumínio. Um desses aparelhos está em cima da minha cabeça e em meus ouvidos. Parece choque elétrico, mas não dói. Examinam meus ouvidos [No corpo da senhora Becker, as regiões do ventre, tórax, braços e até tiques no rosto dão idéia de tremores. Talvez fosse o choque elétrico que ela descreveu durante o exame].*

*Eles não falam, parecem se entender apenas pelo olhar. Eu sinto que repetem para eu ficar calma... [Quando pedimos que tentasse descrever a fisionomia das criaturas, qualquer detalhe, sugerimos que a câmara desse um close dos mesmos para que ela pudesse observá-los melhor]. Parece mentira, mas não consigo ver seus rostos. Eles me atraem com os olhos e não é possível ver direito o resto... Têm olhos puxados e grandes... O nariz não consigo enxergar... A boca parece fina e igualmente grande... E as mãos têm dedos deformados... Não consigo mais... Braços e corpos finos, muito compridos. Estou coberta por uma espécie de lençol prateado e continuam a me examinar com esses aparelhos por cima do corpo... Agora suspendem minhas pernas e continuam me examinando... [Visível desconforto].*

*É igual a um exame ginecológico. Agora me colocam um desses aparelhos finos, prateados, com a ponta preta... Parece que essa ponta tem uma linha ou fio muito fino. Quando retiram o aparelho, o fio não está mais [Perguntamos se sentia alguma espécie de toque dentro dela]. Sei que estão ali, mas tenho todo o corpo anestesiado... Só vejo as figuras em volta de mim... Agora terminaram. Minhas pernas descem e eu saio da mesa... Me levam por um corredor de luz vermelha... E lá estou na minha cama... [Como foi que chegou a sua cama? Onde estava antes?]. Quando atravesso o corredor, não dá para ver nada, a não ser a luz vermelha. Um deles me segura pelo braço. Estamos descendo de uma grande nave em cima da casa... Não sei como descemos, mas parece que voamos... Agora estou dentro do quarto e na minha cama. Sinto-me toda gelada e já está clareando o dia.”*

Quando o médico terapeuta se recusou a continuar o trabalho, dizendo

que não teria mais tempo para isso, a senhora Becker se sentiu rejeitada, confusa, pensando que fizera o médico perder tempo com suas maluquices. Mas essas duas sessões ajudaram a fazer com que uma grande parcela das recordações aflorasse em sua mente dias depois. Como não havia esperanças de poder continuar o trabalho de regressão tão cedo, decidi conversar largamente com ela para tentar esclarecer alguns detalhes que acabariam complementando o seu relato.

Muito assustada, a jovem procurou-me na semana seguinte para me contar que tinha se lembrado de outras coisas que agora tentava inutilmente esquecer, devido ao medo. A bordo da nave, também tinha visto sua mãe e irmãos, sendo que um deles contara depois que tivera um sonho com toda a família dentro de um UFO. Com respeito a essas observações, ela continuou a ver os UFOs tanto acordada como em sonhos. E a estranha pessoa que nunca conseguia determinar quem era lhe disse que as naves que via eram da frota que estava chegando para estabelecer uma base aqui na Terra, e que apenas algumas pessoas escolhidas podiam vê-los, pois vibravam numa frequência diferente dos humanos.

Depois de quase um ano sem ter notícias da senhora Becker, a não ser breves e esparsos telefonemas sociais, há pouco tempo me chegaram algumas notícias, por intermédio de um conhecido, dizendo que haviam surgido novos fatos sobre este caso, que eu ainda não sabia, e que era necessário que eu me encontrasse com ela e seu marido [*Agora por sorte, ela e o esposo estavam novamente empregados*]. Depois, durante uma ligação, a jovem perguntou-me se eu tinha recebido uma carta, na qual me contava uma porção de novidades a respeito do que lhe acontecera. Como nenhuma correspondência havia chegado à minha caixa postal, Becker está receosa de tornar a escrevê-la ou falar pessoalmente comigo.

## O Caso Taí e Prima

No caso destas duas pessoas, de uns três anos para cá foram aparecendo detalhes sutis de um indicativo de abdução, que estaria acontecendo desde a época em que ainda não se falava em seqüestros por seres extraterrestres, caracterizando um desses casos em que as vítimas são monitoradas desde a infância. O que vamos relatar a seguir vem surgindo em episódios

lembrados espontaneamente ou através de sonhos, de cunho realista, que pressupõem outras coisas muito além de serem apenas simplesmente sonhos. As lembranças que vão nascendo e de repente afloram na mente dos abduzidos – quando estes começam a recordar coisas que podem ser, como já dissemos, muito mais que sonhos – se remontam a vários casos acontecidos anos atrás com eles ou seus familiares.

Na verdade, poderíamos nos referir a acontecimentos na vida do pai de Taí na época da sua juventude e logo após contrair matrimônio, tais como lembranças de grandes olhos escuros lhe observando desde a porta da casa, globos luminosos que circulavam no quarto do casal antes do nascimento do primogênito, e ainda quando era criança também vira dois grandes olhos escuros num rosto iluminado que parecia flutuar dentro da humilde casa. Mas vamos começar bem mais adiante. Taí e sua irmã Rosa se interessavam por UFOs desde 1975 e passavam muito tempo conversando sobre o assunto.

Uma noite, Rosa sonhou que, assistindo tevê, de repente a energia faltou e uma intensa luminosidade azul começou a entrar pela janela do último andar do prédio onde eles moravam. Fato que fez com que corresse até o lugar para saber do que se tratava. Lá fora, Rosa avistou vários UFOs pairando acima do condomínio e sentiu como se estivesse sendo sugada pela luz que eles emitiam. Foi quando Taí apareceu e a abraçou, impedindo que ela fosse puxada pelos objetos. No dia seguinte, a menina ficou acordada até mais tarde para assistir um filme na televisão, quando, igual ao seu sonho, faltou energia e viu um reflexo azulado invadir o ambiente onde estava. Absolutamente desesperada de medo, correu para o quarto, e nesse momento a energia voltou.

Dias depois, dormindo na casa da sua madrinha, no mesmo prédio onde morava, Rosa teve outro sonho. Desta vez, viu três pessoas se aproximando da cama. Quando gritou (ou pensava estar fazendo-o), o que parecia ser o chefe desse grupo a repreendeu dizendo: *“Por que você grita? Está sempre querendo nos ver e agora fica assim?”* A respeito dos gritos, parece que eles incomodam ou afetam de alguma forma os alienígenas, já que em vários casos, como o de Antônio Vilas Boas, Whitley Strieber, Rosa – a moça desse caso – e outros, os aliens reagem perguntando *“Por que está gritando?”*, ou *“O que podemos fazer para você parar de gritar?”*

Ou ainda – como no caso de Vilas Boas – eles paravam e ficavam olhando enquanto ele gritava. Será que o som estridente emitido pelos humanos cria alguma vibração diferente no campo em que tais seres se movimentam? O sonho de Rosa acontecia em sua casa e não na da madrinha, onde ela se encontrava passando a noite. Enquanto isso, os outros dois indivíduos encostavam na nuca dos seus pais e de seu irmão, algo parecido com tubos de ensaio, que se enchiam de sangue. Os três eram magros, de 1,60 m aproximadamente, cabelo escuro puxado para trás e o chefe ostentava um ridículo bigodinho fino, como os homens de antigamente costumavam usar. Ao acordar na manhã seguinte, para seu espanto, Rosa estava toda suja de sangue: cabelo, travesseiro, lençóis e dedo indicador – já coagulado.

Quando nosso companheiro Valmir de Souza, vizinho e amigo destas pessoas desde a infância, me confidenciou o relato acima, solicitando conselhos sobre o que fazer e pedindo todo o sigilo possível sobre os fatos ocorridos, nós nem sequer imaginávamos que fosse um caso de abdução. Levantamos, inclusive, diversas hipóteses e conjecturas a respeito do fato de Rosa ter acordado toda ensangüentada. Até que sua própria madrinha nos confirmou que não havia possibilidade de uma eventual menstruação, já que a jovem tinha um ciclo muito regular, e isso havia acontecido 12 dias depois da regra. Além do mais, sua roupa de baixo estava completamente limpa naquela noite, o que fazia o mistério ser maior.

No ano de 1981, Prima – esposa de Taí – se encontrava dormindo na casa dos seus pais, estando deitada de costas e acordou repentinamente com uma luz de cor azulada que penetrava pelo telhado. Ela, no entanto, não conseguiu ver exatamente de onde a claridade emanava, notando apenas que incidia sobre o seu ventre durante alguns instantes. Enquanto se questionava sobre o que poderia ser aquilo, a luz se deslocou, subindo lentamente pelo seu abdome e estacionando entre os seus seios. Num repente, Prima puxou o lençol apavorada, cobrindo-se até a cabeça e virando-se de lado. Minutos depois, ao tomar coragem para observar o que estava acontecendo, a luz tinha desaparecido.

Eis agora alguns sonhos de Taí, este primeiro ocorrido em 25 de agosto de 1991, num domingo de madrugada. *“Sonhei que estava em Santo Antônio de Jesus, caminhando pela rua principal, e havia um cortejo parecido com uma procissão religiosa. Era de noite, e mesmo*

com a fraca iluminação dava para ver a rua onde morei, bastante enlameada. O detalhe era que eu não via os rostos das pessoas que seguiam o cortejo, rumo à igreja local.” Outro sonho ocorreu em 26 de agosto do mesmo ano, uma segunda-feira de madrugada. “Novamente eu estava na minha cidade e também era de noite. De repente, pessoas pequenas de mais ou menos 1,50 m de altura, vestindo roupas colantes pretas, me seguravam e tentavam levar-me à força, pois estava reagindo violentamente à atitude de meus supostos captores – dos quais não vejo seus rostos, assim como não via o das pessoas do sonho anterior.

Estou num carro – parecido com um opala preto – com minha esposa e mais três ou quatro mulheres que não conheço, além do motorista. Seguimos por uma avenida da cidade baixa (em Salvador), vindo não sei de onde, ou não lembro. Em seguida, uma grande forma preta – que parecia de algo gigantesco, igual a uma garrafa ou jarra –, com asas de morcego, vinha baixando sobre o carro, me assustando. Então gritei para o motorista: ‘pisa fundo que eles vão nos agarrar’, porém o carro parou e os mesmos indivíduos baixinhos foram surgindo em volta do mesmo.

Também apareceu uma mulher pequena e magra, rosto comprido e nariz afiado, cabelos castanhos, longos e lisos, vestindo uma roupa colante de cor cinza escuro ou azul marinho, não lembro... A tal mulher me acalmava e dizia que não nos fariam mal. Senti-me realmente tranqüilo e confiante – o suficiente para tentar conversar com ela. Explicou-me que o objetivo daqueles seres, naquele momento, era nos descontaminar – principalmente as mulheres que estavam grávidas e cujos fetos eram de real interesse para eles. A partir desse momento, passei a lhe perguntar tudo que era de meu interesse sobre UFOs, e ela me respondeu algumas coisas, chegando a falar sobre um velho pescador que conhecia e que em outra oportunidade me diria mais a seu respeito.

Acordei meio zonzo, sem entender nada, sentindo minhas lembranças se apagando rapidamente. Tomado de um repentino impulso, pulei da cama e fui até o pátio dos fundos, onde ouvi um barulho, mas não lembro se foi antes ou depois do sonho. Quando olhei o relógio era 02:30 h da madrugada. Voltei a deitar, mas não consegui mais dormir, pois uma sensação esquisita me dominava e tinha medo de pegar no sono [Interfiro neste relato para dizer que fiz questão de transcrever exatamente o que Taí contou. Acho

que se tentasse fazer um *copidesk* das suas palavras, as mesmas perderiam muito da emoção sincera do rapaz].”

13 de junho de 1994. *“Nesta madrugada, Prima teve um sonho que a deixou muito impressionada, por ser o mesmo incomum e principalmente porque ela nunca consegue se lembrar do que sonha. E quando o faz, é tão pouca coisa o que consegue descrever que não dá para entender. Ela contou que se encontrava numa sala cujas paredes tinham aparência metálica e na qual via várias pessoas aos pares – homem com mulher, homem com homem, mulher com mulher e até alguns adultos com crianças. Eles estavam sobre uma espécie de esteira rolante e deslocavam-se para outro compartimento, onde seriam selecionados e formados os casais. Os pares masculinos seriam analisados por um computador, sendo que o de maior tendência feminina sofreria uma cirurgia que o transformaria em mulher, acontecendo o inverso com estas últimas.*

*As crianças seriam banhadas num líquido que aceleraria o seu metabolismo, fazendo com que se tornassem adultas em pouco tempo, e logo após seriam submetidas também a uma cirurgia como as antes mencionadas, se necessário. Foi também mostrada a Prima a sala de cirurgias onde as transformações aconteciam, além de um homem com seus genitais extraídos, num corte perfeito, para a devida transformação do macho em fêmea. O órgão retirado serviria para alguma fêmea que fosse virar macho. Os seres que dirigiam essas atividades tinham aparência humana, eram brancos e loiros, tendo alguns cabelos da cor castanha, compridos até os ombros e usando roupas branco-cinzentas, colantes ao corpo. Minha esposa observou ainda que durante as cirurgias não havia sinal de aplicação de qualquer tipo de anestesia nas vítimas, pelo menos aparentemente.”*

Impressionante? No ano de 1997, Prima teve outro desses sonhos, afirmando que dessa vez estava sendo levada por um helicóptero junto a um grande número de pessoas. De repente, o mesmo mergulhava no mar, se transformando numa espécie de submarino. Poderia ser mais um sonho, é claro, mas um sobrinho dela – que também estava no helicóptero junto com alguns dos seus filhos –, sem conhecer a narrativa de Prima, dias mais tarde veio visitá-la e contou-lhe que havia sonhado exatamente a mesma coisa que a tia.

E o mais interessante é que, segundo Taí, Prima estava em sua companhia e ambos ficaram extremamente assustados quando mergulharam no

mar. Mas seus sonhos também não a deixavam em paz. Vejamos o que a testemunha sonhou numa noite de fevereiro de 1998:

*“Eu estava em Santo Antônio, na casa dos meus sogros, e dormia no chão, pois Prima e nossos três filhos se apoderavam da única cama do quarto de hóspedes. Nessa noite, sonhei estar mantendo relações sexuais com uma mulher muito bonita, segurando-a pelas ancas, como se ela se apoiasse numa mesa ou coisa semelhante, colocada à sua frente. No auge do prazer, percebi que tinha alguma coisa sendo retirada de mim. Ao me virar, vi um tubo sendo puxado por uma mão comprida. Só enxergava a metade do braço para frente.”*

Dá para imaginar o trauma sofrido por este abduzido, já que o esforço realizado para conseguir nos contar sua história foi deveras enorme, só conseguindo fazê-lo pela amizade e confiança depositadas em Valmir de Souza – seu amigo de infância –, que através das suas palavras de apoio, após relutar bastante, aceitou falar também comigo. Após este parêntesis – bastante necessário – vamos prosseguir. A descrição do aparelho é a seguinte: objeto com aproximadamente 30 cm de comprimento e a grossura de um dedo, começando mais fino na ponta e aumentando ligeiramente para o lado oposto. Parecia uma espécie de “vidro aluminizado”, sendo sua estrutura como que ondulada ou com uma espécie de gomos. A ponta parecia oca, e na altura em que era segurado pela mão que o puxava (de cor cinza claro e com quatro dedos – aparentemente muito finos e compridos), aparecia uma espécie de trava com a forma aproximada de duas calçadeiras de metal, com o mesmo tipo de curvamento, porém com dois buracos.

A parte traseira da mão aparentava ser uma empunhadura, da qual saíam três fios ou antenas. Surpreso ao ver aquilo – e não sabendo como nem em que momento tinha penetrado –, Taí voltou seu olhar para a mulher com a qual teria copulado, tomando mais um choque. Ela era um arremedo de corpo feminino dos quadris para cima. Para baixo não passava de uma máquina. Ao retirar o membro, percebeu que tinha estado dentro de um tubo forrado, aparentemente com algo semelhante a uma borracha úmida e macia. Da parte inferior desse aparelho saíam vários tubos e mangueiras ligados a um receptáculo de cor branca.

Taí acordou muito assustado e enojado, humilhado, ainda sentindo prazer e uma enorme vontade de urinar. Depois de muito tempo acordado,



Ilustração Alberto Romero

**Representação da abdução da senhora Becker. Em destaque está o ovo que ela expeliu num aborto espontâneo (o desenho no detalhe é da própria abduzida, feito em maio de 1997). Este é um dos mais impressionantes casos de abdução alienígena com manipulação de que se tem notícia.**

pensando sobre o acontecido e profundamente revoltado, o cansaço o dominou, conseguindo dormir já com o dia amanhecendo. A partir dessa data, um sentimento de ódio e revolta se apoderou de Taí, que se sentia violentado de corpo e alma. Ele se tornou uma pessoa agressiva com todos e por tudo, tendo longas noites de insônia, apatia sexual e perdeu até a vontade de viver. Algum tempo depois – quase dois meses de padecimento –, após violenta crise de choro, Taí conseguiu falar sobre o acontecido com sua esposa. Foi quando tomou outro choque, embora ela o escutasse e o confortasse com todo carinho. Prima lhe disse, simplesmente, “...*não é uma surpresa para mim, já que sempre percebia ou sentia presenças estranhas no quarto...*” Por outro lado, o apoio dela foi fundamental para a recuperação do marido.

Três meses depois, já quase refeito desse trauma, Taí tornou a sonhar que estava desta vez num compartimento pequeno, parecendo um elevador. Não sabe onde, mas encontrava-se na companhia da mesma mulher, que agora, aparentemente, possuía corpo feminino, pele alva, rosto comprido e cabelos lisos repartidos ao meio até os ombros. Antes que ele pudesse dizer ou fazer algo, a fêmea se abaixou e fez sexo oral nele, que ficou mais uma vez chocado e constrangido por estar traindo sua esposa. Ao finalizar o que queria, a mulher disse então que Taí não estava traindo Prima, já que ela também tinha um companheiro, e completou: “*Faço isso porque é minha função aqui.*” Nesse momento, Taí percebeu que aquele recinto abrigava também dois indivíduos que não pôde visualizar em detalhes.

Será que a máquina do primeiro caso era uma reprodução desta fêmea ou ela e seus companheiros continuavam a iludir a mente de Taí? Qual seria a verdade? Recentemente surgiu um novo elemento nas investigações. Aparentemente, Taí continua sendo abduzido com os mesmos propósitos de coleta seminal. Nada adiantou para ele se refugiar numa fazenda no interior do Estado, pois no final de 1998 foi novamente levado por tais seres. Segundo o seu relato desta nova experiência, Taí se encontrou certa noite dentro de uma sala onde estranhamente também estavam seus pais e uma tia. Seus misteriosos e inconvenientes raptos – que nunca consegue vê-los – lhe ordenaram para que tirasse suas roupas e se deitasse numa cama junto com seus familiares.

Taí reclamou daquela imposição, como que querendo uma explicação para o que estava acontecendo e acrescentando que sabia o que eles queri-

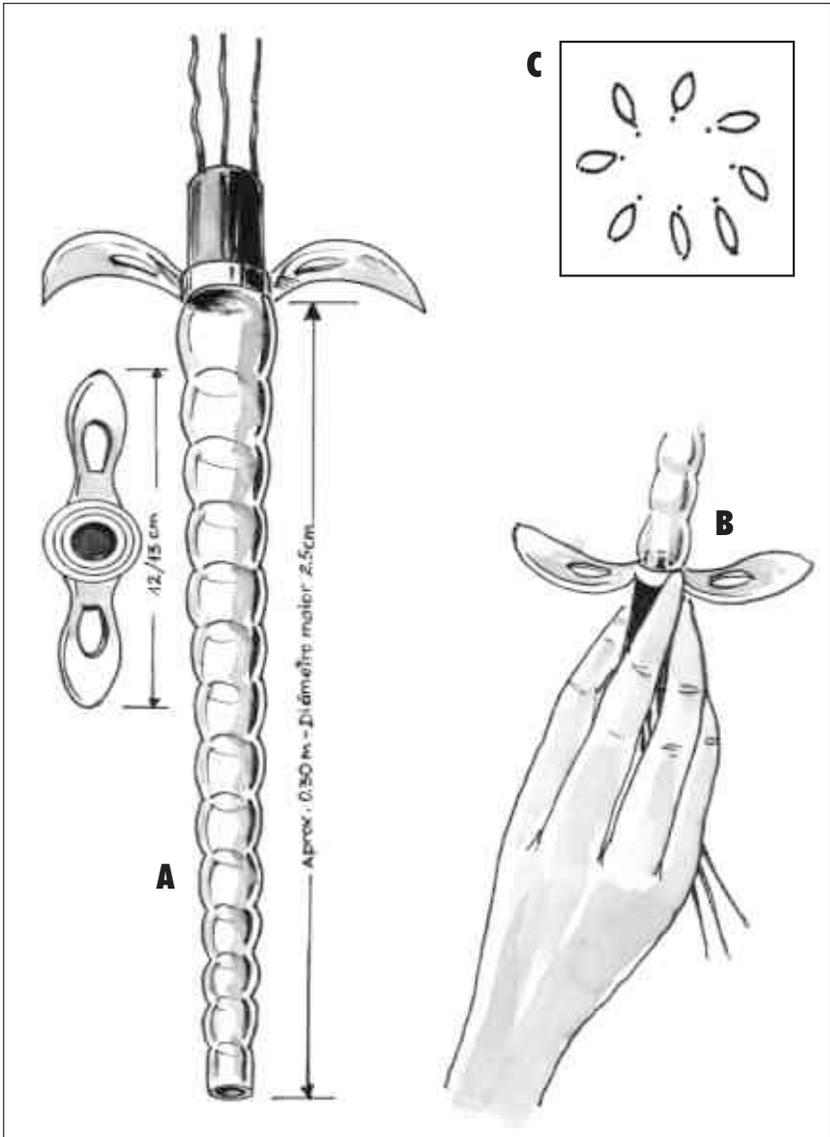


Ilustração Alberto Romero

**Instrumentos médicos utilizados durante a abdução de Tai. O objeto (A) parecia-se com uma sonda, que era inserida em seu corpo delicadamente (B). Tinha cerca de 30 cm e diâmetro de aproximadamente 2,5 cm. No detalhe acima (C), representação das estranhas marcas encontradas no peito do senhor M. N.**

am. Em seguida, caminhou até uma grande janela na parede oposta e viu uma rua da sua cidade com vários indivíduos que saltavam de um veículo e se dirigiam para casa. Neste momento, alguém lhe disse que tinha que fazer isso porque era assim que devia ser, e acrescentou ainda que, se não obedecesse, sua tia iria ficar muito zangada. Esta sempre evitava fitá-lo de frente, virando o rosto cada vez que Taí buscava seu olhar. Quando ele começou a ficar mais irritado, seu pai, deitado e coberto até o peito por um lençol, disse: *“Eu sei exatamente o que você está pensando”*, e calou-se. Por fim, Taí se encontrou deitado (não sabe como) em situação igual aos outros, e espantado percebeu seu estado de excitação. A seguir, uma figura feminina bastante gorda se aproximou dele.

Quando acordou no meio da noite, estressado, sentindo-se completamente exaurido e com uma enorme pressão na altura da bexiga, e tendo lampejos do acontecido, correu para o sanitário, confirmando o que tinha ocorrido, embora suas roupas de baixo não estivessem sujas. Chegou a comentar o fato com a esposa, que simplesmente disse: *“Faz tempo que eu sei o que esta acontecendo: eu sinto alguma presença aqui sempre que isso acontece com você.”* Ainda em choque, Taí saiu para o quintal, olhou para o céu, como é seu costume, como que se questionando sobre o acontecido. De repente, sofreu um sobressalto. Uma voz parecia ecoar na sua cabeça, dizendo claramente: *“Há um chip inserido no seu hipotálamo que, quando ativado, você sai do corpo naturalmente e vai até lá, sem necessidade de que venham lhe buscar.”*

Assombrado, Taí correu para o interior da casa e começou a procurar, freneticamente, livros e revistas para tentar descobrir até que ponto o que tinha ouvido poderia ser verdade ou pelo menos lógico. Descobriu, já ao amanhecer, alguns artigos que explicavam que o hipotálamo tem relação com a hipófise e a glândula pineal. Esse ponto do cérebro comanda o controle das emoções e da sexualidade, e provavelmente a pineal também é responsável pelo desdobraimento ou viagem astral.

Coincidência? Taí nada conhece de Medicina nem das funções do cérebro e muito menos sobre viagens astrais. Ele só descobriu essas informações através da busca em diversos livros, enciclopédias e revistas, como já dissemos. A esse respeito, Valmir foi procurar uma médica, amiga da família e ex-participante do G-PAZ, que confirmou os dados com refe-

rência às glândulas mencionadas. Disse também que era muito provável que a pineal – entre outras coisas – tivesse alguma coisa a ver com o desdobraimento. Porém, sobre a possibilidade de se fazer uma tomografia computadorizada com Taí, foi taxativa: “*O Sistema Único de Saúde (SUS) não cobriria os custos do exame.*” E ainda ponderou que se tivesse sido implantado um biochip em seu cérebro, utilizando tecidos do próprio indivíduo para envolvê-lo, tal exame nada revelaria...

Mais um impasse. Porém, uma tênue luz no fim do túnel. Essa informação – seja lá qual for a fonte – faz bastante sentido e ainda abre uma brecha que pode se transformar numa trilha da qual não podemos nem devemos ignorar, já que é um dado novo para as pesquisas sobre abdução. Os profissionais de saúde da área mental que utilizam da hipnose com abduzidos, podem aprofundar seus estudos contando com uma nova pista, que corretamente estudada e analisada, pode nos levar a puxar mais um fio desta emaranhada meada. O que podemos acrescentar a isto? E como tal fato pode ajudar Taí na sua angústia? Não é fácil convencer ele e Prima de que o que ambos vêm passando também acontece com milhares de outras pessoas.

Outro importante elemento que analisamos nesta série de relatos é o fato de que a coleta seminal (e provavelmente ovular, no caso de Prima) tenha relação com algum fator especial reprodutivo. Dá a impressão de que os seres alienígenas sabem exatamente o momento em que suas cobaias atingem o ponto certo para a abdução e as abordam neste preciso ponto de suas vidas, sem chances de erros. O fator que nos leva a essa dedução é o que surgiu através das nossas conversações com Taí. Cada vez que acontece um desses casos, quando ele sente que lhe foi retirada grande quantidade de sêmen, lhe sobrevém um grande período de apatia sexual – o que também acontece com sua esposa. Isso poderia significar um controle bastante rigoroso de seus desejos, para não desperdiçar a matéria prima que, aparentemente, lhes é necessária.

Isto nos faz voltar às primeiras considerações, no que diz respeito a um provável implante ou biochip no hipotálamo, o qual, por seu intermédio, controlaria as emoções e desejos sexuais das vítimas. Sabemos que existem alguns abduzidos com prováveis implantes no pênis, testículos e junto da vagina ou no seu interior, que poderiam muito bem controlar, entre outras coisas, a quantidade de líquido seminal acumulado, temperatura

dos órgãos sexuais, reações biológicas durante o ato, batimentos cardíacos, pressão sangüínea (do corpo e dos genitais), etc. É descabida esta dedução? Por enquanto só nos resta esperar outros acontecimentos do mesmo tipo e ver se conseguimos novas pistas que nos levem a deduzir, com maior clareza, o que esta acontecendo e porquê os seres que nos raptam tão insistentemente agem dessa maneira.

### **O Caso M. N.**

Quando visitamos pela primeira vez a cidade de Conceição do Almeida (BA), a 161 km de Salvador, para investigar uma filmagem comprovadamente autêntica realizada por um conceituado médico nesse local, o doutor Damião Domingues, o mesmo nos colocou frente-a-frente com um fazendeiro da região que tinha sido vítima de uma abdução. Esse senhor, seu paciente, lhe confidenciou que estava preocupado por causa de um aparente sumiço de tempo em sua memória. Isso aconteceu depois de ter sido seguido por uma estrela, tarde da noite na estrada. Cientes dos cuidados que devemos ter com as pessoas que vivem pendentes dos passos dados por nós durante o tempo em que investigamos o caso e para preservar a identidade das mesmas, fomos até a residência da testemunha numa manhã bem cedo, e após um pouco de resistência, o senhor M.N. nos contou o seguinte.

Na noite do fato, ele e sua esposa foram seguidos ostensivamente por uma luz que ele descreve como a estrela D'Alva, quando regressavam de uma fazenda para sua residência. A luminosidade os acompanhou por vários quilômetros, e segundo seu testemunho parava e se movia de acordo com o andar do carro. M.N. ficou muito curioso por causa dessa companhia inusitada, tanto que quando se aproximavam da cidade, perto de uma estação rodoviária desativada, decidiu estacionar para observar melhor a luz que naquele momento parecia pairar a menos de 500 m de distância.

Como sua esposa se negou a ficar nesse local solitário, M.N. a levou para casa, a menos de 1 km de distância e voltou ao local do incidente na mesma hora. Quando chegou, percebeu que a estrela estava um pouco mais na frente e parecia pousada num terreno. Ele então saltou do carro, mas sentiu medo – um temor inexplicável – e resolveu retornar ao veículo imediatamente. Quando lhe perguntamos quanto tempo permaneceu fora de casa, M. N. respondeu que

não mais que 10 minutos. Porém, acrescentou: *“Minha mulher diz que foi mais de uma hora e meia”*, alegando que a mesma tinha provado o que afirmava, dizendo que após deixá-la em casa, olhou as crianças que estavam dormindo, bebeu água, tomou banho, trocou de roupa e se deitou. *“Quando eu voltei, já fazia um bom tempo que ela estava dormindo”*, relatou.

Para não ser tão direto, perguntamos a ele se alguém na família já sofreu de sangramento noturno no nariz ou se tinha aparecido uma marca recente em alguma parte do corpo, como de vacina. Foi então que M.N. ficou visivelmente nervoso, e após certificar-se de que não possuía mais ninguém por perto, fechou com chave a porta do seu gabinete e abrindo a camisa nos mostrou uma marca estranha pouco acima do mamilo direito. Ao repuxar a pele próxima do sinal, pudemos notar claramente um círculo de aproximadamente 2,5 cm de diâmetro, ostentando visíveis sinais, como picadas de agulha em volta do mesmo. Em cada picada havia uma saliência como se tivesse pequenos grãos de arroz sob a pele. Embora a especialidade do doutor Damião não seja a dermatologia, ele não tem explicação para o que sejam essas marcas.

Dias depois, o senhor M.N. teve um sonho que pode ter muito a ver com o caso de abdução. Nele, revia o acontecimento vivido, dessa vez descrevendo a estrela como sendo um objeto de formato cônico, muito brilhante e semelhante ao aço, porém não sabe de onde provinha o brilho, já que não possuía luzes. Disse que parecia uma espécie de chapéuzinho de festas. *“Ao chegar perto daquilo, pude perceber que o mesmo era pequeno como um chapéu”*, relatou. O objeto se movia lentamente, flutuando à sua frente. M.N. o seguiu até alcançá-lo e o colocou na cabeça dizendo: *“Agora vou poder entender o enigma.”*

A descrição de uma espécie de chapéu ou capacete existe em outros casos de abdução ou encontros próximos. O acontecimento mais significativo talvez seja o de Bianca, sobre sua experiência a bordo da nave de Karran. O tal capacete tinha a função de tradutor – o que parece corresponder à frase de M.N. quando diz *“vou poder entender o enigma.”* O fato de existir uma correspondência entre diversos casos com objetos afins, embora com ligeiras variações, pode demonstrar que os mesmos fazem parte de uma peça importante para o diálogo entre esses seres e nós. *“Alguém disse que eles estavam na minha imaginação. Tinha gente que*

*inventava coisas impossíveis e outras que podem se concretizar. Quando eu quiser contatá-los, deverei usar a imaginação”,* completou o senhor M.N. Em nível consciente ou inconsciente, ele não pôde vê-los – ou não permitiram que os olhasse –, assim como em outros casos de abdução. Talvez tenha recebido uma ordem hipnótica para não lembrar os detalhes do que lhe acontecia. Quando perguntamos a M.N. como era o dono da voz que lhe explicou isso, rapidamente ele tratou de mudar de assunto. Para ele seria muito mais simples dizer que não os tinha visto ou que não sabia de onde vinha a tal voz. Talvez a explicação para tudo isso seja apenas telepatia ou nada além de um sonho. Um sonho que deixa marcas físicas parecendo a estilização de um sol...

### **Uma Ressalva**

Ao encerrarmos essa parte sobre abduções, quero fazer uma ressalva a todo o aqui exposto e ser, como é meu compromisso, leal à verdade e à transparência. Na maioria dos casos ou na sua totalidade, encontramos muitas informações sobre as lembranças que afloraram em nossos abduzidos através de sonhos ou pesadelos que também deixam marcas. Não devemos descartar em absoluto esses dados, já que, segundo alguns estudos, de cada 15 sonhos narrados como lembranças de casos ufológicos, 5 podem de fato ser lembranças nítidas de uma abdução, deixando nos outros 10 imagens oníricas puras que, embora disfarçadas de contato alienígena, podem na verdade estar deixando aflorar problemas e traumas pessoais que nada têm em comum com o Fenômeno UFO. E das que apresentam nítidos traços de abdução por seres extraterrestres, às vezes podem vir à tona sensações contaminadas com frutos do inconsciente pessoal.

Repito. O enfoque da pesquisa na qual trabalhamos, com elementos quase exclusivamente oníricos (quando não dispomos da colaboração de um psicoterapeuta e a grande ajuda da hipnose regressiva), deve ser muito cuidadoso, já que temos que nos basear em elementos puramente subjetivos. E quando não se tem experiência e vivências suficientes, eles podem muito mais prejudicar do que ajudar. Quando afloram essas imagens, mesmo que verdadeiras ou reais, elas podem brotar com algum tipo de contaminação. Mas isso não invalida o trabalho. Por outro lado, as que aparecem como típicas figuras

do inconsciente, às vezes escondem por baixo de traços banais problemas de abdução muito complexos. Por fim, não prejudiquemos ninguém. Quando um sonho deixa vestígios físicos, marcas ou cicatrizes, então devemos levá-los muito à sério, e sobretudo ter muito respeito. Somente quem vivenciou realmente um drama desses pode saber o que é.

Existem outros casos de abdução na Bahia, mais ou menos traumáticos, como por exemplo o de um velho pescador já falecido em Barreiras de Jacuruna, zona de altíssima incidência de observações. Mas infelizmente não temos evidências tão fortes para este caso como as dos que apresentamos até aqui. No entanto, deixamos para o final deste capítulo uma que tem elevado grau de estranheza, porque a pessoa que nos relatou o fato – uma das protagonistas – se recusa a fazer um depoimento mais concreto do mesmo. Ainda assim, ela tem o estranho sintoma de ‘tempo perdido’ em sua vida, e como merece nossa confiança por ter credibilidade, relatamos o episódio ao leitor. Na época em que ocorreu, fins da década de 70 ou início de 80, esta senhora e seu marido viviam em Seattle, no Estado de Washington (EUA), pois o esposo trabalhava numa empresa de engenharia.

Nos momentos livres, a protagonista deste evento se encontrava com uma compatriota para minorar a saudade de seu país. Certo dia, saíram juntas para fazer umas compras numa cidade próxima e, seguindo pela *freeway*, chegaram a parar algumas vezes em lanchonetes ou postos de gasolina para perguntar se estavam no rumo certo. Quando ficaram convencidas de que faltava pouco para chegarem ao seu destino, entraram numa estrada transversal. De repente, sem saber explicar o que acontecia, descobrem que já não estão numa estrada asfaltada e sim numa de terra, ladeada por altos capinzais [*Quando chega a esse ponto, a testemunha fica muito nervosa*]. Pouco depois, decidem parar para tentar descobrir onde estavam. É nesse momento que o grande susto acontece. Vários militares pulam na frente do veículo, saindo ninguém sabe de onde, portando armas pesadas automáticas e apontando para suas cabeças. Eles começam a interrogá-las e, quando as mesmas se refazem um pouco do susto, tentam explicar o que sucedera.

O fato de serem estrangeiras complicava ainda mais a situação, pois os militares as interpelaram perguntando como não tinham visto a placa proibindo o ingresso naquela área. Em seguida, os homens fizeram com que as moças entrassem no carro e um deles tomou a direção do mesmo. Um oficial

acompanhou-as, seguindo num veículo militar que apareceu também de repente, cheio de soldados. Logo após, todos se dirigiram até um posto de guarda onde as vítimas foram novamente interrogadas e despachadas – não sem antes os militares checarem dezenas de vezes seus documentos e fazerem várias chamadas via rádio. Ali existia uma enorme placa anunciando que aquela área era de propriedade do governo, com o logotipo da NASA.

Antes de partir, a última recomendação que as moças receberam foi: *“Esqueçam tudo que passou e não comentem o incidente com ninguém.”* O nervosismo e o desconforto da testemunha, quando fala desse fato, são visíveis em seus olhos e nos gestos de sua boca. Sabe que houve um período de tempo apagado de sua mente, mas se recusa a tentar descobrir o que está no seu subconsciente. Talvez algum dia...

## **Observações**

1. O que podemos pensar de uma lei que pode colocar abduzidos, os profissionais médicos que o assistem e até os ufólogos que ele contatou, na condição de réus? Isso parece ridículo! Concordamos plenamente. Mas não estamos brincando nem se trata de piada. Algum delirante megalomaniaco entre os militares norte-americanos e algum juiz bêbado, de comum acordo, devem ter se mancomunado numa aberração jurídica desta espécie. Não podemos, em sã consciência, dizer algo mais ameno, embora a boa educação se ressinta com isso. Entretanto, o que mais espanta é o silêncio sobre esse assunto, tanto da parte de juristas – com exceção de comentários e idéias apresentadas sobre essa problemática esporádica e superficialmente – como da sociedade, ufólogos e prováveis vítimas de tal absurdo.

Segundo o ufólogo Joshua Shapiro, em 5 de outubro de 1982, o doutor Brian T. Clifford, do Pentágono, comunicou à Imprensa norte-americana que o contato entre pessoas e ETs ou suas naves é ilegal, conforme uma lei explícita no Código de Regulamento Federal de 16 de julho de 1969. De acordo com essa lei, uma pessoa acidentalmente exposta ao contato com alienígenas poderá ser considerada criminosa e ser penalizada com prisão de um ano e multa de 5 mil dólares. A NASA poderá determinar se a pessoa foi exposta a algo extraterrestre e impor uma quarentena de duração indeterminada, com vigilância sem interrupção, mesmo por ordem da corte judicial

*[Depois disso, os ufólogos precisam de mais alguma prova de que os aliens existem e que já chegaram ao nosso planeta?].*

Essa norma, contida na subseção 1.211 da seção 14 do regulamento, permite que os cidadãos sejam presos de imediato, já que estabelece que um indivíduo tocado diretamente ou estando demasiadamente próximo, mesmo sem estar envolvido com UFOs, estaria sujeito à quarentena indefinida. Dentre as suas responsabilidades e atribuições, a NASA pode determinar o início e duração do período de reclusão e se ela é ou se tornou “extraterrestrialmente” exposta. Temos a impressão – muito clara – que independentemente dos cuidados e da obrigatoriedade de proteção por parte das autoridades, existe uma preocupação maior em toda esta situação.

Parece-nos que a intenção escondida nesta lei é a de desencorajar a comunicação ou o relacionamento fraternal com alienígenas. Além disso, tal ato coibiria a publicação de relatórios de contatados ou abduzidos. Ou seja: uma disfarçada maneira de silenciar as testemunhas. Censura, pura e simplesmente. Agora, cabe perguntar se a NASA coloca em prática essa maluquice. Poderiam explicar ao menos como iriam se arranjar logisticamente... Por exemplo, se alguém estiver próximo de um evento ufológico, conforme essa norma, deve ser confinado, e por extensão, quem o prenda, obviamente também ficará exposto ao mesmo perigo. Em consequência, também deveria ser preso. E quem confinaria estes, também, e assim por diante...

No fim, acho, ninguém mais ficaria de fora. Isso sem questionar que tipo de estabelecimentos de reclusão deveriam ser habilitados para este fim e quantos seriam necessários. Agora, e se fossem confirmadas as estatísticas do doutor David Jacobs a respeito de que 2% da população mundial já foi abduzida? Evidentemente, não pode ser outra coisa que uma doidice completa (ou uma safadeza sem tamanho), sem entrarmos no mérito sobre a sanidade mental dos que inventaram isso. Dessa forma, fica mais claro que o real propósito das autoridades com essas medidas é evitar ou censurar, da forma mais drástica possível, toda e qualquer tentativa de divulgação do Fenômeno UFO. Segundo Fletcher Reel, porta-voz da NASA, esta lei não é imediatamente aplicável, mas em caso de necessidade poderia sê-lo feito. Mas se os UFOs não existem, conforme eles mesmos alegam, para que essa lei?

2. Durante o processo padrão das abduções são retirados das pessoas,

por diversos procedimentos, sangue, oócitos (óvulos das fêmeas) e espermatozóides. Através de incontáveis depoimentos de abduzidos, sabemos que também são extraídas amostras de saliva, fluido dos olhos (humor vítreo aquoso), fluido cérebro-espinhal, urina, fezes – através de sondas –, unhas e cabelo, o que nos parece detectar uma preocupação com a coleta ou controle do DNA. A boca, orelhas, olhos e órgãos genitais são os locais que despertam maior interesse aos aliens, assim como o umbigo das fêmeas. Tais seres também costumam retirar pedaços de tecidos das orelhas, olhos, nariz, panturrilha, coxas e quadril. Por causa disso, muitas cicatrizes são descobertas sobre o osso da canela que, segundo especialistas, seria o local de mais fácil acesso às amostras de tecido ósseo e também aspiração de medula.

O doutor Richard Neal Junior, médico ginecologista pertencente à *Mutual UFO Network (MUFON)*, escreveu num artigo que “...focalizando os procedimentos ginecológicos e reprodutivos que têm sido realizados nos abduzidos, cheguei a acreditar firmemente que há algum tipo de manipulação genética em andamento ocorrendo dentro de várias gerações de famílias. A chave para a manipulação genética situa-se nas moléculas de DNA das células dos seres humanos. Esses genes controlam a reprodução e as funções do dia-a-dia de todas as células. Padrões de mutação os permitiriam rearrumar os códigos genéticos no local certo, específico no cromossomo. Mesmo nosso conhecimento primitivo da Medicina permite ver que as operações realizadas nos seqüestrados são cruéis, desnecessárias e ineficazes.”

3. Um dos grandes pesquisadores das abduções, o professor David M. Jacobs, Ph.D., acha que os traumas decorrentes da abdução podem levar as pessoas a questionar a sua estabilidade mental por causa do que se convencionou chamar de ‘síndrome de pós-abdução’. A doutora Gilda Moura, em seu livro *Transformadores de Consciência*, diz algo muito apropriado: “Os abduzidos, mais que os contatados, possuem essa forte e evidente angústia e descrevem sintomas como pânico, pesadelos, confusão mental, descontrole emotivo, chegando à hipermotividade. Só que, na maioria das vezes em que são ouvidas, as pessoas só se interessam pela história de contato e por isso não sabem o que estão vivendo.”

E continua: “O que estou querendo ressaltar é que as conseqüências de um trauma são reais, evidentes e agudas, e merecem cuidado especial. É

*muito agradável e até emocionante se ouvir a história de um contatado e não cuidar dessa angústia tão forte e evidente na maioria dos casos. Não creio que exista patologia, mas resultados de um trauma. De qualquer forma, não se deve confundir estes com causas e não se pode, portanto, encarar a pessoa que está vivenciando um trauma destes como uma com problemas ou fora da realidade. Muitos estudos continuam nessa linha. Devemos ajudá-la, não só tratando as conseqüências, como preparando-a para o processo que está só começando...”*

Este curto trecho do seu excelente livro diz, em poucas palavras, o que todos devemos levar em conta com respeito aos abduzidos e contatados. Eles merecem toda a atenção e respeito que possamos proporcionar-lhes, além dos cuidados por parte de profissionais sérios e competentes, como a doutora Gilda e outros. Para terminar esta parte, uma frase final desta médica: *“Já foi muito importante verificar que, seja qual for o plano que os alienígenas estão executando, é transformativo e leva a uma melhoria de nossa raça e conseqüentemente do planeta.”*

4. Quanto aos motivos da criação de uma nova raça híbrida e o desconforto que isso nos provoca, cito as palavras vertidas pelo abduzido Whitley Strieber, autor de *Comunhão*: *“Pode ser que a origem do nosso medo em relação aos visitantes e, me parece que o deles em relação a nós, venha de um conhecimento biológico e instintivo de que nossa reunião possa significar uma terceira forma, maior, que nos suplantará da mesma maneira que os filhos aos pais. A primeira e a segunda maneiras são pessoas lutando na cama. A terceira é, ao mesmo tempo, a união frenética de ambas e a total necessidade de envolvimento com a criação. É a atração mútua, o contato de seus corpos e o filho deles...”*



## Capítulo 11

# Mortes e Mutilações

*“As mutilações feitas em animais – com certeza por extraterrestres – também estão sendo realizadas em seres humanos.”*

**– Encarnación Zapata Garcia,**  
pesquisadora

**Q**uando o animal foi encontrado morto dois dias depois de desaparecer, estava deitado de lado. O crânio e o pescoço estavam completamente descarnados, e os ossos limpos e brancos como se tivesse morrido há muito tempo. Onde começava o pescoço, junto às espáduas, a carne parecia ter sido cortada por uma navalha muito afiada naquela mesma hora. Não havia porém, sangue nem sinais de decomposição do corpo. Em volta, apenas o cheiro adocicado de drogas medicinais. Assim foi encontrado Snippy. Devem existir dezenas de histórias semelhantes, mas justamente esta se tornou um clássico por ter sido a primeira da época moderna a ser publicada.

Os primeiros dados que se têm a respeito de mutilações de animais vêm do ano de 1897, quando um rancheiro do estado norte-americano de Kansas, Alexander Hamilton, assinou uma declaração jurada ante um escrivão e as pessoas mais importantes da cidade: o médico, o farmacêutico, o dentista e o juiz. Ele afirmava que no dia 21 de abril do mesmo ano, viu uma nave voadora descer sobre o seu rancho e com uma espécie de corda com 6 mm de espessura fisegou uma vitela de 2 anos, içando-a até o

objeto em forma de cilindro, que media uns 30 m de comprimento, e na qual foram visualizados ainda 6 silhuetas de indivíduos muito esquisitos. O resto do animal, couro, patas e cabeça foram encontrados a uns 7 quilômetros de distância.

No caso de Snippy, que citamos no início deste capítulo, a história é a seguinte: ele era um cavalo da raça Appaloosa de rara beleza, e sua proprietária, Nelly Lewis, tinha uma afeição muito grande por ele. Em 7 de setembro de 1967, o animal não regressou ao pasto, como era seu costume, nem na noite seguinte. Ante a preocupação de sua irmã, o senhor Ben decidiu ajudá-la, partindo à sua procura na extensa fazenda. No dia 9 Snippy foi achado do jeito antes relatado. Outros dois cavalos que pastavam com ele tinham caminhado juntos até o local, onde se separaram. As pegadas de Snippy ainda continuavam por mais alguns metros, e sumiam. Seu corpo foi achado 30 m adiante.

Dias depois, estando Nelly percorrendo a fazenda em companhia de uma amiga, encontraram os restos do animal ainda intactos, sem que os predadores tivessem se aproximado da carcaça – o que era muito estranho. Por interferência dessa sua colega, conseguiram trazer um veterinário da cidade 20 dias depois do fato para colher amostras, e ao perceber o corpo ainda preservado, providenciaram sua remoção para Alamosa, no Colorado. Depois o levaram para Denver, onde um patologista, cujo nome foi mantido em sigilo, realizou a necropsia do animal. A cavidade abdominal não apresentava nenhum ferimento e não havia sinais de órgãos internos. O mesmo ocorria com a espinha dorsal e com o crânio: nem cérebro, nem medula espinhal. Não havia coração, fígado, pulmões nem vísceras.

Os exames realizados no campo, com ajuda de um contador Geiger, demonstraram uma elevada quantidade de radioatividade emanando do cadáver, até uma distância de 200 m em volta do mesmo. Outros detalhes importantes foram manchas negras encontradas, como se de algum tipo de combustível e outras de um líquido claro e espesso – mais consistente que óleo e menos que graxa – que não eram absorvidos pela terra, e vários pontos onde o pasto estava com aparência de queimado. Até aqui, as informações sobre o caso parecem ter se diluído em meio a tantos milhares de animais mortos ou atacados nas mesmas circunstâncias ou parecidas. O que podemos pensar de tudo isso? As mutilações são talvez uma das mais dramáticas provas da

presença de entidades estranhas em nosso meio. Claro que muitas pessoas contestam estas afirmações e, com um sorriso de superioridade, afirmam que isso é obra de predadores comuns, e que já presenciaram muitos cães, onças ou jaguatiricas pegando os animais.

Um engenheiro, pelo qual tenho muito respeito, contou-me a seguinte história: *“Tenho uma fazendinha no oeste da Bahia, onde crio gado de corte, e já me aconteceu de encontrar matrizes ou vitelas mortas ou furadas. Um peão me disse que tinha a certeza de se tratar de uma onça preta, só pelo jeito dela matar. Pediu permissão para tocaíá-la e, pensando bem, o que custava cada animal desse justificava ter que pagar uma multa ao Ibama. Seria bem mais barato. No dia seguinte, o peão me trouxe a pele da onça.”* Normalmente, quando um desses felinos ataca um animal grande, come logo a região da vulva e tetas, adentrando nas vísceras, que é o que primeiro apodrece. Já farto, retira-se antes de ser pego, e mais tarde, quando volta a sentir fome, retorna para ver se tudo está em ordem, carrega os restos até sua toca ou os pendura em alguma árvore para servir-se quando a fome apertar.

Não duvidamos que isso aconteça. Muito pelo contrário. Agora, deduzir todos os ataques a animais jogando culpa na onça... Estes casos são também uma das facetas mais delicadas da pesquisa ufológica, já que envolve elementos e riscos da maior importância que, de uma certa forma, nos permite colocar sobre a mesa algumas peças entre as milhares deste imenso quebra-cabeças, que descobrimos se encaixam de forma assustadora. É a evidência de algo que pode ser muito perigoso para nós – da raça humana – e que nos traz a consciência de que alguns desses seres, considerados messias ou anjos por algumas pessoas, não o são tanto assim...

Vejam bem: não estou entrando no jogo dos que tentaram (e tentam) durante tantos anos fazer nossa cabeça de forma subliminar e às vezes nem tanto, com filmes, seriados de tevê e livros nos quais os extraterrestres são mostrados como monstros horrendos, que só querem invadir e nos subjugar. Mas convenhamos que para fazer uma pesquisa séria, científica e sobretudo objetiva, não podemos ignorar os fatos e simplesmente deixar de perceber que alguns dos misteriosos visitantes podem ser (e são) um perigo potencial para todos nós.

Não podemos nem devemos ignorar tais fatos, ou o que é pior: fingir que esse problema não existe. Experiências biológicas com animais podem ser

perigosas para nós? É possível e provável. Primeiramente, isso deve ser corretamente avaliado, pensado e repensado. Não apenas nós, ufólogos, ignoramos. Mas poderia afirmar sem medo de errar que a comunidade científica também. Entretanto, os militares... Então, qual é sua forma de pensar, sua ética (se a possuem), suas reais intenções? Será possível que nos tornemos (ou sejamos) cobaias cósmicas? E o que pensam as cobaias do biólogo que realiza experiências com elas? Que ele é um animal predador, um psicopata, um assassino frio, ou simplesmente um cientista de outra raça que procura melhorar a estimativa de vida dos seus semelhantes, cuidando da sua saúde?

Mal podemos afirmar que conhecemos nossos semelhantes, um amigo, um irmão – que muitas vezes acabam nos surpreendendo da forma que seria também absurdo e típico do mais puro egocentrismo –, dizer ou deduzir o que eles fazem ou tentam fazer. Esse me parece o ponto crucial desta investigação ufológica e que envolve inúmeras facetas. A mutilação de animais é uma delas, e me atreveria a dizer que está – de alguma forma – intimamente ligada aos casos de abdução. Infelizmente, ou não, os casos de ataques registrados em nosso país são poucos, e com certeza os que conhecemos são a ponta do iceberg, já que centenas de informações devem estar ocultas ou ignoradas e muitas delas devem passar despercebidas pelos donos ou responsáveis pelos animais.

Não sei se os casos registrados no Brasil podem competir com os que já aconteceram – e continuam a acontecer – em outras partes do mundo, já que há quase 20 anos, numa conversa reservada que tive com o doutor Leo Sprinkle, dos EUA, durante o 1º CIUFO, de 1979, em Brasília, soube de um fato importante. Ele nos confidenciou que só no ano de 1978, nos Estados Unidos, teriam sido contabilizados mais de 10 mil casos de mutilações de animais diretamente ligados à aparição de luzes estranhas na região – isso sem contar inúmeras outras, das quais ainda não se tinha confirmação [*Nesse encontro estiveram presentes também o doutor Richard Haines, da NASA, Fábio Zepa, da ONIFE, e a doutora Bettina Allen*].

Dá até vertigem pensar na projeção desses dados e na posterior transposição dessas cifras em nível mundial durante estes 20 anos. Porque? Analisemos. Se um biólogo pode sacrificar uma série de animais ou cobaias para uma determinada experiência ou para analisar esta ou aquela espécie, tudo bem. Mas mutilar milhares de animais por ano, em todas as

regiões do mundo, não nos leva a supor algo mais sério ou perigoso? É como a caça predatória de elefantes para apenas utilização do marfim, ou o massacre dos jacarés do Pantanal Sulmatogrossense, sem falarmos na tragédia da morte de crias de focas no Ártico, até a intervenção oportuna e imprescindível do grupo ecológico *Greenpeace*.

Na melhor das hipóteses, isso nos induz a presumir uma total falta de respeito aos nossos direitos – e já nos vem novamente a presunção egocêntrica de que nossa forma de pensar é a mais correta! Muitas vezes perdi o sono tentando chegar a alguma conclusão. Quando começaram a aparecer relatórios sobre a atividade dos Chupa-chupa no Pará, tive que dar um tempo... Mas será que isso não é uma forma de cortina de fumaça sobre a realidade UFO? Não serão essas mutilações uma espécie de “boi de piranha” destinado a nos atrair e nos agrupar em determinados locais para passarem em segurança por outro?

Este capítulo parece ter mais interrogantes que outra coisa, mas acho que provocar uma mente a indagar, pensar, pesquisar e analisar, vale mais que 10 livros de afirmações, dogmas e egocêntricas verdades ditadas pela ortodoxia científica. Porque aprendendo a questionar, a mergulhar fundo em nossa mente e tomar cautela, muita cautela, através das declarações prontas para o consumo, é que poderemos realmente realizar um trabalho de pesquisa objetivo, meticuloso e sumamente proveitoso.

## **A pesquisa**

Antes de mais nada, devemos definir o mais claramente possível o que são essas estranhas mutilações. Via de regra, elas se processam da seguinte forma geral, com algumas nuances: extirpação de forma cirúrgica de olhos, úberes (tetas), vísceras, cérebro, língua e, principalmente, órgãos genitais dos machos e reprodutores. Nas fêmeas, a vagina, útero, ovários e ânus são geralmente retirados por trás – fato que ainda espanta os veterinários pela precisão dos cortes que denotam altíssima técnica cirúrgica, além de complexas aparelhagens e/ou instrumentos. Em boa parte dos casos, detecta-se no animal e arredores um forte cheiro de medicamento, sem vestígios de sangramento nas carcaças e muitas vezes sem que o rebanho em volta se disperse. O que é muito estranho.

Nos casos acontecidos no Brasil, encontramos em Santa Vitória do Palmar (RS), em 1972, vítimas que parecem ter sido escolhidas entre as melhores e mais saudáveis do rebanho. Neste caso, todas elas ovelhas da raça Corredale. Um detalhe curioso é que esses animais são, por natureza, muito medrosos e se debandam ante um perigo ou algo que os assuste, o que seria normal com um fato desta natureza. Porém, neste casos, elas não parecem ter reagido e permaneceram agrupadas em torno da vítima, sem estranhar. *A causa mortis* é a mesma para as quase 300 ovelhas (quase uma por dia!): um furo de 2 cm de diâmetro do lado esquerdo, logo abaixo da cabeça, sobre a veia arterial, por onde parece ter sido extraído todo o sangue. Como mais um detalhe, podemos citar que a lã da ovelha morta, em volta do furo, estava completamente limpa.

Uma situação curiosa foi a da ovelha que estava prestes a parir e por um orifício de apenas 3 cm de diâmetro na barriga teria sido extraído o feto. Dentro dessa mesma fazenda aconteceu outro caso de mutilação, desta vez com um cordeirinho recém-nascido que foi achado morto e que, ao ser retirado seu couro, como de praxe, foi constatado que sobre o focinho havia sido colocado uma espécie de ventosa. Ao que tudo indica, provavelmente, por esse meio tinha sido extraído todo o sangue do animal. Os ossos do focinho à sua volta estavam completamente quebrados ou amassados, possivelmente devido à forte compressão sofrida. Da ponta da língua, que se encontrava recolhida dentro da boca, foi retirado um pedaço da mesma por intermédio de um instrumento cortante.

Ainda naquela fazenda, uma vaca da raça Polled Angus morreu a 150 m da sede, mas ninguém escutou barulho algum. Na manhã seguinte, apenas os restos do animal foram encontrados, estando a carcaça de costas. Tinha sido extraída a úbere mediante uma incisão circular perfeita, abrangendo-a totalmente de forma que a mesma saiu inteira, inclusive com toda a ramificação de vasos sanguíneos, condutos de leite, mamas, etc. A vagina, útero e ovários foram retirados por trás, de uma forma que foge completamente aos padrões por nós conhecidos de cirurgia veterinária. No caso do pênis de cavalos e touros, parece até uma espécie de brincadeira sinistra, já que quase sempre o membro é encontrado junto do cadáver do animal, cortado em fatias de 1 a 2 cm de espessura, e às vezes, faltando algumas rodelas. Para encerrarmos esta pequena parcela do

*modus operandi* (como diriam nossos policiais) dos estranhos cirurgões, podemos acrescentar à tétrica listagem, o corte de lábios e orelhas, além de tiras ou seções inteiras de pele, removidas sem qualquer traço ou marca de lâmina sobre a camada interna dos músculos.

Tudo que foi exposto até agora traz uma carga de dramaticidade que não podemos ignorar. Portanto, devemos agir de forma muito lúcida e extremamente profissional. Sobretudo, isto deve servir de alerta aos chamados leigos, principalmente na Ufologia, para que dobrem ou tripliquem as precauções quando se depararem com um destes casos. Passando destas noções preliminares de investigação – que noutro capítulo você poderá ver com mais detalhes –, vamos ao que interessa: você se encontra frente-a-frente com um animal mutilado. Ao chegar ao local, poucas horas depois da descoberta, a primeira coisa a fazer é o isolamento da área [*Veja desenhos*]. Isso nos dará a oportunidade de realizar um croqui o mais detalhado possível da localização, além da enumeração de detalhes em volta do animal, que depois será impossível preservar ou ver.

Em seguida, procedemos a fotografar ou filmar o fato, sem medo de abusar nas tomadas gerais e nos detalhes. Deve-se fazer primeiríssimos planos com a máxima aproximação de marcas e ferimentos, pois serão muito úteis na pesquisa. Se tiver chances de subir em algum ponto mais alto, próximo do local, poderá então observar, fotografar ou filmar o fato, evidentemente com uma visão do conjunto. Também não esqueça de anotar tudo. Para isso, um caderno ou agenda sempre deve nos acompanhar, pois será de grande utilidade. E se houver um veterinário ou médico, é aconselhável pedir-lhe para dar sua opinião sobre as possíveis causas do óbito.

É muito importante nestes casos levar no seu kit de pesquisas luvas de borracha e sacos plásticos de boa qualidade e diversos tamanhos para coletar amostras grandes e pequenas. Use envelopes para correspondência interna, de plástico, utilizados por algumas empresas e que possuem de ambos os lados área para escrever (são bastante práticos e além fáceis de achar em papelarias). Etiquetas auto-adesivas e recipientes de polietileno do tipo para armazenamento de comidas em freezers, que fecham à vácuo, também são muito úteis, principalmente para conservar e preservar pequenos animais ou insetos achados mortos dentro da área examinada. Tudo isso é importantíssimo para se obter diversas amostras do terreno, plantas,

galhos quebrados ou queimados, pedras, etc. Enfim, tudo o que pode vir a complementar a pesquisa. É indispensável pôr uma amostra em cada saco ou recipiente, devidamente etiquetada e numerada, colocando esse número no croqui geral para identificar de que lugar foi retirada a mesma.

Também devemos levantar amostras semelhantes para controle, no caso de capim, pedras ou vegetais, plantas, casca de árvores, etc, de locais distantes do investigado, mas na mesma propriedade, para efeitos de comparação. Outros itens importantes em nosso kit de pesquisas são: fita métrica ou trena, de preferência aquelas maiores utilizadas por profissionais, cordas de nylon para isolamento ou demarcação de determinada área [*Veja ilustração*], lona plástica para cobrir o local e preservá-lo em caso de época chuvosa, assim como marcas ou rastros, até que sejam levantados ou tirados moldes de gesso (que também não deve faltar no kit). A lona também ajuda a evitar a ação de urubus e outros predadores. A seguir, após cuidadoso levantamento de todos os detalhes, fotografando, filmando, desenhando os fatos, proceder-se-á ao levantamento cadavérico.

Atenção: o magnetômetro e a bússola podem nos auxiliar, embora precariamente, para descobrir se existe algum tipo de radiação na área. O primeiro, mostrando mudanças nos graus de magnetismo terrestre (o normal é de 5 graus) e, a segunda, acusando violentos desvios da agulha. O ideal, em termos de segurança, seria dispor de um contador Geiger. Em caso de se sentir algum formigamento ou vermelhidão na pele, tonturas, dor de cabeça, ardência nas vistas, náuseas, disenteria e vômitos, afaste-se imediatamente e procure um médico, comunicando o acontecido para que ele possa tomar as medidas necessárias. Não devemos em hipótese alguma, em prol da pesquisa, negligenciar nossa saúde ou segurança, nem a dos que nos acompanham! Se não houver perigo evidente, então que se retire o animal para submetê-lo a uma autópsia. Mais uma vez devemos insistir no item segurança. Desta vez de outro tipo: procurar garantias de que o médico veterinário ou patologista que for realizar a necrópsia seja uma pessoa idônea e que não tente desvirtuar os resultados do exame.

Já nos aconteceu de ser negado – na nossa cara – o recebimento de amostras para análises por parte de um respeitável professor do Instituto de Geociência da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Evidentemente, não estamos pregando a desobediência civil nem atrito com as autoridades (já

que a corda sempre arrebenta do lado mais fraco). Podemos e devemos comunicar a ocorrência de fatos de reconhecida gravidade às mesmas. Mas isso não impede de conhecermos os resultados dos testes antes delas, e comunicar os fatos depois...

É muito importante acompanhar a dissecação do animal, sempre fotografando e filmando o processo passo a passo, de preferência gravando depoimentos e comentários dos legistas enquanto trabalham. E, sobretudo, comunicar urgentemente o acontecido, assim como as providências adotadas, ao grupo de pesquisas reconhecidamente mais atuante de sua região. Principalmente se você reconhecer ou perceber que não tem condições de assumir sozinho a pesquisa por qualquer motivo ou circunstância. No caso de não existir nenhum grupo de pesquisas em sua localidade, entre imediatamente em contato telefônico, via fax ou pela Internet com o *Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV)*, no endereço: Caixa Postal 2182, 79008-970 Campo Grande (MS). Fone: (067) 724-6700. Fax: (067) 724-6707. E-mail: ufo@ufo.com.br.

Os laudos técnicos de amostras, radiografias, análises, etc, sempre deverão ser conservados intactos e xerografados, para as cópias serem remetidas ou mostradas a quem é de direito. E ainda, deve-se verificar as reações de outros animais, observando se os predadores atacaram a carcaça, no caso de não ter sido possível removê-la para autópsia. Se os companheiros da vítima se negam a passar pelo local. Se existem outros animais com aspecto doente. Enfim, deve-se estudar a correlação da raça ou tipo de animal com outros casos que tenham se produzido nas imediações do município ou noutros estados.

Checar se a terra onde aconteceu a morte da vítima ficou diferente, ou seja: se a mesma se tornou estéril, ressecada, endurecida ou mudou de tonalidade e ficou esbranquiçada. Observar se há presença de aros ou círculos de coloração diferente, proliferação de cogumelos crescendo em volta ou vestígios de outro tipo e ainda manchas como de óleo nas proximidades. Obviamente, você deve ter percebido que o trabalho de pesquisa de um caso como o de nosso exemplo não acaba com a autópsia do animal. É necessário fazer um acompanhamento, visitando a fazenda pelo menos uma vez ao mês. Um exercício muito bom é, às vezes, ficar sozinho observando um determinado local, deixando a mente solta, rever o acontecido como

se ainda estivesse ali, tentando memorizar cada um dos detalhes. Você vai se surpreender com os resultados! Se aconteceram mortes na vizinhança, proceder da mesma forma anteriormente explicada e, caso tenha ocorrido há tempos atrás, faça igualmente um reconhecimento da área e anote os detalhes que os moradores ainda lembrem.

Depois de tanto trabalho (embora nunca seja demasiado), chegaremos à conclusão de que nossa missão está apenas começando... Após todo o levantamento, vamos checar mais uma vez todas as informações. Escutar e assistir uma e outra vez o vídeo, filme ou ver as fotografias, trocando impressões com seus parceiros de pesquisa e esmiuçar os detalhes, um a um. Com todo cuidado, e sobretudo tato, que é primordial, devemos levantar informações sobre as testemunhas, entre seus amigos, conhecidos, vizinhos, para poder assim traçar um perfil psicológico das mesmas, que longe de desmerecê-las, pode salientar suas virtudes e seriedade.

É também importante a comparação de nosso caso com outros já acontecidos – não importa onde. Se os mesmos tiveram alguma divulgação pode ser de grande utilidade na análise comparativa das mesmas. Por analogia, quem tiver acesso à Internet poderá trocar experiências com outros colegas. E mais um conselho, algo que não devemos esquecer no ímpeto de levar adiante nosso trabalho: além da morte do animal está o homem que o encontrou. Muitas vezes, o trabalhador que encontra um animal que é da sua responsabilidade, morto nessas circunstâncias, vai mexer com ele. É lógico, humano e faz parte do senso de responsabilidade do indivíduo. Se houver algum tipo de radiação, essa pessoa pode ter sido afetada.

É imprescindível que todos os que tocarem ou se aproximarem demasiadamente do animal, façam algum tipo de exame médico o mais rápido possível e o mais completo também. Lembre-se que estamos lidando com algo que é desconhecido para nós e pode ser potencialmente perigoso. Logicamente, não vamos alarmar as possíveis vítimas de algum tipo de radiação, pois já devem estar suficientemente traumatizadas com a experiência que acabaram de viver e poderiam entrar em pânico ou choque, e de repente ocasionar um dano maior, sem necessidade.

Parece-nos que o caminho a ser trilhado é o seguinte: demonstrar toda a serenidade possível – medo, insegurança e pânico às vezes podem ser muito mais perigosos que uma bala – e investigar as pessoas passíveis de terem

sido prejudicadas sobre seu estado de saúde antes do episódio. Podemos pedir para que comentem até as coisas mais banais, dando a impressão de que se tratam de perguntas rotineiras numa investigação. Se sentem alguma diferença, então é necessário sugerir que a pessoa visite o médico para verificar tensão, fazer exame de sangue, etc, como precaução. Claro que, se o indivíduo apresenta um quadro suspeito, então deve-se fazer pressão para realizar outros testes o quanto antes, inclusive pressionando a família e amigos para que o acompanhem. Não é fatalismo nem alarmismo, e sim objetividade e firmeza que um pesquisador deve ter.

## **Mutilações de animais na Bahia**

Antes de falarmos na Bahia queria lembrar um caso acontecido entre 25 e 31 de outubro de 1970, na fazenda Palma Velha, a 18 km de Alegrete (RS), devido à sua semelhança com o acontecido em 1897, citado no início deste capítulo e pesquisado pelo ufólogo José Victor Soares. Eram aproximadamente 16:00 h quando Pedro e seu filho Eurípedes aplicavam medicamentos em 18 cabeças de gado. No momento, ambos cuidavam de uma vaca Gersey e de seu bezerro, que se encontrava à 5 m de distância da mãe. Como o mesmo começou a mugir, Pedro resolveu conferir os que estava acontecendo, até que, atônito, viu o animal suspenso a um metro do chão. Alertou o filho e ambos observaram o bicho se deslocar no ar lentamente. Os demais animais ficaram agitados e o bezerro continuava seu vôo em direção à cancela. Após passar por baixo de umas árvores, sem deixar de berrar, começou a subir verticalmente em direção às nuvens. Em seguida, nenhum mugido pôde mais ser ouvido. Pedro e Eurípedes não encontraram explicação para o que tinha ocorrido, já que não viam nada acima do solo que pudesse estar levantando e carregando o animal. O bezerro havia desaparecido em apenas 3 ou 4 minutos.

Na Bahia aconteceram diversos casos conhecidos, mas com certeza muitíssimos outros deixaram de vir à luz pelas distâncias, dificuldades de comunicação ou simplesmente ignorância das pessoas que se depararam com o fenômeno, atribuindo-o muitas vezes à ação de predadores naturais como onças, jaguatiricas, urubus ou cachorros. Em janeiro de 1977, três animais morreram em circunstâncias sumamente estranhas em duas fazendas deste Estado, pertencentes a dois irmãos. Uma, vizinha da cidade

de Vitória da Conquista e, a outra, situada perto da localidade de Entre Rios – a primeira ao sul e a segunda no nordeste do Estado, separadas por mais de 600 km de distância. No primeiro caso, durante a noite, um empregado observou uma estranha luminosidade no campo. Ao amanhecer, foi verificar e achou dentro de uma depressão ligeiramente cônica no terreno, que estava todo queimado e ainda fumegante, duas vacas no centro da mesma, completamente sem couro.

A terra estava mole e o empregado desistiu de se aproximar, já que nesse instante, além do tremendo calor emanado pela terra, lhe acometeu uma fortíssima dor de cabeça, tendo que ir se deitar até a chegada do patrão. O proprietário da fazenda, quando comunicado do fato, temendo tratar-se de um trabalho de bruxaria, mandou cobrir os restos dos animais com pneus velhos e depois de molhar com gasolina, tocou fogo nos despojos. Esta é uma prática muito usada na região, infelizmente. Posteriormente ordenou o aterramento do local com ajuda de um trator.

No segundo caso, ocorrido em circunstâncias idênticas, a vítima foi uma mula. O G-PAZ não teve acesso direto nem às testemunhas principais, nem às fazendas, por proibição expressa dos donos, com os quais falamos apenas uma vez e rapidamente pelo telefone. Eles ainda tentaram obrigar seu filho e sobrinho a desmentirem tudo o que nos tinham dito anteriormente sobre o fato, esclarecendo que havia sido apenas uma inocente brincadeira dos rapazes. Entretanto, investigações posteriores sobre a idoneidade dos jovens, revelaram que os mesmos são sérios e incapazes de inventar uma história dessas. A opinião positiva sobre eles provém de vizinhos, colegas de estudos e professores que gozam do mais alto conceito.

Recentemente, vários casos de mortes, mutilações e de ataques a animais aconteceram numa área bastante limitada e estreita, que não ultrapassa 150 km de extensão. Na segunda quinzena de março de 1998, teve início uma onda de mortandade de animais em municípios próximos à Feira de Santana (112 km de Salvador), com a morte de três vacas e um bezerro do senhor Almir Ferreira da Paixão, mais conhecido por Mirica e proprietário de um posto de gasolina na área. Os animais se encontravam recolhidos no quintal do sítio, a menos de 20 m da casa. Na manhã seguinte, uma das vacas estava caída a 200 m de distância, ainda viva, mas com a vulva completamente arrancada e com seu bezerro atrás de uma cerca de

arame, a 100 m da mãe. As outras duas aparentemente tinham fugido em direção a um riacho, distante uns 800 m da sede, sendo encontradas mortas antes de chegar num atoleiro, num local de barro e palha. Quando chegamos ao sítio, 6 dias depois, o clima seco da região tinha feito estragos irreparáveis à cena do caso. Mesmo assim conseguimos gravar em vídeo o acontecido. A primeira vaca ainda estava no lugar onde foi encontrada e pudemos ver o enorme buraco onde antes estivera a vulva do animal. Além disso, seu maxilar tinha sido arrancado – parecia que havia transcorrido pelo menos 2 meses de sua morte, já que não restavam vestígios de tecidos musculares e os ossos estavam brancos. Uma das orelhas estava dilacerada e o resto dos estragos podem ser creditados aos urubus.

O bezerro que o peão Tijão, funcionário do sítio, tinha arrastado até junto do corpo da mãe, simplesmente desapareceu. Ele prestou depoimento e nos levou até onde estavam as outras vacas. No caminho, nos chamaram a atenção a presença de pequenos pedaços de ossos, inclusive um fêmur de aproximadamente 5 cm de diâmetro, que parecia ter sido cortado por dentes poderosos. Entretanto, nos primeiros dias após as estranhas mortes, alguém que ninguém sabe dizer se era veterinário, autoridade ou curioso, tinha examinado os dois primeiros animais. Mas o terceiro não passou pelo mesmo processo, visto que estava enterrado até a barriga no atoleiro, onde seu misterioso algoz deve tê-lo alcançado, apesar das dificuldades. O mesmo apresentava os ossos do pescoço e da cabeça descarnados e limpos. Nenhum laudo oficial foi realizado. Falou-se apenas que um dos curiosos seria de uma escola de Agronomia da região, ligada à Universidade de Feira de Santana.

A única pegada diferente que achamos tinha sido fotografada por um jornalista da região, e a julgar pelas marcas de pneu próximo da mesma, teria aproximadamente 15 cm de comprimento e lembrava muito vagamente uma pegada de cachorro. Coincidentemente, também era parecida com uma marca achada em São Paulo – aparentemente de uma anta – da qual foi feito um molde de gesso. Mas na Bahia não há antas... Mirica, o proprietário desses animais, tinha ido até um sítio vizinho que possui vários cães da raça fila e com a ajuda dos donos, examinaram seus dentes, focinhos e pêlos, não encontrando um único vestígio de sangue e muito menos um cão com patas daquele tamanho. No dia seguinte às mortes das vacas, outro bezerro de um sítio próximo foi encontrado com a cabeça arrancada do corpo. Os popula-

res, alarmados, atribuíam as mortes ao lendário Chupacabras, pois acreditavam que cachorros não poderiam ter feito isso e onças não existem na região. Além disso, se algum animal desses tivesse ocasionado as mortes, teria comido pelo menos uma parte das suas vítimas – a começar pela barriga, local mais mole e que apodrece primeiro – ou tentado carregar um bom pedaço para longe. Coisa que não ocorreu.

A dois quilômetros dali, um cão de nome Jack amanheceu morto junto da sua tigela de água, mas nenhum vestígio de envenenamento era visível. Horas depois, ainda abatido pela perda do cão, o senhor Deraldo Trabuco de Lima viu sua cadela, de nome Florentina, se aproximar do cômodo onde são guardados mantimentos e rações para os animais e começar a rosnar. De repente, ante o espanto de Deraldo, a cachorra começou a pular como se atacasse algo ou alguém invisível, latindo furiosamente. A seguir, a mesma correu com o rabo entre as patas, como se estivesse sendo fustigada por trás. Quando seu dono se aproximou para tentar ver o que estava acontecendo, a cadela correu apavorada e se escondeu dentro da casa. em seguida, Deraldo viu o animal sair correndo em completo estado de pânico, obrando por toda a residência e seguindo em direção à porteira, sendo atropelada na estrada. Mais um mistério nesta confusa temática...

Quinze dias antes, por volta das 03:00 h da madrugada, o senhor Deraldo viu um UFO muito luminoso passando lentamente a cerca de 2 km de distância. A observação foi confirmada por outra pessoa que se encontrava mais perto do local onde o objeto passou, e o descreveu como sendo “*um candela-bro cheio de luzes em volta.*” Deraldo não conseguiu observar mais detalhes porque a luminosidade era tão intensa que machucava seus olhos. Uma semana depois, onze bovinos foram mortos no sítio ao lado de onde ocorreram os primeiros fatos. Desta vez, apenas uma ovelha sobreviveu. Ela apresentava dois furos no pescoço com aproximadamente 2 cm de diâmetro, separados entre si uns 5 cm. O animal ficou em estado de prostração por cerca de 24 h, sendo carregado pelo caseiro do sítio, o senhor Antônio Carlos, para perto da casa, na sombra. Segundo o responsável pela ovelha, esta não quis se alimentar ou beber líquidos até sua morte.

Durante nossa visita à fazenda, em companhia do ufólogo Emanuel Paranhos, interrogamos repetidas vezes o caseiro, assim como aproveitamos para fotografar e filmar os animais, além de examinar cuidadosamente os

cadáveres que, por sorte, ainda não estavam demasiadamente deteriorados. Neste caso, encontramos diversos elementos com grande estranheza – embora o exótico ritual fatídico seja uma constante na região. Dois dos animais foram atacados a menos de 30 m do lugar onde Antônio Carlos dormia, porém nem ele, nem a família e muito menos o cão que à noite fica solto junto à casa e os outros três que permanecem no canil junto da mesma, ouviram ruídos que pudessem demonstrar a presença de algum ataque. Segundo depoimentos do caseiro, as mortes aconteceram entre 01:00 e 05:00 h da manhã. Uma das ovelhas morreu na hora, outra sobreviveu e as nove restantes correram em direção ao pasto, sendo alcançadas a 300 m de distância da propriedade, onde foram encontradas mortas. Posteriormente, Antônio Carlos achou três vacas escondidas entre algumas árvores distantes, todas completamente em estado de desespero.

O caseiro acha que algum cachorro ou predador tenha atacado os animais, porém acredita que seja improvável, pois foram encontrados onze animais de uma vez, e mesmo assim não houve barulho suficiente para despertar a atenção de ninguém. Além disso, os ferimentos encontrados nas vítimas são atípicos aos provocados por cachorros ou mesmo onças. Ao examinarmos os cadáveres de perto, pudemos constatar que além dos furos serem simétricos e equidistantes, não apresentavam hematomas ou dilacerações, como fatalmente causaria a mordida de um desses animais. Inclusive, não há marcas de garras ou dentes, que num caso desses ficaria evidente. Fora isso, para dar conta com tanta presteza de onze animais, alguns adultos e outros mais novos, seria necessário bem mais do que um predador. Notadamente porque as ovelhas são muito assustadiças e ante um ataque teriam pulado e se debandado, fazendo uma barulheira que dificilmente não seria escutada no meio da noite pelas pessoas que dormiam próximas ao local.

Outro detalhe digno de menção são os ferimentos. Foram encontrados dois buracos, de 2 cm de diâmetro, na anca de pelo menos duas ovelhas. Se um ferimento desse tipo no pescoço pode matar, duvidamos que pudessem fazê-lo na anca, exceto se um deles infeccionasse no decorrer dos dias, levando o animal à morte. O que não foi o caso. Também não houve vestígios de sangue no terreno, nem na pele dos animais. E seria muito lógico que no pescoço atingissem vasos e artérias, ocasionando assim uma grande hemorragia que encharcaria o local onde morreram os animais.

Soubemos também que quando Antônio Carlos comunicou ao dono da propriedade o acontecido, foi aconselhado a dar parte na delegacia. Então, ao sairmos da propriedade, procuramos o posto policial mais próximos. Fomos recebidos pelos funcionários muito educadamente, e após nos identificarmos ao delegado, conversamos longamente sobre os fatos ocorridos no sítio. Quando solicitamos uma cópia do registro de denúncias, ele disse: *“Infelizmente o livro estava tão cheio de ocorrências que foi levado para Feira de Santana.”* Nesse instante, após uma rápida troca de olhares com o delegado, a escrivã, sentada à minha direita, dissimuladamente fechou o livro e o colocou na gaveta. *“Quem sabe, continuou o delegado, pela tarde, o Antônio Carlos possa passar por aqui e pegar uma cópia para você!...”* Como vemos, até num posto policial de um vilarejo do interior, o jogo de desinformação continua.

### **Um caso diferente**

Na noite de 27 de dezembro de 1996, o cão mestiço de pastor alemão, conhecido como Ouro Preto, foi atacado. Nessa noite, ele latiu muito, chamando a atenção de outros animais da vizinhança que começaram a latir junto com ele. Valmir de Souza, nosso companheiro de pesquisas, que estava dormindo na casa do seu sogro, Sérgio Ramos, foi até o quintal para ver o que estava deixando o animal tão inquieto. Ao sair, percebeu que o mesmo estava olhando fixamente para os fundos da casa. Na dúvida, não quis se arriscar em ir até lá, pois estava com uma lanterna na mão e, se fosse algum marginal, se tornaria um alvo fácil. Mais tarde, seu sogro trouxe o cão para perto da casa, amarrando-o junto à porta da cozinha.

Na manhã seguinte, viu o estranho furo que o cachorro tinha no lombo, praticamente em cima da coluna, na altura dos rins. Era um buraco estranho, com 1,5 cm de diâmetro e com uma configuração semi-oval. O pêlo em sua volta tinha sido cuidadosamente raspado, numa perfeita demonstração de assepsia, e sua profundidade era tal que permitia a introdução de um cotonete por inteiro. A superfície interna apresentava a mesma coloração da pele externa, rosada, e não foram achados vestígios de sangue ativo ou coagulado. Dias depois, o ferimento começou a fechar de forma uniforme, sem criar cascão nem supurar. E 15 dias depois o pêlo novamente cresceu e cobriu o

local onde não ficara nenhum vestígio da ferida. Nesse meio tempo, Valmir tinha procurado um veterinário, e após se comunicar conosco, fora orientado a fotografar de imediato os ferimentos, já que não tínhamos condições de nos deslocar até essa região. Posteriormente, ficamos sabendo que o cão se recuperou plenamente, não apresentando seqüela alguma, ante o assombro dos veterinários. Mas no dia 23 de abril de 1998, Ouro Preto sofreu um novo ataque. Desta vez, com conseqüências imprevisíveis para o animal – pelo menos até o momento de escrever estas linhas. De manhã, seu dono, o senhor Sérgio, achou o bicho muito abatido, e ao pegá-lo para acariciá-lo descobriu um novo furo em seu corpo. O pêlo, como da vez anterior, tinha sido cuidadosamente raspado em volta da ferida, e o furo apresentava-se limpo, sem vestígios de sangue nem outra marca que pudesse indicar o ataque de algum animal feroz.

O furo tinha forma semi-oval, com eixo máximo de 1,5 cm e profundidade ignorada, mas que sem dúvida, pela posição devia se cruzar com a ferida anterior em ângulo reto. Valmir de Souza, em companhia do engenheiro agrônomo Antônio Jorge Menezes, também pesquisador do G-PAZ, foram documentar estes novos ferimentos e ficaram estarecidos ante a situação. As imagens documentavam o drama do animal. Naquela hora, Ouro Preto ainda se encontrava quase normal, mas no decorrer dos dias foi enfraquecendo, e atualmente está com taquicardia acentuada e espasmos. A distância e os problemas de transporte até o local, além da dificuldade de nos comunicar com o senhor Sérgio, nos deixam apreensivos. Estamos deixando um veterinário de sobreaviso para que possamos ser avisados da iminência da morte do cão ou, na hora disso acontecer, poder tentar realizar um exame mais detalhado.

Três dias depois, quando Valmir realizava o levantamento de outros casos ufológicos na região, encontrou um senhor que toma conta de alguns animais. Ao ver as fotos de Ouro Preto, disse que provavelmente o dia 23 de abril de 1998 seja o mesmo do fato ocorrido com uma vaca de sua propriedade, que apareceu com um ferimento similar ao do cão atacado. Ele chegou a pensar que o animal tivesse caído por cima de algum toco de pau, embora fosse estranho tal acidente acontecer. Atendendo a um pedido de Valmir, Menezes e ele foram até onde se encontrava a vaca, e ali foi possível constatar que ambos os ferimentos – do cão e da mesma – eram exata-

mente iguais, inclusive o pêlo raspado em volta das perfurações.

Na semana dos ataques, diversas testemunhas afirmaram ter observado uma intensa atividade de luzes estranhas na localidade, quase toda coberta de manguezais e locais de difícil acesso. Como encerramento deste caso, queremos acrescentar que as fotografias do primeiro ataque foram mostradas a um médico veterinário de uma conceituada clínica de Salvador que, juntamente com um colega, afirmaram que na sua vasta experiência nunca tinham visto nada igual. Este profissional é o mesmo que foi contatado recentemente. Ele se disponibilizou a realizar gratuitamente todos os exames necessários para concluir as investigações.

### **Não houve chances de salvar o animal**

Para encerrar este relato, narraremos as circunstâncias em que Ouro Preto morreu. No dia 13 de maio, embaixo de um verdadeiro dilúvio, decidimos ir até Barreiras de Jacuruna, já que o estado do animal tinha piorado e tínhamos o pior. Nos dois dias anteriores, também muito chuvosos, tentamos entrar em contato com a Imprensa, a fim de que a cobertura do fato fosse feita. Queríamos deixar tudo preparado para qualquer eventualidade, inclusive com relação aos veterinários, só que não contávamos com outros acontecimentos alheios à pesquisa. No caso da morte do animal, as clínicas avisaram que não teriam condições de fazer a autópsia, e para isso deveríamos levar os restos do cadáver à Escola de Veterinária da Universidade Federal da Bahia. Só que a UFBA estava em greve...

A televisão local, retransmissora de uma rede nacional, se omitiu. Mas felizmente o principal jornal desta capital, *A Tarde*, garantiu que enviaria um repórter e um fotógrafo. Quando conseguimos chegar até a casa, duas horas e meia depois da nossa saída, o senhor Sérgio Ramos, dono do animal, nos recebeu com a notícia de que 40 minutos antes o cachorro tinha morrido. O que pudemos observar foi o seguinte: em escassos minutos, a rigidez cadavérica tomou conta da região posterior onde estavam localizadas as feridas. No entanto, a parte dianteira estava normal. A rigidez atingida nos quartos traseiros era como se já tivessem decorrido pelo menos umas 12 horas. Os olhos secaram em poucos minutos. Ao examinar o animal, era possível notar uma supuração amarelada no pênis e uma acentuada redução no tamanho dos

testículos, dando a impressão de terem sido puxados para trás.

As tentativas de fazer um exame mais apurado fracassaram, como adiantamos acima, e chegamos a pensar dissecar o animal para tentar descobrir a trajetória desses buracos. Mas olhando nos olhos do seu dono e percebendo o que pensava, não tivemos coragem de ir em frente. Além da vaca antes citada, foram atacados naquela mesma noite outros dois cães, que não sobreviveram e foram enterrados por seus donos. Além de uma ovelha, também com ferimentos na anca, mas que estava viva. Aproveitamos a viagem e fomos ver esses animais de perto.

Ao chegarmos ao local, constatamos que a ovelha, a melhor e mais arisca do rebanho, aparentemente se encontrava muito bem, apesar das feridas. O maior dos furos – de bordas quadrangulares – ainda era bem visível, e o segundo, menor, estava fechado. A vaca – na realidade uma vitela de talvez 18 a 20 meses, da raça Nelore – se encontrava amarrada junto de um macho jovem e de outra vitela. A tarefa de nos aproximarmos não foi nada fácil, já que enquanto os outros dois animais estavam relativamente calmos, ela se mostrava extremamente agitada.

A ferida estava quase fechada, embora ainda bem visível. Também era possível ver que era exatamente igual ao do cachorro Ouro Preto, estando apenas do lado oposto. Apresentava ainda uma área abaixo do ferimento onde o pêlo estava bem mais curto e dois círculos pequenos, de 1,5 cm de diâmetro, onde o pêlo estava totalmente raspado. Isso só foi comprovado 20 dias depois do ataque. A vitela se mostrava normal, porém hiperativa, extremamente nervosa, urinando abundantemente e de forma quase seguida. Ao tentarmos nos aproximar mais, a mesma entrou em desespero e quase arrancou a árvore onde estava amarrada.

Como podemos ver, nem sempre as coisas acontecem como a gente quer – especialmente no caso da pesquisa ufológica. E apesar de conhecermos o caminho das pedras, às vezes nos molhamos. São os acidentes de percurso. Porém, isso não pode, nem deve desanimar ninguém. Às vezes as coisas acabam escapando do controle, como aconteceu neste caso em que vários fatores entraram em conjunção: período de muita atividade na clínica, inúmeras pesquisas de campo em lugares esparsos da região, mudança de endereço do nosso colaborador para mais de 200 km de distância, período de festas e feriados, além de estradas em más

condições, deterioradas com a seca e as chuvas.

Em todo caso, vale como lembrete: é de grande utilidade ter relacionamentos com profissionais ligados aos meios rurais, veterinários e outros com atividades paralelas, para ter alternativas em momentos de precisão. Além disso, as pessoas da área rural são geralmente tímidas ou pouco predispostas a se abrir com estranhos, por isso exigem mais tato. Deve-se puxar conversa com elas sobre assuntos comuns ou banais, e só depois levar o papo na direção do que nos interessa. Talvez, por medo de passar por mentirosos ou simples contadores de “causos”, tais pessoas escondam histórias ou detalhes das mesmas que podem ser bastante importantes na investigação. Essa é uma das formas de garimpar informações e fazer amizades.

## **Considerações**

Para tentarmos ir mais longe no assunto sobre mutilações de animais, poderíamos enfocar a questão através de outro ângulo mais ousado, ou pelo menos mais usual. Muitas vezes, um sentimento estranho nos mostra que há alguma coisa mais transcendente nessas simples biópsias. Alguma coisa que às vezes – a maioria em nível inconsciente – nos esforçamos por deixar de lado, temerosos talvez com a resposta. Não é voltarmos à posição egocêntrica, mas deve existir alguma lógica nessas operações. Talvez tão simples e óbvia que por isso mesmo não a enxergamos...

Milhares de mutilações em pelo menos 20 anos – oficialmente –, devem ter sua razão de ser. E se levantássemos a hipótese – de acordo com os conhecimentos atuais da nossa Ciência – de que eles, evidentemente alguns séculos na nossa frente, criam em laboratório animais transgênicos, isto é, portadores de genes artificialmente colocados neles? Desde o início dos anos 80, ou talvez desde meados da década de 70 aproximadamente, realizam esse tipo de manipulações. E em 1997 nós conseguimos o feito de criar animais por clonagem, caso da ovelha Dolly, por exemplo.

Graças à engenharia genética podemos produzir animais com o dobro ou triplo de carne e menos gordura – no caso de animais para corte –, duplicar-lhes ou reduzir-lhes o tamanho, manipulando seus genes, além da clonagem já mencionada, que permite a partir de uma única célula, duplicar ou centuplicar seres idênticos aos originais. Podemos inserir nas células

dos bichos vírus de diversas doenças para a criação de anticorpos, como o TPA, que dissolve coágulos sanguíneos, ideal para o tratamento de doenças cardiovasculares, ou no estudo da cura do câncer, através de camundongos portadores de oncógenes. Então, seguindo essa linha de raciocínio, se nós conseguimos fazer tudo isso e mais alguma coisa, até onde eles podem chegar? Será que células e órgãos extraídos dos animais mutilados – por avançadíssimas técnicas cirúrgicas nem sonhadas por nós – são necessários aos aliens para elaborarem algum tipo de medicamento, analisar nossa genética (animal e humana) ou quem sabe, desenvolver a criação de animais clonados para consumo, tanto alimentar como em nível de pesquisas no seu mundo de origem ou ainda para povoar algum planeta em desenvolvimento em qualquer lugar do Universo?

E aí surge mais uma pergunta: antes dizia-se existir uma ligação entre as mutilações e as abduções; será que eles também estão manipulando genes humanos? Infelizmente, tudo leva a acreditar que isso tenha se tornado uma dura realidade (“*Vamos criar o homem à nossa imagem...*”). A certeza fica maior se analisarmos quantas experiências genéticas já foram realizadas por eles durante as abduções, como vimos no capítulo anterior. Desejamos, sinceramente, que de alguma forma estas informações sejam de utilidade para os que seriamente se dedicam ou se interessam pela Ufologia, para que cada vez mais tenhamos em nossas mãos ferramentas que nos ajudem a somar dentro do contexto da investigação em nível mundial, sem amadorismo nem pretendendo ser os donos da verdade, mas com toda seriedade e profissionalismo que o assunto exige.

Dentre as tantas facetas da vasta fenomenologia ufológica, a mutilação de animais pode nos exigir esforços redobrados, mas é nosso dever e obrigação fazer as coisas da melhor forma possível, tentando o aperfeiçoamento diário na técnica de coleta de dados ou processos investigativos. É até provável que daqui a poucos meses ou semanas tenhamos que rever, desde as bases, todas estas propostas de trabalho. Mas não importa, recomeçaremos quantas vezes for necessário. No caso específico de vacas, notamos como principais alvos: lábios, língua, olhos, cérebro, mamas, órgãos genitais e tiras de couro. A pele é cortada e separada da carne de uma forma desconhecida que não deixa marcas de instrumento cortante, o que fatalmente implicaria em vestígios nos tecidos. Raramente

o couro desaparece do animal na sua totalidade.

### **Principais pontos de mutilação**

As mamas ou tetas com todo o aparelho produtor e condutor de leite até às ramificações mais profundas são retiradas mediante um corte circular perfeito, que se aprofunda no corpo em forma de cone, extraindo-se todo o material. A língua geralmente é seccionada quase rente à base, em cortes limpos e retos, e raramente apenas a ponta. Em alguns casos, o cérebro parece ter sido sugado de modo não determinado. A genitália demonstra ser o principal ponto de interesse dos “cirurgiões” e é tratada com especial cuidado. Vagina, útero, ovários, ânus e reto são retirados por trás, num corte perfeito, de forma circular, seguido da aparente sucção dos demais órgãos.

O exemplo da extração de mamas é em tudo semelhante, tanto no Texas, EUA (em março de 1975), quanto na cidade gaúcha de Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul (em abril de 1975), inclusive pela posição em que foram achados os animais – deitados de costas –, numa disposição totalmente antinatural para um quadrúpede. A castração dos machos vacuns e eqüídeos parece seguir um padrão específico. Os membros, após sua extração, são deixados quase sempre junto do corpo do animal morto, cuidadosamente arrumados ao lado da barriga, cortados em rodelas, das quais às vezes são levadas algumas fatias.

Em 1972 foram mortas mais de 300 ovelhas da raça Corriedale numa fazenda de Santa Vitória do Palmar, todas com um furo de 2 cm de diâmetro na lateral do crânio, junto à principal artéria por onde – supõe-se – teria sido extraído todo o sangue dos animais. As fêmeas prenhas estavam com uma perfuração de 3 cm de diâmetro na barriga, por onde foram sugados os fetos. No caso das ovelhas mortas na Bahia, só detectamos orifícios no pescoço ou nas ancas, de forma oval – ou quase – com 1,5 cm de abertura máxima. Só que, em vez de ser apenas um, eram em pares e separados por mais ou menos 5 cm em todos os casos. Nenhum outro sinal de violência foi notado, talvez porque, por coincidência, não houvesse nenhuma ovelha prenha.

E no caso do cachorro Ouro Preto, o furo produzido no primeiro ataque era quase na base da coluna, também com formato semi-oval, com as medidas iguais às anteriores (1,5 cm) e aparentemente tão fundo que pode-

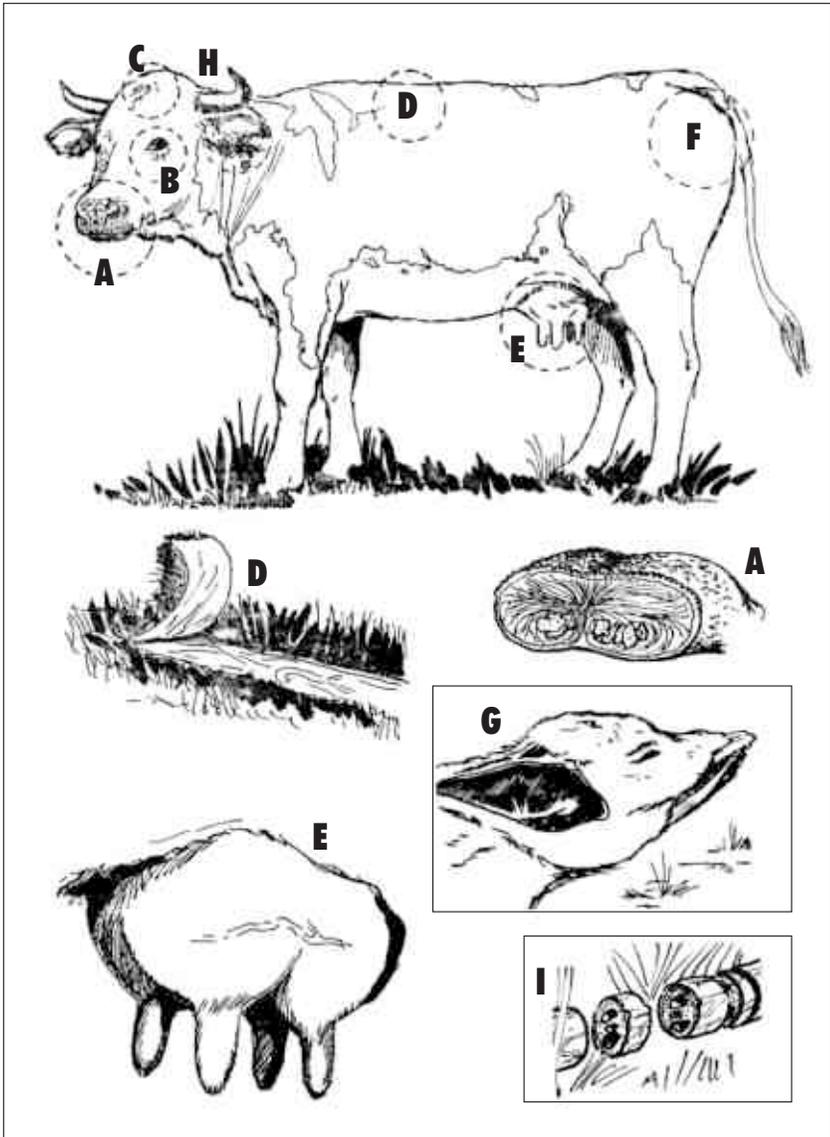


Ilustração Alberto Romero

**Locais de mutilação em vacas e bois: (A) Língua e lábios. (B) Olhos. (C) Cérebro. (D) Tiras de couro. (E) Tetas. (F) Genitália completa, além de reto e ânus. Nos bois, o pênis e o saco escrotal. (G) Orelhas. (H) Nuca, cérebro e focinho. (I) Detalhe da mutilação do pênis, cortado em rodelas.**

ria pressupor uma espécie de biópsia realizada nos rins do animal. Na segunda vez, ele foi perfurado por um instrumento idêntico devido às medidas e formato do ferimento, além da perfeita raspagem dos pêlos em volta da abertura. O canal ou túnel foi realizado na posição horizontal, possivelmente seguindo a direção do primeiro buraco, talvez até interceptando-o ou procurando o mesmo alvo da ação anterior.

Galinhas e outros tipos de aves, como gansos e cisnes, são encontrados com um único furo no pescoço e sem qualquer gota de sangue, além de ter as penas cuidadosamente arrancadas em volta dos ferimentos. Demais está dizer que comparando estes casos e sabendo como qualquer predador provocaria feridas desgarrantes nas suas vítimas, o fator animal pode ser descartado. Entre os acontecimentos que chamam a atenção e preocupam, se encontram os ataques acontecidos a pessoas. Felizmente, alguns sobreviveram para contar a história, como foi o caso do fotógrafo Manoel França. Mas antes é preciso abrir parênteses para tentarmos esclarecer e melhor compreender esta complicada situação.

Sobre a definição de ataque, devemos levar em conta alguns detalhes que podem ser considerados subjetivos por algumas pessoas mais ortodoxas. Primeiramente, o conceito ataque deve ser entendido através de uma visão completamente clara da situação em que aconteceram os fatos, para podermos ser objetivos. Devemos conhecer a conceituação de moral ou de ética dos alienígenas que nos visitam. Mas já que não temos possibilidade de uma análise mais profunda sobre eles, então devemos, no mínimo, tentar traçar um paralelo com nossa própria raça e nossos conceitos de moral e de ética.

Alguém puxa uma arma e aponta para outra pessoa, que por acaso é, digamos, um policial ou militar. Este revida puxando sua própria arma e atirando no indivíduo, por se sentir ameaçado de morte. Quem foi o agressor? Para tentar entender melhor nossa analogia, vamos modificar a cena colocando os dois personagens num local escuro ou mal iluminado, num país cuja língua e costumes desconhecemos. Agora imagine que você, leitor, é o policial que vê uma silhueta escura que puxa alguma coisa das roupas e aponta em sua direção. Você, mais preparado devido ao seu treinamento militar, pressente o perigo e, sentindo-se ameaçado, saca sua arma e atinge o sujeito. Em continuação, você descobre que o infeliz tinha apontado apenas uma lanterna que não funcionou, e que, em última hipótese, ele não

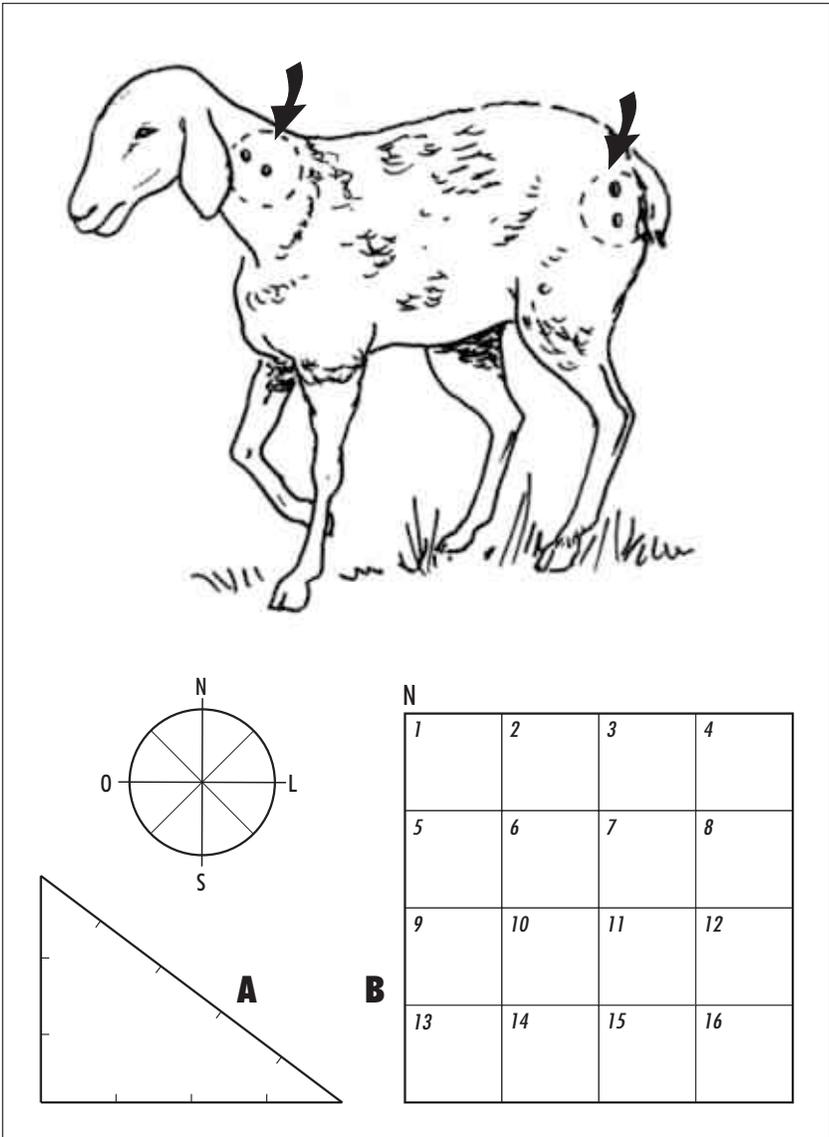


Ilustração Alberto Romero

**Locais de ferimentos nas ovelhas baianas: Pares de furos no pescoço e ancas. Abaixo, veja como demarcar uma área para traçar o esboço: apontando para o norte, faça um triângulo de 3 x 4 x 5 metros, usando uma corda. O triângulo terá um ângulo reto. Depois, prolongue de acordo com as necessidades.**

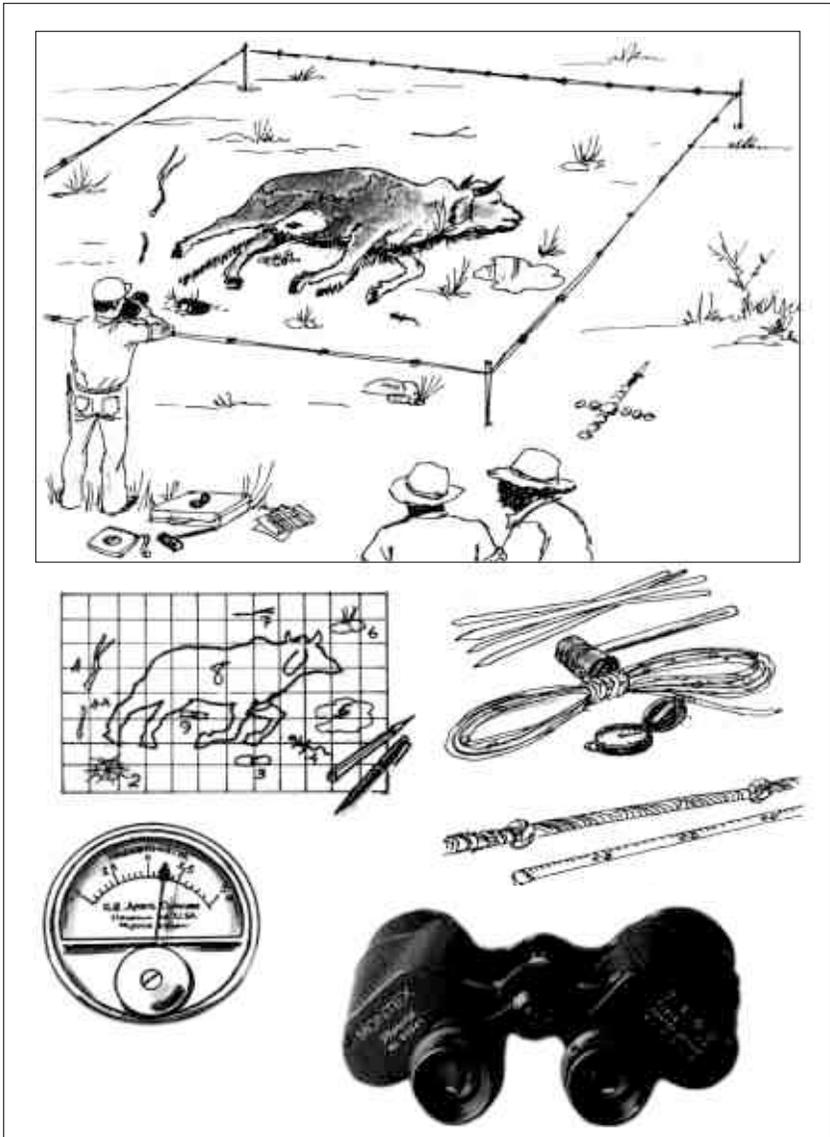
era o que você pensava. Mas se fosse uma arma de verdade, sentindo-se em perigo, você mostrou estar melhor preparado e simplesmente o atingiu.

A fronteira entre a defesa e o ataque é tão sutil que fica difícil perceber. Defesa própria não é ataque. Além disso, alguém poderia afirmar que um ET que está num planeta onde se mata por nada e qualquer coisa, iria esperar para ver se estavam apontando uma arma ou uma inocente máquina fotográfica para ele, para depois decidir se ataca ou não? Não estou advogando para ninguém, mas apenas tentando compreender como funciona uma situação dessas. Claro que a coisa não é tão simples assim e desta forma vamos sacramentar nossa posição. Mas concluamos aos relatos.

No caso de Manoel França, aconteceu um fato inusitado. Este fotógrafo teve a chance, em 19 de abril de 1979, de fazer uma série de cinco fotos de dois UFOs que apareceram a menos de 500 m da sua casa e depois se afastaram em velocidade média. E as imagens ficaram excelentes. Todas as análises realizadas nos negativos e nas ampliações posteriores mostram claramente os objetos, possibilitando determinar a que distância se encontravam da câmera e o tamanho aproximado dos mesmos. Na manhã seguinte ao incidente, após revelar as primeiras fotografias no jornal onde trabalhava, França teve que enfrentar todo tipo de gozações e piadas dos companheiros que o acusavam de fraude, de ter lançado um siri para o ar e fotografado.

No decorrer dos dias, essas brincadeiras foram minando sua calma a tal ponto que passou a levar para sua casa, em Barreiras de Jacuruna (BA), material fotográfico do jornal, entre os quais uma lente zoom de 500 mm. Seu intuito era conseguir fotos ainda melhores às escondidas. Pacientemente, esperava horas a fio cada noite, pois tinha certeza de que os UFOs voltariam. Um mês depois veio sua chance. Eram aproximadamente 22:00 h, horário em que o gerador de eletricidade da vila de pescadores era desligado, quando ele sentou-se à porta de sua casa com a máquina apoiada numa sacola ao seu lado. De repente, quatro objetos rasgaram o céu, fazendo-o sair correndo pelo meio da rua, disparando sua máquina. França voltou ao seu lugar de observação, defronte à uma pracinha a uns 500 m do mangue onde tinham surgido UFOs a primeira vez. Ele pressentia que voltariam naquela noite...

Uma hora e tanto depois, as mesmas luzes apareceram subindo por trás das árvores e ficaram paradas à sua frente. França então abaixou-se rapidamente para pegar a máquina e apontou para uma das luzes que havia se



**Na hora de fotografar ou filmar um local de incidência ufológica, não se esqueça de sinalizar com pedras ou com uma faca apontando o norte. Uma vez delimitada a área, descreva cada item que estiver dentro da mesma usando uma fita métrica. Bússola, martelos, estacas, cordas e até um binóculos são essenciais.**

deslocado e que agora flutuava silenciosa a menos de 50 m. No mesmo instante, um feixe de luz verde saiu do UFO, atingindo-o no meio do peito. Manoel caiu desacordado no meio da sala de sua casa, a uns 2 m da porta, Ante a angústia de seus familiares demorou quase meia hora para voltar a si, quando então acordou desesperado procurando pela máquina fotográfica, que ninguém sabia onde estava.

Cambaleando e ainda meio tonto, saiu à rua junto com sua filha procurando na escuridão até acharem a máquina intacta, a mais de 30 m de distância. Isso nos leva a perguntar como um equipamento desses, que munido com uma lente zoom daquele tamanho deveria pesar aproximadamente 2,5 kg, poderia ter caído a tal distância sem se quebrar? França teria forças para arremessar a câmera até lá? Voltando a casa, ele e sua filha passaram o resto da noite sem poder dormir, acometidos por terrível cefaléia, vômitos e desinteria. No dia seguinte, ao levar a máquina de volta para o jornal, constatou que o filme inteiro tinha sido velado inexplicavelmente. Só tomamos conhecimento do fato quase 50 dias depois, quando nada mais poderíamos fazer para conseguir exames médicos que pudessem lançar alguma luz sobre o acontecido.

Posteriormente, França experimentou grandes mudanças comportamentais e perdeu o emprego. Nós nunca mais o vimos, até os dias de hoje, quando soubemos que felizmente tinha se recuperado e estaria trabalhando novamente em sua antiga profissão. O que sofreu foi um ataque que aparentemente não deixou maiores seqüelas. Poderíamos, no entanto, chamar tal ataque de agressão? Se comparada com a suposição que coloquei acima, você, leitor, se atreveria a emitir um parecer a respeito deste caso? No caso seguinte, teremos outro exemplo do que aqui postulamos.

Era 13 de agosto de 1967 quando o peão Inácio e sua esposa Maria, encarregados de uma fazenda do Estado de Goiás, regressavam de uma cidade vizinha com algumas compras. Ao se aproximarem de sua casa, se surpreenderam ao ver um objeto em forma de bacia invertida pousado sobre a pista de aterrissagem da fazenda. À sua volta estavam três indivíduos carecas e magros, que pareciam estar nus ou vestindo alguma roupa muito justa. Eles corriam e saltitavam em completo silêncio quando, de repente, perceberam o casal que tinha parado para observá-los. Assim, amedrontado, enquanto Inácio despachava sua mulher para dentro da casa, empunhava decidido sua carabina. Os

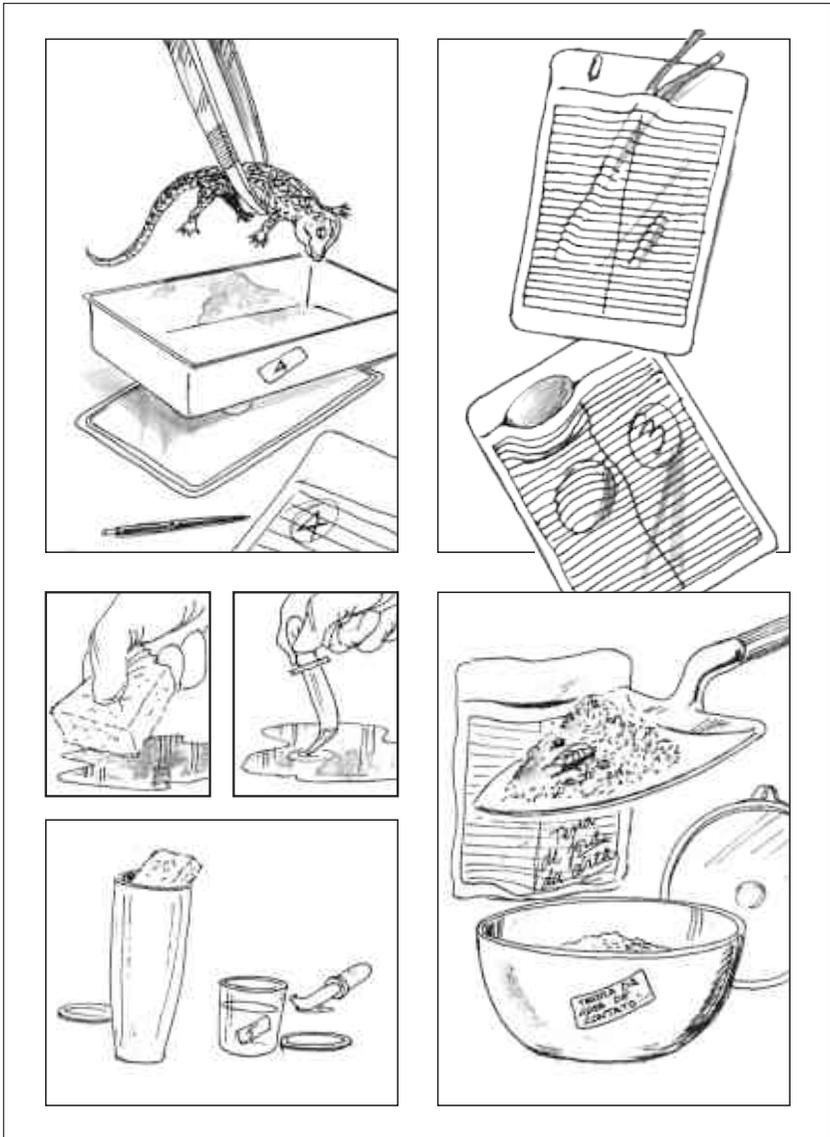


Ilustração Alberto Romero

**Ferramentas necessárias à pesquisa: luvas de borracha, pinças e recipientes para amostras, esponja para recolhimento de líquidos e conta-gotas. Não se esqueça de enumerar cada amostra e escrever em separado onde foram recolhidas. Sacos plásticos para gravetos, além de pá e balde, são importantes.**

indivíduos correram em sua direção, quando Inácio disparou um tiro certeiro na cabeça do ser que estava mais próximo, a menos de 60 m dele.

A essa distância Inácio jamais erraria o disparo, tanto que o ser caiu ao chão, sendo amparado de imediato por seus companheiros. No mesmo instante, um raio de cor verde saiu do aparelho e atingiu Inácio acima do peito, junto do ombro esquerdo. A seguir, o UFO decolou velozmente e Maria correu a socorrer o marido. A partir desse dia, o peão adoeceu e passou a sofrer de náuseas, formigamento e adormecimento em todo o corpo. Sua mãos ficaram trêmulas e seu corpo debilitado. O dono da fazenda, um rico industrial, o levou a Goiânia (GO) para ser diagnosticado pelos médicos, sem contar-lhes o que na realidade tinha acontecido. Os exames revelaram apenas uma queimadura circular de mais ou menos 15 cm de diâmetro no local onde fora atingido.

Manoel França não viu nenhuma marca em seu corpo e o raio de luz verde parece ter sido bem mais suave ou talvez proporcional ao 'delito' cometido ao aproximar-se do UFO em Barreiras de Jacuruna (BA). Ele apenas levou um 'chega-prá-lá', enquanto Inácio morreu sem defesas. Os outros exames feitos a pedido de seu patrão revelaram que Inácio estava com leucemia e não teria mais do que 60 dias de vida. No dia 11 de outubro daquele ano, 59 dias depois do fato, Inácio morreu. Assim, mais uma vez nos questionamos sobre se foi um ataque criminoso ou apenas um ato defensivo...

A mesma pergunta poderíamos aplicar aos muitos casos que existem de aviões militares abatidos e seus pilotos mortos nos EUA, na Costa Rica, em Cuba, etc. E o que dizer das baterias de mísseis russos destruídos completamente por objetos voadores não identificados. Repito mais uma vez que não estou tomando o 'partido' deles, mas tenho que ser imparcial e mostrar os dois lados da moeda. Há casos muito claros em que foram constatados ataques pura e simplesmente, e até com requintes de perversidade, sem qualquer margem a dúvidas. A morte de pessoas com as mesmas características dos milhares de animais mutilados pelos ETs é por demais preocupante.

Tomei conhecimento da extensão do fenômeno em conversas extra oficiais que mantive com os doutores Richard Haines e Leo Sprinkle, observadores a serviço da NASA durante o 1º CIUFO, em Brasília (DF), em 1979. Durante uma reunião com Fábio Zepa e Bettina Allen, da Argentina, o doutor Sprinkle foi categórico ao falar coisas que não podiam ser ditas no plenário: *"Durante o ano de 1978, tivemos mais de 10.000 casos de mutilações de*

*animais diretamente ligados aos UFOs, e muitíssimos outros que ainda não estão confirmados...*” Em 1978 tinham começado os ataques de Chupachupa no Pará, pesquisados na *Operação Prato* da FAB. Coincidência? Ao reiniciarmos nossos trabalhos de reuniões em Salvador, e durante palestras sobre os acontecimentos na Amazônia, levantamos a questão e alertamos nossos colegas sobre a probabilidade e o perigo de começarem a fazer o mesmo tipo de ataques a seres humanos. Isso, na época, levou algumas pessoas a pensarem que se tratava de exagero. Outras passaram a nos criticar abertamente, porque imaginavam que “... os ETs são enviados de Deus e jamais nos fariam danos”, segundo uma delas.

Infelizmente o tempo nos deu a razão. No Vietnã, soldados que travaram um feroz combate na selva com centenas de inimigos testemunharam horrorizados a ação dos aliens. Dezenas de corpos ficaram espalhados após a batalha e, de repente, quando se preparavam para levantar seus mortos, os norte-americanos viram uma porção de alienígenas entrarem na mata calmamente, recolhendo e retalhando os soldados mortos e carregando algumas partes que lhe interessavam. Mesmo sabendo estarem sendo observados, não deram a menor importância e, tão calmamente como chegaram, foram se retirando, ante os olhares estarecidos dos militares que a tudo assistiram, em total estado de choque. O que dizer deste fato, abafado pelo comando militar do Exército dos Estados Unidos?

Será que aqueles soldados tiveram vida normal depois do que presenciaram? Tempo depois, durante manobras militares em um deserto norte-americano, um oficial que comandava a tropa simplesmente desapareceu. Iniciaram as buscas quase imediatamente, já que tal fato não era lógico. Os soldados encontraram, horas depois, o cadáver do oficial totalmente sem vísceras, sem os olhos e a genitália. Em 1993, o excepcional trabalho de nossa colega Encarnación Zapata Garcia, de São Paulo, trouxe à luz um caso acontecido em 1988, sobre o qual foi vítima um homem cuja identidade as autoridades ocultaram até bem pouco tempo [*Veja capítulo seguinte*].



## Capítulo 12

# Caso Guarapiranga

*“O segredo do êxito está na pureza e na  
constância do propósito.”*

– **George Adamski,**  
contatado dos anos 50

O caso mais chocante e tenebroso já documentado é o do cadáver de um homem achado às margens da represa de Guarapiranga, na cidade de São Paulo. É um fato que choca porque nos deparamos pela primeira vez com as evidências do que parece ser, pelas características, uma morte proposital e que poderíamos classificar um crime hediondo. Encarnación Zapata Garcia, uma estudiosa espanhola que reside em São Paulo, teve o privilégio de poder investigar a fundo este acontecimento, que pelas razões já citadas se converteu numa peça deste gigantesco e absurdo quebra-cabeças cósmico. Tal caso, como não poderia deixar de ser, provocou iras e contestações por parte dos que talvez desejassem ter sido seus descobridores e pelos que pautam suas vidas pelo acobertamento e sigilo.

A vítima foi um homem de 53 anos, vestindo apenas uma cueca e com terríveis deformações pelo corpo. O laudo necroscópico relata exatamente o que as fotografias nos mostram e acrescenta outros detalhes importantes para a consolidação da hipótese de mutilação causada por ação extraterrestre – que inúmeras vezes foram observadas em animais. O relatório que descreve a dramática situação do cadáver apresenta o seguinte trecho:

*“Observamos a remoção das regiões orbitárias direita e esquerda, cavidade oral, faringe, orofaringe, região cervical, região axilar direita e esquerda, abdome, pélvis, região inguinal direita e esquerda. Através de incisão bimaioidea-vertical e rebatimento do couro cabeludo e da abertura da cavidade, segundo técnica de Griessinger, observamos calota craniana íntegra, edema cerebral. Há remoção da musculatura intercostal em nível de segundo, terceiro, quarto e quinto espaços intercostais esquerdos. Na cavidade abdominal e quadril, ausência de órgãos com extração de todas as vísceras abdominais, evidenciando arrancamento dos órgãos com reação vital.*

*Na exploração dos membros superior e inferior direito e esquerdo observamos uma incisão dos músculos dos braços direito e esquerdo com posterior arrancamento de tecido. No rosto ocorreu a retirada de extenso pedaço da pele na parte superior e inferior das mandíbulas, produzidos por instrumento cortante. Vê-se remoção do pavilhão auricular esquerdo e com sinais de reação vital. Enucleação dos globos oculares com restos de sangue em suas cavidades. As regiões axilares direita e esquerda apresentam uma solução de continuidade circular com um diâmetro de 4 cm e margens uniformes com sinais de reação vital e remoção das partes moles. A vítima sofreu feridas incisivas superficiais e infinitas produzidas por objeto cortante em toda a superfície anterior: tórax, abdome, membros inferiores direito e esquerdo. Os músculos do peito se encontravam rompidos e soltos no subcutâneo.*

*A massa muscular do membro superior direito se acha separada da articulação e deslocada até o terço proximal do braço direito, e também se evidencia no antebraço esquerdo. Há enucleação da cicatriz umbilical, apresentando orifício circular com aproximadamente 3 cm. O abdome se acha bastante deprimido. Incisão alargada de formato elíptico com diâmetro de 3 x 1,5 cm na prega inginal esquerda. Remoção da bolsa escrotal. Incisão ampla ovalada junto ao períneo e indicativo da intenção de reproduzir um órgão feminino ou de remoção do pênis. Musculatura direita e esquerda retirada do terço proximal. Remoção do ânus com ampla incisão de formato alargado, ovalado e diâmetro com cerca de 15 x 8 cm. Ferida perfurante com diâmetro de 2 cm no espaço interdígital do segundo e terceiro pedodáctilo de ambos os pés.”*

O que espanta neste documento oficial é a quantidade de vezes em que é repetida a expressão “*sinais de reação vital.*” Isto significa que a maior parte desses estranhos ferimentos e amputações foram realizados com a vítima ainda viva... Os sangramentos observados são a confirmação desses sinais vitais. A surpresa de Encarnación ao ver as fotografias é perfeitamente compreensível, porque ferimentos idênticos foram observados milhares de vezes em animais desprovidos de algum membro, como eu mesmo tive oportunidade de ver nas ovelhas mutiladas e mortas em Feira de Santana, no lombo e lateral do cachorro Ouro Preto em Barreiras de Jacuruna, e numa ovelha e uma vaca – todas atacadas na mesma região do Estado da Bahia, sendo que as duas últimas conseguiram sobreviver. Ou como o que foi descrito pelos legistas que autopsiaram o corpo do rapaz morto em Itabuna, ainda no mesmo Estado.

Segundo a própria Encarnación, a semelhança entre os cortes e ferimentos no cadáver e os cortes em animais mutilados por ETs em todo o planeta era impressionante. Este trabalho pôde ser levado até o fim, apesar de muitos entraves, porque a pesquisadora teve a sorte de lidar com pessoas esclarecidas e conscientes do seu papel como autoridade – embora documentos liberados viessem com partes apagadas, como o horário provável da morte, localidade, nome da vítima, filiação, nome dos legistas, número do Distrito Policial, etc. Mas os dados aqui expostos, por cortesia de Encarnación, são suficientes para mostrarmos o terrível acontecimento.

A divulgação desta morte levantou polêmicas, como já dissemos. Uns acreditando na mutilação alienígena e outros defendendo a hipótese de mais uma morte banal, em meios às centenas que acontecem na região e são divulgadas pela mídia. Seria de fato algo sobrenatural ou ação de algum psicopata, dos tantos que aparecem? A semelhança da morte dos animais poderia ser considerada meramente acidental? Então, lembrei-me de uma pequena notícia publicada num canto da página policial no jornal *A Tarde*, de Salvador, em 6 de setembro de 1990. O fato aconteceu na cidade de Itabuna, a 429 km ao sul de Salvador, com as mesmas características já citadas. Tive diversos problemas quando fui procurar informações com alguns conhecidos na polícia, como explicarei mais adiante. Vejamos a notícia:

*“Menor teve os olhos e outros órgãos extirpados em Itabuna. A polícia do município está investigando a morte de um menor de cor preta, 14 anos*

*presumíveis, que teve os olhos arrancados, além de uma profunda incisão no abdome, de onde foram retirados os rins, coração, pulmões e outros órgãos. O corpo apresentava ainda dezenas de perfurações ovais e as unhas também foram arrancadas. A vítima foi achada por estudantes na manhã de ontem, numa valeta no prolongamento da Travessa Querubim Oliveira, onde estavam sendo realizadas obras de infra-estrutura.*

*O local fica próximo à sede regional da Telebahia e também junto ao Colégio Ação Fraternal, um dos mais tradicionais educandários itabunenses. O fato foi de imediato comunicado à polícia, que deslocou para a área uma equipe chefiada por Álvaro Renan, do plantão do módulo policial, que cuidou da remoção do corpo para o necrotério do Departamento de Polícia Técnica. O menor estava sem roupas e envolto numa colcha colorida. (...) Uma complicada operação cirúrgica que intriga os policiais e também os médicos legistas.”*

Vamos interromper por uns instantes o restante da notícia para fazermos um breve comentário. Vemos que é dada ênfase às múltiplas feridas ovais e se fala também em uma complicada operação cirúrgica que intriga não apenas os policiais como os médicos legistas. Ora, no contexto de um interior, onde são comuns as brigas e mortes à bala ou ferimentos à faca, é curioso que médicos legistas se surpreendam com os ferimentos, o que implica em alguma coisa a qual não estavam acostumados... Depois, no decorrer da nota, informa-se a substituição da policial titular daquele município, Olindete Teixeira, pelo chefe da 15ª Diretoria Regional da Polícia, Romilton Telles Santos. Será comum substituir uma delegada por um Diretor Regional para investigar a morte de um rapaz considerado “*marginalzinho*”, conforme disse um capitão do QG da Polícia Militar em Salvador? Não seria dar muita importância a um caso banal? A partir dali começaram a surgir explicações que variaram desde queima de arquivo até magia negra ou contrabando de órgãos.

Mais adiante a notícia diz o seguinte: “*O crime e o seu método também intrigaram o legista João Otávio Macedo, que confidenciou a um amigo que não sabia a quem atribuir o crime e nem identificar a técnica usada pelo assassino, que fez a extração de diversos órgãos que não foram deixados no local de desova do corpo, um área no centro da cidade, mas com pouca densidade de tráfego. Quem também está intrigado com o crime é o auxiliar*

*de necropsia Antônio Nascimento, que vê apenas uma semelhança com a morte do ladrão... Nascimento estranha também que além da técnica para retirada de órgãos internos, o assassino tenha usado de violência para extrair as unhas da vítima."*

Aqui temos mais alguns detalhes com elevado grau de estranheza: um legista que fica intrigado com o método utilizado e um auxiliar que não reconhece a técnica usada na retirada dos órgãos internos. Será que esses dois profissionais, apesar da sua experiência, nunca viram algo semelhante em toda sua carreira, entre tantas vítimas de morte violenta, como a balas, facadas, atropelamentos, etc? Por que este, em particular, lhes causaria tanta estranheza? A não ser que o fato fosse tão diferente de tudo o que já teriam visto antes. Os acontecimentos futuros parecem justificar nossas suspeitas...

Quando tentamos investigar o caso, de repente tudo silenciou e as portas se fecharam para nós. Isso despertou nossas suspeitas de que existia outra coisa mais séria que precisávamos descobrir. Mas a experiência não foi muito agradável, embora assim tivéssemos a confirmação de que alguém estava empurrando alguma coisa muito grande para baixo do tapete. Uma semana após sair publicada esta notícia fui convidado a dar uma palestra sobre Ufologia para oficiais e praças do 6º Batalhão da Polícia Militar, incluindo o alto comando da unidade. Aproveitando a oportunidade, depois da palestra, quando nos dirigíamos para o refeitório, procurei conversar com o comandante sobre o caso em questão e, repentinamente, seu sorriso desapareceu, as faces avermelharam e mudou de assunto.

Dias depois, recebi um telefonema de alguém que dizia ser capitão da PM, sem declinar o seu nome, pertencente ao Quartel General da mesma, que começou muito polidamente lamentando não ter podido participar da palestra, que segundo colegas tinha sido muito interessante, assim como os quase 200 slides que levei, etc. Pediu sugestões de livros para se aprofundar mais e mudando o tom da voz, perguntou: *"Mas, me diga, qual é seu real interesse na morte desse marginalzinho? Isso não foi nada além de uma queima de arquivo ou ajuste de contas. Além do mais, fique sabendo que como esse crime é de autoria desconhecida, qualquer um pode ser enquadrado como suspeito."*

Disfarcei, enrolei e dei uma saída estratégica e esfarrapada, desligando a seguir. Uma coisa não posso negar. Pelo menos não lhe faltou sinceridade nem



**As fotos do cadáver encontrado na Represa de Guarapiranga, em São Paulo. O corpo tinha sinais de mutilação iguais aos de animais atacados por seres extraterrestres**

objetividade na sua mensagem bem explícita! Por outro lado, continuei a investigar o fato – com maior discrição, é claro –, mas não sei se por azar ou outra coisa, a pessoa que procurava contatar, um médico legista do IML de Salvador (e que anos atrás passara por uma experiência de quase abdução), que poderia fazer uma ponte com os legistas de Itabuna, veio a falecer num acidente de trânsito na saída de seu trabalho. Posteriormente, um juiz federal interessado em UFOs se prontificou a enviar um ofício ao delegado daquela cidade, pedindo informações sobre o caso e cópia do inquérito, e o delegado nem sequer se dignou a responder o recebimento do ofício. Mais adiante, conversando com Encarnación pelo telefone, ela se prontificou a me dar apoio e conversou com um procurador da Justiça paulista para entrar em contato com nosso amigo juiz, mas até hoje parece haver entraves demais para o caso de um simples marginalzinho.

O que poderíamos dizer disso ou deduzir? Na mesma época, aproveitando a oportunidade de ter sido convidado para um programa de entrevistas da



Arquivo UFO

TV Educativa e tendo uma hora de programa à disposição, de comum acordo com a apresentadora, ela puxou o assunto e eu tive a oportunidade de contar o caso baiano com todos os detalhes que consegui, traçando um paralelo com a história paulista. Conclamei ainda se por acaso os legistas de Itabuna ou seus assistentes estivessem assistindo o programa e pudessem observar se as fotografias da vítima de São Paulo (que mostramos na TV) tinham ou não todas as semelhanças possíveis.

Disse ainda mais: se soubessem de algum outro detalhe, que escrevessem para minha caixa postal. Infelizmente, nada chegou às minhas mãos e nem sei se alguém tentou fazê-lo. Em todo caso, vivemos sempre entre dois fogos cruzados: os aliens por um lado, fazendo das suas, e, por outro, os que se empenham com todos os recursos possíveis em prejudicar nosso trabalho, querendo se misturar à nossa gente, dando falsas informações, grampeando telefones e até silenciando nossas fontes mediante pressão ou ameaças. Será que estamos incomodando as estruturas tanto assim para que se tomem de grande trabalho para tentar nos impedir? Poderia dizer que isso – se não fosse tão patético – nos envaideceria.

Há também dois casos pouco divulgados, mas que merecem toda

atenção na área das mortes ou mutilações misteriosas. Um deles é o chamado Caso João Prestes, que aconteceu em fevereiro de 1946, um ano antes da chamada Era Moderna dos Discos Voadores. O fato ocorreu numa cidadezinha chamada Araçariçuama, no interior do Estado de São Paulo. Várias pessoas moradoras do lugar já vinham observando a presença de estranhas luzes noturnas no céu e nas proximidades do povoado, fato que estava preocupando-as. Um dia, João Prestes foi pescar em companhia de um amigo e ao sair pediu para sua esposa deixar a janela dos fundos sem tranca, porque se chegasse tarde, não precisaria incomodá-la.

Ao anoitecer, porém, voltou com alguns peixes para casa e após despedir-se do amigo chamou pela esposa. Como não obteve resposta, já que a mesma tinha saído, entrou pela janela dos fundos. Mal tinha pulado para o interior da casa e um faixo de luz intensa proveniente do céu, de uma coisa luminosa, o atingiu em cheio. Tonto, correu apavorado pedindo socorro à sua irmã, que morava nas proximidades. Três pessoas da família saíram para ajudá-lo, pois ele parecia estar em transe. Depois, horrorizados, viram a pele do rosto e dos braços de João Prestes começar a empolar e criar bolhas que, ao estourarem, abriam feridas enormes.

O mesmo aconteceu com a musculatura dos braços e do rosto, ante o qual, os familiares ficavam cada vez mais aterrorizados, embora João Prestes não demonstrasse sentir nenhuma espécie de dor, murmurando apenas sons guturais nessa altura dos acontecimentos. Os vizinhos, que também correram para lhe ajudar, ficavam cada vez mais chocados e não conseguiam fazer nada além de lhe oferecer água. A carne do rosto começou a escorrer como manteiga derretida, o nariz se desprendeu, os lábios ficaram pendentes, deixando à mostra a arcada dentária e os globos oculares se soltaram, caindo ao chão numa cena dantesca.

Prestes continuava vivo, não sentindo ou demonstrando sofrimento. Não emitiu um único gemido, enquanto os vizinhos colocavam seu corpo dilacerado envolto num cobertor e dentro de um carro para levá-lo ao hospital. Quando chegaram, estava morto. Segundo consta, o corpo foi exumado pelas autoridades em 1974, para realizarem algumas pesquisas posteriores, mas os resultados jamais foram revelados [*Fonte: Flying Saucer Review*]. Outro caso tenebroso aconteceu em novembro de 1957, e a vítima, cujo verdadeiro nome não conhecemos, foi James Allen. Também não temos notícias sobre a

localização dos fatos – o que pode invalidar o relato –, mas mesmo assim decidimos colocá-lo nesta obra, apenas pelo detalhe do seu desfecho.

A esposa da vítima teria declarado que após algumas interferências na tevê e posterior escurecimento da tela, o casal chegou junto da janela e viu um objeto arredondado, com cerca de 6 m de diâmetro, pairando sobre o quintal. James teria saído para ver do que se tratava e o objeto, repentinamente, se deslocou para cima dele, que ficou imóvel, talvez devido ao temor. Em determinado instante, correu para dentro da casa já se sentindo mal e com febre. Quarenta e oito horas depois, James morreu e, ao ser realizada a autópsia, teria-se constatado que seus órgãos internos estavam cozidos, como se tivessem sido colocados num forno de microondas.

O exame médico teria revelado ainda muita radiação. O detalhe do desfecho seria o efeito microondas, já detectado em vegetais atingidos numa área de pouso de UFO na cidade de Mucugê, na Chapada Diamantina (BA), praticamente carbonizados por dentro e aparentemente intactos por fora. Também observamos, em 1953, em outro caso acontecido na localidade de Dias D'Ávila (BA), quando uma árvore ficou carbonizada de dentro para fora. Mas temos também outro fato que sugere o mesmo tipo de atividade alienígena, mas desta vez, apesar dos ferimentos, a vítima sobreviveu. O agricultor Olívio Correia, com 56 anos, natural de Estância Velha, perto de Porto Alegre (RS), foi encontrado desacordado num terreno baldio, sem os olhos, em julho de 1995.

Segundo foi noticiado pela Imprensa, os olhos tinham sido extraídos cirurgicamente, aparentemente por especialistas. O presidente do Conselho Regional de Medicina, doutor Marco Aurélio Becker, afirmou numa coletiva à Imprensa que a técnica utilizada não era médica. Ela se caracterizava pelo corte dos músculos rente ao globo ocular. No caso do agricultor, ocorreu um corte profundo junto à parede da cavidade dos olhos, demonstrando que houve destreza na retirada por instrumento cortante, mas não se caracterizou o envolvimento de médicos oftalmologistas. Também não aconteceram ferimentos na pálpebra.

Um cirurgião do Instituto Médico Legal de Porto Alegre, o doutor João L. Corso, que examinou Olívio Correia, disse que não houve lesão corporal acidental e, sim, a extração dos olhos. A Imprensa ainda tentou encontrar várias explicações para o ocorrido, desde contrabando de órgãos até rituais

de magia negra. Mas nada ficou provado. O que devemos pensar? Para fechar o círculo neste capítulo, vamos citar um fenômeno que nos deixa em dúvida sobre se devemos considerá-lo como um ataque a humanos ou infelicidade provocada por uma aproximação muito grande – ou talvez irresponsável – por parte dos aliens. Eles poderiam não ter tomado as precauções lógicas para evitar qualquer perigo ocasionado por bactérias de uma ou outra parte, de imprevisível periculosidade em organismos que não dispõem dos anticorpos necessários – pelo menos é o que faríamos nós se contatássemos seres vivos em outros planetas.

Estou me referindo mais especificamente a sintomas adversos ou doenças que aparentemente são ocasionadas pelos UFOs nos seres humanos, e que estão sendo pesquisadas com todo cuidado. Segundo o doutor Luciano Stancka e Silva, diretor do Centro de Estudos e Terapias Holísticas (CETEH), de São Paulo, existem dados estatísticos confirmando que em 25% dos casos de contatos humanos com UFOs ou seres extraterrestres acontecem manifestações biológicas, entre as quais alterações de pressão, alucinações auditivas, desidratação, fraqueza muscular, queimaduras, calor, choque elétrico, etc. Se esses problemas são decorrentes de algum tipo de radiação emitida pelos UFOs, conforme a dosagem ou o tipo, isso poderia ter como resultado doenças graves a até letais, como leucemia.

Em outros, como o caso acontecido ao senhor Luis Barroso Fernandes, vítima de um raio de luz ou abdução por parte dos aliens, que no decorrer de 17 anos fizeram sua mente e organismo regredirem até a idade de 9 meses. O senhor Luis tinha mais de sessenta anos quando foi atingido. Recebeu tratamento do doutor Antônio Moreira Magalhães, que comentou: *“É inacreditável o que acontece e que foge ao conhecimento da Ciência. Eu, com vários anos de Medicina, jamais vi algo assim. Este cidadão, o Barroso, meu paciente, além de regredir mentalmente, está rejuvenescendo fisicamente, pois agora suas feições são de um jovem de 16 a 19 anos. É fantástico. A Medicina e a Ciência deveriam se interessar por ele.”* O doutor Magalhães disse isso pouco tempo antes de Luis Barroso falecer.

Fora estes acontecimentos mais dramáticos, encontramos que, em muitíssimas ocasiões ao longo da história, as testemunhas de casos importantes, contatados e até abduzidos, passam a sofrer das seqüelas da chamada síndrome do abduzido ou contatado, quando pode ser percebida

uma marcante mudança comportamental. Alguns desses protagonistas e casos dramáticos chegam até mesmo a cometer suicídio – o que seria uma forma de morte provocada por UFOs. Mas será que foram conseqüências diretas de agressão ou se tornaram vítimas de uma imprevidência – para não dizer inconseqüência – por parte dos ufonautas?

## Fatos dignos de nota

Na década de 70 também houve muitas mortes de animais na Argentina, com idênticas características às acontecidas no Brasil, acima citadas. Nos últimos meses de 1971 e início de 1972, aconteceram diversos casos em localidades próximas à Cordilheira dos Andes, no nordeste do país vizinho. Um dos mais relevantes ocorreu em San Rafael, província de Mendoza. Durante o mês de novembro, morreram misteriosamente dezenas de animais, especialmente aves e coelhos que, segundo testemunhas, apresentavam marcas no pescoço muito sugestivas – iguais às dos animais encontrados aqui no Brasil.

Os acontecimentos chegaram a tal ponto que o governo tomou a iniciativa de realizar uma investigação. As vítimas apresentavam lesões traumáticas em diferentes partes do corpo, localizadas a maioria na zona craniana, pescoço e costelas, embora não pudessem especificar que tipo de animal pudesse ter praticado os crimes. As explicações imprecisas não convenceram a população, que ficou apreensiva, principalmente porque desconfiaram de algo mais sério. Seu temor se justificava, pois “...o governo não teria chamado o Exército para investigar apenas mortes de animais domésticos se não houvesse algo sinistro por trás de tudo isso”, disse uma moradora.

Em maio de 1972, os vizinhos das localidades de El Remanso e Polígono, povoados de Loreto, em Santiago del Estero, ao norte da Argentina, começaram a ficar alarmados ante a repentina e assustadora mortandade de ovelhas e galinhas que diariamente eram encontradas esquartejadas, com as cabeças separadas dos corpos. A hipótese de se tratar de um jaguar (espécie de onça que vive nessa região) ou de outro animal estranho, ficara descartada porque nunca foi possível encontrar uma pegada sequer do bicho, apesar de existirem na região muitos homens acostumados à tarefa de descobrir marcas de passos mesmo no solo pedregoso e árido da região.

Agora vamos falar um pouco dos cogumelos gigantes. Muito embora a gastronomia não faça parte deste estudo, decidimos colocar algumas informações sobre os cogumelos, já que em certas regiões se tornaram uma constante nos campos onde também aconteceram mortes ou desaparecimento de animais, e principalmente em locais de pouso dessas naves. No dia 3 de novembro de 1976, o encarregado de um estabelecimento produtor de leite da localidade de Centeno, província de Santa Fé, na Argentina, senhor Carlos Spini e um peão, viram a 600 m de distância, um objeto que pousou durante alguns minutos e decolou a seguir velozmente. A nave deixou uma marca oval no terreno, de 4 x 6 m. Ali os dois moradores encontraram cogumelos de variedade e tipo desconhecidos pelos habitantes da região, que pesavam entre 4 e 5 kg cada. Nesse local também observaram um grande formigueiro com formigas vermelhas, do tipo comum, que teriam sofrido incríveis mutações, crescendo-lhes asas e atingindo um tamanho totalmente desproporcional, se comparadas com outras do mesmo campo.

Em 15 de outubro desse mesmo ano, em Correa, outra pequena localidade da província de Santa Fé, Humberto, Rafael e Antônio descobriram muitos círculos de diferentes diâmetros, oscilando entre 5 e 12 m. Nas bordas dos círculos, de aproximadamente 50 cm de largura, os três irmãos acharam, além de pastos com sinais de terem sido queimados, uma grande quantidade de cogumelos gigantes, alguns superando 40 cm de diâmetro e 25 cm de altura, sem caule, com o chapéu colado às raízes. Dentro dos citados círculos foram observadas fendas dispostas de forma ordenada, produzidas pelo apoio de algum objeto, e a grama que crescia nesse local era mais robusta e sua cor bem mais escura. Além disso, foi comprovado que a uma profundidade de 4 a 6 cm existia um processo de calcificação, como se no local tivesse estado um objeto incandescente.

Os formigueiros próximos estavam vazios, dando a impressão de terem sido evacuados. Alguns anos antes, em 8 de novembro de 1968, o piloto civil Carlos Alberto Martínez viu de seu avião, quando se preparava para pousar no aeroclube de Necochea, ao sul de Buenos Aires, sobre a grama que ladeia a pista, um enorme círculo de cor esbranquiçada. Uma vez em terra, foi verificar e sua surpresa foi enorme ao comprovar que o mesmo estava cheio de cogumelos gigantes. Horas depois, acompanhado por autoridades civis e militares, comprovaram que o círculo tinha um

diâmetro de 6 x 6 m. Alguns dos cogumelos – num total de 8 – alcançavam 81 cm de diâmetro por 22 cm de altura. Os restantes, também de tamanho excessivo, apareceram no local como em etapa de crescimento. No dia seguinte, os senhores M. Fountrier e Hugo Bustamente descobriram numa praia próxima um cogumelo gigante, entre outros 9, de 68 cm de diâmetro e 3 cm de altura. Em outras oportunidades em que apareceram mais cogumelos desse tipo, também foram vistas luzes estranhas durante a noite sobrevoando esses locais.

Essa grande onda de aparição de enormes cogumelos se processou durante 4 anos numa área bastante reduzida, abrangendo a província de Santa Fé e a de Buenos Aires, sendo o único caso atípico na província de Jujuí, no extremo norte da Argentina, sobre uma grande área de pastoreio de uns 2.000 hectares. Enumerar todos os fatos similares seria longo demais para esta pequena resenha. Mesmo assim, vale lembrar que no Brasil acontecem coisas semelhantes. Num caso de pouso numa fazenda do município de Amargosa, 231 km de Salvador, encontramos um círculo escuro na grama, em frente à sede, com 6,12 m de diâmetro e o anel em seu redor com 30 cm de espessura.

Dentro dele, um cogumelo com 12 cm de diâmetro totalmente queimado, se esfarelado, e outro do lado de fora, totalmente na cor branca. Uma senhora que pisou descalça dentro da circunferência, sentiu formigamento e dormência na perna, seguida de ânsia de vômito, e outra pessoa que tocou na terra, chegou a sentir que seu antebraço estava queimando, além de um leve prurido, que depois desapareceu. Quando fomos investigar, uns 15 dias depois, tocando com o dorso da mão na terra e na grama, ainda dava para sentir alguma leve diferença de temperatura dentro e fora do círculo. Esclarecemos que encostamos na mesma depois de verificar que nem a bússola, nem o magnetômetro acusavam nenhuma anomalia mais significativa.



## Capítulo 13

# Ossos do Ofício

*“A esperteza serve para tudo e não é suficiente para nada.”*

– Henri-Frederic Amiel,  
filósofo suíço

**A**nos atrás, num passado que aparentemente foi superado, as Forças Armadas e os serviços de Inteligência eram temidos, e com razão. Até os ufólogos eram investigados em nome da revolução. No ano de 1964, em São Paulo, fui até uma livraria onde seria feito o lançamento de um livro, pois queria conhecer o ‘meu’ primeiro ufólogo brasileiro, Sábado Dinotos. Passei momentos de tensão ao perceber que estava sendo observado sem muita discrição por dois indivíduos. Ao sair da livraria, os sujeitos continuaram a me seguir, razão pela qual me apressei em dirigir-me para o escritório, no jornal *Folha de São Paulo*, ainda sem compreender muito bem o que estava acontecendo. Mas as atitudes desses dois trogloditas não deixavam lugar a dúvidas. Não sei como, consegui escapulir entrando numa galeria de serviços na Avenida São João. Cheguei ao jornal tão assustado que todos perceberam e tentaram me tranquilizar.

Minha calma foi para o espaço quando, no dia seguinte, soube que Sábado Dinotos tinha sido preso por integrantes da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) por ter sido acusado de ser subversivo e terrorista... Quando fundamos o G-PAZ, em 1970, já na Bahia, sempre apareciam nas reuniões públicas sujeitos bem arrumados e de cabelo escovinha que faziam muitas perguntas sobre o nosso trabalho e se praticávamos algum tipo de

política. Ao editarmos o primeiro boletim informativo mimeografado, devido à situação política do país e por ser eu um estrangeiro, pedi ao vice-presidente do grupo, meu amigo José Andrade Sobrinho, alto funcionário do Citibank (já falecido), que me acompanhasse até os escritórios do Serviço Nacional de Informações (SNI) para entregar um exemplar e conversar com os militares. Com isso, queria demonstrar a eles que nada fazíamos de errado e nem havia motivos para ocultar qualquer coisa.

A surpresa foi enorme quando, após alguns minutos, um funcionário puxou da gaveta um exemplar do nosso boletim que acabáramos de retirar num pacote fechado da gráfica! Depois as coisas serenaram aos poucos e, fora o programa de tevê que tínhamos e que tiraram do ar, nada mais aconteceu. Fui convidado a ministrar palestra para um grupo de elite da Secretaria de Segurança, e mais tarde trouxemos o saudoso general Alfredo Moacyr Uchôa para também participar de uma exposição sobre Úfologia.

Depois disso, só quando aconteceu o caso de Feira de Santana (BA) e, um ano depois, o de Varginha (MG) – época em que comecei a trocar muitos telefonemas com colegas do sul, além dos companheiros do G-PAZ –, é que meus telefones começaram a fazer uns ‘cliques’ diferentes. E não eram poucas as vezes, pois isso acontece até os dias de hoje. De repente, começaram a sumir correspondências da minha caixa postal ou elas chegavam com até mais de dois meses de atraso – com evidentes sinais de terem sido abertas. Algumas cartas eram encontradas simplesmente fechadas com durex pelos Correios. Em certa oportunidade, quando fui me queixar na central dos Correios, o encarregado de distribuição das correspondências das caixas postais, sem que eu dissesse nada sobre minhas atividades, ao ser questionado pela falta de cartas, respondeu: “*Aqui não fazemos nenhum tipo de censura.*” Ora, fiquei 40 dias sem receber absolutamente nada...

Por último, no ano passado, fui em duas oportunidades seguido por dois sujeitos disfarçados de agentes secretos quando fazia compras num shopping center. Na última vez, pelo menos que eu saiba, um homem me seguiu de carro de forma bem mais ostensiva e quase perigosa, já que me colocou em situações de risco no trânsito enquanto tentava me desvencilhar dele. Fez isso, evidentemente, no intuito de me mostrar que estavam ali e que não adiantava querer tentar ser esperto. Posteriormente comprovei, acionando conhecidos no Detran, que o veículo utilizava placa fria. Uma futura campanha realizada em

frente à casa do dono da verdadeira placa confirmou as informações: o carro que me seguiu era um Fiat Uno verde petróleo, e o verdadeiro era da mesma marca e modelo, porém da cor azul.

Fora isso, cheguei a ser ameaçado explicitamente por alguém que identificou-se como sendo capitão da PM, quando andei fazendo algumas perguntas sobre a morte do rapaz, no interior da Bahia, que foi encontrado com ferimentos iguais aos do Caso Guarapiranga [Veja capítulo *Mortes e Mutilações*]. O indivíduo disse-me ao telefone: *“A morte desse marginalzinho é de autoria desconhecida, e assim, qualquer um pode ser enquadrado como suspeito.”* Denunciei esse caso num programa de televisão, no qual fiz questão de mostrar as fotografias do referido Caso Guarapiranga, alertando ainda aos legistas que se vissem ferimentos semelhantes, que entrassem em contato comigo. Citei estes episódios apenas para dar uma idéia do que, às vezes, acontece com a gente. Evidentemente, outros companheiros passaram por situações bem piores, mas como não tenho autorização deles para falar no assunto...

De certa forma, podemos nos sentir felizes, já que em outros países as coisas são bem mais difíceis. Algo fica evidente: os serviços de inteligência brasileiros – aparentemente – seguem a orientação ditada pelos Estados Unidos no sentido de evitar que as notícias ufológicas, dentro do possível, circulem abertamente ou saiam de controle. Isso vale não apenas para os pesquisadores da área ufológica, mas também (ou principalmente) para as testemunhas. Outra tática é negar espaço na mídia para esse tipo de notícia ou tratá-las com desprezo e burla. Aí sim, podem e devem circular informações para debochar das testemunhas e desestimular esse tipo de denúncia, além de tentar, como já fizeram, armar uma situação para desmoralizar ufólogos, jornalistas e testemunhas. Estas últimas, por exemplo, encontram-se fragilizadas e traumatizadas pelo fato que as abalou e são uma presa bem mais fácil para essa gente quando procuram calá-las ou fazê-las mudar a história – se já disseram alguma coisa –, acenando com retaliações nos seus empregos e na vida de seus familiares.

Os serviços de inteligência também voltaram a tentar infiltrar sua gente nos grupos de pesquisas, e com isso cooptar integrantes dos mesmos para desvirtuar informações ou sonegá-las. E ainda pressionam pessoal técnico que eventualmente poderia ajudar nas pesquisas, insinuando a desmoraliza-

ção profissional e até a possibilidade de desemprego quando são funcionários de faculdades ou universidades, afastando essas pessoas de nós. Por isso, embora correndo o risco de às vezes sermos injustos ou desconfiados demais, devemos ir com cuidados extremos e não confiar cegamente em quem não é de absoluta e irrestrita confiança, sob o risco de pôr uma investigação a perder – apenas porque alguém demonstrou-se interessado em ajudar.

Outro cuidado que se deve tomar, é quando se faz uma investigação e deixa-se a responsabilidade das fotografias, filmagem e gravação com apenas uma pessoa. Tenham sempre, pelo menos, dois companheiros fazendo o mesmo serviço. E ainda que tomemos estas providências, às vezes um gravador pode falhar, um filme se velar, uma filmadora de vídeo pode ficar sem bateria... Em outros casos, alguém mais disposto se oferece para contatar uma testemunha importante e pode acontecer que, de repente, a mesma pessoa fique assustada e não queira mais falar sobre o assunto, alegando que era tudo falso. Se somos pegos desprevenidos, podemos até acreditar, a depender da fé e confiança que o outro conseguiu angariar conosco ou com o grupo.

Uma coisa importantíssima para os ufólogos – e estou colocando isso para os que estão se iniciando – é poder e saber fazer um bom trabalho de relações públicas ou *lobby*, como dizem os empresários, para podermos conseguir fontes discretas e contatos que podem ser importantes na pesquisa. Essas fontes na polícia, nas Forças Armadas, em empresas, universidades e entre jornalistas, etc, devem ser altamente confiáveis. É necessário que sejam pessoas com as quais possamos fazer um tipo de amizade com um misto de cumplicidade. Gente que comunguem nossas idéias e que, quando chegado o momento, traga sozinha a informação que precisamos sem que necessitemos pedir-lhe. Agora, sobre todas as coisas, mesmo que alguns dados não possam ser divulgados para não comprometer a fonte, devemos preservá-la até entre nossos companheiros, omitindo sua identidade –, que pode sentir-se constrangida se mais pessoas souberem que tem tais informações.

Não podemos trair sua confiança pois, na pior das hipóteses, podemos colocá-la em situação de perigo. E na melhor, perdermos nossa fonte de informação e amizade. Digno de lembrar sobre isso é o que aconteceu com os militares de alta patente que aceitaram dar seus depoimentos sobre o

Caso Varginha, em áudio e vídeo. Para preservá-los – e quem sabe salvar suas vidas –, por enquanto essas declarações devem permanecer ocultas, porque são informações que se forem reveladas, mesmo sem citar nomes, facilitarão às Forças Armadas descobrirem a identidade de quem vazou, com conseqüências graves para eles.

Está claro de que estamos travando uma luta desigual. A parafernália tecnológica dos militares – microfones dirigidos, grampos telefônicos, detectores, escuta, interceptação de comunicações via satélite, etc – são uma pálida amostra do poder de fogo que eles possuem. Além de serem treinados para esse tipo de trabalho, perante o qual, temos que reconhecer, não poderíamos combater de igual para igual. Mas em todo caso, vale lembrar como analogia uma história contada pelo veterano pesquisador Húlvio Brandt Aleixo, de Belo Horizonte (MG). Em certa ocasião, em que tinha aumentado a incidência ufológica com casos de perseguição e tentativa de seqüestro de agricultores da região do Rio das Velhas, próximo a Belo Horizonte, um peão contou, enquanto estava sendo medicado de profundos cortes com arame farpado no peito e um colega apresentava uma perna fraturada, que as luzes apareciam ao entardecer, parecendo uma estrela no alto do morro.

*“Nós estávamos assustados porque em duas oportunidades tentaram segurar nossos companheiros com uma espécie de garras de onde saíam luzes. Um deles se salvou por estar com a camisa aberta, pois as garras pegaram em sua roupa e ele conseguiu se soltar. Nós tínhamos observado que as luzes diminuía como se estivessem indo embora, apagando-se. Quando pensávamos estar a salvo, os UFOs de repente acendiam o facho em cima de nós e queriam nos pegar. Então descobrimos que quando as luzes se apagavam, demorava uns três segundos até chegar sobre nós. Aí a gente contava até três e corria para os lados. Quando o ‘bicho’ tentava pegar, não tinha ninguém, daí o motivo de muitos terem se ferido nas cercas ou caído em poços.”*

A lição que podemos tirar deles é a seguinte: reparem que agricultores ignorantes e talvez até analfabetos, na maioria das vezes, conseguiam driblar entidades e equipamentos de uma civilização superior, pelo menos tecnologicamente. Tudo isso narrado no clássico estilo matuto, que presta maior credibilidade, já que não fantasiavam o assunto nem tinham a menor idéia do que era aquilo. Por isso, às vezes penso que em

algumas ocasiões, quando estamos de sobreaviso, também podemos driblar nossos amigos curiosos agindo mais ou menos como matutos. Mas jamais devemos pensar em entrar em confronto direto, pois os resultados seriam desastrosos – para nós, evidentemente. Só podemos ir adiante com todo o cuidado e nunca menosprezar nossos inimigos. É preferível se fingir de bobo do que querer bancar o espertinho, porque na hora em que eles decidirem jogar duro não teremos a mínima chance. Esperamos, ou pelo menos desejamos firmemente, que esse dia não chegue nunca, pois ainda tenho muito apreço por minha pele, embora na minha idade o que vier daqui para frente é lucro.

A atitude mais coerente seria sempre procurar as vias diplomáticas e jamais enfrentá-los abertamente, pois poderíamos ser confundidos com marginais, com conseqüências fáceis de se prever. Evitar lugares suspeitos, a menos que tenhamos testemunhas ilibadas e as situações de uma investigação nos levem a isso, e nunca deixar cartas, arquivos e anotações em qualquer lugar. Se temos alguma coisa importante que possa ser dividida (negativos, fotografias ou fitas de gravação) devemos distribuir cópias em diversos lugares, sendo cuidadas por várias pessoas.

A esse respeito lembro de um filme contendo 40 slides da Lua pertencentes aos arquivos da NASA, que o major Hans Petersen, da Força Aérea da Dinamarca, me remeteu há mais de 20 anos. Isso não era apenas uma cortesia do major, mas um de seus seguros de vida, já que ele deve ter feito a mesma coisa com muitos outros ufólogos. Por que? Ora, se estivesse apenas em seu poder, poderia sofrer um assalto e até ser morto por bandidos. Além disso, o filme desapareceria, voltando às mãos ou arquivos de onde saiu. Entretanto, se houvesse um grande número de cópias espalhadas pelo mundo todo, não poderiam sair matando a torto e a direito para conseguir todas os exemplares que, ao que parece, também se foram reproduzindo... Dessa forma, ele – que já teve seu escritório e sua casa assaltados diversas vezes – poderia ficar um pouco mais tranqüilo, pelo menos no que diz respeito às fotografias, que não se perderiam como tantas outras em todo o mundo, em todos esses anos.

Por tudo isso aqui exposto, faz-se necessário e urgente que nossas atuais fontes – além daquelas que, antes que possamos imaginar, venham engrossar fileiras na Ufologia – se esforcem ao máximo, tanto no Brasil como no resto do

mundo, para nos fornecer informações que, pelo que vemos, tornaram-se vitais para sobrevivência da Humanidade.

Os órgãos de segurança e os militares em geral, acostumados com um país como este – apesar dos problemas que todos conhecemos e que fazem parte do nosso cotidiano –, se encontram desorientados e confusos ante uma situação totalmente nova, que extrapola tudo o que já vivenciaram e lhes foi ensinado. E não é para menos e podemos compreendê-los. Agora, por sorte, vem surgindo uma nova consciência que pode mudar as coisas, e a prova disso está naqueles que, livremente, já procuraram nossos companheiros e prestaram depoimentos importantíssimos. E sei que muitos outros também o farão em nome da brasilidade que pauta suas vidas e a de todos nós.

## **Perfil de um espião**

Provavelmente, o espião chegará até você através de amigos ou se aproximará em algum evento ufológico, puxando conversa de curioso ou interessado no assunto. Visará, obviamente, sentir até que ponto você sabe e conhece sobre UFOs, e se pode ser um candidato em potencial a ser observado. Na maior parte das vezes, essa conversa é apenas para exaltar o seu ego. Já que se aproximou, isso indica que sabe bastante a seu respeito. Se você participa ou dirige algum grupo, ele vai pedir – com muito jeito – para frequentar suas reuniões, de onde poderá colher mais subsídios. Com certeza, quando chega até você, já pesquisou a fundo sua vida profissional ou privada. Assim, muitíssimo cuidado em não se abrir com qualquer um.

Se você já tem algum renome na área das pesquisas, dissimuladamente, ele vai puxar assuntos demonstrando um pequeno conhecimento ufológico, e demonstrará bastante cultura para usar como isca e tentar que seja você que o convide para participar. Então, quando você o convidar, vai alegar muitos afazeres e, polidamente, declinará o convite, porém deixando a promessa de que assim que folgar irá procurá-lo – é o velho jogo da sedução... Se consegue entrar para o grupo, vai demonstrar alto sentido de colaboração desinteressada, ganhando a simpatia de todos, e os laços de amizade ficarão maiores. Aos poucos, possivelmente, você mesmo acabará convidando-o para visitar sua casa e bater longos papos sobre o assunto, ganhando de vez sua confiança. Para isso, talvez lhe faça confidências e deixe escapar que tem um conhecido

que pode saber de coisas interessantes. Se você é do tipo que faz anotações no rodapé de seus livros, ele pode descobrir, nas dicas que ali esconde, o famoso 'pulo do gato': pensamentos que você não faria abertamente para ninguém. Não se espante, porque ele é uma pessoa treinada para descobrir pequenos indícios que levam ao todo.

Se por acaso cair em suas mãos um caso daqueles, cuidado! Não seria de se estranhar que depois de você se abrir ou comentar algo com ele, ao chegar no local da pesquisa se deparasse com pessoas que não estão mais dispostas a falar ou que neguem, sumariamente, os acontecimentos, alegando um engano. E se houver provas ou materiais que você possa obter para analisar, revelar fotografias ou necessitar de um exame específico, com certeza vai ter a pessoa certa para isso, que não vai lhe cobrar nada. Pode apostar que as provas vão se diluir, as fotografias, 'por erro seu', vão sair veladas e as análises vão ser absolutamente banais, não aparecendo nada do que você esperava.

Em 1973, um professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Bahia (UFBA) recebeu em mãos 1,5 kg de pedras recolhidas de um local onde aterrissara um UFO. Naquela época, não se utilizava a palavra UFO, muito em uso na atualidade. Antes se dizia *Oani* ou *Ovni*, mas num cantinho da página onde fazia anotações ele escreveu UFO e sublinhou: eu estava lá e vi. Pelo telefone, dias depois, falou numa porção de indícios realmente interessantes, mas quando pedimos um laudo por escrito, o professor solicitou mais uns dias para nos entregar o documento. Na data marcada, retornamos ao seu gabinete e ele nos recebeu friamente. Quem éramos nós? O que queríamos com ele? Mantendo a educação a duras penas, respondemos que vínhamos para pegar o laudo prometido, e ele simplesmente disse que não sabia de nada, que nunca tinha nos visto antes e que não se interessava por esse tipo de coisa! Atrás de sua mesa estava a caixa de papelão com nossas amostras, e quando ponderamos, ele afirmou, quase que grosseiramente, que aquilo pertencia a um colega seu.

Para compreender melhor este contexto, devemos acrescentar que este senhor – segundo fontes fidedignas de quem o conhece e, sobretudo, a sua falta de caráter – teve um relacionamento muito íntimo com as forças da repressão durante os negros anos da ditadura. Não sinto nada por ele, já que seria muito pequeno de minha parte. O que me incomoda realmente é ter caído nesta armadilha, passando recibo de principiante. Em todo caso,

vamos fazer valer o lado positivo de tudo isso, aprendendo a lição... Quis colocar esse mau exemplo, embora existam vários, para alertar os que se iniciam na luta. Repito, como fiz antes, que todo cuidado é pouco. Evidentemente, não vamos entrar na paranóia e duvidar de todos que se aproximam de nós. Mas um velho ditado diz que “*seguro morreu de velho e o desconfiado ainda está vivo...*”

## **Observações**

Após a extinção do famigerado Serviço Nacional de Informações (SNI), um novo órgão responsável pela ‘arapongagem’ foi criado em seu lugar. A Subsecretaria de Inteligência (SSI) começa sua trajetória com bastante modéstia, se comparada à sua antecessora, que tinha 4.000 funcionários e 15.000 informantes. A SSI tem uma verba inicial de R\$ 24 milhões, 900 agentes efetivos espalhados pelo país, além de um número não revelado de colaboradores – os tais informantes. Para estes últimos, os pagamentos saem da chamada ‘verba secreta’, para a qual não são exigidas comprovações de despesas. A área possui, além de 16 hectares, dezenas de prédios que pertenceram ao SNI e onde funcionam hoje o Centro de Operações, o Centro de Pesquisas, uma escola para cursos especiais ministrados aos agentes, um estande de tiro, a diretoria da entidade e o Centro de Inteligência. Seu atual diretor é o general Alberto Cardoso, chefe do gabinete militar da presidência [Fonte: *Revista Isto É*, 18 de fevereiro de 1998].



## Capítulo 14

# Após o Contato

*“O pessimista se queixa do vento. O otimista espera que ele mude. O realista ajusta as velas.”*

– William George Ward,  
teólogo inglês

**C**aso ocorra o tão esperado contato oficial, o que será que poderia acontecer? Esta situação, hipotética ou não, resulta muito mais complexa do que podemos ou poderíamos imaginar ou desejar. São muitas implicações variáveis que podem ser analisadas, e é provável que muitos poucos tenham meditado sobre isto. Aliás, é muito mais cômodo imaginar que todos os problemas do mundo seriam resolvidos num estalar de dedos, as doenças erradicadas, todo mundo feliz, etc, não é verdade?

Hoje, os ufólogos são um pouco como os *maquis*, aqueles soldados ou civis franceses, heróis da resistência contra os alemães na 2ª Guerra Mundial. Também são um pouco soldados do inconformismo ante as situações criadas – mas por nós, pelos ETs ou pelos governos? A resposta mais fácil seria a última alternativa. Tudo bem, os governos de qualquer país, e principalmente dos EUA, pelos mais variados motivos e situações se empenharam em fazer sigilo, transformando-o na sua razão maior. E para manter a política de acobertamento vale tudo. Até o silêncio definitivo daqueles que os importunam e com suas bisbilhotices se aproximam demasiadamente da zona proibida, onde a verdade estava escondida. E o maior pecado é não apenas saber, mas falar e sermos ouvidos. Isso é uma séria ameaça para o sistema.

Sabemos, como já foi dito, que não foram poucos os que tomaram nessa guerra através de acidentes suspeitos, suicídios mal explicados ou doenças que inexplicavelmente cobravam suas vítimas com infartes, derrames ou cânceres fulminantes. Assim, foram sendo levantadas vozes – primeiro murmurantes –, que depois, paulatinamente, se tornaram altissonantes, atemorizando os modernos inquisidores – arautos do silêncio e das trevas. O pior de tudo é que começaram a emergir depoimentos e denúncias de ex-militares ou integrantes das forças de segurança, e até de alguns cientistas com a descoberta de acordos e tratados desse governo com uma nação ET, evidenciando monstruosidades e descobrindo os altíssimos custos pagos pela Humanidade por causa desses conluíus. Os órgãos de segurança recomençoaram sua macabra missão, perseguindo e até silenciando os subversivos que ousaram desafiar-los.

Isso é ou poderia ser história antiga. Os rebeldes visionários, de repente, podem ver chegar o dia em que os acontecimentos demonstrem quem estava certo ou errado. Então, vamos supor, que o maior evento da história da Humanidade finalmente aconteça. Aí temos a grande incógnita. Esses rebeldes serão então reconhecidos como heróis, os autênticos defensores da verdade, que enfrentando todos os perigos foram em frente nas suas pesquisas? Ou pelo contrário, a depender de qual nação ET se aproxime, seremos acusados de traidores, de colaboracionistas ou apenas tachados de reacionários nocivos aos interesses do planeta Terra? E então?

A história da Humanidade está cheia desses exemplos esdrúxulos. E se os que nos contatarem forem os greys e a civilização subjugada? De que seremos acusados? Se tiverem tempo de alguma coisa, qual seria a reação? Isso falando dos pesquisadores e dos ufólogos que sempre batalharam pela verdade – seja ela qual for –, sem fanatismos ou sectarismos. Mas o que poderia acontecer aos abduzidos e contatados e suas histórias? No caso especial dos contatados, que afirmam receber seres messiânicos ou angelicais, transmitindo suas palavras de amor pela Humanidade, se os que chegassem fossem esses seres de luz, então eles seriam enaltecidos e talvez promovidos a sacerdotes de uma nova religião, quem sabe. Mas se fossem os reptilianos ou greys, como ficariam? Poderiam talvez ser apedrejados ou coisa pior...

Realmente, esta é uma situação que não gostaria de ter que enfrentar. Tudo pode acontecer, de bom ou de ruim, mas não creio que seja fácil nem

para os contatados, abduzidos ou ufólogos. Em todo caso, a Inquisição – que já matou e torturou centenas ou milhares de pessoas em nome do amor e da religião – poderá ser ressuscitada. Ou, quem sabe, será criada uma nova inquisição, desta vez com maiores requintes de crueldade, e se tomará providências contra os hereges que duvidaram do poder dos ETs ou militares? Tanto uns como outros podem acabar tendo o mesmo trágico fim. Na realidade, falando apenas como ufólogo, tenho a impressão de que no dia do contato definitivo vamos sentir como se a Terra tivesse se aberto embaixo dos nossos pés. A experiência vivida por nossos silvícolas é mais do que forte e difícil de esquecer. Caso contrário, se é como alguns dizem, o contato já aconteceu em diversos níveis. Então, simplificadamente falando, vamos optar por deixar tudo como está para ver como é que fica...



## Capítulo 15

# A Mais Incômoda das Verdades

*“Os UFOs vêm de uma civilização que deixou a Terra há 20.000 anos e agora volta às origens para ver como estamos.”*

**– Albert Einstein**

**E**m muitos depoimentos de testemunhas, não importa se em estado normal, de vigília ou sob efeito de regressão hipnótica, encontramos alguns detalhes que ferem gravemente os conceitos da nossa ciência ortodoxa. Como exemplo podemos citar os alienígenas que atravessam paredes, telhados, vidraças e raptam suas vítimas, levando-as da mesma forma, mas em corpo astral. *“Só senti uma vibração estranha em todo o corpo”,* descreve uma das testemunhas referindo-se à hora de atravessar uma parede. *“A bola de luz se deslocou lentamente após traspasar a porta e se transformou em um alienígena... Quando saí com o ET, ainda pude ver meu corpo repousando naturalmente na cama junto ao meu marido, que dormia profundamente.”* Seqüência de depoimentos em que os abduzidos se vêem flutuando no ar e um instante depois estão dentro de uma nave alienígena ou de volta aos seus quartos. *“Após percorrer o corredor, cheio de uma luz vermelha, me senti flutuar e em seguida estava dentro de casa. Não sei como isso foi feito. Os três indivíduos passaram pela porta do quarto, sem abri-la”,* conta a senhora Becker. Luzes que transformam um corpo sólido em transpa-

rente. *“Quando olhei para o meu carro, ele estava totalmente como sendo de vidro. Podia-se ver o interior do motor, do porta-malas e da minha pasta de documentos,”* afirma Onilson Pátero.

Além disso, o tempo e o espaço parecem não corresponder aos nossos parâmetros. O cabo do Exército chileno Armando Valdéz, após desaparecer ante os olhos de sete soldados que o acompanhavam, reapareceu quinze minutos depois. Seu relógio marcava cinco dias adiante, e seu rosto, que tinha sido escanhoado horas antes do episódio, se apresentava com a barba crescida como se de fato tivesse sido decorrido este tempo. Os soldados, em seus depoimentos ante as autoridades, declararam que quando duas luzes estranhas apareceram, o cabo adiantou-se para investigar o fenômeno e, de repente, a luz o envolveu dando sumiço nele. Outras pessoas desapareceram em média por duas horas, que é o tempo que normalmente as lembranças somem de suas memórias. Mas as experiências vivenciadas com os alienígenas demonstram que as vítimas estavam ou estiveram com eles por muito mais tempo, se aceitarmos seus depoimentos.

Durante o processo de abdução, notamos em primeiro lugar, a partir do raptó, a subida ou deslocamento até a nave, a introdução na mesma e a passagem por alguns compartimentos. Tais fatos ocorrem como se dessa forma os aliens tentassem descontraír a pessoa. Alguns dos ambientes parecem vazios e outros cheios de aliens em atividades desconhecidas. Lá, eles demoram mais tempo, como se quisessem mostrar suas instalações aos visitantes. É possível notar – segundo os relatos dos abduzidos – que os mostradores são parecidos com nossos computadores e há estantes com recipientes que aparentam conter fetos. Além disso, a retirada das roupas das vítimas ocorre algumas vezes depois de discussões (entre eles) sobre terem ou não o direito de fazer aquilo.

Em seguida, os seres introduzem nos abduzidos aparelhos de sondagem em seus orifícios corpóreos e realizam exames apurados. Nesta fase é que aparece, como que do nada, um ser superior hierárquico que às vezes tem a aparência mais velha que os outros – em alguns casos, pode surgir uma fêmea. Porém, ambos identificados como sendo comandantes ou controladores da nave. As testemunhas contam que estes seres superiores possuem olhares penetrantes que miram direta e profundamente suas vítimas (que não conseguem evitá-lo), como se estivessem lhes ‘arrancando’ seus pensamentos e dando a impressão de que nada pode ser escondido deles.

Depois disso, a vítima é levada até onde ficaram suas roupas e passa novamente por alguns dos compartimentos já visitados anteriormente. Em seguida, é transportada para a saída da nave e volta para casa onde se encontrava antes da abdução. Parece-nos que isso deva levar bem mais que duas horas, a não ser que aconteça algo semelhante a uma distorção espaço-temporal provocada ou acontecida naturalmente por causa dos seus métodos de propulsão, ou ainda pelo fato de estar ocorrendo em outra dimensão. Além disso, vemos que os alienígenas podem manipular a matéria – coisa que pode parecer absurda para os nossos conhecimentos atuais das leis físicas –, diminuindo ou aumentando o tamanho de uma nave e de seus tripulantes ao bel prazer... “*Isso não existe!*”, se indignarão os mais afoitos.

Quanto a atravessar a matéria, pelo menos teoricamente, isso poderia ser compreendido. Se os átomos se movimentam soltos num determinado meio de coesão, outros poderiam interpenetrá-los, como água ou gás dentro de um recipiente cheio de grãos de areia. Nesse caso, os átomos dos corpos, vibrando numa determinada seqüência, poderiam atravessar os espaços vazios entre aqueles que aglutinam a matéria de um muro, sem perigo de esbarrar... Mas e a redução de massa? Isso poderia interagir com o tempo e com o espaço, curvando-os ora num sentido para frente e ora para trás, ocasionando assim aberrações parabólicas espaço-temporais. Os cientistas terrestres se preocupam, muito seriamente, em pensar e pesquisar com todo afincamento se é possível viajar no tempo através do espaço. Embora nenhum cientista admita, nem ao público e muito menos à Imprensa, que esse assunto é verdadeiramente fascinante.

Desde o final da década de 80, o físico Kip Thorne, do Instituto de Tecnologia da Califórnia, trouxe à tona o wormhole, que significa ‘buraco de minhoca.’ Segundo essa teoria, o buraco de minhoca nada mais é do que uma espécie de túnel que pode existir no Universo, cumprindo a função de um atalho cósmico e ligando locais muito distantes entre si – considerando-se a distância conforme a curvatura do espaço, tal como a conhecemos. Dessa forma, o *wormhole* uniria estes pontos através de uma suposta linha reta ou túnel, pelo qual o viajante poderia chegar praticamente no mesmo instante a lugares que ficam anos-luz de distância pelo percurso normal. Assim, encurtaríamos não apenas o espaço, mas o tempo. Os cálculos realizados sobre estes projetos envolvem a curvatura do tempo, a teoria da

relatividade e cálculos de bilhões de contas que só o emprego de supercomputadores podem torná-los viáveis. E para não deixar dúvidas, testando e comprovando os mesmos exaustivamente.

A possibilidade de viagem no tempo é real e está sendo estudada com extremo cuidado, já que os atuais conhecimentos da Física podem não ser suficientes para resolver todas as dúvidas que ainda existem a esse respeito. As teorias de Kip Thorne e seus colaboradores, Michael Morris e Ulvi Yutsever, envolvem também a espuma quântica, o espaço flexível e a gravidade negativa, que embora teóricas, como já dissemos, são possíveis. Isso é só para termos uma vaga idéia do que os ufonautas podem fazer e o quanto estão à nossa frente. Como se fosse pouco, encontramos evidências de que possivelmente os alienígenas possam manipular e até modificar o espírito do ser humano à sua vontade.

Mas qual é esse desejo e onde ele nos leva? Será que cabe nesse contexto lembrarmos de uma pesquisa histórica da tribo dos índios Masai, na África, que nos remete – assustadoramente – a uma analogia com o que acabamos de considerar? A tribo dos Masai cria rebanhos de gado que lhes brindam com a proteção contra os chetahs e os leões nas savanas, e que durante a noite são reunidos junto à aldeia. O gado sobrevive graças à proteção dos homens, que em troca usufruem do seu leite para se alimentar e de pequenas sangrias que são realizadas periodicamente nos animais. Este ato não os prejudica, já que os Masai aproveitam as proteínas do sangue que bebem e assim não precisam sacrificar o rebanho.

Alguns abduzidos narram ter visto dentro das naves alienígenas corpos humanos como que em estado de hibernação. E os relatórios da Base de Dulce falam de centenas ou milhares de corpos armazenados nos subterrâneos, assim como recipientes contendo órgãos humanos. “*Porque os aliens precisariam de proteínas humanas (sangue, óvulos e esperma) para reforçar sua alimentação.*” Por outro lado, encontramos, principalmente no livro de John Mack, depoimentos de abduzidos que afirmam ter descoberto que em determinado momento de suas vidas, encontrando-se seriamente doentes, seu espírito teria sido retirado dando lugar a uma alma alienígena.

Essas testemunhas descrevem o esforço realizado para se adaptarem ao novo corpo físico, prosseguindo sua existência dentro dele, porém sendo um alienígena. Outros, ainda que não fique claro como aconteceu, dizem que em

existências passadas eram alienígenas que por alguma razão teriam escolhido encarnar como seres humanos para levarem adiante algum tipo de missão conscientizadora. A teoria cármica diz que alguns espíritos que teriam contas a pagar, adquiridas em outra vida, pediriam para reencarnar dentro da família de um grande desafeto, a quem teriam feito muito mal. Assim, acreditam que suas chances de se redimir aumentariam. Também segundo tal teoria, alguém que dilapidasse bens fazendo sofrer seus semelhantes voltaria paupérrimo numa outra encarnação, para sentir na pele o sofrimento dessas pessoas, ou ainda que grandes espíritos do bem retornariam para seguir sua tarefa purificadora na Terra, levando a palavra de Deus aos que precisam.

Outros afirmam ter descoberto sua porção alienígena, chegando até a participar ativamente, quando abduzidos, de experiências com humanos. Um deles descreve de forma chocante e realista sua experiência na hora de copular com uma mulher terrestre a bordo de uma nave, demonstrando que o processo, embora biologicamente semelhante, possuía algumas diferenças. Antes de prosseguirmos, é necessário destacar que nestas pessoas – submetidas a testes rigorosos para descobrir prováveis desajustes mentais – não foi possível classificar nenhum tipo de perturbação no aspecto psicológico, mesmo que alguma vez em suas vidas elas tivessem sofrido algum tipo de ataque sexual [*Como alguns cientistas da área de saúde mental querem demonstrar*].

Tais pessoas chegam a descrever, com lágrimas nos olhos e visivelmente perturbadas emocionalmente pelas lembranças, que este não era seu mundo, que amavam fêmeas alienígenas e que as vibrações na outra dimensão eram muito mais suaves e próximas do Criador. O que podemos ou devemos pensar disso? Tudo que dissemos acima tem a ver com a doutrina espírita, que em sua literatura oferece explicações sobre reencarnação, mais ou menos nos mesmos moldes. São espíritos que escolhem sua próxima missão, trazendo ensinamentos e realizando curas de todo o tipo. Será que está acontecendo um erro de interpretação de informações, misturando ETs com espíritos, ou é tudo a mesma coisa, apenas com rótulos diferentes de acordo com a ótica de pessoas de diversas correntes religiosas? Mas uma confusão dessas acontece assim, mesmo que os investigadores professem qualquer outra filosofia religiosa ou que sejam ateus? Este é sem dúvida o campo mais minado desta problemática alienígena e no qual devemos caminhar com cuidados redobrados.

Ao que parece, pelo menos o bom senso assim o determina, quase todas as religiões possuem dogmas parecidos, metas semelhantes e uma crença comum a todas no que se refere à vida após a morte – seja no céu, no paraíso, no limbo ou no inferno, conforme os rótulos, como já dissemos, e os méritos de cada um. Os espiritualistas falam da evolução da alma através de sucessivas encarnações, sendo que este ciclo é como uma escola que vem seguida pela universidade, onde cada vida seria um período de estudos. Durante estes estágios, passamos ou reprovamos de ano, de acordo com nossas capacidades e atitudes. E nossa formatura ocorreria algum dia, quando nosso espírito, suficientemente evoluído, chegaria junto ao Criador. Outros falam que somos descendentes dos Exilados de Capela, uma raça de criminosos despejada num planeta-prisão, onde estaríamos até hoje...

Jesus Cristo pregava que o seu reino não era deste mundo e que na casa do Pai existem muitas moradas. Dentro de minha leiga ignorância, não consigo perceber diferenças capitais no que se refere ao fato de que devemos ser bons para evoluirmos em qualquer religião ou filosofia e assim chegarmos mais perto do Criador. Caso contrário, seremos de alguma forma penalizados. Os textos sagrados falam de grandes batalhas entre anjos e demônios. Lúcifer era também um anjo, mas teria questionado o poder divino e por isso fora combatido pelas hostes da luz até os dias de hoje. Por acaso isso não lembra a possível guerra entre os ETs que já estão aqui e os que se aproximam de nosso planeta, combatendo com armas impensadas e semelhantes às espadas flamejantes dos anjos de Deus que expulsaram Adão e Eva do Paraíso? Mais uma vez nos encontramos com a eterna dualidade do bem e do mal, da luz e das trevas, etc. Parafraseando o notável Erich von Däniken, poderíamos simplesmente perguntar: serão os anjos alienígenas? Se aceitarmos como verdadeiras as palavras dos textos sagrados, podemos supor que a frase “*vamos fazer o homem à nossa imagem e semelhança*” foi pronunciada por algum cientista extraterrestre prestes a fazer uma clonagem?

A lista de perguntas é tamanha que não comportaria nestas páginas – nem esse é o propósito deste trabalho –, mas seria bom ler diversas obras e escritos sagrados de várias tendências ou religiões, com o espírito isento, para nos imbuir da mentalidade acética de um cientista, olhando e analisando tudo de longe para adquirir uma perspectiva melhor.

Acho que é por aí. Em todo caso, o que perderíamos com isso? Penso que nada. Muito pelo contrário, ajudaria e muito o nosso intelecto, reforçando nossos conhecimentos e cultura.

## Enviados, profetas ou aliens?

Deveríamos acreditar em profecias ou pelo menos levá-las a sério? E o que isso tem a ver com Úfologia? Há coisas que resultam estranhas, irreconciliáveis com o que chamamos de ciência. Mas estão aí e também incomodam! Das profecias de Nostradamus, falando do final dos tempos, quase todo mundo conhece ou pelo menos ouviu falar. Profecias tremendamente herméticas e confusas que, muitas vezes, se confirmam depois do fato consumado. Em seu emaranhado de palavras tenta-se encaixá-las entre si de forma que expliquem situações conhecidas.

Entre os diversos textos proféticos, os mais conhecidos são as Profecias de São Malaquias, São Marcos, São Mateus e São Lucas, sendo que no Apocalipse de São João, escrito na Ilha de Patnos, no ano de 96 da nossa era, se evidencia a antecipação das descobertas na área nuclear. Neste livro, o último do Novo Testamento, são incluídas as visões dos profetas. No epílogo, Jesus diz ao seu seguidor evangelista: *“Não escondas as palavras deste livro porque o tempo está próximo.”* Além destes profetas temos o que nos revela o Calendário da Grande Pirâmide de Quéops, o Livro dos Mortos do Antigo Egito, que entre outras coisas fala em uma de suas partes em *“...escudos e anéis de fogo que passeiam no céu.”*

Mas falemos mais alguma coisa sobre Nostradamus. Michel de Nostradame nasceu em Saint-Remy-de-Provence, em 14 de outubro de 1503, e previu com dez anos de antecedência, além do que citam as famosas centúrias, o dia e as circunstâncias de sua morte, que aconteceu em 2 de julho de 1566. Além de astrólogo, mágico, alquimista e astrônomo, foi sobretudo um místico. Nostradamus explica que redigiu suas previsões dessa forma velada *“porque é essa a harmonia das escritas proféticas.”* Entretanto, alguns estudiosos de sua obra dizem que ele escreveu dessa maneira para não correr sérios riscos de ir para a fogueira da inquisição, em plena época do obscurantismo religioso. Não porque quisesse dificultá-las, e sim porque naquela época não encontrava palavras para explicar, por exemplo, o que seria uma guerra

nuclear ou uma viagem do homem à Lua em naves espaciais. Ou quem sabe ele seguisse o processo de deixar as coisas veladas propositadamente para que somente fossem descobertas no tempo certo...

Encontramos também, entre outras dezenas de profecias, as de um religioso chamado Angelo Roncalli, que se tornaria o popular papa João XXIII, escritas nos idos de 1935, e nas quais encontramos rara clareza, chegando a perturbar, ao serem descobertos nitidamente delineados, personagens e fatos da ciência e política mundial, como por exemplo os que aconteceriam mais de 20 anos depois [Fonte: *As profecias de João XXIII, de Pier Capri, Editora Difel, 1976*]. Roncalli coloca em suas previsões fatos reveladores, como a morte por assassinato dos irmãos John e Robert Kennedy: *“Tombará o presidente, tombará o irmão. Entre eles, o cadáver da estrela inocente. Há quem saiba. Perguntai à primeira viúva negra e ao homem que a conduzirá na ilha ao altar... Três dispararão no presidente. O terceiro estará entre os três que ferirão o segundo.”*

Alguma dúvida sobre quem são os protagonistas? E a estrela inocente? O que dizer sobre as suspeitas de um caso amoroso entre os irmãos Kennedy e a atriz Marilyn Monroe – que alguns afirmam que foi morta pela CIA ou FBI? E sobre a viúva negra, obviamente a finada Jackeline, que casou-se com o armador grego Aristóteles Onassis na Ilha de Scorpius? Outro detalhe que parece confirmar ainda mais esta profecia é que na ocasião do crime de John Fitzgerald Kennedy, a revista *Life* publicou uma fotografia na qual pode-se ver, numa ampliação, o vulto de dois homens sobre um viaduto à frente do cortejo, apontando rifles. O terceiro seria, na verdade, um agente da CIA, junto de uma placa de trânsito, que teria feito o primeiro disparo com uma seta envenenada disparada de uma arma em forma de guarda-chuva. Ou alguém desde a janela do depósito de livros. Outra fotografia mostra, em sua ampliação, na porta do depósito, na hora que o carro de Kennedy passa, uma pessoa que se assemelha demais ao imputado Lee Harvey Oswald [Então ele não teria sido o autor do primeiro disparo]. Por incrível coincidência, essa revista deixou de circular por muitos anos após a publicação dessas fotos.

Mais adiante, João XXIII descreve a chegada do homem à Lua: *“Homem que desceste à Lua, cuidado. Tu a possuis agora, mas espelhada na cloaca descoberta.”* Referia-se possivelmente ao fato de que, quanto mais a Humanidade tenta subir, cada vez mais se aproxima de um mundo de ódio, racismo e

degradação social e moral. Fala ainda que o tempo “...não é aquele que conhecemos”, se aprofundando nas teorias de Einstein com a mesma naturalidade com que se expressa sobre os últimos dias da igreja, da morte do papa sorridente João Paulo I – altamente suspeita –, ao atentado a João Paulo II na Piazza de San Marco, sobre a queda do Muro de Berlim e sobre UFOs:

*“Sempre mais numerosos os sinais. As luzes no céu serão vermelhas, azuis e verdes, velozes. Crescerão. Alguém vem de longe e deseja encontrar os homens da Terra... Encontros já ocorreram. Mas quem viu verdadeiramente se calou. Se uma estrela se apaga, já está morta. Mas a luz se aproxima de alguém que morreu e retorna... Nas cartas do subterrâneo de ferro de Werner [Seria von Braun?], sempre secretas, a resposta ao descoberto. O tempo não é aquele que conhecemos... Bem vindo, Artur, rapazinho do passado. Tu serás a prova....”* Poderíamos ousar dizer que João XXIII era um fanático, um ufólogo ou ufólatra incontido, ou talvez um contatado abduzido? Confesso que não teria coragem de rotulá-lo.

Ele diz claramente que houve encontros entre os homens e entidades provavelmente extraterrestres, provenientes do espaço exterior. Assim como se refere à descoberta de vida e de mundos paralelos em que o homem conseguiu penetrar. Diz que “...o tempo não é aquele que conhecemos”, deixando nas entrelinhas a possibilidade da reencarnação. Por último diz *“bem vindo Artur, rapazinho do passado.”* Esta seria a prova concreta dos mundos paralelos ou de outras dimensões, teorias que finalmente acabariam sendo aceitas pela Ciência. E até se pronuncia sobre doenças incontroláveis e o meio ambiente: *“Os homens calculam morrer. E após a carestia, a peste. Deus desencadeou a guerra na natureza para impedir a guerra dos homens... O tempo está próximo.”*

Parece-nos que há uma nítida referência à AIDS e ao descalabro ecológico que provocamos, recebendo como resposta à fúria da natureza. São mudanças climáticas conturbadoras, secas, inundações, tufões e maremotos, como o que provocou mais de 8.000 mortes na costa norte de Papua Nova Guiné. E na mesma estrofe ele deixa claro que nesta época a Igreja não terá um papa comandando: *“E a mãe não tem pai, porque muitos são os que querem ser o seu pai. E dois são sustentados pelos contendores”*, numa clara referência a dissidências e intrigas palacianas no Vaticano, o que aparentemente já vem acontecendo há algum tempo. Mais recentemente, Michael Drosnin, um

jornalista norte-americano que trabalhou para o *The Washington Post*, após exaustivo trabalho de pesquisa e com ajuda científica, fez revelações preocupantes. Numa entrevista cedida à revista *Isto É*, de 7 de janeiro de 1998, por ocasião de sua visita ao Brasil, Drosnin conta, conforme seu livro *O Código da Bíblia*, que o matemático israelense Eliyahu Rips teria descoberto que há 50 anos um rabino tcheco encontrou indícios de um código secreto no Antigo Testamento. A partir disso, Rips conseguiu na Biblioteca Nacional de Israel um exemplar do livro escrito pelo rabino e passou a estudá-lo detidamente. Depois criou um programa específico de computador e conseguiu decifrar o código.

Com esse programa, Rips começou a analisar os textos sagrados e, entre outras coisas, descobriu a previsão da morte do primeiro ministro Yitzhak Rabin, um ano antes. Drosnin, de posse dessa informação, tentou de toda forma alertar Rabin, mas evidentemente não foi ouvido, com o resultado que conhecemos. Ele se define ante tudo como ateu e sobre a possibilidade de ter sido Deus o autor dos textos em código. Ele diz: *“Alguma inteligência pode ter visto o futuro e o descreveu em código. Não sei se foi feito por um computador ou para ser desvendado por um.”* E acrescenta: *“Mas se uma máquina fez o código, com certeza foi uma mais potente do que as que conhecemos, porque todos os computadores de hoje, mesmo trabalhando juntos, não poderiam criar um código tão complexo. Não sei quem fez, mas não foi obra humana.”*

Entre outras coisas, Drosnin diz, baseado em suas pesquisas, que haverá uma 3ª Guerra Mundial, e decorrente dela, o holocausto nuclear. Também anunciou terríveis terremotos em Tóquio e Los Angeles, entre 2006 e 2010. A esse respeito, não podemos esquecer que a grande maioria das profecias falam do final dos tempos numa data aproximada e sempre conjugado à guerra nuclear. Nostradamus previu o evento inicial em 1997 e o final em 1999... Se lembrarmos dos diálogos mantidos pela abduzida Beth Andreasson Luca com seus captores, eles dizem em repetidas ocasiões que *“ainda não é o tempo de saber”*. De fato, as lembranças jamais afloraram na época das abduções naturalmente, e sim muitos anos depois, durante os períodos de regressão hipnótica a que foi submetida – como acontece com muitos abduzidos.

Assim mesmo, certas coisas produziram em Beth muitas dores de cabeça e desconforto quando o terapeuta intentava aprofundar mais. Ou seja, nada vinha à tona se não fosse o tempo certo de saber. Isto nos dá a impressão

que existe um grande plano em andamento e provavelmente criado ou gerenciado pelos aliens, conforme fatos descobertos a partir de abduzidos pelo professor e terapeuta John E. Mack. E Drosnin parece que repete essas palavras, conscientemente ou não, quando em um trecho da sua entrevista diz: “Os fatos vêm à tona quando realmente precisam vir.”

Três matemáticos norte-americanos criaram programas específicos para provar que o código de Rips não existia. Entretanto, apesar dos esforços realizados, nenhum deles conseguiu derrubar sua tese. Embora diversas profecias sinalizem o ano de 1999, mais especificamente o mês de julho, como o início do fim, outras dão como data o dia 11 de agosto do ano de 1998, exatamente às 10:28 h, quando se daria um grande eclipse solar e o calor abrasaria a Terra. Como vemos, isso não aconteceu... Alguns estudiosos da temática crêem ver nessas afirmações a confirmação do tão propalado holocausto nuclear. A política mundial dos últimos tempos tem passado por altos e baixos. A distensão entre ex-URSS e EUA, com o fim da Guerra Fria, que seria determinada por uma nação extraterrestre que possui suas bases na Terra e é co-participante do Projeto Guerra nas Estrelas, parece sinalizar o fim das guerras para não prejudicar projetos maiores.

Como vimos nas páginas anteriores, o aqui exposto pode fazer sentido. Na realidade, uma guerra total não beneficiaria os ETs que aqui estão e muito menos a espécie humana. Mas de repente novos problemas no Oriente Médio, onde segundo as profecias teria início a batalha final, parecem jogar areia em todos esses projetos e propósitos. Duas novas bestas do apocalipse irromperam no cenário mundial: Muamar Khadafi e Saddam Hussein, sem esquecermos do Aiatolá Khomeini e os terroristas multimilionários que odeiam os EUA. Tempos difíceis para Israel, Palestina, Jordânia, Egito e, em conseqüência, para o mundo. Mil tentativas para promover a paz.

Durante os últimos anos, conforme dissemos antes, houve aparentemente uma diretiva – ou uma ordem – para acabar com os arsenais atômicos e que tinha sido levada a sério, paulatinamente. Logo depois, Índia e Paquistão detonaram duas bombas atômicas, quebrando assim, novamente, o frágil equilíbrio da paz. Será que as profecias não se enganam? Uma notícia veiculada em 11 de julho de 1998 disse o seguinte: “Israel prevê uma guerra no Oriente Médio. Relatório do Exército de Israel informa que aumentaram as chances de uma guerra em 1999.” Essa avaliação considera o início da

batalha em meados de 1999, quando o presidente palestino Yasser Arafat declarou um Estado palestino independente, caso as conversações com Israel sobre o status final da Cisjordânia e Gaza não se concluam. Tornamos a perguntar: será que as profecias têm razão? Que a coincidência de datas é meramente casual? Confesso que gostaria muitíssimo de que no próximo ano, ao reler este trabalho, pudesse dar boas gargalhadas...

## **A luz dos UFOs**

*“Vi uma nave, da qual saía um grande raio de luz. Essa luz tinha força... Me elevava do chão... Mas não deu para me arrastar até ela...”* Esta é uma das partes do relato de Sebastian Acevedo, de Tandil, Buenos Aires, Argentina. Um fato que tornou-se bastante comum foi a observação de UFOs durante a noite em número mais elevado que as aparições diurnas. Vários fatores são responsáveis por estes acontecimentos, principalmente se levarmos em consideração que muitos desses avistamentos não passam de erros de observação. Isto acontece desde 1947, quando se oficializou a Era Moderna dos Discos Voadores e evidentemente fomos muito mais atrapalhados nas pesquisas quando a casuística era a única coisa ou a principal ferramenta do nosso trabalho. Mas isso não tira a validade dos casos noturnos verdadeiros, e eles existem em inúmeros relatórios de pessoas acima de qualquer suspeita.

As observações de objetos luminosos noturnos só podem se tratar de UFOs quando possuem características muito especiais que realmente os diferenciam dos objetos comuns, como aviões, aeronaves de qualquer tipo, satélites, meteoritos ou simples raios bola. Essas características deverão coincidir, ainda, com a ausência de vôos no local e hora estipulados por parte de aeronaves conhecidas. Outra particularidade é a análise de fenômenos luminosos decorrentes ou produzidos pelos UFOs. É claro que, principalmente, além de tentar explicar a tecnologia que poderia ser aplicada por eles na sua propulsão, serviria também para questionarmos melhor as observações. Existem, por exemplo, diversas fotografias de UFOs que parecem projetar um fecho de luz intensa, com características muito particulares:

- 1) O comprimento do fecho é limitado, e isto se observa de relance.

- 2) Pode-se regular, à vontade, seu tamanho, podendo recolhê-lo até a mesma nave.
- 3) Onde é focalizado o fecho podem acontecer ou não fenômenos térmicos de concentração lumínica, que às vezes é acompanhado de algum fenômeno antigравitacional [*Já foram vistos subir ou descer objetos, animais e pessoas pelo fecho lumínico*].

Imagino o choque que possa parecer à lógica um fenômeno desta natureza. Mas justamente estes absurdos são os que chamam a nossa atenção, já que se enquadram tecnicamente com outros fenômenos. Se alguém nos diz: “...vi uma nave da qual saía um grande raio de luz e pelo qual descia um tripulante”, ou “...aquele raio de luz pareceu suspender o carro a mais de um metro da estrada”, poderíamos com toda certeza dizer para o nosso interlocutor que, imaginando que tudo isso fosse certo, existiria um porém, já que alguém descendo por uma luz ou esta suspendendo um carro não pode passar de ficção. Essa interpretação é comparável a afirmar que uma pessoa caminhando com uma lanterna na mão vai segurando a parte de trás da luz, que por sua vez o arrasta... Mas vamos tentar descrever o fenômeno como poderia ser na realidade e depois procurar explicá-lo.

Antes de mais nada, quero assinalar que não me parece existir nenhuma relação de causa/efeito entre esses raios de luz e o fato de alguém subir ou descer por eles. Imaginemos como faria um tripulante para descer dessas naves em pleno dia, parada ou flutuando a 10 m do chão, utilizando algum tipo de guindaste antigравitacional, o qual o suspenderia com um laço invisível. Ficaria um cilindro quase cônico, definindo o espaço entre a nave e o solo: um campo comum com a resultante igual a zero para a vertical. Isto provocaria uma concentração de ar e vapor no referido cone. Numa observação diurna, tudo se processaria sem efeitos lumínicos. Mas se de noite surgisse qualquer luz desde a nave – para os aliens verem simplesmente o que procuram – se produziria uma concentração luminosa no cone, encurtando-se ou alongando-se segundo o alcance que se desse ao campo antigравitacional.

Em Física, esse fenômeno é chamado de efeito Tyndall e consiste numa polarização parcial da luz quando esta atravessa perpendicularmente um espaço médio no qual há partículas em suspensão [*Neste caso cônico*]. Por

exemplo, partículas de vapor d'água no ar muito condensado, embaixo da nave. Às vezes, por causa das condições climáticas, não seria a luz que cresceria, mas sim o cone de concentração lumínica. Esta seria a forma mais viável para explicar o fenômeno dos facho de luz de comprimento variável. Outra explicação poderia dar-se mediante jogos de facho monocorrentes que se fariam interferir, dando uma resultante visível a partir de um heteródino de freqüências, uma delas podendo ser invisível. Mas isto, além de não ter sentido aparente, não apresenta relação com os fatos observados nem com as características do Fenômeno UFO.

Uma terceira explicação colocaria em questão uma série de truques holográficos, mas particularmente, prefiro a primeira hipótese. Outra observação comum é a coloração intensa e mutante do vermelho para o azul. O que resulta mais interessante é que se produzem na ordem do espectro, fechando um círculo de freqüências e longitudes de onda. Não é estranho que um sistema eletrogravitacional, como o que propomos, irradie também no espectro visível, com uma variação de freqüência igual à correção aplicada pelos controles automáticos àquele sistema.

Até aqui, falamos sobre a observação de naves e cores. Agora gostaria de fazer menção a outro aspecto lumínico mais espetacular. Trata-se dos casos de naves em vôo que se aproximam de veículos terrestres ou pousam neles, por assim dizer, sem tocá-los. Movem-se no ar acima deles, os iluminam por fora, por cima e por dentro, atravessando todas as partes metálicas do mesmo como se fossem de vidro. Algo semelhante aconteceu aos tripulantes da Apollo 12, que depois de declararem que estavam sendo seguidos por uma nave desconhecida, observaram, exaltados, que sua cabine estava repleta de uma estranha luz sem sombras que nunca puderam explicar [*Nem eles, nem a NASA*].

A NASA, por seu lado, explicou que a estranha nave era parte do foguete impulsor... Eu me atrevo a dizer que nenhum foguete impulsor fica com combustível sobrando para seguir as cápsulas lançadas por eles. Por outro lado, sua queda é sempre programada para acontecer sobre o Oceano Pacífico. Não devemos esquecer que essa tripulação tinha, como tiveram todas até hoje, um formidável treinamento para reconhecer qualquer coisa nestes casos. A esse respeito gostaria de lembrar que nesse estágio do programa espacial foi censurada toda e qualquer publicação sobre fatos estranhos que pudessem acontecer nas missões restantes, por rádio e tevê.

Tive o prazer de conhecer na Argentina um professor universitário que, infelizmente devo citar como A. Z., que em certa oportunidade, ao chegar em casa, encontrou a família fugindo do lugar porque tudo estava sendo incendiado. Sobre a casa, a alguns metros de altura, conseguiu ver um UFO que emitia estranhas luzes vermelhas enquanto se encontrava como que pousado no telhado. Esta observação durou vários minutos, até o objeto decolar. Isso interessa porque a casa iluminou-se por dentro, sem projeção de sombras. Descrição semelhante encontramos nas testemunhas que foram levadas a bordo de um UFO e que invariavelmente citam a iluminação que surge não se sabe de onde, iluminando tudo e sem sombras.

Existem muitos outros casos com estas características. Entre eles lembro do acontecido ao doutor Daniel Fry, relatado no livro *Incidente em White Sand*, que admite um tipo de onda portadora de frequência na qual a luz visível faria o papel de simples modulador, atravessando o metal e permitindo uma visão da paisagem como se fosse através de uma janela. Talvez devemos pensar num tipo de radiação lumínica baseada nos táquions – partículas mais velozes que a luz e que podem atravessar literalmente nosso planeta sem produzir danos. Em todo caso, esta é mais uma particularidade do Fenômeno UFO que deveríamos estudar e analisar com muito cuidado e atenção. Essa mesma luz,, que serve para transportar entes ou coisas desde ou para o UFO, lembra o caso Onilson Pátero, quando este foi carregado por um fecho de luz até a nave após uma bola luminosa ter tornado seu carro transparente.

Mas pode também ter outras explicações. Ou talvez devamos supor que os alienígenas possuem outros equipamentos que produzem fenômenos lumínicos com fins apenas exploratórios ou quem sabe como armas. Nesse particular, lembramos do caso do Forte Itaipu, quando duas sentinelas foram gravemente queimadas pela luz de um UFO. Podemos também citar a morte de Inácio, capataz de uma fazenda em Goiás, atingido por um fecho de luz verde após atirar contra o tripulante de um UFO, em agosto de 1967. Outro caso foi o do vigia Almiro Martins, na Barragem do Funil, em Furnas, no dia 30 de agosto de 1970, que ficou temporariamente cego após atirar contra uma nave extraterrestre.

Na Bahia, em abril de 1979, o fotógrafo Manoel França foi atingido por um fecho de luz de um UFO que ele pretendia fotografar com uma teleobjetiva. Manoel foi atirado, desacordado, a mais de 2 m de distância e sua máquina

achada a mais de 30 m, além do que a luz provocou-lhe sintomas semelhantes a uma exposição à radiação. Tudo isso sem falarmos nos casos fatais do fenômeno Chupa-chupa no Pará e nas milhares de perturbações produzidas pelas luzes dos UFOs em automóveis, máquinas e centrais elétricas.

Outra característica dessas luzes é que muitas vezes elas são utilizadas para dominar as testemunhas, vibrando nas cores vermelha, azul ou verde e cobrindo o campo energético das mesmas, conforme o ciclo vital em que elas se encontram. Estudos realizados pelo G-PAZ na década de 70 e confirmados pela *Organización Nacional Investigativa de Fenómenos Espaciales (ONIFE)*, da Argentina, chegaram a essa conclusão analisando o biorritmo das testemunhas à época do acontecimento. Aparentemente, os intrusos sabem quando o campo vibratório das suas vítimas oferece melhores condições, e de acordo com o biorritmo das mesmas, aplicam a cor correspondente, anulando qualquer reação física ou intelectual. Quem lida com terapia de cores sabe perfeitamente como pode agir para exaltar ou diminuir o campo vibratório de uma pessoa.

## **Luz curva?**

Em 30 de outubro de 1971, no Chile, três caixeiros viajantes que circulavam por uma estrada viram seu carro ser totalmente tomado por uma luz que se projetava em forma curva desde o UFO, como se fosse um jato d'água saindo de um cano. Na Áustria, em outubro de 1973, dois rapazes assistiram um inusitado espetáculo. No início era um globo luminoso de cor alaranjada e contornos indefinidos que se mantinha imóvel no espaço. Observaram também curtos feixes se projetando da parte superior do objeto. De repente, dois deles, em forma de V, se arremessaram para cima e começaram a se curvar lentamente.

A projeção durou uns 10 segundos, até que os raios pararam de se alongar e a extremidade superior adquiriu uma tonalidade esverdeada. A seguir, a luz dos raios se apagou ao tempo em que caía, e para ambos os lados dissipava-se uma espécie de névoa verde. Cinco segundos depois, se repetiu o fenômeno e assim sucessivamente por quase seis horas, durante as quais puderam ser vistos diversos objetos (seis, ao todo) repetindo o inusitado show. Outro caso aconteceu no Canadá, em 1970, quando de

um objeto ovoidal saiu uma luz pontilhada parecida com um tubo muito fino de néon, em pedaços, algo semelhante aos traços e pontos do Código Morse. Ele desceu em curva e depois extinguiu-se inteiramente. Poderíamos supor que ali existia uma tecnologia laser, devido às propriedades não dispersivas da luz, mas acho que seria temerário levar adiante esta comparação, pelo menos até sabermos um pouco mais sobre os UFOs e o laser... O que poderia ser uma luz no final do túnel pode se transformar, se nos descuidarmos, numa locomotiva que avança em sentido contrário...

## **A terra treme...**

O que tem a ver os fenômenos naturais com Ufologia? Talvez nada ou talvez muito. Fenômenos geológicos ocorrem na Terra, provavelmente desde sua criação, e se repetem periodicamente em todas as partes do planeta, com maior ou menor intensidade, causando verdadeiras tragédias ou passando despercebidos. Os movimentos sísmicos podem ser brutais ou sutis. O propalado fim da Califórnia tem consumido rios de tinta de livros e artigos jornalísticos ou científicos. A Falha de Saint André, que abrange aproximadamente 1.200 km e junto da qual está construída a cidade de Los Angeles, sofreu muitos abalos sísmicos em ciclos de mais ou menos 49 anos.

No mundo, seguindo zonas já conhecidas e bem delimitadas, tem-se conhecido tremores de terra e grandes cataclismos no decorrer da história do planeta, sendo que os grande sismos se processavam a cada 4 ou 8 anos, em média. Mas a partir de 1944, esses fenômenos começaram a se produzir com cada vez maior assiduidade. Em 1969, já aconteciam 1 a cada ano. E em 1970 superaram todas as estatísticas. Em 25 de março de 1970, se produziu em Gédiz, na Turquia, um terremoto que ocasionou 2.500 mortos, 5.000 feridos e destruiu 20.000 moradias, registrando-se nada menos que 3.000 abalos em 72 horas, alguns atingindo a intensidade máxima da escala Richter *[24 horas depois da explosão de uma bomba termonuclear de 1 milhão e 300 mil toneladas de TNT]*.

Dois meses mais tarde, em 31 de maio, outro sismo monstruoso na Costa do Peru matou 70.000 pessoas, destruindo 1.000 moradias *[Vinte e quatro horas antes a França tinha detonado uma bomba de hidrogênio na Polinésia Francesa, no Atol de Muroroa]*. Será que existe alguma relação entre

uma coisa e outra? Sabemos que estas experiências atômicas podem ocasionar tremendas perturbações e alterações físicas e magnéticas que influenciam, logicamente, o equilíbrio dinâmico e estático do planeta, além de poder perturbar a integridade de todo o sistema solar. Os efeitos dessas experiências nucleares, em sua maioria, eram mais danosos que a bomba detonada sobre Hiroshima, em 1945. Muitos anos depois da explosão a mesma continuava a provocar vítimas. Para compreender melhor, cada partícula radioativa – entre as que temos, o Césio 137, Estrôncio 90, Carbono 14, raios Alfa, Beta e Gama, nêutrons, íons de Hélio, etc – pode viver dezenas de anos (em alguns casos, centenas) e num milímetro cúbico, com 500 Röetgens de intensidade.

Existem bilhões dessas partículas, tanto na alta atmosfera como na baixa, de onde se precipitam sobre a superfície da Terra através de chuva, neve, umidade ou simplesmente carregadas pelos ventos, envenenando toda a cadeia alimentar onde bebemos, penetrando no organismo – especialmente na medula óssea –, onde começam a ser destruídas células sanguíneas e órgãos reprodutores. Será por acaso que estamos observando ou sentindo um incremento assustador de casos de leucemia, cânceres, tumores, etc? Outros componentes perigosos são os efeitos térmicos. As explosões atômicas emitem ao meio ambiente milhões de graus centígrados que provocam fenômenos de tal magnitude que alguns deles são ainda desconhecidos, e outros, rigorosamente ocultados. Estima-se que dez ou no máximo 20% dessas manifestações danosas transcendem.

A título de comparação, podemos citar que a explosão em Hiroshima gerou em seu núcleo central 3 milhões de graus centígrados, e as mais recentes, bilhões de graus centígrados, já que para detoná-la faz-se necessária a utilização de uma bomba atômica comum que, ao explodir produz 100 milhões de graus e faz o papel de espoleta para detonar o resto, gerando então temperaturas da ordem de 150 a 160 milhões de graus centígrados. Isso enquanto eram testadas na atmosfera. Depois passaram a detoná-las embaixo da terra. Para isso são perfurados poços em regiões de máxima dureza, dentro da capa granítica externa, com até 2.000 m de profundidade e com apenas 2,30 m de diâmetro. A bomba de Amchitka, nas Ilhas Aleutas, explodida pelos EUA, possuía um bilhão e meio de toneladas de TNT e ocasionou, no ponto da explosão, uma caverna gigantesca, transformando todos os materiais graníticos rochosos em energia ou plasma, que desapa-

receram, transformando-se em força e desintegrando a matéria. A efeitos de ilustração, podemos dizer que para carregar todas estas toneladas de explosivos num trem, por exemplo, o mesmo deveria ter 50.000 vagões de 10 m de comprimento cada, os quais carregariam 30.000 kg, o que nos daria um comboio de 500 km de extensão. Tudo isso explodindo! Somente entre 1945 e agosto de 1971 foram realizados, oficialmente, 850 testes nucleares pelos diversos países do clube atômico. Além dos efeitos mais citados, temos que considerar também as ondas vibratórias que são emitidas em todas as direções, ao redor e para as altitudes, embaixo da superfície terrestre com maior ou menor velocidade de propagação.

As explosões subterrâneas – que formam verdadeiras cidades nas entranhas da terra – atingem milhares de metros de diâmetro devido à transformação de toda a matéria em plasma e às pressões da ordem de 20.000 toneladas por m<sup>2</sup>, que provocam verdadeiras comoções vibratórias, se alastrando através de ondas sísmicas por todo o planeta, causando abalos, terremotos e outros fenômenos telúricos, conforme sua intensidade. Cabe destacar que tanto a ex-URSS como EUA fizeram estas experiências não apenas para aperfeiçoar suas ogivas, mas para fabricar estas cavernas no intuito de continuar efetuando estes testes sem que as estações sismológicas do mundo pudessem avaliar com precisão a potência dos explosivos. Além do que, embaixo da superfície elas ficam camufladas.

O fato de um sismógrafo captar uma menor intensidade explosiva numa destas cavernas se deve à refração dessas ondas expansivas que, ao baterem contra as paredes da caverna voltam para trás (em sua maioria), anulando ou minorando as novas ondas explosivas que se deslocam nesse sentido, enganando, assim, os instrumentos. Mas o que não pode ser evitado totalmente, embora sejam atenuadas, são as ondas vibratórias sísmicas, já que não agem como as independentes, e sim como campos vibracionais cujo núcleo central se encontra isento de massa ou matéria. Devido a isso, elas atravessam qualquer tipo de rocha ou granito que formam nossa crosta terrestre, complementando sua propagação unilateral em todas as direções e provocando perturbações vibracionais que, de acordo com sua intensidade, tanto podem atingir as capas atmosféricas e magnéticas terrestres quanto o próprio núcleo central da Terra. Quando as explosões nucleares são realizadas no espaço, as pressões são menores devido à densidade do meio e vão se alastrando em

ondas sucessivas até limites inimagináveis. Talvez o mais grave desses efeitos seja o magnético, que pode produzir interferências e perturbações muito danosas, tanto para o núcleo da Terra como também para os pólos, campos e capas magnéticas que circundam nosso planeta e que dependem do citado núcleo.

Estes campos magnéticos, cujos átomos são isentos de massa, atravessam todos os materiais ao seu redor. Ao saírem do planeta, alteram massas aéreas atmosféricas provocando mutações cada vez maiores e aumentando suas velocidades de translação, seus movimentos verticais, suas temperaturas e gradientes térmicos, ocasionando assim ciclones, tornados, tufões e outros fenômenos meteorológicos, como as chuvas torrenciais.

Tais campos magnéticos afetam também as capas magnéticas de outros planetas do Sistema Solar, onde são rechaçados, deixando rastros perturbadores que voltam ao seu ponto de origem, a Terra, arrastando um conjunto de partículas cósmicas estranhas, aumentando assim sua carga radioativa e caindo sobre o planeta. O Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), nos EUA, detectou, em 1967, uma chuva de raios cósmicos de até 10 milhões de partículas numa fração de 10 milésimos de segundo – alguns com potenciais de 20 a 40 trilhões de eletrovolts, quando o normal determinado e aceito cientificamente são 3 raios por minuto e  $\text{cm}^2$  [Fonte: *Scientific American*, fevereiro de 1969].

A semelhança dos raios cósmicos com os raios solares ultravioletas também aumentaram em quantidade e intensidade e estão ocasionando desajustes atmosféricos que se intensificaram nas últimas décadas, tal como o aumento da temperatura do planeta, as mudanças climáticas, a deterioração da camada de ozônio, etc. Isso, somados às emanações normais de partículas radioativas produzidas por todos os testes nucleares já ocorridos até hoje. E não é fantasia o que dissemos, como alguns podem pensar. Em 11 de outubro de 1969, a Comissão Científica de Efeitos Radioativos da ONU, no seu informe anual disse: *“As provas nucleares dos três últimos anos (66/67/68) são a causa de que o número de elementos radioativos de longa vida tem aumentado perigosamente na superfície terrestre, constituindo, com isso, a fonte mais importante de contaminação radioativa criada pela Humanidade em seu meio. Mas as experiências efetuadas desde 1966 têm duplicado aproximadamente o conteúdo*

*atual das radiações baixas.”*

Outro perigo eminente, derivado desses anos de loucura nuclear, é a tão temida verticalização do eixo do planeta Terra, com as conseqüências que qualquer leigo pode imaginar. Fato este que poderia ser ocasionado por diversos fatores, entre os quais, é claro, as experiências subterrâneas e o aquecimento da atmosfera. O aumento da oscilação do eixo vertical da Terra no lado norte, que antes se aceitava normalmente como 9,75 m por ano, passou a ser 21,94 m. O que podemos pensar de tudo isso, se nos basearmos num extenso relatório escrito em 1971 pelo investigador Pedro Romaniuk, sob o título *La Tierra está temblando. Causas y sus efectos – Fenómenos geológicos y su relacionamiento com las experiencias atômicas?* São palavras e dados contundentes que, evidentemente, as autoridades fazem questão de empurrar para baixo do tapete.

É uma das tantas verdades que incomodam, e muito! Por outro lado, a leitura deste informe nos faz refletir um pouco mais sobre por quais motivos os aliens poderiam ter decidido, aparentemente, deixar de lado sua posição de “não intervenção” e colocar em xeque-mate as potências nucleares praticamente obrigando-as a parar com essa corrida armamentista. Claro que estas conseqüências explicitadas por Romaniuk têm fundamento e fazem sentido.

Os aliens estão cuidando, em primeiro lugar, da integridade de suas instalações e de suas vidas, suas bases na Terra, Lua, Marte e possivelmente em outros planetas do nosso Sistema Solar, que num conflito nuclear generalizado poderiam correr perigo. Além disso, se a Galáxia e o Cosmos são como uma obra-prima de um gênio relojoeiro que funciona em perfeita harmonia e ressonância, de uma forma ou de outra, um holocausto nuclear poderia quebrar este equilíbrio, provocando, quem sabe, uma espécie de reação em cadeia. Até que ponto chegou a consciência do chamado ser humano? Muitas vezes o comparei ao perigo que seria deixar uma arma carregada nas mãos de uma criança. Mas, na realidade o perigo é imensamente maior, e definitivamente com o perdão dos inocentes e esclarecidos: sobre a Terra não há vida inteligente...

Ao que parece, a julgar pelos depoimentos dos milhares de abduzidos já investigados exaustivamente por ufólogos de todo o mundo, temos conhecimento de que os seres extraterrestres têm medidas saneadoras

paralelas – pelo menos aqueles que tentam nos salvar – e procuram transformar ou modificar o espírito dos humanos terrestres no sentido de inculcar-lhes outras posturas ético-morais para fazer-lhes tomar consciência do que representa nosso planeta, o meio ambiente, a nossa vida quanto à qualidade da existência, ensinando-lhes a amar o próximo e a sermos menos egoístas. E não digo isso dentro do contexto messiânico ou teológico de qualquer religião ou corrente filosófica. Se amássemos o próximo, apenas por ser um irmão – ou se preferirem, um companheiro de jornada, um ser humano, como nós pensamos que somos, brindando-lhe o respeito e o carinho que nós mesmos gostaríamos de receber –, as crises seriam muito, muitíssimo diferentes.

Se os megalomaniacos de farda entendessem essas coisas simples da vida ou se desde suas posições travassem luta ferrenha contra as doenças, o analfabetismo e a desproporcional distribuição de renda, e defendessem o meio ambiente e nosso habitat, então estaríamos dando uma prova de maturidade e evolução. Poderíamos, quem sabe, merecermos ser o *Homo Cósmico*, e com isso cumprir nosso destino evolutivo, encontrando nossos irmãos do espaço e convivendo em paz com eles.

## **Observações**

Segundo algumas teorias revolucionárias, como por exemplo a das Supercordas, nós já viveríamos num universo físico de nada menos que 10 dimensões, sendo assim decadimensional por definição. A Teoria das Supercordas estipula que nosso universo não seja tridimensional, como acreditamos presentemente. Se comprovada, tal concepção simplesmente revolucionaria totalmente nossos conceitos e criaria perspectivas inimagináveis para nossa cultura e ciência. Já na hipótese da Espuma do Espaço-Tempo [*Space-time foam*], proposta pelo físico norte-americano doutor John Wheeler, haveria uma considerável margem para a existência dos espíritos e a confirmação dos assim chamados ‘universos paralelos’ – cuja existência e estrutura se tenta provar há muitos anos.

Alguns cientistas teóricos dizem que um fenômeno estudado pelo doutor Steve K. Lamoreaux, da Universidade de Washington, na cidade de Seattle (EUA), a respeito da deformação de tempo [*Time warp*] é que permi-

tiria escavar 'buracos de minhoca' [*Wormholes*] entre estrelas e constelações. Se isso fosse possível – e talvez os ETs consigam tal proeza – poderíamos nos locomover pelo universo com espantosa rapidez, alcançando qualquer ponto do mesmo, não importa quão distante, através dessas aberturas no espaço-tempo. Supõe-se que seja este o mecanismo que possibilite aos alienígenas chegarem até nós ou irem a tantos planetas do Cosmos quantos desejarem.



## Apêndice

# A Pesquisa Ufológica

*“Um belo exercício matutino para o pesquisador é criar uma hipótese qualquer, todo dia, antes do café matinal. Isso o manterá jovem.”*

– **Konrad Lorenz**, estudioso do comportamento animal

**E**mbora não tenha a pretensão de querer ensinar nada a ninguém, até porque não é este o objetivo deste trabalho e eu todo dia preciso aprender alguma coisa diferente, quero passar pelo menos um pouco de experiência. Sei que são muitos os interessados neste assunto, entre os quais, pessoas que têm vontade de participar ativamente das pesquisas, ingressando em algum grupo de estudo, ou que venham a ter a chance de deparar-se com algum caso através deles próprios, de amigos ou conhecidos. Mas é bom que tenham uma noção do que precisam fazer e como fazê-lo para evitar, possivelmente, que provas ou elementos importantes se percam antes da chegada dos ufólogos.

Um dos caminhos básicos para qualquer pesquisa é a correta coleta de dados e informações, até as que parecem mais insignificantes, para dar início a uma investigação. Não devemos esquecer que a entrevista a uma testemunha é muito importante, já que vai determinar o *feeling* entre ela e o pesquisador. É necessário saber o nome completo das pessoas, dados pessoais, telefone e endereço (para contatos posteriores com a mesma), local onde aconteceu o fato, pedindo permissão das testemunhas para gravar, se possível, ou filmar

em vídeo seus depoimentos iniciais. Isso é de grande importância, já que assim poderemos ter uma idéia do grau de emoção e sinceridade delas ao descreverem o evento, já que nos permitirá rever e ouvir dezenas de vezes a história do acontecido. Devemos, além disso, analisar, detalhadamente, gestos, olhares, movimentos dos corpos e mãos, para então captar algum sinal, positivo ou não. *[Infelizmente existem indivíduos que gostam de inventar uma situação para nos gozar ou obter seus 15 minutos de fama].*

Claro que, antes de mais nada, devemos tentar localizar um pesquisador ou um grupo de pesquisas mais próximo e levá-los a participar deste primeiro encontro com o caso. Através da Revista UFO você conseguirá endereços e telefones para contatar ufólogos, que sem nenhuma dúvida irão lhe ajudar. Também não esqueça de pedir a necessária autorização para divulgar os nomes das pessoas envolvidas, ou citar apenas as iniciais para manter o sigilo. A tomada de depoimentos requer muito cuidado e, em especial, tato para conseguir desde o início a confiança e a credibilidade junto àquelas testemunhas. Dessa forma elas poderão contar os fatos mais abertamente, sabendo que não estão sendo interrogadas no sentido pejorativo da palavra, nem sendo julgadas *à priori* por suas informações.

Lembre-se muito bem disso, já que a partir deste momento tudo poderá ocorrer mais facilmente ou falhar definitivamente, dependendo das atitudes e comportamentos adotados. É aconselhável deixar a pessoa muito à vontade e incentivá-la a narrar os fatos com todos os detalhes, mesmo que não pareçam importantes, sem interrompê-la. Depois de solicitar permissão para tomar anotações e gravar, não se esqueça de pedir que repita o depoimento, agora sim, podendo, eventualmente, interrompê-la para solicitar que esclareça sobre algum ponto que pareça confuso ou não tenha sido bem interpretado.

Se houver outras testemunhas do mesmo caso, com muito jeito tente sugerir que seria melhor que os depoimentos fossem feitos em separado, para que uma não ouça o que a outra está descrevendo e assim não seja influenciada. Lembre-se que é uma investigação. E em depoimentos em separado podemos tirar conclusões e fazer comparações, caso as discordâncias sobre determinado ponto sejam muito grandes, e tornar a perguntar aos que divergem, pedindo um esclarecimento. Depois de finalizado o relato, podemos solicitar, também em separado, que as testemunhas tentem desenhar numa folha à parte o que viram, incentivando-as a fazê-lo

mesmo que não saibam desenhar. Neste ponto, se algum membro do grupo tiver noções de desenho, deverá ser solicitada sua colaboração, e a partir daí fazer uma espécie de retrato falado, seguindo as indicações ou correções das testemunhas. Finalmente, deve-se ler para as mesmas as anotações realizadas para que elas corrijam eventuais erros de interpretação, informação ou seqüenciais dos fatos.

É bom repetir algumas dicas: além de não esquecer de agradecer às pessoas envolvidas pela sua colaboração, devemos anotar cuidadosamente os dados completos de todos: endereço, telefone, profissão, estado civil, condições de saúde, informação sobre enfermidades anteriores ou atuais e, principalmente, observar se alguma coisa nova surgiu após o avistamento, contato, pouso, etc. Também deve-se perguntar se a pessoa tem conhecimentos sobre o assunto UFO – discos voadores, luzes, mãe d'ouro, entre outros. Se a resposta for positiva, descobrir como este conhecimento foi adquirido: se através de jornais, tevê, narrativas de outros, etc. Arremate a entrevista anotando o dia e a hora do evento e da pesquisa, assim como, pode ser *à posteriori*, guardando impressões pessoais sobre as testemunhas, comentários e conveniências.

Ainda sobre o momento final dos depoimentos, é bom pedir, se for possível, que todas as testemunhas e envolvidos (os pesquisadores também) retornem ao local dos fatos, onde solicitaremos que se coloquem cada um no lugar que se encontravam na ocasião e repitam gestos e/ou atitudes que tiveram na hora do fenômeno, registrando tudo fotograficamente ou em vídeo. Deve-se sempre tomar a precaução de anotar o tipo do filme usado, número de asa, velocidade, foco, distância, etc. Se tiver mais de uma pessoa lhe acompanhando e se ela possuir equipamento para filmar ou fotografar, peça que o faça, mesmo que se obtenham imagens repetidas. Às vezes um filme falha, a máquina pode travar, se velam os negativos por diversas razões ou ocorre qualquer outro problema. Quem está acostumado com fotografia sabe muito bem que isso pode acontecer.

A título de ilustração, posso citar um exemplo de minha vida profissional dentro da propaganda. Sempre que um verdadeiro profissional de fotografia precisa fazer a imagem de um produto ou modelo, ele gasta dois ou três filmes, onde varia a iluminação, a velocidade e o diafragma, para escolher, na maioria das vezes, apenas uma única foto. Poderíamos pensar que ele não sabe o que

está fazendo? Inclusive, para arrematar estas dicas, o ideal seria podermos acompanhar, com alguém da nossa confiança, todo o processo de revelação e cópia de negativos, principalmente quando temos a felicidade de conseguir documentar a presença de um UFO. Evidentemente, tudo que deve ser feito nestas circunstâncias requer algum tipo de conhecimento (pelo menos básico) e para isso é bom – quando já deixamos os estudos há algum tempo – dar uma reciclada para nos atualizar.

É importante saber fazer uma planta de localização do lugar em que as pesquisas serão realizadas, mesmo que em um rascunho, para situarmos o evento de forma mais correta, além de anotarmos todos os pontos de referência possíveis – tais como árvores, lagoas, rios, pedras, antenas de tevê, rádio ou telefonia, linhas de transmissão, linhas férreas, estradas, entre outros. Enfim, tudo, tudo mesmo para que no decorrer da investigação os especialistas possam acompanhar os acontecimentos da melhor forma possível.

Vemos aqui a importância de se ter conhecimentos geológicos (para se poder observar as características do terreno), astronômicos (caso o evento seja noturno, o que possibilitaria a localização de estrelas, planetas e satélites artificiais, já que são visíveis ao entardecer ou perto do amanhecer, determinando assim a possível rota de um UFO ao chegar e ao partir), fotográficos e de imagens (não apenas quanto ao manuseio dos aparelhos, mas também para se ter condições de analisar uma imagem, a fim de detectar qualquer anomalia). Logicamente, a palavra final será dada por um especialista e com aparelhos apropriados para confirmar ou não a veracidade de uma fotografia ou vídeo. A Meteorologia poderá nos auxiliar propiciando-nos o conhecimento e identificação de diversos tipos de nuvens e as altitudes em que se formam. Por último, alguém que saiba pelo menos alguma coisa de Física, Geologia e Mineralogia ou qualquer outra especialidade também é útil, pois o Fenômeno UFO é passível de ser analisado ou estudado em todas as áreas da Ciência e possivelmente tem relação com todas elas.

No caso de ataque ou morte de animais, é imprescindível a colaboração de um bom veterinário que tenha conhecimentos de Patologia. Desnecessário se faz dizer que se alguém tiver problemas de saúde por exposição à radiação, ou ferir-se de alguma forma, deve recorrer a um médico. Os principais sintomas ou sinais de perigo são cefaléias (dor de cabeça tipo nevrálgia), vômitos, diarreia, sede excessiva, sonolência e furunculose em alguns casos. Não

subestime os efeitos citados porque os resultados podem ser muito graves ou fatais. Daí a necessidade de utilizarmos também nossos conhecimentos de Psicologia e empatia com as pessoas para podermos ganhar amigos e colaboradores em todas aquelas áreas que não dominamos. Temos que contatar gente, e para isso nossa seriedade e credibilidade são básicas. Caso contrário, vamos morrer na praia sem atingir nossos objetivos.

Infelizmente, não podemos depender de profissionais que queiram ser pagos pelos seus serviços, não que deixem de merecê-lo, pois de certa forma nos tornaríamos seus reféns. E ante uma dificuldade econômica correríamos o risco de pôr a perder uma investigação, já que, em nosso país, é uma constante a falta generalizada de recursos, principalmente na área científica. Não quero desanimá-lo a ser um ufólogo, mas realmente, além de muitíssimo idealismo, precisa-se de dinheiro, garra, paixão, coragem ilimitada e bastante sorte. Nossa trilha é solitária, na qual não podemos, mesmo que tivéssemos sorte ou chance, ser patrocinados ou ajudados por A, B ou C, como no estilo dos esportistas, carregando logomarcas em nossas roupas ou veículos. Se assim fizéssemos, ficaríamos comprometidos com quem tem dinheiro ou poder. E se em determinado momento chegássemos a uma descoberta importante que ferisse os interesses deles ou de algum governo, correríamos o risco de nossos 'patrões' nos mandarem parar ou silenciar.

Na época atual, temos principalmente que ter a mente aberta – muito aberta. Frente a um caso de abdução, por exemplo, no qual a vítima tenha algumas lembranças do acontecido, misturando-se dados científicos com outros nem tanto, numa salada que mescla viagens astrais através de dimensões, mundo espiritual e experiências de quase morte, etc, todo cuidado é pouco. Qualquer passo em falso pode fazer desaparecer um caso extraordinário que poderia trazer subsídios à Ufologia. Confesso que antes tudo parecia mais fácil, quando nos limitávamos a tomar nota de uma luzinha que correu no céu, daqui para lá, de tal cor, surgiu e sumiu...

A casuística é muito importante, já que nos permite localizar um fenômeno no tempo e no espaço. Assim como é imprescindível a pesquisa de campo, como acabamos de comentar. Mas isso somente pode não ser nada, e nem tudo: precisamos mais! Devemos partir para a pesquisa analítica, comparativa e dedutiva, no mais puro estilo Sherlock Holmes. Para isso, temos que nos manter informados de tudo o que acontece,

através de livros e revistas especializadas. Os que dispõem de acesso à Internet poderão encontrar sites das mais variadas origens e linhas ufológicas, cabendo a nós separar o joio. Devemos catalogar os casos, arquivá-los por data, localidade, tipo de evento, etc. Isso nos servirá não apenas para acumular poeira, mas como socorro e auxílio em nosso trabalho.

Em certo momento, teremos em nossas mãos um acontecimento ufológico aparentemente bizarro, com todos os componentes de alto grau de estranheza. O que devemos fazer? Descartá-lo? Não, ele deve ir para um lugar do arquivo onde ficam os 'estranhos'. Algum outro dia chegará da China ou da Arábia Saudita um caso que possui detalhes parecidos, tão estranhos quanto aqueles do caso que você guardou. Então encontramos uma analogia (ou várias) e mais tarde outros similares. Está aberto o campo para que possamos fazer uma pesquisa comparativa. Para isso devemos passar pela análise dos fatos, estudando cuidadosamente todos os elementos para se chegar a deduzir o que pode ter motivado tais semelhanças, ou ainda especular o porquê dessa similitude.

Isso não quer dizer que devemos basear a pesquisa apenas em deduções e especulações – longe disso. Esses recursos servem para dar-nos maiores chances de realizar um trabalho sério, bem embasado e fundamentado, para depois expô-lo através de correspondência, boletins informativos ou outros meios. Lembre-se que um dos maiores e mais indispensáveis predicados para se tornar um pesquisador é a credibilidade que passamos aos nossos interlocutores. Credibilidade não se impõe, se adquire no decorrer do tempo através de atitudes e muita seriedade. Estamos cansados de ver charlatões e picaretas poluindo a Ufologia, e por isso mesmo precisamos de gente séria, honesta, transparente e, especialmente, com muita garra e disposição.

Para complementar esta parte, algumas dicas de equipamentos básicos para quem quer se iniciar: máquina fotográfica com um mínimo de recursos, câmara de vídeo, bússola, magnetômetro (se possível) para a verificação de anomalias no terreno ou imantação de materiais magnetizáveis (ferro, aço, alumínio, etc). São necessários ainda uma trena, papéis, lápis comuns e de cor para nossos croquis ou retratos falados, uma escala de cores que pode ser encontrada em casas de material de arte ou em lojas que comercializam tintas (para se especificar luzes, objetos ou entidades, cores de roupas, pele, olhos, etc). Ainda recomenda-se papel milimetrado ou

quadriculado para plantas e esboços, sacos de polietileno e recipientes do para congelamento de alimentos (para preservar amostras), lente de aumento para observação em detalhe de algumas evidências, pacotes de gesso para moldes de eventuais marcas ou pegadas, etc. Enfim, tudo aquilo que possa nos ajudar e nos dar mais eficiência no trabalho, embora cada um sinta, de acordo com seu *feeling*, se deve acrescentar alguma coisa ou não. Sobretudo, não esqueça de ler e aprender muito com os relatos e trabalhos feitos pelos veteranos.

No caminho da pesquisa ufológica não devemos esquecer de uma prática que se muitas vezes termina em nada, em outras pode render frutos muito bons. Estamos nos referindo à vigília ufológica. É a forma de irmos à procura do fenômeno e não esperar por ele através de relatos, livros, recortes de jornal e histórias alheias. Claro que não é dizer: vamos fazer uma vigília para ver UFOs e isso vai acontecer. Evidentemente que não. Mas é uma boa maneira, no princípio, para se conhecer nossos companheiros, fazer amizade e sentir o potencial de trabalho e coleguismo de cada um. Às vezes, são meses a fio, noites e mais noites de sono perdido, mas de experiência ganha, aprendendo a observar o céu, a identificar estrelas e planetas, acostumar-se com os ruídos da noite e ir exorcizando nossos medos e fantasmas. Quase todos nós, ufólogos, mantemos esta prática mais ou menos regularmente, embora muitas vezes as condições atmosféricas não nos permitam toda a assiduidade que gostaríamos.

O Brasil, pelo seu imenso tamanho, propicia muitas áreas que regularmente apresentam grande incidência de observações, sem falarmos das chamadas ondas que acontecem periodicamente em regiões variadas do planeta e às vezes perduram por semanas ou meses sobre um determinado lugar. Existem também as conhecidas áreas de incidência, onde o fenômeno acontece regularmente. As mesmas podem ser locais ricos em mineração, vales, montanhas, falhas geológicas ou instalações militares. Na Bahia, por exemplo, contamos com duas dessas áreas, com incidência quase periódica de observações de sobrevôos, aterrissagens e outros tipos de manifestações.

Nesta região destacamos a Chapada Diamantina e a faixa que corre desde o norte do Estado, deslocando-se pelo Recôncavo Baiano, principalmente as regiões de Riachão de Jacuípe, Feira de Santana, Alagoinhas e Ilha de Itaparica – esta última sendo o foco principal das aparições no Manguezal

que envolve a vila de pescadores de Barreiras de Jacuruna. É lá que regularmente realizamos vigílias desde 1978 e onde tem surgido muitos casos importantes de nossas pesquisas. Em Riachão de Jacuípe, ao norte de Feira de Santana, houve inúmeros avistamentos desde janeiro de 1997 numa determinada fazenda da região. Depois de muitas noites sem sequer estrelas cadentes, uma pessoa de lá conseguiu as únicas imagens em vídeo dos fenômenos acontecidos em agosto de 1997, quando uma série de observações atravessaram o Estado de sul a norte. Em novembro desse mesmo ano tivemos o prazer de ver, através do binóculo, uma luz que já tínhamos observado outras vezes. Atrás da mesma, visualizamos uma silhueta humanóide se deslocando na escuridão a menos de 150 m de onde estávamos.

Para realizarmos estas vigílias temos que seguir certos cuidados – que em hipótese alguma devemos esquecer –, mesmo que tudo esteja tão tranqüilo que nos tente a relaxar com as precauções. Jamais, em circunstância alguma, devemos fazer este tipo de coisa estando sós. Os riscos podem ser muito maiores do que podemos imaginar. A começar porque ninguém está livre de qualquer mal-estar repentino, uma picada de inseto, mordida de cobra ou de quebrar um tornozelo ao cair num buraco no escuro da noite [*A Chapada Diamantina é um berçário de cascavéis e escorpiões*]. Essas são as coisas que conhecemos e que temos condições de evitar. E se não conseguimos completamente, pelo menos podemos minimizá-las de forma que a regra número um é: nunca irmos sozinhos a uma vigília.

O ideal é que pelo menos três ou quatro pessoas se afinem para tal. Delas, pelo menos uma deve ter conhecimentos de Astronomia, já que é fundamental saber a posição das estrelas e planetas que se apresentam à nossa vista, pois muitas vezes eles podem nos pregar peças. Isso pode acontecer principalmente quando as estrelas se encontram próximas do horizonte e sua luz é distorcida pela atmosfera, criando efeitos que nos farão pensar que são luzes que bailam ante nossos olhos e mudam de forma. Basta prestar atenção num pôr de Sol, quando sua forma parece ficar maior e se alongar, até se dividir em pedaços antes de mergulhar no horizonte.

As chamadas estrelas cadentes ou chuva de meteoritos também podem surpreender os menos avisados, assim como satélites artificiais, principalmente no entardecer e antes do amanhecer, quando para nós está escuro, mas lá em cima esses pequenos objetos podem refletir a luz do Sol, que demorará algum

tempo para nos iluminar. Outras precauções ao escolher nosso ponto de vigília é chegarmos nele durante o dia para um reconhecimento do terreno, saber onde vamos ficar, armar a barraca, se for o caso, e saber onde colocaremos os equipamentos. De preferência devem ser escolhidos os locais onde não exista incidência de luzes de cidades ou de vivendas próximas. Quanto mais escuro melhor para podermos observar qualquer outra fonte de luz, por mais fraca que ela seja *[As sondas ufológicas, por exemplo, costumam se manifestar com uma luz tão suave que, se não estivermos atentos, podem passar despercebidas]*. Para encerrar esta parte, devemos estar bem alertas às rotas de aviões que porventura passem pelo local ou proximidades.

Também devemos tentar nos aproximar dos habitantes da região para tomar mais informações sobre o próprio terreno, sobre os avistamentos e qual o local de maior incidência. Sempre que possível, escolher um ponto bem alto e que ofereça boa visibilidade, de preferência uma visão de 360 graus do horizonte. Os equipamentos que podem e devem ser levados para uma vigília são, primeiramente, o básico que qualquer campista está acostumado a levar: uma barraca pequena apenas para se usar em casos de chuva repentina. Nela podemos colocar alguns mantimentos especiais, cantil com água suficiente para o tempo que pretendemos demorar no local, garrafa térmica, alimentos que não precisem de cozimento, cuidando sempre de recolher toda a sujeira antes de partir e levá-la consigo condicionada em sacos de lixo para ser despejada em lugar apropriado.

Igualmente, precisamos ter em mão um facão de mato, uma lanterna de boa qualidade e um lampião, mas só para acendê-lo em situação de extrema necessidade, pois luz sempre atrapalha. Um binóculos e uma luneta são importantes, sendo que o primeiro é mais apropriado em termos de mobilidade e por ser possível, através dele, ampliar a luminosidade noturna. Se o grupo tiver disponibilidade financeira, o ideal seria comprar binóculos de infravermelho, que são relativamente baratos e fáceis de encontrar. A luneta serve para observar luzes ou detalhes muito distantes, atrás do relevo do terreno, por exemplo.

A máquina fotográfica deve ser, como já dissemos, de boa qualidade. Nem pense em levar um flash para fazer a melhor foto de um disco! O flash só ilumina poucos metros em volta e nada mais. De preferência com alguns recursos como controles de exposição e, se possível, uma lente com zoom de

no máximo 300 mm. Um tripé para o registro de fotografias que requerem maior exposição devido à baixa luminosidade e filmes sensíveis, que são relativamente fáceis de se achar no mercado. No mais, bons mapas regionais são importantes, sempre com a melhor escala possível para conterem a maior quantidade de detalhes, assim como uma bússola. E boa sorte!

## **O biorritmo aplicado à Ufologia**

O doutor Hermann Swoboda, psicólogo nascido em Viena, em 1873, dedicou muitos anos de estudo à compreensão dos ritmos vitais do ser humano. Talvez influenciado pelo pensamento de Hipócrates, que há 2.400 anos aconselhava seus alunos e colegas a observarem a interferência dos dias positivos e negativos em relação à saúde e à doença, Swoboda levava em consideração as oscilações do ritmo do corpo no tratamento dos pacientes. *“Apesar da conscientização humana no que diz respeito às variações de comportamento, sentimento e pensamento, a razão fundamental perdurou sem resposta e até mesmo ficou omissa durante séculos”*, como diz o George S. Thommen em seu livro *Será hoje o seu dia?*

No final do século XIX, o doutor Swoboda, então professor de Psicologia da Universidade de Viena, começou a analisar, baseado em pesquisas e descobertas, se tais modificações não ocorreriam com alguma regularidade ou ritmo. Swoboda ia mais longe, e num dos seus relatórios ligados à Psicanálise lemos: *“Não continuaremos a nos indagar o por quê da diversificação das atitudes humanas, já que podemos perceber em suas ações a influência de modificações periódicas. As reações do homem podem realmente ser previstas ou profetizadas, se quisermos enfatizar o termo. Esse tipo de Psicanálise poderia ser chamado de Bionomia, pois tal como a Química, onde o pesquisador consegue antecipar o resultado de uma fórmula, o psicólogo deve prever ou profetizar, por assim dizer, as modificações periódicas do homem.”*

Graças ao seu raciocínio analítico e constância de seus apontamentos, além de suas laboriosas pesquisas no campo da Psicologia e da periodicidade, seus estudos resultaram em testemunhos convincentes sobre as variações na vida do ser humano. Posteriormente, projetou um método de cálculo designado a estudar os dias críticos do homem dentro dos ritmos de 23 e 28 dias. Sua obra de maior vulto foi *Das Siebenjahr [O ano do sete]* que contém a análise matemá-

tica dentro da repetição rítmica dos nascimentos através de gerações.

Outro médico que dedicou-se fervorosamente a este tipo de pesquisa foi o doutor Wilhelm Fliess. Posteriormente, muitos outros sentiram-se atraídos pela descoberta, como seu amigo particular, os doutores Sigmund Freud e Hans Schlieper. Em 1920, Alfred Teltscher, engenheiro e professor, realizou estudos referentes ao terceiro ritmo, o de 33 dias, baseando-se nos períodos de maior ou menor atividade intelectual dos seus alunos. Porém, não existem relatórios nem livros de sua autoria à disposição, a não ser alguns apontamentos de seus amigos e escassos artigos onde são discutidas suas descobertas mais contundentes. Nos Estados Unidos, o doutor Rexford Hersey, da Universidade da Pensilvânia, assessorado pelo doutor Michael John Bennett, chefiou uma pesquisa similar entre 1928 e 1932.

Mas o que é o biorritmo? Um mistério místico ou esotérico? Não, é um método científico de valor. Os cientistas modernos aplicam o termo “relógios biológicos” a uma multiplicidade de variações cíclicas ou rítmicas do ser humano. Tornou-se fato notório na Ciência que toda vida, desde a mais simples célula, é regulada por uma pulsação rítmica, de forma que seria absurdo presumir que tais vibrações não fossem de natureza altamente organizada. Cada biorritmo é composto de duas fases, uma positiva e uma negativa, divididas em valores aritméticos definidos segundo suas curvas sinoidais, uma acima e outra abaixo do zero. Assim, por exemplo, o ciclo físico de 23 dias tem uma fase positiva com uma curva ascendente de 5 dias e 3/4, e uma negativa com uma curva descendente de igual valor. Cada curva soma 11 dias e meio, completando assim os 23 dias.

Segundo Krumm-Heller, este movimento repete uma lei universal: “*Tudo influi e reflui com movimento pendular. Tudo cresce e decresce, ascende e descende, tudo caminha e volta ao ponto de partida.*” Num estudo realizado pelo doutor Alfred Judt, ele sintetiza assim as características dos biorritmos:

- (a) Ciclo de 23 dias (físico): funções da matéria, lógica intelectual, disposição material, instinto comercial, egoísmo, instinto de conservação, sentido prático, força vital, corpo.
  
- (b) Ciclo de 28 dias (emocional): sistema sanguíneo, reação sobre o exterior, vida instintiva, sexualidade, altruísmo, senso de sacrifício,

sentido artístico, destino, alma.

- (c) Ciclo de 33 dias (intelectual): sistema nervoso, lógica intuitiva, fé, sabedoria, criação, idealismo, religiosidade, vida superior, espírito.

As interpretações referentes às características dos ritmos vitais podem variar ligeiramente de autor para autor, mas no contexto geral vemos que todas coincidem nas suas apreciações. Alguns dos pesquisadores mais credenciados nessa área são os japoneses. O doutor Kichinosuke Tatai, de Tóquio, diplomado pela Harvard University, começou a estudar o biorritmo “*para demonstrar que ele não passava de uma idiotice numérica*”, e acabou se tornando, após dois anos de estudos, seu maior defensor e divulgador.

Para não nos estendermos em demasia, diremos apenas que para, demonstrar até que ponto os japoneses levaram a biorritmologia a sério, milhares de empresas de todos os portes se utilizam deste método para melhorar a segurança e eficiência da produção, diminuir os acidentes de trabalho e de trânsito. Incluí-se nesta relação as grandes empresas de seguros e transportes, tais como companhias de trens e aéreas. Na Inglaterra e na Suíça até os esportistas são selecionados para competições de acordo com seu biorritmo. No Brasil, o preparador físico João Paulo Medina e o médico Osmar de Oliveira, aplicaram o método em alguns jogadores de futebol. Por exemplo, os insucessos do Brasil na Copa de 1978, diante da Suécia e da Espanha, foram previstos com 48 horas de antecedência pelo estudo do biorritmo dos jogadores, de acordo com o programa *Fantástico*, da Rede Globo, dos dias 4 e 11 de junho de 1978.

## **O biorritmo na Úfologia**

Na Úfologia, as estatísticas dos biorritmos realizados nas testemunhas de contatos de terceiro grau estão dando a entender que estas, aparentemente, são escolhidas pelos alienígenas talvez por intermédio de algum sistema de computação biorritmológica. A esse respeito, vamos citar um trabalho desenvolvido pela doutora Bettina Allen, na década de 70, para a *Organización Nacional Investigativa de Fenómenos Espaciales (ONIFE)*, da Argentina, a qual eu pertencia à época. Tal estudo coincide com pesquisas paralelas desenvolvidas pelo G-PAZ, aqui na Bahia. É importante dizer, no entanto, que

os trabalhos, embora semelhantes quando comparados aos nossos estudos preliminares, mostravam algumas peculiaridades. Mesmo que nosso método fosse mais intuitivo e, o da doutora Allen, eminentemente baseado em estudos científicos. Vejamos o que ela diz:

*“Todo ser humano está exposto a flutuações rítmicas. Nunca vivemos duas situações idênticas, embora os fatores que as produzem sejam similares e a forma de atuar semelhante. A reação que se observa vai ser diferente à da circunstância anterior, devido ao estado do biorritmo [Em suas colocações a doutora Allen difere um pouco de outros cientistas e se aprofunda mais]. Estamos regidos por três ritmos: físico, denominado 23, já que seu ciclo opera durante 23 dias e rege o sistema digestivo, a boca, a garganta e as pernas, além de vibrar na longitude e frequência de onda correspondente à cor vermelha. Emocional ou cardiorespiratório, denominado 28, que rege o nariz, os ouvidos, as orelhas, os braços e os pulmões. Seu ciclo opera durante 28 dias, vibrando na longitude e frequência de onda correspondente à da cor verde. Mental ou intelectual, abrangendo o sistema nervoso, que rege a cabeça e a coluna vertebral e vibra na longitude e frequência da cor amarela.*

*Existe uma relação de dependência entre a atividade glandular e as energias que projetam. O biorritmo é útil para poder avaliar a intensidade de energia projetada pelo ser humano ao longo de todas as sucessões de valores de cada biorritmo. O mesmo ocupa um lugar de destaque no ramo da ciência denominada Biopsicoenergética, e é a partir destes números predominantes no indivíduo que trabalham nossos visitantes extraterrestres quando escolhem suas testemunhas e vítimas de abdução. Geralmente, os contatos do terceiro grau acusam uma imobilidade física quando se deparam com o fenômeno. Uma estatística dos casos tem demonstrado que isso deve-se ao valor 23 (físico), que se encontra em recesso. Ao reger o ciclo 23, as pernas, o estado de choque e baixa energética, lhe impedem mover-se ou caminhar. Com isso, poderíamos dizer que não são os extraterrestres que imobilizam a pessoa, mas – em prévio estudo dos valores físicos – sim escolhem*

*aquele que não poderá impor resistência física.*

*O biorritmo emocional, na maioria das ocasiões, opera em dias considerados minicríticos: isto significa que fatos impactantes podem alterar o estado emocional da pessoa ou colocá-la em ligeira depressão. Em certos casos, o indivíduo apresenta uma aceleração do ritmo cardíaco e um estado de leve fadiga. O biorritmo intelectual acusa quase sempre, mas pode ser tomado como norma geral [Apenas em dois casos aconteceu o contrário]. Em dias críticos há pouca atividade intelectual e pouca capacidade de coordenação e decisão. Quando o ritmo emocional acusa um dia crítico, o dia do contato de terceiro grau indica que quem está em atividade é o nível subconsciente. É assim que são gravados os detalhes que depois, ao ser processada a investigação, a testemunha lembra como algo que não percebera no momento do avistamento.*

*Evidentemente, os seres extraterrestres devem contar com um rápido sistema de avaliação biopsicoenergética do indivíduo que será contatado. Aproveitam seus ritmos vitais passíveis de serem observados por intermédio do halo luminescente que todo ser humano emana de seu corpo energético e bioplasmático, devido a que, como dissemos anteriormente, cada biorritmo emite uma cor com determinada vibração e longitude de onda. Tomando como referência o físico 23, cuja emissão cromática é vermelha, os extraterrestres anulariam o campo energético próprio da testemunha com outro similar de cor vermelha, mas com um potencial superior, já que as testemunhas acusam biorritmo físico em baixa no momento do contato. O campo debilitado do contatado é coberto por outro luminoso, vermelho e potente, emitido do aparelho voador que o imobiliza. Na realidade, não há nenhum processo estranho que produza a imobilidade, e sim um processo natural, uma energia do mesmo teor que possui todo ser humano, mas com capacidade superior.”*

Aproveito para fazer a seguinte colocação: isto poderia ser a chave das paralisações produzidas pelos ÚFOs ou seus tripulantes, já que algo que provocasse uma paralisia muscular fatalmente pararia o coração do indivíduo,

levando-o à morte – como seria o efeito do curare utilizado por alguns índios para pescar ou caçar. Porém, como sabemos através da análise da extensa casuística ufológica mundial, isso normalmente não acontece. Após o contato ou abdução as testemunhas recobram seus movimentos normal e gradativamente. Mas voltemos à doutora Allen:

*“O biorritmo intelectual também está ligado ao ‘sujeito-UFO’. Dito ritmo, também conhecido como 33, emite a cor amarela própria dos facho de luz compacta e coerente. Ao se encontrarem as testemunhas em dias críticos, a vibração do centro intelectual é fraca e se conhece como amarelo opaco. O UFO lança, ao descer, os raios amarelos que, tal como no ciclo físico, são superiores em amplitude ao próprio campo do sujeito, anulando assim todo movimento de decisão dele, mas sensibilizam a gravação do fato no subconsciente. Ocorre então um processo de realimentação do campo bioplasmático intelectual, por intermédio do facho de luz amarela que vai ser assimilado pelo sujeito imediatamente após o contato. Isso acontece em estado de sonolência, que é quando os neurônios se recarregam de energia, e passam do nível subconsciente ao consciente o processo vivido durante o contato.*

*O nível rítmico emocional é o fator que os ocupantes dos UFOs menos levam em conta ao escolher uma vítima de abdução, a qual neutralizam por uma parte e confortam por outra com a cor amarela e vermelha. O ser humano vibra, acelera ou diminui seu ritmo vital em concordância com seus três biorritmos e a amplitude de suas cores básicas. O UFO está destinado a observar e estudar o solo, os ritmos e os habitantes do planeta. Daí que se utilizam, como métodos de aproximação e reconhecimento, da cromática como sistema de ressonância e detecção. O campo magnético terrestre também possui uma escala cromática que varia segundo o tempo real e local. Esta escala cromática é assimétrica e está composta por várias linhas de força.*

*O local do planeta onde vive o indivíduo atua sobre seus biorritmos devido a que o ser humano, que é o microcosmo, vive em ressonância com o Cosmos. Sobre esta base se assenta a teoria*

exposta. Por isso é que existem casos de contato de segundo grau onde a luminosidade do disco voador é apenas vermelha. Isso ocorre porque os aliens estão vibrando com a mesma ressonância do biorritmo 23, porém com maior intensidade. Agem dessa maneira talvez com a intenção de, por um lado, realizar a tarefa de mudar o ritmo físico do contatado, e assim acondicioná-lo para seus propósitos de investigação. Por outro lado, talvez queiram colocá-lo num novo ponto inicial do biorritmo, algo assim como um novo nascimento. É por isso que, ao realizar um estudo biorritmológico com uma testemunha de segundo grau, deve-se tomar como ponto de partida o dia do contato, que é quando o indivíduo reinicia um novo ciclo físico.

Desta forma, é possível determinar que nos casos em que o efeito cromático que é emanado do UFO é vermelho, a testemunha não é introduzida no aparelho, mas imobilizada e observada pelos tripulantes. Estes são fáceis de investigar devido a que, em estado consciente, as vítimas de abdução conseguem lembrar o que aconteceu no momento em que a luz vermelha se projetou sobre elas, já que a zona intelectual não foi afetada. As reações observadas depois do contato vermelho 23 são hemorragias nasais, dificuldade para caminhar, distúrbios digestivos e diarreias. Coincidem com as zonas do corpo que governam os 23 dias.

Quando a testemunha é banhada pela luz amarela, tem afetado seu centro intelectual. São aqueles cujos depoimentos nos têm oferecido as maiores pautas de comportamento e atividade da fenomenologia UFO. São detectados pelo mesmo sistema o estudo da atividade cromática na zona da cabeça e coluna vertebral. Além disso, as vítimas são cobertas com uma luz amarela de amplidão superior à que emite o indivíduo, e dessa forma é anulada a atividade mental. Porém, não são realimentados positivamente para uma melhor gravação no subconsciente dos fatos que irão acontecer. Essas são as testemunhas que geralmente foram introduzidas no UFO e que tiveram a oportunidade de dialogar com seus ocupantes. Elas são submetidas ao que poderíamos chamar de 'energização intelectual profunda'. São também as

*testemunhas cujas atitudes mentais mudam após o contato.*

*O fecho de luz amarela produz uma amnésia passageira – com gravação no hipotálamo – dos acontecimentos extraterrenos que o contatado está vivendo dentro do aparelho. Nos casos de investigação de contatos de terceiro grau em nível 33, deve-se trabalhar sob hipnose irradiando sobre a cabeça do indivíduo uma luz amarela para realimentar os neurônios com a mesma longitude e freqüência de onda que este emite. A luz amarela deve atuar polarizada (igual a do UFO) sobre a moleira do indivíduo.*

*Os contatos do ritmo 28 ou emocional, conhecidos como de primeiro grau, são assim chamados devido a que a testemunha vê a luz verde juntamente com a vermelha ou amarela em forma de 'pisca-pisca' e se impacta com o fenômeno, porém não se produz contato direto. O impacto é apenas emocional. De acordo com o exposto anteriormente, poderíamos dizer que o planeta Terra é para os extraterrestres uma massa magnética com três biorritmos essenciais: o físico, cujas características estariam representadas no homem pelo sistema digestivo, e no planeta corresponderia à zona coberta pelos mares e grandes quantidades de água, emitindo para o hiperespaço a coloração vermelha, indicativa da vida.*

*A boca e a garganta, que correspondem ao pólo sul do planeta, são uma zona de emissão de íons negativos, corrente essencial para a vida, cuja emissão lumínica também é vermelha e de grande potencial de força. As pernas, correspondentes às cadeias de montanhas, também são fontes emissoras de íons na gama de cores relativas ao vermelho pelos minérios que as mesmas encerram. O emocional 28, emitindo na direção do hiperespaço a cor verde-azulado, representam no homem os braços, nariz e pulmões, e no planeta os bosques, selva e todo o conjunto de árvores e matas. Os pulmões do planeta são os grandes oxigenadores de nosso sistema cardiorespiratório.*

*O biorritmo intelectual 33 representa no homem a cabeça e a coluna vertebral e, em nosso planeta, os fios de alta tensão e os grandes complexos de eletrificação do globo. O circuito bioelétrico*

*cerebral é o circuito elétrico terrestre. Os dois emitem radiação amarela. Assim como a luz se faz em nossos lares, graças aos complexos elétricos, ela também se manifesta em nosso cérebro graças ao esquema bioelétrico. É por isso que o Fenômeno UFO vibra em ritmo 23 e 33. A água e os fios de alta tensão, as pernas e o cérebro, são os pilares de nossa existência. A cada 23 dias acontece um caso de segundo grau. A cada 28, um caso de primeiro grau e, a cada 33, um caso de terceiro grau em qualquer lugar do mundo. Os ETs respondem aos nossos ritmos, porém atuam de acordo com os mesmos e nós não sabemos aproveitá-los. Poderíamos concluir dizendo que a Terra é a massa, o homem é seu campo e o UFO seria o momento magnético a que foi submetido o imã ou homem.”*

A transcrição deste trabalho nos dá uma ligeira amostra da profundidade do campo explorado e de sua complexidade – que podemos e devemos investigar. Evidentemente, alguns dos conceitos emitidos pela doutora Allen, que respeitamos integralmente, devem ser vistos pela ótica de uma cientista em atividades 30 anos atrás. Mas, na sua essência, são tremendamente válidos ainda hoje, assim como naquela época não se falava usualmente em corpo astral e abdução, implantes, etc. No entanto, se seguirmos a premissa de agirmos cientificamente, devemos pelo menos analisá-los com cuidado. Numa época como esta, numa área cheia de dificuldades onde nos encontramos – que às vezes se transforma num beco sem saída – perdidos no meio da selva, qualquer atalho é caminho...

A biorritmologia pode colaborar. Não que ela nos ajude a provar alguma coisa, mas serve como um meio auxiliar, de substancial valor, para analisarmos a testemunha. Com ela podemos tentar ir mais fundo, descobrindo novos detalhes e, em conseqüência, novas alternativas, ou levar-nos à deduções e análises que podem se revelar importantes. Em diversos casos, novos ou antigos, através da pesquisa analógica podemos estudar sob outra ótica as variações de comportamento das testemunhas. Em nosso grupo, analisamos por este prisma alguns casos clássicos, como o de Hermínio e Bianca Reis, de Hélio Aguiar (contatado baiano) e de Manoel França (testemunha e vítima de um ataque com um fecho de luz), além de outros mais duvidosos e complexos, e outros reconhecidamente falsos. Mas tudo a fim de estabelecermos compa-

## Palavras Finais

# Certezas e Dúvidas

*“Eu não vim para explicar e sim para confundir.”*

– Chacrinha, o Velho Guerreiro

**N**ão sei por que – ou talvez esteja muito certo do porquê – coloquei as palavras do Velho Guerreiro para terminar nossa conversa. Mas mesmo não sendo de um cientista, são as de um filósofo popular que entendia como poucos os mistérios da comunicação televisiva. Neste contexto, meu trabalho parece ganhar um peso e um status que talvez não mereça. Mas esta frase corresponde a uma realidade muito grande. Eu poderia, simplesmente, ter colocado *meus* pontos de vista, *minha* opinião, *minhas* certezas, mas não é esta a intenção. Ficaria bonito, poderia talvez passar, com grande poder de convicção, muitas verdades e haveria, com quase certeza, algumas pessoas que aceitariam tudo sem questionar nada. Outras poderiam até me procurar para fundar mais uma seita ou apoiar meu grupo de pesquisas, injetando (quem sabe) dinheiro para as investigações e viagens, equipamentos, etc. Mas quero que fique claro – muito claro – que esta não é minha intenção mesmo!

Por esta razão, coloco tantos questionamentos através destas páginas, onde você encontrará mais incertezas do que afirmações. E quando as têm, são frutos de muito estudo e análise de textos nos mais diversos campos, documentos oficiais ou experiências pessoais. Em outros momentos, são frutos de deduções ‘policialescas’ que se revelam corretas e acabam trazendo mais confusão, no bom sentido. Todos estes questionamentos e perguntas,

que devem deixar chateados os puristas do estilo literário, têm sua razão de ser. Não é com afirmações de toda a espécie e frases lapidares que vamos passar nossa idéia e dar um 'grito de eureka' ufológico. Não vamos sacudir as pessoas para que acordem perante algo tão transcendental – não para nós, mas para a Humanidade – que é a presença alienígena em nosso planeta, interagindo e mostrando-nos que não estamos sós no Universo.

Tais questionamentos têm como finalidade nos ajudar a pensar um pouco mais, meditando profundamente e aplicando os princípios da pesquisa dedutiva e analítica para se tentar chegar a um denominador comum. No início deste livro, deixei bem claro que meu propósito era, através destas páginas, provocar debates e possivelmente mais perguntas e dúvidas, obrigando-nos a mergulhar para o interior de nossa mente. Questionar-nos exatamente para que nossas convicções ou quase certezas, quando as temos, sejam frutos de um amadurecimento espiritual e intelectual. E se por acaso endossar minhas propostas, você o terá feito com embasamento e convicção. Assumo que minha intenção foi realmente um pouco ao estilo do Velho Guerreiro: não explicar muito e sim confundir um pouco com algumas destas verdades que incomodam... Também não quis colocar em suas mãos um livro *de* ou *sobre* Ufologia. Para isto existem trabalhos de inúmeros escritores gabaritados e ufólogos do mais alto nível e competência.

Este livro foi escrito – repito – para obrigá-lo a pensar e a analisar. Um tapa na cara para fazê-lo reagir e tomar consciência de que estamos todos no mesmo barco, ou melhor, no mesmo planeta. Se você se zangou com isto, peço desculpas. Jogue o livro na cesta do lixo ou dê para outra pessoa, da qual não goste... Um conselho tardio, eu sei. Mas se você não ficou chateado, então todo o meu esforço e as dificuldades que encontrei para chegar a este final valeram a pena, sinceramente... Mais uma vez, desculpe-me e muito, muitíssimo obrigado pela sua atenção!

*Alberto Romero,  
Salvador (BA)*

## Post Script

*"Escrever sobre um fenômeno tão complexo e ao mesmo tempo manter a imparcialidade nas análises é uma qualidade que poucos possuem. Alberto Romero reuniu à sua longa experiência de ufólogo, uma excelente qualidade de síntese com respeito à literatura existente sobre abdução. O tema especificado nesta obra é um ótimo referencial de informações bem dosadas, num assunto tão controverso e sem respostas. A abdução e o fenômeno ufológico como um todo representam um desafio para as nossas mentes ocidentais e nos obriga a alargar os limites da nossa consciência. O trabalho de Romero é mais uma contribuição corajosa nessa direção."*

**– Gilda Moura**, autora do livro  
*Transformadores de Consciência*

**Centro Brasileiro  
de Pesquisas de  
Discos Voadores**



---

Caixa Postal 2182 – Campo Grande (MS) – CEP 79008-970  
Fone (067) 724-6700 – Fax (067) 724-6707  
E-mail: [ufo@ufo.com.br](mailto:ufo@ufo.com.br)



# Verdades que Incomodam

**Alberto Romero**



**Verdades que Incomodam** é um livro de rara clareza e discernimento: direto, preciso e contundente. É direto porque o autor, o veterano ufólogo Alberto Romero, trata da questão ufológica sem reservas ou restrições, atacando os principais pontos da presença extraterrestre em nosso planeta e deixando claro que os objetivos de nossos visitantes – ainda que desconhecidos em toda sua extensão – não são tão interessantes aos terrestres quanto a eles próprios.

O livro é preciso porque o autor tem um conhecimento incomum da temática ufológica, após estudar os discos voadores há mais de quatro décadas, incluindo várias experiências com UFOs. Nascido na Argentina e radicado na Ba-

hia há mais de 30 anos, Romero fundou em Salvador o *Grupo de Pesquisas Aeroespaciais Zênite (G-PAZ)*, uma entidade pioneira na pesquisa ufológica nacional.

E o livro é contundente pois o autor diz tudo o que tem para ser dito, sem medo ou receio. Ao abordar temas como acobertamento militar dos UFOs, por exemplo, Romero não poupa governos nem autoridades envolvidas no processo. Ao tratar das mutilações de animais por extraterrestres, o autor é ainda mais contundente, deixando claro que os extraterrestres verdadeiramente interagem com nosso meio ambiente planetário e recolhem aqui o que bem entendem. É nesse aspecto que a obra tem seu ponto alto: quando apresenta a realidade das visitas e explorações que nossos visitantes fazem em nosso mundo de maneira profunda e lúcida, sem rodeios e com responsabilidade.

Este livro, terceira edição da **Coleção Biblioteca UFO**, mantém o estilo limpo e o padrão editorial claro e imparcial que a Revista UFO vem fomentando ao longo de seus 14 anos de atividades. Criada em função da necessidade de se tratar de temas específicos na Ufologia de forma profissional e aprofundada, esta série vem cumprindo plenamente seu objetivo e sendo cada vez mais consagrada por leitores e autores.

Responsabilidade  
editorial da revista

**ufo**

**Coleção Biblioteca UFO**